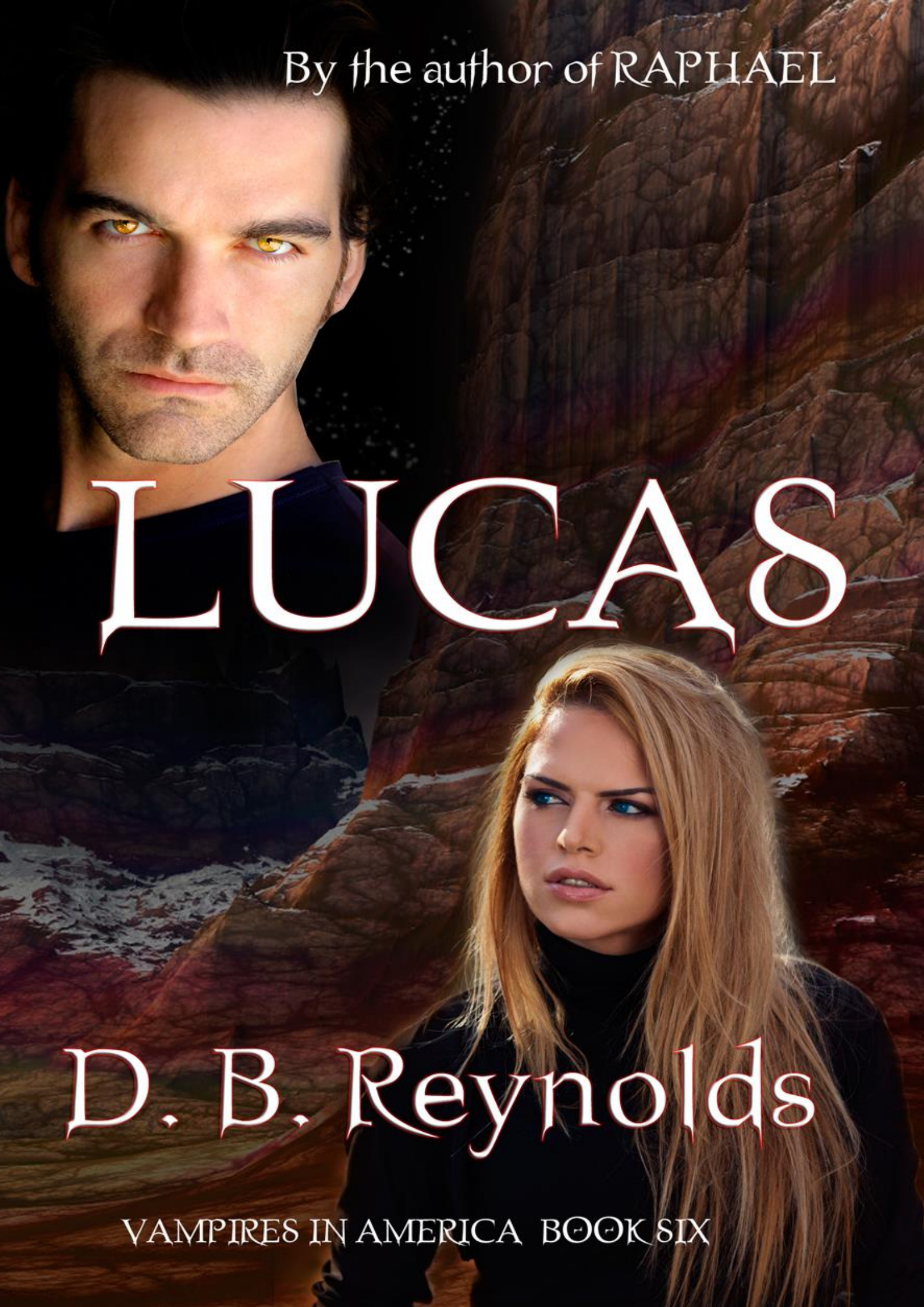

By the author of RAPHAEL
LUCAS
D. B. Reynolds
VAMPIRES IN AMERICA BOOK SIX

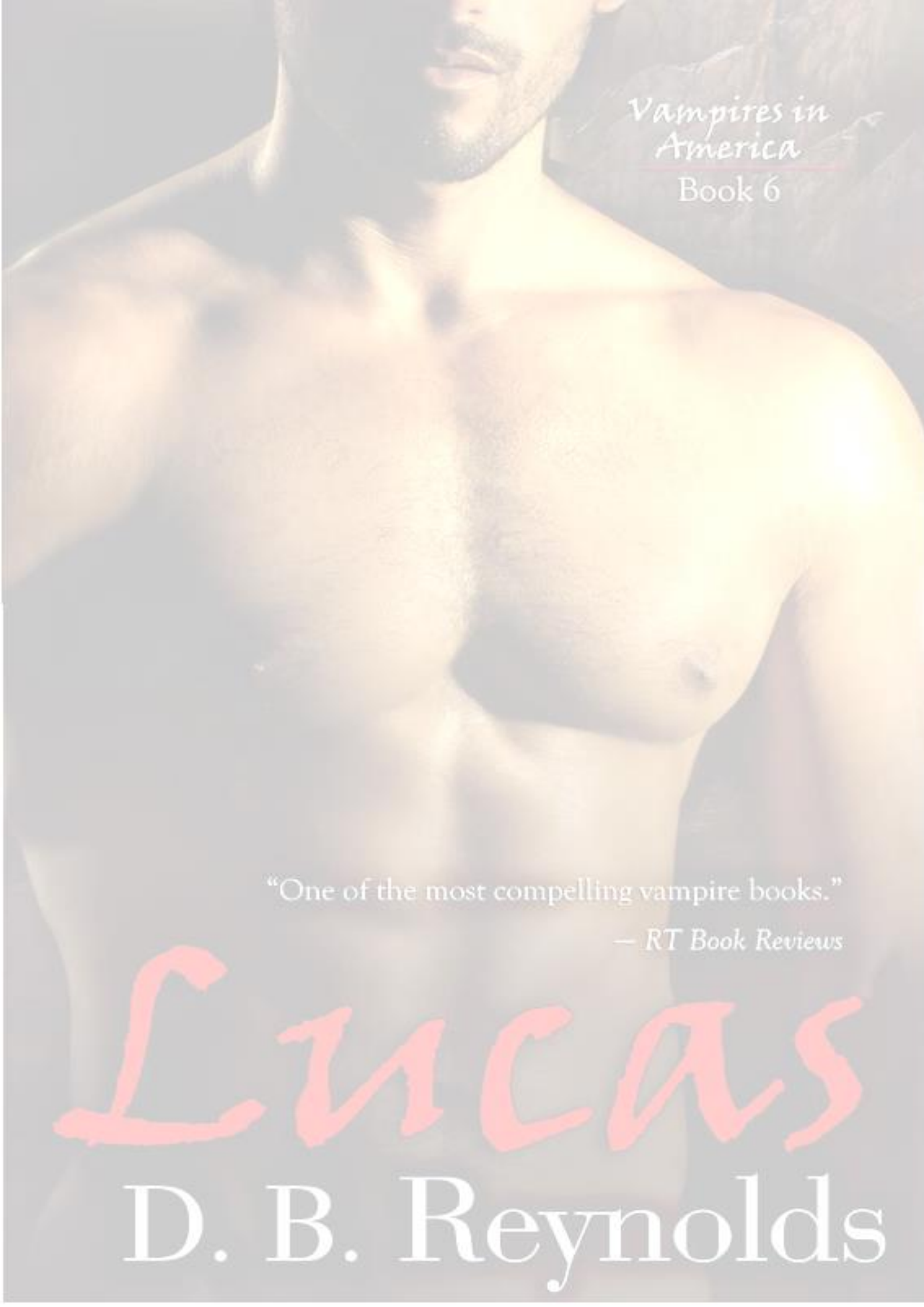
z

Badlands de Dakota do Sul... Paisagens inesquecíveis, bandidos lendários, e... Vampiros?

LUCAS Donlon é um Senhor Vampiro, um dos vampiros mais poderosos na América do Norte e além. Charmoso e irreverente para seus amigos e amantes, ele gosta de tudo sobre sua vida como um vampiro. Mas quando um senhor vampiro vizinho declara guerra, ele logo descobre que Lucas é tão letal como ele é encantador.

Kathryn Hunter não se importa com os vampiros poderosos ou suas guerras. Seu irmão caçula está sumido e ela vai fazer de tudo para encontrá-lo, mesmo que isso signifique ir contra os dois chefes do FBI e seu senhor vampiro local. Mas Lucas Donlon tem outros planos para a linda agente do FBI que pousou em sua porta.

Guerriando contra seus inimigos e uns aos outros, Lucas e Kathryn vão arriscar tudo para evitar que a guerra vampírica mais mortal em centenas de anos engula todos os vampiros e humanos, na América do Norte.


Vampires in America
Book 6
"One of the most compelling vampire books."
— RT Book Reviews
Lucas
D. B. Reynolds

Prólogo

Quantico, Virginia

A agente Especial Kathryn Hunter estava de bruços no chão, a parte traseira do seu rifle Sig Sauer 3000 aconchegada na curva de seu ombro. Ela inclinou-se para arrumar a mira e direcionar para o alvo. Informações cruzaram sua mente, ela as processou e as deixou de lado. Como todos os atiradores, ela tendia sair do ar no momento do tiro, focando apenas no alvo, no tiro. Ela se concentrou em respirações superficiais e iguais, todo seu mundo reduzido ao que ela podia ver além da mira.

Era um tiro relativamente fácil. Oitenta metros, menos do que o comprimento de um campo de futebol. Uma leve brisa soprava, mas a esta distância, não era o suficiente para se importar. O alvo estava parado, mas armado. Não era um problema. Atiradores de elite que trabalhavam na aplicação da lei eram treinados para mirar na cabeça, para incapacitar imediatamente um sujeito segurando uma arma, se necessário. Um tiro que tinha feito uma centena de vezes antes. Sem hesitação, sem nervosismo. Apenas alinhar o tiro e puxar o gatilho.

Kathryn ouviu o sinal verde vir de seu rádio. Ela exalou devagar e apertou o gatilho.

— E bye-bye terrorista! Kathryn, baby, você é a melhor! — Eduardo Saver, seu amigo e supervisor gama do dia, disse ao rádio, confirmando o que já sabia. Ela atingiu o alvo na mosca. Sua reação entusiástica não era exatamente o protocolo, mas eram apenas os dois na escala para esta tarde, assim que ele tinha agido com amizade em vez de profissionalismo. Kathryn sorriu quando seu coração começou a bombear novamente, ela sentiu a descarga de adrenalina começar a desaparecer. Seu corpo não se importava que este fosse apenas mais um tiro, de muitos usados para a prática. Uma vez com o alvo ao alcance, tudo se reduzida a mira e a aniquilação de seu alvo.

— Obrigada, Eduardo. — Ela disse quando ele veio por trás dela.

— Você vai sair com conosco mais tarde? — Perguntou Eduardo. — É hora de balançar um pouco as madeixas, *chica*. Muito trabalho e nenhuma diversão...

Kathryn se virou sentando-se, ao sair de sua posição de bruços, com a mão conscientemente em direção ao cabelo com a trança francesa apertada. Ela forçou uma risada.

— Talvez. O lugar de sempre?

— Naturalmente. — Disse Eduardo. Ele a examinou com um olhar malicioso. — Estarei te esperando.

— Uh huh. — Ela revirou os olhos para ele. Eduardo não estava interessado nela desta maneira. Ela era muito alta e muito pálida para o gosto dele. — Eu tenho que guardar isto. — Ela disse, indicando o rifle. — Mas talvez eu o veja por lá.

Ela levantou, pegando o celular automaticamente e ligando-o. Sempre era desligado durante as práticas. O celular vibrou quase que automaticamente, e ela o tirou do cinto, franzindo o cenho ao ver a mensagem.

— Problemas?

Ela olhou pra ele.

— Eu acho que não. É Penelope Bateman, a agente do meu irmão. Ele esta em uma de suas aventuras fotográficas solitárias, ela provavelmente está me ligando com um recado dele. Ele faz isso às vezes, quando não consegue me encontrar.

Eduardo tocou o braço dela como forma de chamar atenção.

— Te vejo no bar.

— Certo. — Ela concordou sem dar muita atenção, olhando-o brevemente antes de voltar sua atenção para o histórico de chamadas. Penny ligou várias vezes na última hora. Ela colocou a arma sobre a mesa e a examinou para ter certeza que o pente estava vazio. Então limpou a lente e colocou a arma em uma valise. Após fechá-la, fez algumas anotações em seu caderno de campo, basicamente notas sobre alcance e alvo, já que as condições do vento estiveram o mais próximo a perfeição desde que ela se lembrava. Enquanto escrevia, ela se lembrou como sempre de que nunca tivera a chance de usar sua arma, *exceto* no campo de prática. Ela era uma atiradora habilidosa, mas desde 11 de Setembro, a ênfase do FBI eram os terroristas. Ela passava mais tempo sentada em uma mesa, do que passava no campo, o que estava começando a fazer com que se arrependesse da posição que ganhou no Quântico na qual estava muito empolgada alguns anos atrás.

Suspirando, guardou o caderno e selecionou a última ligação de Penny, apertando o botão de discar.

— Kathryn! — Penny respondeu quase que imediatamente após o primeiro toque.

— E aí, Penny, você me...

— Algo terrível aconteceu! Danny desapareceu!

Capítulo 1

Duas semanas mais tarde
Perto da fronteira Minnesota / Wisconsin

Os SUVs enormes eram três manchas negras de velocidade conforme eles rugiam durante a noite. Lucas Donlon sentou-se no assento do meio do segundo SUV, ouvindo a conversa de seus vampiros, tanto em torno dele e através de seu fone de ouvido para aqueles nos outros caminhões. Eles estavam agitados e prontos para a ação, quase demasiado agitados após as horas de viagem para chegar até aqui. Mesmo com um jato particular, levou tempo.

Mas eles estavam aqui agora, e Lucas estava com seus guerreiros na sensação da adrenalina de batalha iminente, a bomba de adrenalina quando se preparava para lutar até a morte. Era uma coisa rara no mundo civilizado, com suas leis e câmeras em todos os lugares. Mas o confronto de hoje à noite marcaria o início de uma guerra entre vampiros, algo que este continente não tinha visto em quase um século. E qual a melhor forma de começar uma guerra do que com a morte de um traidor? Alfonso Heintz não sabia que eles estavam indo para ele, mas ele iria em breve, e seu medo teria um sabor tão doce quanto o seu sangue. Talvez melhor.

Os caminhões rolaram nas estradas rurais sem iluminação, correndo no escuro. Os motoristas vampiros não precisavam das luzes para poder ver, e Lucas não queria anunciar sua presença para ninguém ainda, humano ou vampiro. Não até que ele tivesse sua presa encurralada. Alfonso Heintz prestou juramento para Lucas, mas mudou recentemente toda a sua casa para perto da fronteira em Wisconsin, perto da pequena cidade universitária de River Falls. Não era mais do que 30 quilômetros de Minneapolis, mas atravessar a fronteira entre Minnesota e Wisconsin o levou para fora das planícies do território de Lucas e para o território do inimigo de Lucas, o Senhor do Centro-Oeste, Klemens.

Lucas havia precisado disso, o movimento de Heintz ao longo da fronteira teria confirmado a culpa do vampiro. Mas ele já sabia que o vampiro era culpado e precisava de mais evidências. Na verdade, se o traidor soubesse que sua traição tinha sido descoberta, ele teria se movido muito mais longe do que a alguns quilômetros ao longo da fronteira. Como se uns poucos quilômetros, ou alguns milhares de milhas, alguma vez parariam Lucas de exigir a justiça que era devida. Esta era a guerra. Limites já não importavam.

Mas se Heintz tinha ou não percebido que foi descoberto, ele certamente teria um guarda ou dois de vigia. Infelizmente para Heintz, a maioria dos vampiros que se esconderam com ele era também jurados a Lucas, um fato que ele claramente não apreciava plenamente, em termos de suas implicações para a segurança. Lucas poderia deixar cair qualquer vampiro jurado a ele com nada mais do que um pensamento. Era provável, é claro, que uma ou duas pessoas de Klemens estariam em casa hoje à noite, e eles requerem uma matança fechada. Mas, então, Lucas não tinha intenção de ganhar esta batalha à distância. Ele pretendia punir os traidores de uma forma muito próxima e pessoal. Na verdade, ele esperava Heintz e seus companheiros meliantes colocar-se um inferno de uma briga, porque Lucas e seu povo estavam prontos para o rock and roll.

A casa alvo era grande e larga, uma ripa de madeira de dois andares com uma longa varanda coberta. O edifício estava completamente escuro quando os SUVs derraparam na neve que cobria o caminho de terra de um jardim da frente. Ela parecia vazia, mas o grande número de carros e caminhões

estacionados em torno contava uma história diferente. Lucas enviou uma onda pequena de energia invadindo a casa e encontrou 13 vampiros, todos bem acordados e agitados com nervosismo. Até agora, Heintz e seu povo sabiam que Lucas tinha chegado, e eles provavelmente desejavam ter se escondido muito melhor do que eles fizeram.

Lucas estendeu a mão e bateu o tenente no ombro, onde ele estava sentado no banco do passageiro da frente.

— Vamos ser educados, Nick. Tenho certeza que Heintz e seus asseclas estarão muito animados para receber a visita do seu senhor e mestre de direito.

Nicholas riu e emitiu alguns comandos concisos para o seu microfone na garganta. As portas se abriram em todos os três SUVs, e vestidos de preto os vampiros saíram, implantando rapidamente para cercar a casa. Cada um deles era um lutador altamente treinado e poderoso. Em virtude de seu sangue de vampiro, eram armas em si mesmos, mas também carregavam qualquer arma humana que eles preferiram, de pistolas 9 milímetros a compactas submetralhadoras. E, sem dúvida, uma faca ou três jogadas na mistura.

Lucas mesmo não carregava nenhuma outra arma além do poder que fez dele um dos vampiros mais temidos na América do Norte, um senhor vampiro, governante do Plains Territory. Milhares de vampiros literalmente viveram e morreram sob o seu comando. Incluindo Alfonso Heintz. Traidor ou não, Heintz ainda estava em dívida com Lucas para cada respiração que ele dava, cada batida de seu coração. Klemens poderia ter usado Heintz, mas ele não ofereceu a sua proteção, não tomou seu juramento de lealdade. O que significava que se Lucas quisesse, ele poderia ter encolhido o coração do bastardo infiel em seu peito sem nunca sair de Dakota do Sul.

Mas onde estava a diversão nisso?

Nicholas chamou a atenção de Lucas e acenou com a cabeça uma vez, em seguida, tomou posição para a esquerda e um pouco à frente de seu senhor. Subiram três passos curtos até a varanda coberta, e Nicholas bateu na porta. Ou talvez esmurrasse seria mais preciso. Foi a adrenalina. Lucas abafou a vontade de rir. Ele amava essa merda. Depois de semanas de jogar bonito, de esperar enquanto diversas políticas de vampiros eram jogadas, ele estava pronto para o primeiro sangue.

A porta se abriu, e um vampiro delgado estava ali, com os olhos arregalados de medo.

— Meu senhor. — Ele conseguiu balbuciar. — Nós não esperávamos você.

Bem, isso era uma mentira, Lucas pensou. Ninguém, nem humano, nem vampiro, podia mentir com sucesso a um senhor vampiro. Este não era um começo muito auspicioso. De quem era essa criança de qualquer maneira? Não é um dos seus.

Nicholas não se incomodou com sutilezas adicionais. Ele simplesmente empurrou o vampiro para fora do caminho e empurrou a porta, batendo-a contra a parede.

Lucas seguiu para dentro.

— Onde está Heintz? — perguntou ao vampiro tremendo.

— Perdoe-me, meu senhor, mas ele não está aqui. Ele teve que... — A sentença terminou em um chiado enquanto Lucas pegava o vampiro por sua garganta e balançava-o a alguns centímetros do chão. — Tolo. Você acha que pode mentir para mim?

— Por favor. — O vampiro disse asperamente. — Eu só... — Lucas não tinha interesse no que este tinha a dizer. Heintz o enviara para frente como um sacrifício, e ele cumpriu seu propósito. Lucas concedeu-lhe a misericórdia de quebrar o seu pescoço antes que ele incinerasse seu coração com uma pequena explosão de energia.

— Nicholas? — Disse ele bruscamente.

— Pronto em seu comando, meu senhor.

Lucas enviou o seu poder furioso pela casa grande. Espalhou-se para fora, como uma concussão maciça de ar, correndo as escadas, enviando os móveis batendo nas paredes, fechando portas abertas e quebrando janelas. Gritos soaram de dentro da estrutura, alguns deles abafados, como se em um cofre ou quarto seguro. Lucas riu alto e virou-se para seu tenente.

— O comando foi dado. — Ele disse, e caminhou para frente, os olhos faiscando de fogo dourado com a fornalha de seu poder, suas presas em plena vista e brilhantes. — Alfonso! — Sua voz soou como a ira de Deus, ou a ira de um senhor vampiro, que era eminentemente pior. Deus, havia rumores de ter

um senso de misericórdia, enquanto que Lucas não tinha nada, não especialmente para traidores.

Seus vampiros se moveram por todos os lados, e a batalha começou, o ar cheio com os rugidos enfurecidos dos combatentes e os gritos aterrorizados dos que morriam. Não existia humanos na casa. Heintz era inteligente, pelo menos.

Lucas passou por várias lutas em andamento, mas ele ignorou tudo em sua busca. O covarde estava escondido. Lucas riu alegremente e pegou velocidade, correndo pela casa, até que ele ficou na frente de um cofre de dormir durante o dia. Heintz estava por trás daquela porta, junto com... Lucas inclinou a cabeça, enquanto sua mente alcançou... Dois outros vampiros. E ambos pertenciam a Lucas. Que idiota. Estes cofres foram projetados para resistir a ataque humano e não o de um vampiro poderoso. Se o traidor estava indo tentar se esconder aqui, ele devia ao menos ter sido inteligente o bastante para se esconder atrás de alguém que Lucas não poderia controlar facilmente.

Quase entediado com a simplicidade disso, Lucas enviou sua mente e tocou cada um dos dois vampiros encolhidos dentro do cofre com Heintz, ordenando-os a abrir a porta e se apresentar ao seu mestre. Ele poderia ter ordenado Heintz para entregar-se, também, mas era muito mais agradável de beber o doce sabor de terror do bastardo quando ele percebesse o que estava acontecendo.

A porta pesada do cofre se abriu para revelar os dois vampiros já caindo de volta para seus joelhos, de cabeça baixa. Mesmo Heintz assumiu a postura de penitente. Como se isso fosse salvar qualquer um deles de sua traição.

Lucas entrou no cofre, se movendo com a velocidade sobrenatural de sua natureza de vampiro, e arrancou as cabeças dos dois vampiros acompanhando Heintz. Sangue pulverizou de suas artérias cortadas, revestindo Heintz do material grosso vermelho. Ele oscilou, gemendo de medo, as mãos cruzadas na frente dele como se estivesse em oração.

Lucas olhou-o friamente.

— O atirador falou, Alfonso. Ele não se preocupou em lutar. Salvou-se a agonia da tortura. Ao contrário de você, ele era esperto o suficiente para ver a escrita na parede.

— Por favor, Mestre. — Heintz sussurrou. — Eu não tive escolha...

— Silêncio, verme. Você tinha uma escolha. Você simplesmente fez o errado. Ruim o suficiente que você me traiu. — Raiva súbita subiu quente e pesada no coração de Lucas, quase o sufocando com fúria. Ele enfiou a mão fechada na boca aberta de Heintz, estilhaçando suas presas enquanto batia o punho na garganta do vampiro e usava como uma alavanca para levantá-lo no ar.

— Você conspirou com meu inimigo e contratou um homem para assassinar o meu pai. — Ele rosnou, e viu os olhos aterrorizados de Heintz já se enchendo de horror. Pouquíssimos vampiros ainda vivos sabiam que Raphael era Sire de Lucas. Ambos queriam que fosse assim. Era uma arma que exercia em segredo, e Lucas só a manifestou agora, porque ele queria que Heintz entendesse toda a magnitude de seu pecado antes de morrer. Dolorosamente.

O vampiro estava tentando sacudir a cabeça, fazendo sons guturais profundos na garganta, sem dúvida de negação. Mas era tarde demais para isso.

Lucas jogou Heintz de seu punho, soltando-o para o chão.

— Eu lhe imploro. — O verme começou a lamentar-se quase imediatamente, e Lucas balançou os dedos, silenciando-o.

Ele olhou desapaixonadamente para o vampiro choramingando, depois recuou e começou a quebrar seus ossos, começando com os menores, os dedos das mãos e pés, os ossos delicados da mão. Heintz gemeu baixinho no início, mas com o tempo, Lucas começou nos grandes ossos, a tíbia e a fíbula na panturrilha, o fêmur espesso na coxa e o vampiro grunhia como um porco no cio, os únicos sons de dor que ele foi capaz fazer. Lágrimas de sangue escorriam pelo seu rosto enquanto ele se humilhava no chão, incapaz até mesmo de limpar o muco do queixo.

Lucas trabalhou sistematicamente, dividindo a pele quando ele correu para fora dos ossos, cortando o abdômen e assistindo o derramamento das entranhas cinzas do vampiro no chão ensanguentado, certificando-se de manter a medula espinhal intacta e o coração batendo. Ele queria que Heintz sentisse cada última gota de dor antes de morrer.

Ele estava agachado sobre a forma sangrenta de carne e osso quebrado quando Nicholas o encontrou. Heintz choramingava fracamente, seu coração

ainda batia, seu sangue de vampiro mantendo-o vivo apesar da destruição de todos os outros órgãos importantes.

— Bem? — Lucas perguntou a Nicholas, sem tirar os olhos de Heintz.

— Os outros doze estão mortos e pulverizados, meu senhor — disse Nicholas, agachando-se ao lado dele e olhando para os destroços de Heintz curiosamente, como um inseto estendido para estudo. — E quanto a esse?

Um pequeno sorriso curvou o lado da boca de Lucas.

— Seu coração ainda está batendo — disse ele. — Eu poderia levá-lo conosco, ver quanto tempo ele leva para regenerar o suficiente para rastejar.

Nicholas fez uma careta.

— Ele vai ter sangue por todo o Gulfstream (jato executivo) novo.

Lucas riu.

— Bom ponto. Muito bem. — Ele cavou através do sangue até que ele encontrou o coração de Heintz batendo e rasgou-o de suas amarras. O vampiro deu um grito final de dor, e depois morreu quando seu coração explodiu em chamas na palma de Lucas. A confusão sangrenta virou pó em alguns momentos, deixando apenas uma mancha escura como prova de que Alfonso Heintz já tinha vivido.

Lucas ficou de pé, batendo as mãos e olhando para suas roupas em desânimo. O tecido preto passou um longo caminho para esconder o sangue, mas ele sabia que estava lá. Ele estava molhado e pegajoso e condenadamente desconfortável. E iria em breve começar a feder. Além disso, havia o interior do novo jato a considerar.

— É tarde. — Disse ele, automaticamente, enviando os seus pensamentos para fora, verificando o bem-estar de cada um dos guerreiros vampiros que ele trouxe com ele. — Vamos levar os caminhões de volta e pernoitar na casa de Minneápolis.

— E sobre a visita do FBI? Mesmo que a primeira coisa amanhã ao pôr do sol seja ir embora, serão horas até chegarmos lá.

Lucas deu de ombros.

— Ela está lidando com vampiros. Se ela é estúpida o suficiente para mostrar-se muito cedo, vai ter que esperar. Deus sabe que ela me fez esperar o tempo suficiente. — Ele deu à mancha de Alfonso Heintz um último olhar, em

seguida, partiu para frente da casa. — Vamos lá. Eu quero este lugar queimado até o chão antes de sair.

Capítulo 2

Quantico, Virginia

— Hunter, entre.

Kathryn entrou no escritório SAC de William Fielding. Era tão limpo quanto o homem, obsessivamente arrumado, em sua opinião. O que dizia algo, já que Kathryn não era exatamente conhecida por seus hábitos de trabalho bagunçado.

— Feche a porta. — Dirigiu Fielding.

Kathryn cumpriu, sua mandíbula apertando automaticamente conforme ela considerava o que significava ele querer a porta fechada. Fielding era mais conhecido por deixar a porta larga aberta, especialmente onde os agentes do sexo feminino estavam em questão. Ele estava convencido de que mulheres eram naturalmente predispostas a dormir no seu caminho para o topo e tinha um medo mórbido de processos de assédio sexual.

Fielding não era um homem feio, e ela tinha certeza de que ele teve sua parcela de admiradoras ao longo dos anos, mas culturalmente, ele estava preso nos anos cinquenta. E ele não fazia segredo do fato de que ele acreditava que o FBI tinha cometido um erro na abertura de suas fileiras para o sexo frágil.

Claro, desde que a maioria dos agentes do FBI era do sexo masculino, se você eliminasse o sexo frágil da MESA, dificilmente haveria qualquer agente de

esquerda. Kathryn mordeu sua bochecha contra a vontade de rir da piada interna, que refletia a opinião de praticamente todas as agentes mulheres que ela conhecia.

— Sente-se, Agente Especial.

Kathryn sentou. Se esse canalha tentasse cancelar sua licença de férias, ele teria muito pior do que uma ação de assédio sexual em suas mãos. Confusão parecia provável. O homem não teria mão esquerda quando ela terminasse com ele! Que não era mais que um desejo exagerado por parte dela. A verdade era que, se ele cancelasse sua licença, ela iria cerrar os dentes e aceitar, porque a única alternativa era ir AWOL (desertar), o que provavelmente lhe custaria o emprego. E ela não queria isso. Ela trabalhou duro para chegar onde ela estava. Foi a única carreira que ela já realmente desejou, e ela era a perfeita engrenagem na máquina gigante do Gabinete. Sempre na hora, sempre disposta a trabalhar as horas extras, os fins de semana.

Talvez Eduardo estivesse certo. Talvez fosse tempo dela se soltar um pouco, soltar-se de suas próprias regras rígidas.

E isso a fez lembrar por que ela solicitou licença de férias. Seu irmão era a alma livre da família, e olha onde isso o levou. Desaparecido, perdido... E...

— Oh, Deus, — ela implorou silenciosamente — por favor, não deixe que nada terrível tenha acontecido com Dan.

Fielding pigarreou, chamando a atenção de Kathryn de volta para o aqui e agora.

— Eu ouço coisas, Hunter. — Disse ele.

Não parecia haver nenhuma resposta a isso, então Kathryn esperou.

— Eu sei que seu irmão está desaparecido. Quanto tempo faz agora?

— Quase duas semanas, senhor. — Ela confirmou, mantendo sua expressão cuidadosamente em branco, enquanto queria saber onde ele ouviu sobre o desaparecimento de Dan. Kathryn tinha o cuidado de não falar sobre a situação de seu irmão, embora ela tivesse feito alguns telefonemas. A partir de casa, é claro, para que ninguém pudesse acusá-la de faltar no trabalho. Ela ligou para o xerife da pequena cidade onde Dan estava hospedado durante as filmagens no Parque Badlands National, e poderia até ter usado a sua posição como uma agente do FBI para marcar uma entrevista ou duas. Isso assumindo

que ela pudesse finalmente conseguir que seu chefe aprovasse algum tempo de férias. Era por isso que ela estava sentada no escritório de Fielding agora.

Fielding se inclinou para frente, as sobrancelhas se unindo em uma carranca.

— Eu simpatizo com sua situação, Hunter. Mas você não pode usar a sua posição, a sua autoridade como uma agente do FBI, para pressionar ou interferir com as autoridades locais.

— Não, senhor! — Kathryn esperava que ela soasse bastante chocada com a simples ideia de uma coisa dessas. — Meu irmão é um artista, e uma espécie de espírito livre. Ele já fez isso antes, caindo fora da grade por semanas de cada vez.

O que ela não disse foi que, enquanto Dan poderia cair fora da grade, ele nunca tinha deixado sua rede pessoal por este tempo. Ela rejeitou a histeria inicial de Penny sobre o check-in perdido de Dan. A mulher era uma atriz frustrada e tendia para o dramático em quase todas as situações. Mas quando uma semana se passou, e não havia ainda nenhuma palavra, ela começou a se preocupar. Ela e seu irmão tinham um sistema, e mesmo quando ele perdia suas chamadas para Penny, ele nunca deixava de enviar uma mensagem para Kathryn, de alguma forma, de algum jeito. Até agora.

— É bom ouvir.

Kathryn assentiu e esperava que Fielding não ficasse conversador e começasse a perguntar sobre seus planos de férias. Ela odiava mentir, mas iria se ele a pressionasse.

— Bem, então — disse Fielding, sentando-se abruptamente, como se de repente ciente de que, debruçando-se sobre a mesa dessa forma, ele tinha ido longe demais perto dela para a segurança... Sua segurança, o que era, dado o seu carisma potente masculino. — Aproveite suas férias, Hunter.

Kathryn ficou imediatamente tão ansiosa para sair de seu escritório como ele estava para que ela fosse embora.

— Obrigada, senhor. — Disse ela e conseguiu sair do escritório sem uma vez entreter a um pensamento impróprio sexual sobre o SAC Fielding.

***

Daniel Hunter lutou para se sentar, sua cabeça batendo, olhos borrados, embora fosse difícil de ver qualquer coisa em sua prisão. Havia uma luz de teto, mas o interruptor estava no corredor do lado de fora da porta trancada. Seu carcereiro ligava quando trazia comida e água, ou quando o visitava. A aberração do caralho.

Dan não tinha nenhuma memória de como chegara aqui, não sabia nem por onde era aqui. Sua última lembrança era de tomar um drinque no bar local. Ele tentou juntar as peças e imaginou que a aberração deve ter drogado a bebida. Mas por quê?

Ele encostou-se à parede áspera e inclinou a cabeça para trás para olhar a janela solitária, acima de sua cabeça. Era firmemente coberta. Ele só sabia se era dia ou noite pelo pequeno ponto de luz solar que se espremia através de um buraco no canto, às vezes. Ele havia tomado medidas para assinalar os dias que passavam por riscar uma linha na parede de gesso com um caco que ele salvou do copo de cerâmica que ele quebrou no primeiro dia. Seu carcereiro apanhou todas as peças, ou assim ele pensava. Mas uma vez que ele se foi, Dan mexeu em torno, sentindo o chão por qualquer coisa afiada deixada para trás. Ele sentiu como uma vitória, quando encontrou a cunha afiada debaixo da cama. E agora, era tudo o que tinha, as linhas na parede, sua pequena rebelião contra o cativeiro. Isso e o lembrete de que os dias passavam, que a cada dia que passava, sua irmã Kathryn estava um pouco mais perto de encontrá-lo. E ela nunca desistiria até que ela fizesse.

Ele suspirou e tentou fazer-se mais confortável no colchão fino. Se o desgraçado ia prendê-lo aqui, o mínimo que ele poderia fazer era oferecer uma cama decente. Não pela primeira vez, ele se perguntou por que ele foi levado. O dinheiro era a resposta óbvia, mas ele começava a ter um mau pressentimento sobre esta armadilha. Com cada visita de seu carcereiro, parecia um pouco mais pessoal, um pouco mais como uma obsessão. E esse pensamento lembrava-o do grande livro de Stephen King, Miséria, e não em um bom sentido. Embora trouxesse de volta memórias boas, também. Dan e sua irmã escapuliram um sábado para ver o filme, e Kathy Bates os assustou. Ele sorriu, lembrando-se,

mas a memória o deixou sério mais uma vez. Kathryn estaria muito preocupada agora.

***

Dakota do Sul

Kathryn olhou para o GPS e fez uma curva à direita, rapidamente detectando o escritório do xerife na quadra. Ela foi diretamente do Quantico para o aeroporto, a mala com tudo embalado e esperando por ela no porta-malas de seu carro. Um voo tarde da noite, ela chegou tão longe quanto Minneápolis, onde passou a noite em um hotel do aeroporto, pegou as 06:00 uma ponte em Spearfish, Dakota do Sul, que era a cidade mais próxima de qualquer tamanho.

Ela tinha o itinerário de seu irmão. Ele sempre enviava por e-mail para ela antes de entrar em uma de suas viagens, mesmo que ele insistisse que ela não precisava se preocupar com ele. Mas quem mais ela teria para se preocupar? Fácil para SAC Fielding dizer a ela para deixar a busca por seu irmão para outra pessoa. Fielding tinha uma esposa e três filhos, para não falar de toda uma infinidade de parentes, incluindo dois irmãos, uma irmã e um quintal cheio de sobrinhas, sobrinhos e primos. Ele tinha convidado Kathryn para um churrasco de verão, junto com um grupo de outros do escritório, e ela foi surpreendida com o grande número de relações de sangue.

Ela e Daniel só tinham um ao outro. Apesar de que não era totalmente preciso. Seu pai ainda estava vivo, mas ele se casou novamente e estava concentrado em sua nova família. Não que ele se voltou contra Kathryn e seu irmão. Ela sabia que ele ainda os amava, mas ela supunha que ele preferia esquecer a tragédia de perder a sua primeira esposa, sua mãe, para o câncer quando Dan ainda era um bebê, e do trabalho duro de criar os dois, em sua maioria, por conta própria. Ela não podia culpá-lo, realmente. Tinha sido duro com todos os três deles. Felizmente, ela e Dan permaneceram perto. Eles tinham

um ao outro, e isso era tudo que eles sempre necessitaram. Mesmo quando crianças.

Mas porque Dan era tudo o que tinha, porque ela fez tudo, exceto o criado, a ideia de ficar parada e esperar enquanto outra pessoa fazia esforços desconexos para localizá-lo não era sequer uma opção. Ela precisava fazer isso.

Kathryn estacionou na lateral do pequeno estacionamento do escritório do xerife, observando o número de SUVs e caminhões ao lado. Ela estava feliz por ter atualizado para a SUV de tamanho médio, em vez de levar o sedan de 4 portas padrão. Foi um Inverno seco nesta parte do país, mas seco era um termo relativo. Eles tiveram neve, mas não tanto, e a primavera chegou mais cedo. Ainda assim, ela estava feliz com a movimentação de 4 rodas do SUV. Ela dirigia um jipe em casa na Virgínia, mas o melhor que o aluguel de automóveis poderia fazer era um Forerunner Toyota. Ele fez o trabalho, e à primeira vista, ela se misturava com a paisagem local. Ela queria uma chance de olhar em volta antes de todo mundo começar a apontar para ela e dizer FBI, ou pelo menos policial. Ela ainda fez questão de usar calça jeans e uma camiseta preta no voo em Spearfish esta manhã, tentando evitar se destacar mais que o necessário. Mas mesmo assim, ela sabia que tinha uma aparência FBI sobre ela, um pouco muito dura, um pouco conservadora. Um pouco conservadora de outras maneiras, também, como os poucos homens com quem ela namorou estavam felizes de apontar. Muitos deles eram animados com a ideia de namorar uma mulher com arma em punho, e depois ficaram desapontados quando ela também acabou por ter um cérebro e uma vontade. Ela só namorou um cara, um detetive de homicídios, que realmente a aceitou pelo que era, pelo menos no início. Mas ele acabou mudando para alguma cabeça oca burra. Ok, isso não era verdade. A burra era uma pediatra, e assim provavelmente não era uma cabeça oca. Mas ela não era um policial também, o que era o problema para seu detetive de homicídios. Houve muita conversa de loja e não o suficiente de qualquer outra coisa entre eles.

Ela praticamente desistiu de namorar depois disso. Seu vibrador tornou-se seu companheiro favorito, e Ben e Jerry seu melhor amigo. E ela se enterrou no trabalho. Até Daniel desaparecer.

Apesar das manchas de neve no solo, estava mais quente do que ela esperava, quando ela saiu do SUV. Ela deixou o casaco pesado na caminhonete e foi com o seu blazer azul padrão do FBI sobre o seu suéter. Ela usava uma simples bota preta de sola plana até o tornozelo por duas razões: uma, elas eram confortáveis o suficiente para correr, se necessário. (Esqueça dos sete centímetros da Agente Scully. Nunca aconteceu.) E a segunda razão foi que em quase dois metros, Kathryn tendia a ser mais alta do que um monte de homens, mesmo sem saltos. O FBI ainda era em grande parte um mundo de homens, e muitos daqueles homens ganhavam uma atitude imediata, se eles precisavam olhar para cima para ela. Então ela usava solas lisas no trabalho. É claro que, tecnicamente, ela não estava no trabalho hoje, mas desde que ela estava prestes a desafiar SAC Fielding e usar suas credenciais do FBI para acelerar a investigação, ela supôs que era melhor tentar aparentar que estava.

A porta da delegacia abriu enquanto ela subia as escadas. Dois homens em jeans, camisas de mangas compridas e botas de cowboy bem desgastadas surgiram. Kathryn avaliou-os automaticamente, observando altura, peso, coloração. Eles pareciam iguais, provavelmente um pai e filho pelas suas idades, com o mais velho em torno de seus sessenta anos. O mais novo tirou o chapéu e segurou a porta para ela.

Kathryn sorriu e apressou-se no último degrau.

— Obrigada. — Ela disse e avançou por ele e para a delegacia.

Havia três cadeiras de plástico à espera contra a parede e um balcão de madeira surrado com um adjunto magro em uma mesa do outro lado. Com seu cabelo marrom bem aparado e sinceros olhos castanhos, o adjunto parecia com 18 anos, mas Kathryn imaginou que tinha que ser mais velho. Embora não muito. Ele olhou para cima quando ela se aproximou.

— Meu nome é Kathryn Hunter. Eu estou procurando pelo Sheriff Sutcliffe. — Kathryn disse a ele. — Acho que ele está me esperando.

O adjunto não parecia impressionado. Ele olhou-a com cuidado, depois, lentamente, pegou o telefone de mesa e atingiu um número.

— O FBI está aqui para vê-lo, xerife. — Disse ele sem pressa.

Bem, tanto para se misturar, Kathryn pensou.

O adjunto olhou-a sem piscar enquanto esperava.

— Sim, senhor. Vou fazer, senhor.

Ele desligou o telefone com movimentos deliberados, então, com toda a velocidade de uma preguiça, levantou-se, deu a volta na mesa e foi até a porta vai e vem da passagem do balcão. Alcançando debaixo do balcão, ele bateu algum tipo de liberação. A campainha soou, seguido pelo clique de um trinco enquanto a porta se abria. Ele ficou lá segurando o botão, ouvindo-a zumbir por uns bons dez segundos antes de finalmente dizer a Kathryn:

— O xerife vai ver você.

Kathryn queria dar um tapa em sua mão e tirá-la da buzina maldita, mas forçou-se a descobrir os dentes em um arremedo de um sorriso e passar através da porta balançando. O menino preguiça finalmente liberou o botão e a precedeu, passando por várias mesas vazias e um corredor curto, onde ele parou na frente de uma porta fechada. A metade superior da porta era de vidro fosco, e o nome, *xerife Max Sutcliffe,* estava estampado em letras de ouro.

O adjunto bateu três vezes na armação de madeira, fazendo uma pausa entre cada uma. Kathryn piscou, esperando que ela não dormisse enquanto espera.

— Venha aqui, Henry. — Uma voz gritou impacientemente por trás da porta. Claramente o xerife compartilhava os sentimentos de Kathryn sobre seu vice.

Henry abriu a porta, e Kathryn passou por ele educadamente, mas com determinação.

— Xerife Sutcliffe. — Disse ela, indo para a mesa e estendendo a mão. — Sou Kathryn Hunter. Falamos ao telefone.

Sutcliffe já estava de pé no momento em que ela chegou à mesa. Seu olhar fez uma avaliação rápida de cima e abaixo, e ela viu o brilho leve de valorização em seus olhos. Kathryn estava acostumada a reação e não comentou. Alguns homens, muitos homens, automaticamente assumiam que qualquer mulher na aplicação da lei seria ou feia ou uma lésbica. Ou os dois. O contrário não poderia ser mais verdadeiro. Sem mencionar o fato de que a maioria das lésbicas que ela conhecia eram malditamente bonitas. Mas ela não estava aqui para corrigir as percepções do xerife sobre agentes do FBI, lésbicas,

ou qualquer outra pessoa. Ela tinha um propósito, e que era encontrar seu irmão. Para o qual ela precisava da cooperação do homem.

— Srta. Hunter — Sutcliffe disse, segurando a mão dela apenas um pouco longo demais. Ela notou a ausência de seu título próprio e deixou passar. — Um prazer. — Continuou ele. — Por favor, sente-se. Feche a porta, Henry. — Ele ordenou, olhando por cima de um par de óculos de leitura, que ele rapidamente tirou e colocou no bolso da camisa. Ele esperou até que a porta se fechasse antes de se sentar de novo.

— Agora. — Ele disse agradavelmente. — O que eu posso fazer por você, Srta. Hunter? Gostaria de um café? Água? Eu o tenho aqui, assim você não precisa se preocupar com esperar o velho Henry lá fora.

Kathryn riu obedientemente com o comentário, mas balançou a cabeça.

— Não, obrigada, xerife.

— Chame-me de Max.

— Max, — corrigiu ela, e acrescentou: — e eu sou Kathryn.

— Kathryn. Belo nome. O nome da minha mãe.

— Minha bisavó também. — Ela comentou com um sorriso, em seguida, se sentou na beirada da cadeira de madeira em frente de sua mesa e tirou um pequeno bloco do bolso interno de seu casaco. Ela ainda levava notas escritas ao entrevistar pessoas, não importa o caso. A política do FBI em entrevistas de gravação e confissões era inconsistente e mais complicada do que precisava ser. Era mais fácil assumir que a gravação não seria permitida. Mais tarde, ela iria transferir tudo para o seu laptop de qualquer maneira, e se a gravação fosse feita disponível, era um bom bônus. Mas desta forma ela sempre tinha suas notas escritas para recorrer. Kathryn abriu seu bloco de notas. Ela já tinha marcado a página que continha as suas notas sobre o desaparecimento de Daniel, então ela não teve que procurar por ela.

— Como você sabe, Max. — Ela começou — Eu venho tentando rastrear um fotógrafo que desapareceu por aqui um par de semanas atrás.

Max assentiu.

— Daniel Hunter. — Ele confirmou. — Seu irmão, se não me engano. — Acrescentou com um olhar presunçoso.

Kathryn não estava surpresa que ele tinha feito a ligação, mesmo ela não mencionando a ele. Hunter era um nome bastante comum, depois de tudo. Mas o que ela sabia de Max Sutcliffe já lhe disse para não subestimá-lo, assim ela não se incomodou em negá-lo, também.

— Meu irmão mais novo, e único irmão, por acaso.

— Ele não disse para onde ia?

— Dan me mandou o seu itinerário, incluindo voos e hotéis, o que é a sua rotina habitual quando viaja. Estou sediada fora do Quântico, e Dan mora na Califórnia, por isso não nos vemos muitas vezes como gostaríamos, mas somos próximos e ficamos em contato por telefone e computador sempre que possível. O que eu sei, Max, é que meu irmão nunca havia, e como nunca eu quero dizer nos dez anos que vivemos separados, desaparecido dessa forma.

— Bem, inferno, Kathryn. Eu não me importo o quão próximo vocês são, há todos os tipos de coisas que um homem não gostaria de compartilhar com sua irmã — disse ele, de repente, parecendo desconfortável com o rumo da conversa.

— Eu tenho certeza que você está certo. Mas não isto. Alguns dias, mesmo uma semana, eu poderia aceitar. Mas Dan não ficaria tanto tempo sem entrar em contato. Ele sabe que eu me preocuparia, e ele sabe o que eu faço para viver. Ele não iria me querer chamando as tropas se ele estava apenas fora em uma aventura romântica. — Ela terminou com um sorriso que esperava não parecer forçado, como se sentia.

— Eu acredito em você, ou pelo menos eu acredito que você acredita. E eu verifiquei em torno com alguns, da última vez que falamos. A última vez que alguém o viu foi em um clube privado ao longo de Spearfish.

Kathryn o olhou com surpresa. Isso era novo.

— Um clube privado? Que tipo de clube privado?

Max se contorceu desconfortavelmente, e Kathryn sentiu uma sensação deprimente de inevitabilidade. Seu irmão era abertamente gay, e ela tinha um sentimento que Max era uma daquelas pessoas que não estavam à vontade para discutir...

— É uma daquelas coisas de vampiros. — Max disse finalmente, em desgosto.

O desespero de Kathryn foi substituído por vergonha que ela assumiu outra coisa. O desconforto de Max era aparentemente focado em vampiros, não sexualidade. E a conexão com vampiros não foi uma completa surpresa para ela. A última vez que falou com Daniel, ele mencionou conhecer um vampiro ou dois, e disse algo sobre uma festa, que podia ser o mesmo que o clube privado que Max falava. Na verdade, foi o comentário de seu irmão sobre os vampiros locais que a motivaram a marcar uma entrevista com o vampiro chefão local. As informações de Max só faziam a entrevista mais importante.

— Na última conversa que tive com o Dan, ele mencionou uma reunião com alguns vampiros. — Disse para o xerife. — Na verdade, eu tenho um compromisso para me encontrar com... — Ela verificou suas notas. —... Lucas Donlon mais tarde, esta noite. Eu entendo que ele é líder dos vampiros locais?

— Senhor. — Max disse acidamente. — Ele não é um tipo ruim, mas ele dá a si mesmo o título de um senhor vampiro. Seu povo mesmo o chama de Senhor Donlon, como se fosse a Idade Média ou algo assim.

— Ouvi dizer sobre o título também. Não sobre Donlon, mas um par de outros. Vamps tendem a estar por baixo normalmente, mas o FBI tem alguma informação sobre eles. Principalmente a partir de uma ou duas pessoas que vivem mais no olhar do público.

— Sim. — Disse Max, melancolicamente — Quando me tornei xerife, realizei uma verificação sobre Donlon e qualquer uma de suas pessoas que eu poderia conseguir os nomes. Eles não têm sequer uma multa de trânsito em South Dakota. Ao menos, não que eu poderia encontrar.

— As prisões não são comuns. — Kathryn concordou, — mas quando elas acontecem, os advogados saem, e isso vai embora. Estes senhores vampiros parecem ter muito dinheiro, e eles não estão com medo de gastar em certos advogados e políticos.

— Por que eles deveriam ser diferentes do que qualquer outro rico idiota, certo?

— Temo que sim. Deve ser interessante, porém, para ver como o senhor Donlon responde a uma investigação do FBI, que é um pouco mais grave do que uma multa de trânsito.

— Desejo-lhe muita sorte com isso. — Disse Max, mas com tão pouco entusiasmo que ela não achava que fosse muito encorajador. — Você tem um sistema de navegação no SUV que você alugou? — Kathryn assentiu, e ele continuou: — Você vai querer usá-lo para ir lá depois do anoitecer. Você nunca vai encontrá-lo de outra forma.

— Obrigada, eu vou voltar ao último paradeiro conhecido de Daniel. Eu sei que ele planejava fazer algum camping no sertão de Badlands, mas ele frequentemente sai por conta própria quando está trabalhando, e ele é um campista experiente.

Max abriu uma gaveta, tirou um folheto colorido de Badlands, e entregou-o sobre a mesa.

— Normalmente, em algo como isso, eu diria que ele é apenas mais um campista perdido. Não há muitas trilhas no parque, e é fácil se perder, ou se ferir. Mas falei com os guardas no centro de visitantes. Eles confirmaram que Daniel Hunter parou para check-in com eles em seu caminho para o sertão, e depois novamente quando saía do parque. E eles não o viram desde então. Faz sentido que, se ele se preocupou em verificar na primeira vez que partiu, ele faria de novo se voltasse para mais. Então, eu estou supondo que o que aconteceu com ele, não aconteceu no parque. Ao menos, não no sertão.

— Você se importaria se eu falasse com os guardas, eu mesma? — Foi uma questão de cortesia. Ela não precisava da sua permissão, mas a sua cooperação seria útil.

— Nem um pouco. — Disse Max prontamente. — É o Ben Reifel Visitor Center na sede do parque fora em rodovia 2-40. Há um pequeno mapa na brochura, e a sinalização rodoviária irá mostrar o caminho, também.

— Obrigada. E sobre a testemunha que o viu saindo do clube?

— Bem, agora, que isso é mais complicado. Ele acabou de sair em sua terceira viagem ao Afeganistão há dois dias. Mas eu gravo tudo em vídeo hoje em dia, mais para nossa proteção do que a deles, assim que eu posso dar a você uma cópia disso.

Kathryn queria gritar de frustração. Dois dias! Ela tinha perdido entrevistar, possivelmente, a última pessoa a ver o irmão dela por dois dias miseráveis! Ela sentiu algo cravando seus dedos e olhou para baixo para ver a

sua mão segurando a caneta com tanta força que seus dedos estavam sem sangue. Ela forçou a mão a relaxar e desenterrou um sorriso para Max.

— Eu aprecio isso, xerife. — Ela conseguiu dizer. — Uma unidade USB seria ótimo se você tiver. Ou um DVD, se você não tiver.

— Uh, sim. Computadores e eu não somos exatamente chegados. Henry lida com tudo isso. Eu pedi para ele fazer uma cópia para você esta manhã, por isso nós veremos o que ele inventou. Ele deve tê-lo pronto nesse momento. — Acrescentou secamente.

Kathryn entendeu o recado e se levantou.

— Obrigada por toda sua ajuda, xerife. Se eu me deparar com qualquer outra coisa, vou deixá-lo saber.

— E eu farei o mesmo com este fim. Se você precisar de alguma coisa, é só me ligar. Eu estou aqui ou acessível por celular praticamente sete dias por semana.

Kathryn parou em seu caminho para fora e pegou um pen drive de Henry. Uma vez de volta no SUV, ela guardou-o em sua pasta para ver mais tarde. Agora, ela queria sair para o centro de visitantes no parque. Ela tinha pouca dúvida de que eles não tinham mais nada para dizer a ela do que eles já disseram a Max, mas ela precisava fazer isso do jeito dela, e isso significava riscar cada item pessoalmente.

Ela fez uma rápida pesquisa no seu laptop, pegando carona no Wi-Fi do pequeno cyber-café e lanchonete do outro lado. Localizando o Ben Reifel Visitor Center, ela estudou o mapa, em seguida, desligou-o sem se preocupar com o sistema de navegação.

Como Max disse a ela, chegar à sede do parque e centro de visitantes foi praticamente ridículo. Havia sinais em todos os lugares e não muito no meio. Menos de uma hora depois, ela guiava para dentro do estacionamento. Não havia outros carros, apenas um par de picapes oficiais. Apesar do clima frio, parecia não ser uma movimentada temporada do parque. A maioria das pessoas tende a tirar suas férias no verão, quando as crianças estavam fora da escola. Mesmo as pessoas que não tem filhos na escola. Fazia mais sentido para ela viajar quando lugares eram menos lotados, mas talvez fosse porque ela nunca tirou umas férias de verão como uma criança, e por isso não tinha qualquer

noção pré-concebida do que um período de férias deveria ser. O mais próximo que ela e seu irmão chegaram a um período de férias foram os verões passados na fazenda de seus avós maternos. Mas, então, seus avós morreram no espaço de um ano um do outro quando ela tinha apenas 12, o que acabou com isso. No entanto, seu tempo com eles fez algumas de suas lembranças mais queridas da infância.

Kathryn voltou de volta ao presente. Ela não tinha tempo para memórias. O centro de visitantes era uma típica construção de um parque nacional, uma estrutura única simples com uma calçada de concreto em frente. O interior tinha as exibições habituais e dioramas da história do parque, com prateleiras de folhetos gratuitos e alguns livros brilhantes e lembranças turísticas para venda. Kathryn olhou-os, pensando no que Daniel disse para explicar por que ele escolheu o Badlands para seu próximo projeto. Ele disse que viu um folheto na festa de um amigo e sabia que ele poderia fazer melhor. Ela pegou o folheto do visitante grátis, que era idêntico ao que Max Sutcliffe lhe dera. Ela perguntou se era também o que trouxe seu irmão todo este caminho de San Francisco.

— Posso ajudar?

Kathryn virou-se para encontrar uma jovem com cabelos longos e castanhos puxados para trás em um rabo de cavalo arrumado e olhos castanhos, com apenas um toque de rímel. Seu rosto era livre de maquiagem, limpo e de faces rosadas, como se ela passasse muito tempo ao ar livre. O nome Belinda estava costurado no bolso de um bem passado uniforme de serviço de um Parque dos EUA.

— Agente Especial Kathryn Hunter, FBI. — Ela disse, mostrando suas credenciais e esperando que nada disso voltasse para mordê-la na bunda.

— Oh! — A jovem disse, franzindo a testa um pouco. — Xerife Sutcliffe disse que viria. Você é irmã de Daniel.

Kathryn piscou.

— Eu sou, sim. Você se lembra de meu irmão?

— Ele foi ao sertão, duas vezes, e eu falei com ele antes e depois da segunda viagem. — Disse Belinda, mas suas bochechas rosadas já tinham ficado ainda mais vermelhas.

Kathryn sorriu com a reação da mulher. Seu irmão era charmoso e carismático, e tinha um jeito de fazer as pessoas acreditarem que ele realmente se importava. E às vezes ele se importava, mesmo que fosse apenas para os dez minutos que ele estava falando com você.

— Então, como é que isso funciona exatamente? — Kathryn perguntou.

— Todo mundo deve verificar com a gente antes de dirigir-se para o sertão, embora, é claro, nem todo mundo faz. Tentamos fazer com que as pessoas saibam o que estão fazendo. É muito duro lá fora, em qualquer tempo, e os caminhantes estão completamente por conta própria. Eu estava um pouco preocupada quando vi que Dan estava indo sozinho, mas depois de falar com ele... Bem, era óbvio que ele era um alpinista experiente, e ele estava bem suprido.

— Mas ele saiu e voltou depois pelo tempo que você conversou com ele, certo?

Belinda concordou.

— Ele saiu duas vezes em dez dias de cada vez. Isso é muito tempo para estar lá sozinho, mas o tempo que o vi voltar, ele parecia bem. Melhor do que bem, na verdade. Exultante. Um pouco cansado, talvez, e pronto para um banho, mas quando ele saiu, ele disse que só queria alguns dias de água quente e boa comida, e ele voltaria de novo.

— Ele estava saudável? Quero dizer, sem ferimentos óbvios, mancando, ataduras, esse tipo de coisa.

— Não. — Disse Belinda, franzindo a testa e balançando a cabeça. — Como eu disse, um pouco cansado, mas fora isso, ele realmente parecia mais feliz do que quando ele saiu.

— Você só o viu voltar uma vez?

Ela assentiu com a cabeça novamente.

— A última vez ele esteve aqui. É por isso que o xerife Sutcliffe disse que gostaria de me entrevistar, porque eu era a última pessoa com quem ele falou até aqui.

— Será que Dan verificou com vocês a primeira vez que ele saiu, também?

— Sim, mas eu não estava aqui. Isso seria Cody Pilarski. Nós rodamos turnos, assim há sempre alguém aqui.

— Mas você tem certeza de que foi a última viagem de Dan quando você falou com ele?

— Definitivamente. E eu espero que nada tenha acontecido com ele. Ele era um cara muito legal.

— Ele é um cara muito legal. — Ela corrigiu, enfatizando o verbo. Seu irmão pode estar desaparecido, mas ele ainda estava vivo. Ela sabia disso em seu íntimo. Algo terrível aconteceu, mas não o pior. Ainda não. E nunca se tinha algo a dizer sobre isso.

— Obrigada. — Disse a Belinda. Ela virou-se sobre um de seus cartões de visita oficial e escreveu seu número de celular pessoal sobre ele. — Se você ouvir alguma coisa, ou se alguém mencionar ter visto Daniel, por favor, me ligue.

Belinda tomou o cartão, olhou-o brevemente, em seguida, enfiou-o no bolso do peito direito sob seu nome.

— Eu vou fazer isso, agente Hunter. Espero que nada tenha acontecido com ele. — Ela repetiu, quase para si mesma.

Kathryn assentiu distraidamente enquanto se virava, sua mente já em sua próxima tarefa, o próximo item que ela tinha a verificar na sua lista. Tudo que Belinda disse a ela coincidiu com o que sabia. Dan realmente ligou para ela quando saiu do sertão. Ele deixou uma mensagem em seu correio de voz, dizendo que estava tudo bem, que ele estava indo desfrutar de alguns dias de civilização e voltaria.

Quando Penny pela primeira vez ligou para ela, dizendo que Dan perdera seu regular check-in, a primeira coisa que ela fez foi acessar seus registros telefônicos. Desde que ele viajou para um monte de lugares onde o serviço celular era fraco, ele sempre carregava um telefone via satélite com ele, o que lhe permitia fazer chamadas sem ser dentro do alcance da torre de celular da cidade. Ela encontrou apenas uma chamada após a que Dan fez para ela, e que era para Penelope, em San Francisco. Infelizmente, Dan também tinha uma tendência a pegar um telefone descartável sempre que estava ao alcance de um sinal de celular, usando isso e, em seguida, jogá-lo fora, em vez de carregar por

ai um mais caro e mais pesado telefone por satélite. Assim, enquanto Kathryn sabia quando ele ligou para ela e Penny, ela não tinha como saber com quem mais ele poderia ter falado localmente.

Por um lado, era bom saber que seu irmão tinha estado bem e feliz quando ele deixou o parque há duas semanas. Mas, por outro lado, até agora ela não soube nada que ela já não soubesse.

Ela bipou as travas de seu SUV de aluguel, abriu a porta, e então apenas ficou ali por um momento, apoiando a testa no metal quente da moldura da porta. Seu peito doía, e lágrimas ameaçavam enquanto ela lutava contra uma onda de desespero. Se ela pudesse encontrar até mesmo um indício, uma única sugestão que diria a ela o que aconteceu... ela precisava de uma direção, e ela não tinha.

A batida de uma porta de caminhão atrás dela a fez se endireitar, piscando para conter as lágrimas. Ela virou-se rapidamente, com medo que alguém poderia ter visto. Mas só havia um flash de cáqui enquanto um dos guardas desaparecia pela porta lateral do centro de visitantes.

Kathryn respirou fundo e deslizou para o banco do motorista, sorrateiramente enxugando as lágrimas. Ela puxou sobre ela seu laptop e verificou a lista que já tinha memorizado. A próxima parada era o motel onde Dan ficara. Seu quarto ainda estava lá, ainda acumulando despesas noturnas. Ela garantiu ao gerente do motel por telefone que ela pagaria por isso, apesar de suspeitar que o motel estivesse bem vazio nesta época do ano de qualquer maneira. Mas ela não se importava com o dinheiro. Ela só queria ter certeza que as coisas de Dan fossem deixadas intocadas. Talvez fosse ali que ela acharia uma ideia do que ela estava procurando.

O motel era o único na cidade – de teto plano, que história, e sem uma única característica de identificação. Mesmo a sua cor era bege chato que misturava tão bem com o deserto que provavelmente poderia perder o edifício totalmente em um dia quente, com o calor ondulando no ar. Foi um passo longo para baixo do tipo de hotel que o seu irmão geralmente se hospedava, embora, como com o acampamento sertanejo, Daniel estava mais do que disposto a se aventurar para conseguir a foto que ele queria.

Kathryn estacionou em frente do escritório e entrou. O nome do gerente do dia era Jason Kenton.

— Senhor Kenton. — Ela disse — Eu sou Kathryn Hunter. Falamos ao telefone. — Ela não usaria seu ID FBI para isso. Ela já se sentia culpada por isso, e não era necessário, neste caso, uma vez que ela estava pagando a conta.

— Irmã de Daniel. — Kenton disse, olhando por cima de uma mesa abarrotada atrás do check-in. Ele parecia grogue, como se tivesse despertado de um cochilo. Ele levantou-se lentamente, esticando seus músculos e bocejando sem qualquer tentativa de escondê-lo. Kathryn esperou impacientemente até que ele finalmente atravessou os dois metros separando-os e pegou uma chave pendurada em uma placa numerada.

— As coisas dele estão todas lá, como você pediu. Eu nem sequer deixei a empregada limpar. Não vejo muito sentido, e eu não queria estragar qualquer coisa, só no caso.

— Obrigada. — Kathryn disse, sorrindo enquanto pegava a chave. — Eu vou ficar alguns dias, então eu poderia muito bem usar o quarto, se está tudo bem com você.

Kenton encolheu os ombros.

— Você está pagando a conta. Não me importa quem dorme lá, enquanto não estiver acontecendo nada engraçado.

Kathryn piscou, tentando imaginar que tipo de engraçado que ele tinha em mente. Mas seu cérebro estava muito cansado.

— Nada engraçado. — Assegurou. — Você passou o meu cartão?

— Sim, senhora. Não tem problema.

— Tudo bem. Obrigada mais uma vez. — Ela saiu da porta, sentindo-se subitamente estranha, como se esperasse que ela ficasse e conversasse um pouco. Ou talvez ele esperasse que ela o interrogasse como fizeram em todos os programas de televisão. Fosse o que fosse, ela não tinha energia.

Ela subiu no SUV e recuou no estacionamento vazio para o quarto 18. Ele era uma unidade final, mas diferente do que era exatamente o mesmo que todos os outros. Ela pensou que Daniel poderia ter solicitado o final, esperando por um pouco mais de privacidade e tranquilidade, mas, como tudo o mais neste caso, ela estava supondo.

A mala era apenas uma pequena overnighter de rolamento, então ela a pegou, trancou a caminhonete e se deixou entrar. Ela foi imediatamente inundada por uma sensação de perda. O quarto estava uma bagunça, com roupas sujas atiradas a esmo em uma mala aberta em uma das camas de casal, e ainda deitada no chão, onde Daniel havia deixado. Ela sabia que elas estavam sujas, porque suas roupas limpas estavam todas impecavelmente penduradas no armário. Isso era tão típico de seu irmão que trouxe lágrimas aos seus olhos.

Ela olhou ao redor, notando que entre as roupas sujas estavam algumas peças óbvias de equipamento de caminhada. A única cadeira tinha a mochila de Dan, que parecia esvaziada e desamparada. Suas botas bem gastas de caminhadas, algumas calças realmente sujas e camisetas, e vários pares de meias grossas estava em uma pilha no chão ao lado dele. Uma coisa que Daniel sempre lhe disse era que ele nunca ficava sem meias limpas quando ele estava caminhando. Todo o resto podia estar duro com a sujeira, mas ele sempre tinha vários pares de meias.

Ela franziu a testa, então deu um passo mais para dentro do quarto e viu o seu equipamento de câmera bem empilhado entre a segunda cama e a parede, onde não seria óbvio para alguém que estava na porta. As câmeras de Dan valiam uma pequena fortuna, mas ainda mais do que isso, ele disse a ela que eram insubstituíveis. Não porque ele não podia comprar outra, mas porque ao longo do tempo a câmera de um fotógrafo se tornava uma parte dele, como se as características físicas do equipamento mudassem com o uso para se tornar único para o fotógrafo.

Ela deixou cair suas coisas na cama e se agachou ao lado da pilha de equipamento. Ela não podia dizer se alguma coisa estava faltando. Talvez sua agente Penny tivesse conseguido, mas ela não estava aqui.

Kathryn foi ficar de pé e teve que segurar a parede quando o quarto girou em torno dela. Ela estava além de cansada. Dormiu muito pouco nas últimas duas semanas, muito preocupada com Dan. E depois há o voo que foi ontem, ela nunca poderia dormir em aviões, e da noite mal dormida em Minneápolis, esperando a manhã para que ela pudesse chegar aqui e começar a procurar por ele.

Ela suspirou e começou a despir as suas roupas. A jaqueta foi primeiro, em seguida, seu distintivo e sua arma, que era a edição padrão do FBI Glock 23 calibre 40. Ela colocou tanto o distintivo e arma sobre a mesa, colocou o cartucho de reposição ao lado da arma, depois tirou seu coldre do cinto e atirou-o sobre a outra cama em cima de sua jaqueta. Saindo de seus sapatos, ela os deixou onde estavam e deslizou fora de seus jeans. Ela estava prestes a atirá-los na cama, depois pensou melhor e dobrou-os. Ela não trouxe muitas roupas com ela. Sabendo que ela ficaria mais confortável vestindo seu traje habitual de trabalho hoje à noite para a entrevista com Donlon, ela tirou a calça e blusa em seu processo e pendurou-as no armário, na esperança de se livrar de quaisquer rugas. Ela odiava passar, mas não queria se apresentar para Lucas Donlon parecendo que tinha dormido em um avião, também.

Pegando o casaco e os sapatos, ela arrastou até o armário, deixou cair os sapatos no chão e pendurou o casaco ao lado das calças e blusa. Ela olhou para a cama com cautela, depois puxou a colcha para baixo, empilhando-a no chão. Ela nunca dormiu com essas coisas. Elas estavam cheias de bactérias. Ela estava cansada, mas sua mente estava correndo, e ela sabia que teria que verificar a entrevista da testemunha do xerife Sutcliffe antes que ela fosse capaz de dormir. Seus joelhos afundaram no colchão muito mole enquanto ela arrastava seu laptop e inseria o pen drive. Ela observou durante todo o tempo, com a intenção de voltar e fazer anotações em uma segunda visão. Mas quando chegou em frente de seu bloco de notas e caneta, sua cabeça girava vertiginosamente. Ela colocou a cabeça no travesseiro, com a intenção de fechar os olhos por um momento. Ela registrou que os lençóis eram surpreendentemente frescos e limpos quando ela puxou-os até o queixo. E foi isso.

Capítulo 3

Minneapolis, Minnesota

Lucas abriu os olhos e reprimiu imediatamente a vontade de gemer. Ele estava em Minneapolis. Não que isso fosse uma coisa ruim. A *Cidade dos Lagos* era excitantante e vibrante, e ele mantinha uma residência aqui, a qual visitava várias vezes no ano. Então, não era estar em Minneapolis que o fez xingar assim que acordou. Foi o fato de que precisava se apressar de volta para o rancho em Dakota do Sul, por causa de uma maldita mulher do FBI que estava vindo visitá-lo hoje à noite.

Visitar. Huh. Mais provável interrogar. Lucas nunca conheceu um policial no qual confiasse, e ele conheceu um monte de policiais. Ele também admitia que o seu preconceito pudesse estar relacionado a sua juventude transviada pelas ruas de Dublin e Londres, mas isso não alterava o fato. Especialmente ao se tratar de policiais e vampiros. As pessoas no comando nunca gostavam que alguém fosse mais poderoso que eles. Esse era o nível de desconfiança entre vampiros e autoridades humanas que nunca iria desaparecer, e ele não conseguia imaginar esse fato mudando entre o agora e o final da noite quando o FBI invadisse seu rancho.

Um banho quente dissipou grande parte do seu mau humor assim como a memória da excelente caçada na noite passada. Ele estava em frente ao

guarda-roupa tentando decidir entre traje de negócios ou jeans e couro para recepcionar o FBI, quando seu celular tocou.

— Yo, Nicholas. — Ele disse.

— Meu Senhor. — Seu tenente respondeu. — Acabei de falar com Magda. Klemens ligou pra sua linha privada.

— Ela não atendeu. — Lucas confirmou. Ninguém do seu povo estava autorizado a atender aquela linha enquanto ele estivesse vivo para fazê-lo.

— Não, meu Senhor. Mas quando você não atendeu, ele ligou para o telefone comercial, e Magda disse a ele que você estava indisponível. Nada mais.

— Ah. Tenho certeza que ele estará... — ele foi interrompido pelo bip de uma nova chamada. Ele tirou o telefone do ouvido tempo suficiente para ver quem estava ligando e disse a Nicholas: — Falando do diabo e ele aparece. Coloquei a ligação de Klemens em espera. Eu retorno pra você. — Com um movimento rápido de dedos, Lucas trocou de ligação. Tecnologias modernas eram uma coisa maravilhosa!

— Klemens, velho amigo, o que posso fazer por você? Ou mais ao ponto... *para* você?

— Corte o papo furado, seu fodido rato irlandês. Quem no inferno você pensa que é para tirar de circulação uma casa no *meu* maldito território!

— *Seu* território? Eu não tenho ideia do que você está falando. Eu disciplinei um dos *meus* vampiros ontem à noite, junto com seus companheiros traidores.

— Dois dos vampiros que você matou eram meus, e você sabia.

— Dois dos seus? Que triste. Bem, como minha querida vovó costumava dizer, se você se deitar com os cães, bau bau, você com certeza terá pulgas.

— Sua maldita avó era uma prostituta com cara de varíola pelas ruas de Dublin.

Lucas riu.

— Isso mesmo, Klemens. Eu não tinha ideia que você a conhecia.

— Eu nunca estive naquele seu país inútil e nunca estarei. Está cheio de bêbados e ladrões.

— E os ladrões também estão bêbados! — Lucas concordou alegremente. — Ah, bons tempos. Mas não acredito que você ligou para relembrar velhos

tempos. Então, a casa era sua? As coisas ficam um pouco nubladas tão próximo a fronteira. E por falar em fronteira... — ele acrescentou, como se tivesse acabado de lhe ocorrer o fato. — Receio que Raphael esteja um pouco aborrecido com você. Aparentemente você tentou atirar nele, e no Colorado, ainda por cima. Tática péssica, Klemens. Atingir Raphael em seu próprio território.

— Pare de balbuciar, seu idiota. Eu não tive nada a ver com aquilo.

— Ah, mas você ouviu sobre isso. De quem, eu me pergunto? Eu tenho certeza de que Raphael ficaria encantado em saber.

— Eu não dou uma merda para o que aquele bastardo quer. Se alguém tentou matá-lo, mais poder pra eles.

— Receio que não. — Lucas simpatizou. — O atirador errou por uma distância considerável e, pelo que ouvi, ele não está mais entre os vivos.

— Você quer que eu acredite que Raphael compartilha esse tipo de informação com tipos como você? Você não pode ser confiável para manter seus próprios segredos, e muito menos os de qualquer outra pessoa.

— É verdade, mas desde que Raphael está convencido de que estava por trás da armadilha, nós nos tornamos muito próximos. O inimigo do meu inimigo, você sabe.

Lucas podia ouvir Klemens respirando com dificuldade, ou tentando controlar seu famoso temperamento, ou cavando através de seu grosso cérebro por algo inteligente para dizer.

— De qualquer forma, — disse Lucas continuando a conversa, tal como era, — se a casa era sua, eu lhe prestei um serviço, queimando-a ao pó. Estava muito sangrenta quando terminamos. E havia poeira em todos os lugares.

— Isto não terminou, Donlon. — Klemens rosnou.

Lucas largou o falso humor, sua voz dura quando falou.

— Não, não terminou. Este é apenas o começo. — Ele desligou, sem esperar para ouvir o que sem dúvida teria sido uma ameaça atada a obscenidade por parte de Klemens. Ele voltou para a ligação com Nicholas.

— Dez minutos, Nicholas, e estamos fora daqui. — Ele jogou o telefone e pegou uma calça jeans confortável. Ele não estava com humor para jogar de bonzinho com o maldito FBI.

Capítulo 4

Dakota do Sul

Kathryn falou mal quando perdeu sua saída da I-90. Ela pegou a próxima rampa de saída, virou para trás e tomou a saída correta enquanto seu GPS começava a recalcular seu erro. Sheriff Sutcliffe tinha razão. Lucas Donlon tinha um endereço, mas não era muito um endereço. Ela franziu a testa quando a simpática senhora GPS lhe disse para virar a próxima direita. Ela diminuiu a velocidade, olhando a estrada de terra que aparecia. Não havia luzes aqui, apenas seus faróis e a lua cheia, que mal aparecia sobre as montanhas. E havia muito mais neve no chão, grandes aglomerações de neve empilhadas nas pedras e debaixo das árvores. A chamada estrada eram duas faixas de terra, visíveis somente porque elas eram mais pálidas do que os ásperos campos de grama e pedras marcadas pelo gelo que os rodeava. Mas tinha que ser razoavelmente bem viajado, ou as duas tiras não estariam tão desgastadas. Sutcliffe também tinha avisado a ela que Donlon não recebia visitantes. Talvez deixar esta terra batida era sua maneira de desencorajar as pessoas.

Infelizmente para ele, Kathryn não seria retardada por uma pequena estrada áspera. Ela ligou seus faróis altos e fez a curva. Um quarto de milha mais tarde, ela estava tendo dúvidas. A outra razão que ela tinha escolhido para alugar um SUV com tração nas 4 rodas era porque ela achava que, nesta parte do país, haveria estradas de terra ocasionais para viajar. Mas, mesmo assim, ela não contava em descer por trilhas de terra esculpidas através da escuridão,

campos de grama na altura do joelho meio-congelados e árvores hostis. Que pessoa em sã consciência sai intencionalmente da estrada principal para a residência dele em condições tão perigosas? Especialmente desde que a maioria do tráfego aqui era, provavelmente, depois de escurecer? Até mesmo um vampiro tinha que sair de seu rancho, eventualmente, e ele tem que tomar este caminho, também. O mito de que os vampiros podiam voar era apenas isso: um mito.

E os seus empregados? Devia ter alguém que trabalhava para ele. Eles teriam que navegar esta coisa impossível todo dia! O carro dela bateu em dois buracos em uma linha, um após o outro, quase tirando o volante fora de suas mãos. Ela remungou baixinho, mantendo-se um fluxo constante de maldições murmuradas. Ela deveria denunciar o bastardo a OSHA[1]. Cairia bem. Talvez ele não se preocupasse com o FBI, mas ele com certeza tinha que se preocupar com a OSHA. A papelada que eles exigem tornaria a vida de Donlon um inferno. Ela sorriu com o pensamento, em seguida, bateu um novo buraco e xingou. — Maldito estúpido... Oh.

Sem nenhum aviso, o caminho nivelou, tornando-se suave como a seda, seus pneus praticamente cantavam sobre a superfície dura. Ela relaxou seu aperto no volante, agitando as mãos para restaurar a circulação, sentindo os nervos em seus dedos e braços ainda vibrando depois – olhou para o GPS – de apenas oito quilômetros de estrada tortuosa? Parecia muito mais longe do que isso.

Mas isso ficou pra trás agora e ela estava fazendo um bom tempo com o sistema de navegação, que a informou que era a última etapa antes de seu destino. Ela viu um flash de branco à distância, enquanto a estrada subia brevemente antes de mergulhar em uma descida profunda. Quando ela viu no outro lado uma cerca de madeira branca paralela à estrada, e cerca de um quilômetro adiante, havia uma porta branca arqueada com um nome estampado em cima.

Kathryn diminuiu e fez uma curva para direita que a levou até o portão aberto. Olhando para cima, ela viu que não era um nome no arco de madeira

---

1 Occupational Safety and Health Administration – Administração de Segurança e Saúde Ocupacional. Agência federal nos EUA que regula a segurança e saúde no local de trabalho. No Brasil, quem faz isso é o Ministério do Trabalho.

sobre ela, mas uma versão estilizada da letra D. O tipo associado com marcas de gado, embora ela tivesse certeza que não marcavam mais os animais. Ela se lembrava de ter visto uma reportagem sobre isso na TV, ou talvez fosse na Internet, sobre como fazendeiros conseguiram algo mais tecnológico, como chips de dados implantados ou algo assim. Se o vampiro tinha um rebanho, talvez ela o questionasse sobre isso. Embora ela achasse improvável que um vampiro criasse gado. Um pensamento repentino bateu nela e ela fez uma careta. Poderia um vampiro sobreviver de sangue animal?

Ela sacudiu a imagem desagradável que aquela pergunta conjurou e focou na estrada em frente, o que não era de todo uma linha reta. Eram voltas pelas árvores e montes de gramas, muitos dos quais tinham pilhas de pedras irregulares enterrados em suas encostas. Ao longe, em silhueta pela lua pálida, estava o pico fino de Lookout Mountain, que ela reconheceu da pesquisa que fez online.

Depois de uma milha ou mais, outro arco aberto apareceu sobre a estrada, mas este era mais resistente, feito de belo rio de pedras com toques de madeira. Esse mesmo D estilizado foi trabalhado na madeira. Caramba, talvez o cara tivesse medo que fosse esquecer o seu nome, a menos que alguém o lembrasse em cada parte.

Um muro de pedra angular de cada lado da entrada ia afinando até uma borda decorativa baixa antes de desaparecer por completo na grama profunda. Duas figuras apareceram sob o arco assim que os faróis se espalharam sobre sua superfície. Eles ficaram na estrada, bloqueando o acesso dela. Pelos tamanhos enormes, ela assumiu que eles eram do sexo masculino. Um deles era um pouco mais alto do que o outro – 1,85 m e seu amigo 1,75 m, mas ambos eram musculosos e se moveram com uma economia de movimentos que dizia que eles tinham algum tipo de treinamento. Obviamente, esta era a segurança de Donlon, apesar de que era demais para guardas de portão. E eles não estavam contando só com músculos. Os dois homens estavam carregando o que, de longe, parecia HK MP5 – uma submetralhadora – com as alças de combate sobre o peito. E ela se perguntou se eles estavam autorizados a transportar esse tipo de arma. Dakota do Sul tinha algumas leis de armamento

muito liberais, mas ela não sabia se elas incluíam o uso pessoal de metralhadoras.

Não que isso fosse problema seu. Ela nem mesmo estava aqui em missão oficial do FBI, e muito menos qualquer outra coisa. Ela estava aqui para entrevistar um vampiro. Ela riu enquanto pensava nas palavras e só esperava que seu entrevistado parecesse Brad Pitt.

Foco, Kathryn!

Ela desejou que alguém tivesse entrevistado Lucas Donlon, ou qualquer um dos senhores vampiros. Havia pedaços espalhados aqui e ali na internet, principalmente nos blogs dedicados ao gênero paranormal. Mas mesmo estes informam muito pouco sobre os próprios vampiros. Ela supôs que viver centenas de anos o fez um especialista em desviar de perguntas dos entrevistadores intrometidos, especialmente tendo em conta a história violenta do homem com as coisas que ele não entendia. Mas o total do que ela foi capaz de descobrir sobre vampiros – e ela tinha um monte de lugares para procurar, dado o acesso de seu emprego – era muito pouco.

Os vampiros eram quase uma nação dentro de uma nação. Eles policiavam seu próprio povo, e do que ela foi capaz de descobrir, não toleravam divergências.

E enquanto eles não causassem quaisquer problemas, como jogar nas ruas corpos ensanguentados como lixo, as autoridades humanas não pareciam se importar. Pelo menos ninguém reclamava. Os vampiros ainda tinham um novo embaixador em Washington, DC, Duncan Milford. Ele era mais um lobista do que um embaixador, que representava os interesses de vampiros nos corredores do Congresso. Foram as informações públicas sobre Duncan, mais do que qualquer outra, que lhe tinham ensinado a maioria que sabia.

Até no bar de vampiros local, aquele em que seu irmão foi visto pela última vez, a testemunha, que agora estava fora de contato no Afeganistão, afirmou ter visto seu irmão falando com um vampiro conhecido. Ele também pensou que eles tivessem saídos juntos, embora ele não tivesse testemunhado pessoalmente essa parte da noite. Ele os viu sair pela porta da frente, mas como ele estava dentro do clube, ele não pôde verificar o que aconteceu lá fora. No entanto, ele tinha certeza de que a pessoa com Daniel era um vampiro, porque

ele tinha ido ao clube antes e, aparentemente, era óbvio quem era ou não era. Infelizmente, ele não sabia o nome. O relatório do xerife Sutcliffe dizia que havia mais uma testemunha que alegou ter visto Daniel sair do bar com o vampiro, mas seu relatório era questionável. Ele admitiu estar bêbado no momento, tão bêbado que ele não tinha nenhuma lembrança de suas próprias ações daquela noite mais tarde.

Não era muito para se guiar, mas era tudo que Kathryn tinha. Então, chefão vampiro ou não, Donlon iria lhe dar algumas respostas.

* * *

Lucas entrou em seu escritório, ainda chateado porque foi forçado a correr de volta para aqui para a conveniência do FBI. Ele se deixou cair na cadeira atrás de sua mesa e assistiu com tristeza quando Nicholas chamou Magda para se informar sobre a situação.

— Fale comigo, linda. — Disse Nicholas, em seguida, ouviu quando Magda falou. Ele riu abruptamente. — Não está satisfeito, posso dizer-lhe isso. Ok, te vejo em instantes. — Ele desligou e olhou para Lucas com cautela.

— O FBI chegou, meu Senhor. — Ele disse. — Ela está vindo pra cá enquanto falamos.

— Merda. — Lucas olhou para longe, pensando. — Magda a viu?

— Não, mas ela ganhou relatório de Kofi no posto de controle. Ele diz que ela está vestida adequadamente.

— Eu juro que esse babaca só diz coisas como essa para me irritar.

Nick riu.

— Acredito que ele quis dizer que ela está com a roupa apertada, esticada na bunda, pelas regras... Devo seguir em frente, meu senhor?

— Não. Porra. Eu sei o que significa. Que tenho que me encontrar com ela.

Nicholas deu-lhe um olhar incrédulo.

— Eu pensei que foi por isso que corremos pra voltar aqui.

— Eu sei, eu sei. Tudo bem. — Lucas bateu um dedo no braço da cadeira. — Fale com Magda para encontrar com ela e trazê-la para dentro. Diga a ela para ser lenta, sentar e conversar um pouco. E diga a Maggie para parecer humana. Talvez a nossa visitante do FBI vá dizer algo se ela achar que está falando com um ouvido simpático.

Nick inclinou a cabeça brevemente.

— Meu senhor.

— E, Nick. — Nicholas parou na porta, olhando para trás. — Certifique-se de voltar. Eu quero você comigo.

— Ah! Pára com isso, Lucas.

— Que se dane! Eu não vou sofrer sozinho.

* * *

Kathryn freou até parar com a parte da frente de seu SUV logo abaixo do arco do portão de pedra. Era isso ou atropelar o grandalhão de pé no meio da estrada a encarando. E seu dedo parecia um bicho inquieto no gatilho para a sua paz de espírito. Ela pegou o movimento em seu espelho lateral. O segundo guarda tinha circulado seu veículo e estava chegando ao lado do motorista pela parte traseira. Provavelmente esperando surpreendê-la, talvez vê-la saltar quando ele batesse em sua janela inesperadamente. Não ia acontecer.

Ela apertou o botão e sua janela já deslizava para baixo antes que ele pudesse pedir. Ele lhe deu um olhar azedo, como se talvez ela tivesse estragado sua diversão.

Como se ela se importasse. Ela mostrou suas credenciais do FBI.

— Agente Especial Kathryn Hunter. — Disse ela. — Eu acredito que o Senhor Donlon esteja me esperando.

O guarda a estudou em silêncio por um momento, e ela o estudou de volta. Homem negro, cabeça raspada, olhos castanhos. E ela estava certa sobre a altura e o peso. Sobre os músculos também. Nem um grama de gordura. Ele ainda estava olhando.

Se ele pensou que iria enervá-la com sua imitação de esfinge, ele ia se decepcionar. Ela podia olhar para ele a noite toda. Ela se perguntava se ele era um vampiro. Ela nunca viu um antes. Eles eram notoriamente tímidos em relação a câmeras. Mesmo Duncan. Ele fazia a ronda dos que faziam acontecer na Capital, festejando com os melhores deles. Mas enquanto seu nome era frequentemente mencionado, ela nunca viu uma fotografia dele. E não era por causa da velha superstição sobre vampiros não aparecer em espelhos e, por extensão, nas câmeras também. Isso era uma estupidez. A física simples dizia que se um corpo tinha massa, ele interagia com o universo de forma previsível, incluindo espelhos. Não, ele estava simplesmente um passo à frente dos fotógrafos, isso é tudo.

Não, vampiros viviam e respiravam como todo mundo. Embora, talvez não exatamente como todo mundo, já que, certamente, viviam muito mais tempo.

A esfinge ainda estava olhando. Ela estava prestes a dizer algo quando o cara grande na frente do carro a alcançou e evitou.

— O chefe está esperando, Kofi. — Ele chamou.

Um flash de irritação cruzou o rosto de seu guarda antes que ele sorrisse... E exibiu duas longas presas de aspecto cruel. Kathryn quase rosnou em voz alta. Por favor. Será que ele pensava que iria fazê-la desistir? Que ela deveria gritar e fugir em seu pequeno SUV e nunca mais escurecer seu portão em arco de novo?

Kathryn mostrou os dentes de volta para ele em um sorriso perfeito, que foi o produto de quatro miseráveis anos de aparelhos ortodônticos quando era adolescente.

A esfinge finalmente grunhiu e deu um passo para trás, acenando para seu amigo para fazer o mesmo.

— Obrigada. — Disse Kathryn educadamente. Ela subiu sua janela, mais contra o pó da estrada do que o frio, e continuou em direção a casa. Um olhar pelo espelho retrovisor mostrou a esfinge em um telefone celular. Provavelmente, advertindo seu chefe que ela estava a caminho. Boa. Se eles estavam prontos para ela, ela não teria que perder tempo esperando.

A estrada entrou muito rapidamente um pátio de árvores que combinavam pinheiros e um monte de outros. Kathryn não conhecia árvores. Qualquer coisa que se assemelhava a uma árvore de Natal era pinheiro, e todo o resto era apenas árvore. Bom o suficiente.

Estava ainda mais escuro depois que ela passou sob os galhos grossos. Ela estava tentada a ligar seus faróis, mas percebeu que ela os desligaria em breve. E ela não queria mostrar qualquer tipo de fraqueza ou medo, especialmente não de algo tão simples como um pouco de sombra pesada.

As árvores foram escasseando e a estrada se endireitou. A cerca de trilho branco apareceu à sua direita e ela reconheceu o cercado para cavalos. Estava escuro no final, mas havia uma estrutura bem iluminada a uma distância próxima com mais cercados de cercas brancas. E, no mais próximo ao celeiro, ela podia ver... cavalos. Ela piscou, sem acreditar em seus olhos.

— Oh, por favor. — Ela murmurou. — Um vampiro cowboy? Como se eu acreditasse nisso.

Enquanto ela se aproximava, era óbvio que os cavalos eram bem cuidados e de boa linhagem. Estes não eram animais de estimação, mas animais caros. Alguém os treinava? Talvez os reproduzissem? A criação de cavalos era rentável? Ela achava que não era, mas ela teria que se informar. Ela não tinha encontrado nada em sua pesquisa que indicasse que Lucas Donlon era criador de cavalos, mas isso não quer dizer nada. Até onde ela sabia, ela era a primeira agente federal de qualquer tipo que foi tão longe. Ela diminuiu um pouco quando se aproximou do cercado. A estrutura bem iluminada era um celeiro de cavalos, com um longo corredor no meio e estábulos de cada lado. Tudo parecia muito arrumado... e muito caro.

Kathryn sentiu o peso de alguém olhando para ela. Ela virou a cabeça bruscamente em direção à extremidade do cercado e viu que não era um par de olhos olhando para ela, mas vários. Até os cavalos pareciam estar estudando-a. Ela sabia que não era nada mais do que um pensamento fantasioso, mas não havia dúvida a suspeita a respeito dos homens. Ela franziu o cenho. Talvez todos os vampiros fossem como o guarda do portão. Será que os vampiros andam a cavalo? Não tinha uma superstição sobre os animais serem mais sensíveis aos vampiros do que os seres humanos eram? Ela achava que tinha

falta de base científica para ela dar qualquer crédito a esse tipo de superstição. Sem mencionar que provavelmente era politicamente incorreto. Vampiros lutaram e ganharam diversos processos de direitos civis, que levaram em conta suas naturezas únicas.

Não querendo chamar mais a atenção para si mesma, ela acelerou mais uma vez, seguindo a estrada enquanto circulava ao redor do celeiro, desacelerando à medida que mergulhou ao lado de um pequeno riacho no que parecia ser uma centena de metros. Em seguida, circulou em torno de uma colina gramada para finalmente revelar...

Oh. Isso era lindo. E não era nada do que ela esperava de uma residência de um vampiro. Ela não era tão boba para imaginar que ele vivia em um castelo que range com morcegos que giram em torno das torres, mas ela não tinha previsto isso, tampouco. Esta era uma bela casa, construída na encosta e brilhante como ouro quente no banho das luzes da paisagem. Era um estilo artesanal, com um telhado pontiagudo e claraboias. Algo em torno de 8000 metros quadrados seria o seu palpite. Mas havia, provavelmente, um nível subterrâneo que não podia ver. E quem saberia o quão grande era? Isso era uma coisa que os mitos estavam certos sobre vampiros. Eles não gostam da luz solar, o que faz das clarabóias uma característica incomum. Mas se a casa tinha janelas, por que não clarabóias?

Ela subiu a pequena colina até os degraus da frente, onde uma mulher parecia esperar por ela. Ela usava um terninho preto sério e uma blusa social branca ofuscante com um laço vermelho curto. Se não fossem pelos saltos altíssimos, Kathryn teria pensado que ela estava tentando parecer com um homem. Mas aqueles saltos afastaram a ideia. Ela era ou uma dominatrix ou uma advogada. Kathryn estava apostando no último.

A mulher foi até a caminhonete enquanto Kathryn estava saindo. Ela puxou sua pasta do banco do passageiro e bateu a porta.

— Agente Hunter. — Disse a mulher, estendendo a mão. — Sou Magda Turkova, advogada do Senhor Donlon.

Na mosca! Kathryn pensou consigo mesma e apertou a mão da outra mulher.

— Agente Especial Kathryn Hunter. — Disse ela desnecessariamente.

— O senhor Donlon está esperando. — Disse Magda, sua atitude era toda negócios, mas havia uma pontinha de hostilidade por baixo de tudo.

Kathryn seguiu a advogada escada acima e entrou em um hall com piso de ardósia que reviveu completamente a promessa do exterior de ouro. A casa era um andar único, mas os tetos eram altos, as paredes eram de texturas pintadas com uma mistura de tons quentes. A decoração era decididamente ocidental, mas elegante e cheirando a riqueza. Aparentemente, era para ser de um vampiro, especialmente um com um título.

Magda continuou pela entrada, levando Kathryn para perto de uma lareira dupla face linda e em uma sala de estar que claramente foi decorada com uma sensibilidade masculina. Sofás e cadeiras grandes se reuniam em torno de um enorme pedaço de vidro que estava em cima de um pedaço de rocha que servia como uma mesa de café. A sala era bem decorada, mas não havia toques elegantes de grifes, sem vasos cuidadosamente colocados ou obras de arte. Em vez disso, tinha uma pilha de revistas, em sua maioria composta de esportes e negócios, e um monitor de tela gigante enfeitando a parede principal. A estante ao lado do monitor ostentava uma coleção de vídeos e jogos e, pelo menos, quatro consoles de jogos separados. Junto a isso, uma parede de janelas dava para frente da casa e para baixo em toda a propriedade, com suas copas de árvores escuras. Kathryn notou a ligeira distorção que lhe disse que o vidro da janela era à prova de balas. Aparentemente, nem tudo era felicidade na terra dos vampiros.

A advogada indicou a área de estar.

— Senhor Donlon virá em um minuto. — Ela caminhou até um bar.

Claro, havia um bar. O que mais poderia ter em uma caverna como esta? Kathryn pensou cinicamente.

— Gostaria de uma bebida? — Perguntou Turkova. — Ou não, você provavelmente não pode beber em serviço, não é? Temos água ou refrigerantes.

— Água, por favor. Obrigada. — Disse Kathryn. Normalmente, ela não aceitaria nada para comer ou beber de uma pessoa que ela estava prestes a questionar em relação a um crime. Mas antes de tudo, ela não tinha certeza de que um crime foi cometido. Em segundo lugar, ela não tinha nenhuma evidência de que Lucas Donlon estava diretamente envolvido no desaparecimento de seu

irmão e, pra falar a verdade, duvidava que ele estivesse. E, finalmente, ela estava com sede.

Magda pegou uma garrafa de água do balcão refrigerador e pegou um copo do porta copos.

— Gostaria de gelo?

— Não, obrigada. E eu não preciso de gelo. Apenas a garrafa está bom.

Magda deu um breve sorriso.

— Minha preferência, tambem. Eu raramente consigo beber uma dessas coisas — Ela ergueu a garrafa. — De uma só vez. Eu gosto de levá-la comigo, em vez de jogá-la fora.

Kathryn tomou a água oferecida. Era gelada, a garrafa estava levemente molhada com a condensação.

— Então, Sra. Turkova... — Ela começou, mas a mulher interrompeu.

— Magda, por favor. Não vamos fazer cerimônia.

— Mas você tem guardas.

Turkova sacudiu os ombros de forma desdenhosa.

— A precaução necessária para a segurança de meu senhor.

Kathryn inclinou a cabeça para um lado em curiosidade.

— Você se refere a ele como senhor. Isso é um título hereditário de alguma forma?

Magda riu levemente, parecendo genuinamente divertida.

— Não, não mesmo. A sociedade vampira tem uma estrutura feudal, Agente Hunter. E o Senhor Donlon governa um território substancial.

— Feudal... — Kathryn repetiu, pensando que, pelo menos, ela estava ganhando um conhecimento substancial sobre os vampiros com esta visita. — Seus súditos...

— Não súditos. Seu povo. Nós fizemos algumas concessões para a idade moderna.

— Claro. Seu povo. Mas se o sistema é feudal, eles pagam dízimo para ele?

— Naturalmente. Ele os protege, os defende de ambos, os seres humanos e outros vampiros. Ele também dirige um império empresarial considerável, que eu tenho certeza que você sabe. Muitas de suas pessoas trabalham para ele

diretamente, outros que ele terceiriza. O senhor Donlon é um homem de negócios, um empresário muito bem sucedido.

— Eu vejo.

— E você, Agente Hunter, o que te traz para a Dakota do Sul? Eu sei que de fato você está fora de sua jurisdição, que é em Minneapolis.

Kathryn riu, tremendo intencionalmente.

— Minnesota é um pouco frio demais para os meus ossos. Não, eu trabalho fora de Quantico[2].

— Entendo. E o que Quantico quer com Senhor Donlon? — O tom de Magda era tão casual quanto suas palavras, mas seu olhar era muito atento. A advogada emergindo, enfim.

— Eu não fiz segredo do motivo da minha visita, Sra. Turkova. Estou investigando o desaparecimento de alguém. Um fotógrafo da Califórnia que estava aqui para fotografar as Badlands[3]. Ele é um artista de alguma reputação e tem amigos nos altos escalões. Daí, o interesse do FBI no que normalmente seria uma questão para as autoridades estaduais ou locais.

— Entendo. E qual é o nome deste fotógrafo?

Kathryn sorriu, sabendo que Turkova já deveria saber o nome de Daniel.

— Eu estou aqui para entrevistar o seu cliente. — Disse ela suavemente, mas com firmeza. — Não você. E não para ser entrevistada por você, também. Lucas Donlon está disponível?

Magda mostrou os dentes em um sorriso hostil. Ela não era tão descarada sobre isso como o guarda esfinge foi, mas Kathryn pegou claramente a visão de duas presas brancas delicadas.

— Não custa nada tentar. — Disse ela.

— Entendi. — Kathryn concordou.

Magda puxou um celular do bolso e digitou um número.

---

2 Quantico é uma cidade localizada no estado norte-americano de Virginia, no Condado de Prince William. Ela é conhecida por sediar a principal base e centro de treinamento do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (US Marine Corps) no país e é totalmente cercada pelo rio Potomac. Além da sede dos marines, Quantico também abriga as academias de treinamento do FBI e do DEA.

3 * Um tipo de paisagem ruiniforme (referente a ruínas) de características áridas e de litologia rica em lutitos (rochas formadas a partir de argilas), extensamente erodida pelo vento e água. Desfiladeiros, ravinas barrancos, canais, chaminés de fadas (colunas de rocha com formas nos seus picos) e outras formas geológicas do estilo são comuns nas Badlands.

— Agente Hunter está aqui. — Ela disse a alguém, então desligou e colocou o telefone de volta no bolso. — O senhor Donlon vai vê-la agora.

* * *

Kathryn seguiu Magda Turkova pra fora da confortável sala de estar por um longo corredor de piso de azulejo. Os sapatos de salto alto de Turkova batiam com força na superfície dura. Tudo que Kathryn conseguia pensar era como estes pisos deviam ser frios no inverno. Isso era Dakota do Sul, afinal de contas. Ela nunca viveu em qualquer estado realmente frio, mas ela via os boletins meteorológicos como todo mundo, e Dakota do Sul era geralmente enterrado em neve durante meses no inverno.

A conta de luz para aquecer esta casa devia ser astronômica. Mas ela imaginava que se você poderia pagar um lugar como este, com uma fazenda tão grande, então você não se preocuparia muito com contas de aquecimento.

O celular de Turkova tocou. Ela olhou para a identificação e fez uma careta, mas ela respondeu antes que ele tocasse uma segunda vez.

— Magda. — Ela escutou e disse: — Sim.

E foi isso. Kathryn achava que era Donlon ligando, talvez perguntando se eles estavam a caminho ou algo assim. Talvez ele estivesse ansioso para acabar logo com a entrevista e retornar aos seus negócios vampiros, seja lá o que fossem. Na verdade, sua busca sobre Donlon listou participações financeiras consideráveis, mas tudo estava sob sua identidade corporativa de Donlon Inc. Era uma empresa privada, o que significava que ele não era obrigado a dar detalhes de suas participações ou rendimentos publicamente a menos que ele quisesse. E ele claramente não queria. Normalmente, até mesmo empresas privadas publicavam algumas coisas – caridade era bom para imagem pública ou informações que eles intencionalmente deixavam escapar para influenciar uma transação comercial específica. E, às vezes, doações políticas eram reveladas, quando serviam aos interesses corporativos. Mas Donlon não parecia se preocupar com nada disso. Ela não foi capaz de encontrar um único artigo sobre ele ou a sua empresa nos principais jornais, nem no jornal local.

Kathryn e Turkova foram encontradas no meio do corredor pelo que ela achava ser mais um guarda de portão. Masculino, presumivelmente um vampiro, quase 1,90m, cabelo castanho claro, grandes ombros e braços. Por isso, provavelmente, tinha uns 100kg. Ele era bonito, do tipo capitão de futebol americano e deu a ela um sorriso abertamente amigável antes de pará-las na frente de um par de grandes portas de madeira com uma faixa de ferro.

— Eu assumo a partir daqui, Magda. — Disse ele, como se ele fosse o responsável. — Agente Hunter. — Disse ele, voltando sua atenção Kathryn. — Meu nome é Nicholas. Senhor Donlon está esperando, se você estiver pronta.

Kathryn fez uma careta interiormente com o uso do título honorífico de Donlon, mas por fora ela apenas balançou a cabeça rapidamente e disse:

— Sim, muito obrigada. — Invariavelmente educada e profissional, que é o que o FBI espera de seus agentes.

Nicholas abriu a porta. Kathryn começou a dar um passo adiante, mas parou em surpresa quando ele caminhou na frente dela. Ele a tirou do caminho o suficiente para que ela parasse na entrada, até que Magda fez um barulho impaciente atrás dela.

Kathryn continuou na sala, seu olhar varrendo o espaço, catalogando tudo o que ela viu. Não era bem o que ela esperava, mas, até agora, nada sobre este covil do vampiro tinha sido. A sala era grande e arejada, muito masculina, mas de bom gosto. Tinha um grupo de móveis de couro escuro de um lado, na frente de uma linha ainda mais escura de estantes de madeira que cobriam toda a extensão de uma das paredes. Havia uma lareira na parede oposta, com um manto de madeira entalhada e acima tinha uma linda pintura a óleo retratando o nascer da lua sobre o que ela achava que eram as Badlands próximas, embora pudesse facilmente ser Monument Valley no Arizona ou outra paisagem desértica semelhante. Ela não estava tão familiarizada com qualquer uma delas. Mas o artista pegou o visual surreal dessas paisagens, e a lua crescente deu um ar tão alienígena que se alguém tivesse lhe dito que era outro planeta, ela teria acreditado.

No lado da lareira mais próximo da porta do corredor, a parede estava sem adornos, exceto por uma série de impressões fotográficas em preto e branco.

Os olhos de Kathryn analisaram as fotografias, tanto quanto podia sem ser óbvia sobre isso. E não houve dúvida. Ela não tinha nenhum talento de Daniel, mas ela tinha um olho fantástico para detalhes e ela conhecia sua obra. Essas eram de uma série de fotografias que ele fez sobre a Irlanda há alguns anos.

Seu olhar se desviou para o vampiro que ela veio ver: Lucas Donlon. Mas o de ombros largos, Nicholas, ainda estava no caminho. Impaciente agora, ela começou a andar ao redor dele no mesmo momento que ele se dirigiu a Donlon, dizendo:

— Meu senhor. — E deu um passo para o lado, como um mágico revelando o seu truque.

* * *

Lucas estava esparramado atrás de sua mesa, conscientemente projetando uma imagem de facilidade negligente, o que estava completamente em desacordo com o que ele estava sentindo. O momento para esta investigação do FBI estava todo errado, embora ele estivesse contente de acabar com isso logo. Com a sua incursão na noite passada no território de Klemens, a guerra havia sido declarada. Até agora, o senhor vampiro do centro-oeste se limitara a uma ocasional, senão irritante, incursão ao longo da fronteira na tentativa de apreender os bens que ele sabia que pertenciam a Lucas. Seu sucesso foi limitado, mas com a tentativa de assassinato de Raphael, e agora com a resposta de Lucas, as garras estariam de fora. E Klemens era um lutador sujo.

As guerras de vampiros, em geral, eram travadas de forma diferente das guerras humanas. Por um lado, não tinham grandes batalhas. Não havia vampiros suficientes de ambos os lados para isso e, a maioria eram civis, que todos concordavam deviam ser deixados de fora do derramamento de sangue, desde que não se metessem no confronto. Ou ficar com os traidores como Heintz.

Em vez disso, a guerra era composta de uma série de conflitos de curta duração e sangrentos. Cada senhor vampiro tinha seus guerreiros, alguns mais

que outros, mas ninguém tinha mais do que algumas centenas. Como as guerras eram travadas com um número limitado de combatentes, havia pausas nos combates. Como agora. Com o sucesso da investida de Lucas na noite passada, e especialmente desde que Klemens sofreu a perda de bens e vampiros, teria pelo menos alguns dias antes que Klemens pudesse escolher um alvo e reunir suas forças para um contra-ataque. Isso não significava que Lucas pudesse relaxar. Seu povo estava em alerta, todos acima e abaixo da fronteira oriental. Seus guerreiros foram mobilizados de tal forma que, pelo menos, alguns deles poderiam chegar a qualquer ponto de ataque rapidamente. O objetivo era manter a linha até que os reforços chegassem.

Então, se Lucas tinha que lidar com o FBI, este era um momento tão bom quanto ele teria em um futuro previsível. Mas isso tudo era uma perda de tempo. Ele não sabia nada sobre uma pessoa desaparecida e nem qualquer um de seus vampiros. Ele perguntou-lhes especificamente sobre este assunto, de modo que nenhum deles poderia se esquivar ou mentir para ele. Um vampiro não podia mentir para seu pai ou seu mestre jurado. E Lucas não permitia que ninguém residisse dentro de seu território, a menos que eles foram pelo menos jurado a ele. A maioria dos vampiros que viviam no rancho eram seus próprios filhos, e isso incluía todos os que trabalharam perto dele na casa principal.

Mas isso era Dakota do Sul. Não havia muitos vampiros no Estado. Não havia nem mesmo muitos seres humanos. Menos de um milhão de pessoas viviam em Dakota do Sul, que era uma das mais baixas densidades demográficas do país. A maioria dos vampiros de Dakota do Sul vivia ou trabalhava aqui no rancho de Lucas. Houve um pequeno aglomerado em Sioux Falls, mas eles não eram suspeitos no caso da pessoa desaparecida do FBI, porque esta agente Hunter parecia certa que seu homem desapareceu enquanto rondava em torno das Badlands, que, por sinal, era a uns bons 130km do rancho de Lucas.

Lucas fez sua principal sede aqui porque ele amava a área. Quando a maioria das pessoas pensava em Dakota do Sul, elas pensavam nos penhascos do Monte Rushmore com seus presidentes famosos e elas achavam que todo o estado era assim. Mas seu rancho era bonito e verde, pelo menos, durante a maior parte do ano. Sua propriedade tinha mais de 60 hectares de pastos e

árvores maduras, com dois riachos que a atravessavam. Não era tão verde quanto à Irlanda – sua terra natal – é claro. Mas nos séculos que ele esteve vivo, ele nunca encontrou qualquer lugar que fosse. Ele amava seu rancho, no entanto. Ele amava a criação de cavalos, amava montá-los através de sua terra, sabendo que era a sua terra. Ele tinha outras casas em todo o seu território, algumas em cidades muito maiores. Mas ele sempre voltava aqui. Aqui era seu lar.

E agora o FBI estava invadindo sua casa. Ele não confiava na polícia. Ele nunca confiou. Ele cresceu nas ruas de Dublin, quando elas eram realmente perigosas, e a Garda[4] nunca foi sua amiga. Isso foi outra coisa sobre Dakota do Sul. Eles deixaram o homem em paz. Contanto que ele não fizesse nada para chamar a atenção pra ele, as autoridades não o incomodavam. Ele desejava poder simplesmente dizer a esta mulher do FBI para ir embora, mas ele não podia fazer isso. Independentemente de suas preferências pessoais, ele era responsável por milhares de vampiros em todo o seu território, que compreendia vários estados. Qualquer coisa que ele fizesse poderia recair sobre eles de maneiras desagradáveis. Então, ele receberia a Agente Hunter e diria a ela o que já dissera ao telefone. Ele não sabia onde seu irmão estava. Falando nisso, ele achou muito suspeito que a Agente Hunter nunca se preocupou em mencionar que o homem que procurava era seu irmão. Será que ela realmente achava que ele não tinha os meios para descobrir detalhes como esse? Ela certamente fez uma pesquisa sobre ele. Será que ela achava que ele não faria o mesmo com ela?

Com certeza, seus contatos dentro do FBI não eram tão bons quanto antigamente. Durante anos, o melhor e mais secreto ativo da comunidade vampira dentro do Bureau foi Phoebe Micheletti, ex-técnica do FBI e consultora forense mais tarde. A lealdade de Phoebe era inquestionável porque ela era uma vampira. Mas os acontecimentos recentes em Washington DC mostraram que talvez alguém devesse ter questionado-a mais de perto. A situação terminou com Phoebe e seu companheiro de longa data mortos e a perda de um contato dentro do FBI.

---

4 Garda é a polícia nacional da Irlanda.

Mas ainda havia alguns vampiros empregados pelo Bureau, especialmente nas áreas técnicas, onde eles poderiam trabalhar à noite. Eles podiam não ter os contatos que Phoebe tinha, mas eles ainda eram bons o suficiente para saber que Kathryn Hunter não estava aqui sob os auspícios oficiais do FBI. Quanto ao descobrir que o homem que desapareceu era o irmão dela, levou ao seu cara da computação ao todo sete minutos para encontrar na Internet. Trinta minutos mais, e Lucas sabia todos os tipos de coisas sobre Hunter.

Ele pegou o celular e ligou para Magda.

— Magda. — Ela respondeu imediatamente. Normalmente, ela usava seu título para responder quando ele ligava, mas já que ela estava escoltando a agente do FBI para a porta de seu escritório, ela sabiamente não queria entregar que era ele que estava ligando.

— Ligue novamente para o nosso povo do FBI. — Ele disse a ela. — Veja se eles têm algo mais de Kathryn Hunter. Coisas pessoais. Mas certifique-se que eles sejam discretos, Maggie. Eu não quero dar nenhum passo até que eu saiba mais.

— Sim. — Ela disse uma única palavra seca.

Lucas desligou sorrindo. Magda absolutamente odiava quando ele a chamava de Maggie. E era por isso que ele chamou, é claro. Ele ouviu passos alguns segundos depois, os saltos de Maggie e um passo quase silencioso que ele assumiu pertencer a Agente Hunter. Nick estava esperando no corredor por eles e ele falou assim que as duas mulheres estavam perto o suficiente.

— Agente Hunter? — Disse Nicholas.

— Sim. — A voz da mulher era mais profunda do que o esperado, sexy. Sua voz através do telefone foi muito mais eficiente. Era muita diferença a ser explicada pelas idiossincrasias de uma transmissão telefônica somente. Ela provavelmente trabalhou para parecer profissional, mas até onde ele entendia, ela só soou robótica. Talvez ele devesse dizer a ela. Talvez ele dissesse.

Lá fora no corredor, Nicholas podia ser ouvido se apresentando, em seguida, a porta se abriu. Seu tenente entrou primeiro, o que era provavelmente incomum em um ambiente corporativo humano. Em sua experiência, o hóspede normalmente era autorizado a entrar em primeiro lugar, seguido por seu

acompanhante. Mas no mundo de Lucas, especialmente enquanto eles estavam em guerra com seu vizinho, Nicholas nunca permitiria que um estranho se aproximasse de Lucas diretamente. E depois havia o fato de que Kathryn Hunter era do FBI. Nicholas tinha sido infectado pela desconfiança das autoridades policiais de Lucas. Assim ele entrou primeiro com a agente do FBI imprensada entre ele e Magda, que estava na porta.

Lucas não se opôs. Por que deveria? A agente Hunter não era uma convidada. Ela era uma intrusa, uma interrogadora. E ela certamente não merecia nenhum respeito por sua posição da parte dele. Ele era muito mais poderoso do que ela.

— Meu senhor. — Disse Nicholas formalmente e deu um passo para o lado dando a Lucas sua primeira visão real de Kathryn Hunter.

Bem, bem, ele pensou consigo mesmo. Agente Hunter definitivamente não era o que ele imaginava. Ele esperava alguém que tinha aquela voz robótica no telefone e não fosse algum tipo de Brunhilde[5] com quadris e ombros largos combinando. Em vez disso, o que ele viu foi a versão com voz sexy. Kathryn Hunter era encantadora. Ou, ela seria se ela permitisse. Ela era alta, perto de 1,80 m de altura, apesar das botas baixas. Coloque-a com um par de batom vermelho com saltos *foda-me* e ela definitivamente passaria de 1,80m. Lucas gostava de mulheres altas. Ele gostava de transar com mulheres altas. Bem, ok, ele gostava de transar com mulheres de praticamente qualquer altura. Mas suas mulheres favoritas eram altas, porque ele passava de 1,80m e ele gostava de beijar as mulheres que ele levava para a cama. Ele gostava especialmente de beijá-las enquanto ele estava dentro delas. E isso era sempre mais fácil quando as partes combinavam bem.

E por falar em beijo, sua agente pessoal do FBI tinha uma boca que combinava com a voz. Lábios macios e carnudos feitos para envolver o pênis de um homem, e ela estava usando apenas um pouco de gloss rosa que ela provavelmente considerava prático. Mas isso deu a sua boca uma aparência de uma garotinha perdida, vulnerável. Não que ela fosse uma garotinha. Oh, não. A senhorita FBI estava muito crescida. Ela estava, no entanto, muito formal e apropriada, assim como Kofi disse, com seu longo cabelo loiro puxado em um

---

5 Brunhilde é aquela bruxa feia e gorda de pele verde, sempre retratada em desenhos.

rabo de cavalo alto e apertado, com todo o cabelo no lugar. Sua figura era magra em sua maior parte, embora ele suspeitasse que seus seios fossem muito mais cheios do que pareciam. Ela provavelmente usava algum tipo de sutiã esportivo para achatar seus bens naturais. Ele achou que fazia sentido, dada a sua profissão, mas isso só o deixou mais curioso para ver as coisas reais.

O resto de seu corpo estava camuflado por um terno chato de calça azul escuro e uma blusa branca de botões que estavam definitivamente abotoados... todo o caminho até o pescoço. Seus dedos coçaram para torcer e abrir o botão de cima e revelar o seu delicado pescoço. Na verdade, eles se contorciam para fazer muito mais do que isso, mas ele se contentaria com o botão superior. Nenhuma mulher devia abotoar tudo desse jeito.

Esbeltos quadris, pernas longas... sua leitura viajou de volta para seu rosto e um par de olhos azuis escuros estavam sobre ele com algo menos do que um olhar amigável.

Ele sorriu sem pedir desculpas.

— Agente Hunter. — Disse ele, sem se levantar.

A mandíbula dela se apertou, mas ela foi adiante e estendeu o braço sobre a mesa para oferecer-lhe a mão.

— Agente Especial Kathryn Hunter. — Disse ela, tentando ser ríspida, mas aquela voz de sedução não foi feita para isso.

Lucas levantou-se lentamente e tomou-lhe a mão. Ele a colocou em desvantagem, porque ela se esticava por cima da mesa para chegar a ele. Ela agora ficou inclinada para frente, enquanto ele estava em pé ereto, mantendo-a no lugar em virtude de suas mãos unidas. Lucas não fez nenhuma tentativa para aliviar a posição desconfortável. Ele manteve o olhar firme enquanto ele passava os dedos em torno dos dela, pegando o pequeno toque de preocupação em seus olhos enquanto ela rapidamente se reequilibrava.

— Lucas Donlon. — Ele disse suavemente, ainda segurando a mão dela. — E você conheceu meu tenente, Nicholas. Como posso ajudá-la, Agente Especial?

Hunter imediatamente tentou tirar a mão, mas Lucas não estava pronto para deixá-la ir, e ela claramente não estava disposta a forçar um problema puxando a mão dela para longe dele. Ela estava consciente dele, no entanto. Um

leve rubor acendeu suas bochechas e era mais do que apenas vergonha ou até mesmo raiva. Suas pupilas estavam dilatadas e seu batimento cardíaco acelerado um pouquinho.

Ele soltou a mão dela com uma piscadela. Ela deu um passo para trás da mesa na mesma hora, colocando distância entre eles. Ela não limpou a mão na perna da calça, mas ele poderia dizer que ela queria. Kathryn Hunter foi claramente acostumada a negar seus impulsos mais femininos. Ela provavelmente tinha que fazer isso, trabalhando onde ela trabalhava. Mas Lucas era um senhor vampiro. Quando ele tocava uma mulher, ela sabia que tinha sido tocada e neste caso desejada.

E Kathryn Hunter não gostava de ser lembrada disso.

* * *

Kathryn se pegou o encarando. Se tudo que ela viu até agora na sede do vampiro a surpreendeu, o próprio Lucas Donlon foi o choque final. E essa era a palavra certa, também. Porque ele era um dos homens mais bonitos que ela já viu. Ele tinha cabelos pretos e lisos que eram tão grandes que pareciam precisar aparar. Ele tocou sua nuca e ameaçou deixar a cabeça cair pra frente. Ele nem se incomodou em levantar, o babaca, mas recostou na cadeira como uma espécie de bad boy se mostrando. Ainda assim, ela podia ver que ele era alto e bem construído. Não era tão musculoso como seu guarda-costas, ou o que quer que Nicholas fosse, mas seus ombros eram largos e parecia bem musculoso sob a jaqueta de couro que ele usava sobre uma camiseta preta. Ela encontrou seus olhos por alguns instantes. Eles eram castanhos, ela achava, mas o castanho tinha tanto ouro nele, que quase desafiavam a classificação. E eles a varreram da cabeça aos pés, demorando-se em todos os lugares inadequados. Ela esperou até que sua análise finalmente conseguisse voltar para seu rosto. Em seguida, deu-lhe seu olhar mais gelado.

Ele sorriu em resposta, e uma parte feminina profundamente enterrada estremeceu com a visão. Kathryn se preparou contra ele.

— Agente Hunter. — Disse ele preguiçosamente, ainda sem se preocupar em ficar de pé.

Kathryn suprimiu o desejo de apertar sua mandíbula por causa da irritação. Ela se inclinou sobre a mesa e ofereceu-lhe a mão.

— Agente Especial Kathryn Hunter. — Disse ela, encontrando seu olhar arrogante.

Ele permaneceu sentado, mas com sua grande mão fechada sobre a dela, os dedos duros e um pouco ásperos, como se ele fizesse mais do que sentar atrás desta mesa a noite toda. Ele se levantou em seguida, desenrolando um corpo alto e musculoso com uma graça que só enfatizava sua aparência e força. Kathryn quase gemeu. A camisa preta estava pra dentro do jeans desbotado que exibia sua barriga lisa e se agarrava a seus quadris estreitos como uma carícia de um amante.

Sua posição a desequilibrou e ela agarrou sua mão com força antes de olhar para cima e encontrar seus olhos por um momento embaraçoso. Ela se firmou com rapidez suficiente e tentou dar apenas um aperto de mão formal, mas ele não a soltou. Seu coração bateu contra suas costelas e ela amaldiçoou a reação instintiva de seu corpo perante sua irresistível masculinidade.

Isso não deveria estar acontecendo. Kathryn trabalhava em um mundo de homens, onde as mulheres mal eram toleradas por muitos ainda. SAC Fielding era apenas um exemplo dos equívocos e ressentimentos que enfrentava o tempo todo. Ela há muito tempo vinha enfrentando o fato de que para ter sucesso ela teria que deixar de lado sua feminilidade e ser simplesmente mais um agente, já que ela nunca seria um dos caras. Ela não usava qualquer maquiagem, a não ser um toque de gloss quase transparente para evitar que os lábios ressecassem completamente. E enquanto ela não tinha coragem de cortar seus longos cabelos, ela sempre os usava longe de seu rosto, em uma trança francesa ou um rabo de cavalo tão apertado que ela não achava que pudesse precisar de uma plástica.

Mas, de alguma forma, Lucas Donlon tinha passado por todas essas precauções com nada mais do que um olhar e um aperto de mão. Ele conseguiu despertar sentimentos e desejos enterrados tão profundamente que ela quase esqueceu que uma vez os teve. E ela queria que eles ficassem enterrados. Este

era seu trabalho, sua carreira. Isso foi o que ela fez com sua vida e ela não ia deixar qualquer vampiro bonito ou qualquer outra pessoa quebrar a reserva que cuidadosamente ganhou.

— Lucas Donlon. — Ele disse suavemente, ainda segurando a mão dela. — E você conheceu meu tenente, Nicholas. Como posso ajudá-la, Agente Especial?

Kathryn pensou em todos os tipos de coisas que gostaria de dizer a ele, a maioria envolvia objetos pontudos e afiados perfurando seu coração. Mas ela freou seu temperamento e se obrigou a afastar alguns passos de distância da mesa, dizendo para seu coração parar de agir como um idiota.

— Como eu expliquei ao telefone, senhor Donlon...

— Lucas. — Disse ele facilmente. — E sente-se... Kathryn. — Ele se largou para trás em sua cadeira como um gato grande e gracioso, e a analisou sobre os dedos longos.

Kathryn sentou, usando o movimento para esconder sua irritação com o uso familiar de seu primeiro nome. Ela considerou corrigi-lo, lembrando-o de seu título e que ela representava o FBI. Só que ela não o fez, neste caso, não realmente. Esse pensamento a trouxe de volta para o assunto em questão. Ela tinha 10 dias para encontrar seu irmão, dez dias antes que seus chefes a esperassem de volta ao trabalho. Ela não tinha tempo a perder trocando palavras com Lucas Donlon. Além disso, ela tinha a sensação de que só iria encorajá-lo se ela insistisse em seu próprio título.

— Como eu expliquei ao telefone, Senhor... — Donlon levantou uma sobrancelha e ela trocou as palavras no meio da sílaba. — Lucas. Estou à procura de um fotógrafo que desapareceu depois de completar uma sessão em Badlands National Park.

— Existem várias cidades mais próximas ao parque do que nós.

— Eu estou ciente disso. Mas ele estava hospedado aqui bem perto e esta área é o lugar onde ele foi visto pela última vez.

— E como isso se relaciona comigo... Kathryn?

Kathryn piscou. Ele estava flertando ativamente com ela, apesar de flertar ser uma palavra muito fraca para qualquer coisa que Lucas Donlon fez. E que droga! Seu corpo queria responder à sedução daquela voz profunda, à

maneira suave que ele ficava repetindo o nome dela. Kathryn mordeu a língua, deixando que a dor aguda redirecionasse seus sentidos. Ela não tinha tempo para seus jogos. Ela precisava encontrar Daniel.

— Daniel Hunter é o homem que está desaparecido. Uma testemunha o viu em uma boate local.

— Nós temos algumas delas na área circundante, também.

— Sim, mas este clube em particular, de acordo com as minhas fontes, é de propriedade e gerida por vampiros.

Donlon levantou os olhos, olhando por cima do ombro para seu tenente, Nicholas. A troca foi silenciosa, mas disse-lhe que não esperava essa determinada evidência.

— Uma casa de sangue. — Disse ele, voltando o olhar para ela.

Kathryn piscou para ele.

— Eu não entendi!

Ele sorriu brevemente e repetiu:

— Uma casa de sangue. O clube que você está se referindo é chamado de casa de sangue. Isso não é o seu nome, mas isso é o que é. É aonde os seres humanos vão para... misturar-se com os vampiros.

— Misturar. — Disse Kathryn suavemente. — Você quer dizer...

— Muitas pessoas são fascinadas pela cultura... vampira, digamos assim. Eles vão para casas de sangue para flertar com o que eles veem como o lado mais sombrio da humanidade. E eles dão sangue, é claro.

Kathryn fez uma careta.

— Dão sangue. Quer dizer, de suas próprias veias?

Donlon riu.

— Não fique tão chocada, Kathryn. É uma experiência muito agradável para todos os envolvidos.

— Você está me dizendo que as pessoas vão a esses lugares e deixam os vampiros mordê-los?

— Sim, exato.

— Mas isso é... — Ela estava prestes a dizer revoltante, mas pensou melhor dada a companhia atual.

Donlon sorriu como se soubesse de qualquer maneira.

— Não vá contra isso até que experimente. E você vai. — Acrescentou com um olhar lento e ardente.

Kathryn sentiu seus lábios apertar de irritação e forçou o rosto para retomar uma expressão branda. Ele tinha um jeito de tirá-la completamente de sua zona de conforto.

— De qualquer forma — ela disse rapidamente, — enquanto eu não consigo imaginar Daniel desfrutando de algo assim, ele sempre foi um aventureiro, por isso é possível que ele...

— Daniel? — Disse Donlon, pegando o deslize dela. — Então, o último nome não é mera coincidência. Um marido? Irmão? É improvável que ele tenha idade para ser seu pai.

— Como você sabe quantos anos ele tem? — Ela exigiu imediatamente.

Donlon encolheu os ombros, indiferente.

— Eu não sei. Mas eu certamente posso adivinhar quantos anos você tem e extrapolar quantos anos o seu pai teria que ter. Meu gerente naquele clube é muito cuidadoso com quem ele deixa entrar. E um homem com idade para ser seu pai nunca passaria pela inspeção. É muito perigoso.

— Perigoso para quem?

— Para o homem mais velho, amor. Como eu disse, um vampiro beber de você é muito agradável. Nem todo mundo tem coração para lidar com isso.

— Lindo. — Ela murmurou.

— É verdade. — Ele concordou, nem um pouco desconcertado. — Mas, com relação ao desaparecimento do seu...

— Irmão. — Ela informou. Não havia sentido em tentar esconder. Sutcliffe sabia e ela suspeitava que Donlon soubesse também. Apesar de seus joguinhos, ela achou improvável que a eficiente Magda a tivesse deixado chegar até aqui sem verificar todos os aspectos de seu objetivo em estar aqui.

— O seu irmão desaparecido, sim. Eu não costumo visitar as casas de sangue, mas os vampiros da minha equipe visitam frequentemente aquela em particular, entre outras. Se você tiver uma fotografia de seu irmão, eu ficaria feliz em mostrá-la ao redor e perguntar se alguém viu alguma coisa.

— Eu prefiro conferir eu mesma. — Kathryn rebateu. — Se eu pudesse ter o nome do gerente do clube e os vampiros que visitam o clube

regularmente... — Ela tirou seu bloco de notas e caneta preparada para escrever nomes.

Donlon não se moveu, exceto para dar uma piscada preguiçosa de olhos.

— Acho que não é possível, Kathryn. Meu povo confia em mim para protegê-los e eu levo essa responsabilidade muito a sério. Não foi há muito tempo que o seu povo caçava o meu, abatendo-os sem nenhum motivo. Como eu disse, eu estou mais do que feliz em mostrar a fotografia do seu irmão por perto, mas isso é tudo que você vai conseguir.

— O que eu vou conseguir — ela disse bruscamente, — é uma ordem judicial exigindo que seu povo submeta-se a interrogatório.

— Você vai? — Lucas ficou de pé tão rápido que ela não o viu se mover e se levantou defensivamente.

A expressão de Donlon já não era preguiçosa, sua voz não era mais provocante.

— Vá em frente, Agente Especial Hunter. Consiga seu mandado. Oh! Mas... Espera! Você não pode, não é? Porque você não está aqui em caráter oficial. Na verdade, eu suspeito que seus supervisores lhe disseram para deixar isso de lado, mas você está aqui mesmo assim.

Kathryn deu de ombros mentalmente. Então ele sabia que ela não estava a trabalho nisso. Homens poderosos sempre tinham maneiras de descobrir as coisas. E ela não cometeu o erro de pensar que Donlon era menos poderoso só porque ele era um vampiro. Se fosse alguma coisa, era provável que o fosse mais poderoso por isso. Ele poderia exercer uma pressão não apenas econômica e de negócios, mas do medo visceral do desconhecido também. Ela tinha a esperança de explorar a conexão FBI um pouco mais, mas... Ela suspirou interiormente. Parecia que ela teria que bancar a legal com esse desgraçado incrivelmente bonito, afinal.

Ela encontrou o olhar frio de Donlon calmamente e deu de ombros simplesmente.

— Valeu a pena tentar. — Disse ela, sentando-se novamente. — Sim, eu estou por minha conta nisso. E, sim. Meu superior prefere que eu deixe isso. Mas eu suspeito que sua relutância decorra, em grande parte, de um desejo de não te incomodar. Eu realmente não me importo sobre te incomodar. Eu só

quero meu irmão de volta e eu acho que você ou o seu povo sabe alguma coisa sobre o que aconteceu com ele.

— Só porque ele foi para um bar vampiro? — Donlon se largou para trás confortavelmente em sua poltrona. Será que o homem jamais se senta em linha reta? — Há muitos bares em Dakota do Sul. — Ele continuou. — E muito poucos deles são de propriedade de vampiros.

— Sim. Mas eu tenho uma testemunha que o viu sair do seu bar com alguém que eles dizem ser um vampiro. E essa é a última vez que alguém viu o meu irmão.

— Quem é a testemunha e qual é o nome do vampiro?

— Eu não vou te dizer isso. — Disse Kathryn instantaneamente. A última coisa que ela queria era que Donlon descobrisse que sua única testemunha estava no Afeganistão. — Mas ele já esteve no clube antes e ele tem certeza de que o homem que saiu com o meu irmão é um vampiro.

— Como ele pode ter certeza?

— Por que... — Kathryn olhou para longe do olhar muito perspicaz do vampiro, sentindo o calor no rosto de vergonha. —... ele afirma ter saído com o vampiro em questão. Presumi que ele quis dizer sexo, mas agora que você explicou... o que você explicou...

Ela arriscou um olhar para Donlon e o encontrou observando-a com diversão.

— Geralmente é a mesma coisa, Kathryn. — Disse Donlon, claramente apreciando o momento. — Tirar sangue da veia é uma experiência muito sensual. Sexo geralmente vem em seguida. Ou precede. Ou, às vezes, até mesmo ambos. — Acrescentou com um sorriso provocante.

Kathryn mordeu sua língua já ferida, usando a dor para centrar-se. Ela não estava aqui para diversão de Lucas Babaca Donlon.

— Você não me conhece, Senhor Donlon. — Disse ela com firmeza. — Oh, eu tenho certeza que você sabe o básico, talvez até mais do que isso. Mas você não me conhece. Eu amo meu irmão e eu moverei o céu e a terra para encontrá-lo. Eu serei o espinho no seu lado, a pedra no seu sapato. Fazer um inferno da sua existência será a minha maldita missão na vida até eu descobrir o que aconteceu com ele.

— E se ele estiver morto?

O ar deixou pulmões de Kathryn. Ela não se ousou a fazer a si mesma essa pergunta. Não se atreveu considerar a possibilidade. Obrigou-se a encontrar o olhar curioso de Donlon.

— Se ele estiver morto — disse ela em uma voz fina que ela não reconheceu, — então eu quero levá-lo para casa.

O olhar de Donlon amoleceu com algo próximo a piedade. Mas ela não queria sua piedade. Ela respirou fundo e esticou as costas.

— O vampiro que está procurando — disse ele, — não é um dos meus.

— Como você sabe? — Ela exigiu.

Ele se inclinou para frente com os olhos dourados brilhando.

— Porque eu perguntei ao meu povo. — Disse ele com uma voz dura. —E eu confio neles. Qual é o nome do vampiro?

Kathryn pensou em não dizer, mas decidiu que não poderia evitar, senão ele não saberia a quem procurar. E se ele não estivesse disposto a ajudá-la, não importava de qualquer maneira.

— Alex. — Disse ela. — A testemunha não sabia o sobrenome.

Donlon franziu o cenho.

— Não há nenhum Alex entre os meus vampiros. Não localmente. — Ele olhou de relance para Nicholas e Kathryn jurou que havia algum tipo de comunicação acontecendo lá. Ela também notou que ele disse *não localmente*. Isso significava que havia um Alex em outro lugar e eles suspeitavam que ele tivesse se mudado para a área? Ou que tal Alex visitava ocasionalmente? Ela respirou para questioná-lo, mas ele voltou sua atenção para ela e ela esperou para ver qual seria seu próximo passo.

Sua carranca ainda estava no lugar. Mas, de repente, como se uma cortina tivesse sido tirada, tudo sobre ele mudou. O brilho sardônico estava de volta em seus olhos e sua boca se curvou em um meio sorriso cínico enquanto ele piscava para ela.

— Vou te dizer, Kathryn. Volte sexta-feira à noite e nós vamos fazer um tour no clube. Você pode perguntar em volta.

Kathryn estudou-o desconfiada.

— Mas hoje ainda é quarta-feira. Por que temos que esperar tanto tempo?

— Porque o clube não está aberto. — Explicou lentamente, como se ela devesse saber disso. — Funciona de sexta a domingo apenas.

Merda! Kathryn pensou consigo mesma. Possivelmente o seu melhor tiro. E ela tinha que esperar por mais dois dias?

— E se eles não quiserem falar comigo? Quero dizer, os vampiros e quem mais estiver no clube.

— Confie em mim, eles vão falar com você. — Disse ele suavemente. — Mas eu vou fazer ainda melhor, pois estou certo que você prefere não adiar sua investigação enquanto espera. Eu vou fazer algumas perguntas aqui e em outros lugares. Volte amanhã à noite e talvez eu vá ter algo para você.

Kathryn imaginou que Lucas era quase como a transformação de Jekyll e Hyde[6], ainda mais com sua vontade súbita de cooperar. Será que ele sabia mais do que estava admitindo?

— Você poderia só me ligar se achar alguma coisa. — Disse ela displicentemente.

Ele apenas sorriu e murmurou:

— Mas onde estaria a graça disso?

Kathryn levantou.

— Eu realmente não estou aqui para me divertir, Senhor Donlon.

— E não sei? — Ele respondeu com uma sonoridade cadenciada irlandesa muito genuína, e apreciou suas palavras pela primeira vez. Ele era irlandês? Por falar nisso, quantos anos ele tinha? Vampiros vivem um longo tempo. Se o que ela ouviu fosse verdade. Ela tendia a pensar que pelo menos alguma coisa era desinformação vampira. Mas se mesmo parte disso fosse verdade, Donlon poderia facilmente ter nascido há algum tempo atrás na Irlanda. A cadência lá-e-cá era apenas mais uma peça do mistério que era Lucas Donlon. E ela sempre amou um bom mistério.

Ela se levantou, como se fosse sair, e desviou o olhar deliberadamente para as fotografias na parede ao lado da lareira. As que ela sabia de fato que seu

---

6 Jekyll e Hyde – É um livro em que um médico (Jekyll) faz uma poção para separar o lado sombrio de sua personalidade (Hyde). Então, toda vez que toma a poção ele se transforma em um monstro feio e sem escrúpulos.

irmão tirou. Embora isso não quisesse dizer nada, já que a obra de Dan foi vendida em galerias de todo o mundo.

— Estas são lindas. — Disse ela, cruzando até a parede e passando de uma foto para outra. — Irlanda, não é?

— Eire, nós a chamamos. — Lucas murmurou diretamente em seu ouvido.

O coração de Kathryn bateu contra suas costelas. Ele, de alguma forma, saiu de trás da mesa e caminhou até ficar bem atrás dela sem ela estar ciente disso. Ele ficou olhando por cima do ombro dela. Estava tão perto que ela podia sentir o cheiro picante de sua pele, podia sentir o calor de sua respiração em sua bochecha. Ela teve que lutar contra o desejo de alcançar a arma quando ela virou a cabeça e se viu olhando diretamente em seus olhos dourados estranhos.

Ele sorriu, uma pequena inclinação para cima de seus lábios. Ele sabia que a assustou e ele teve prazer nisso. Kathryn queria se afastar, queria fechar seu punho e socar seu belo rosto presunçoso. Mas ela não podia fazer isso. Ela só podia olhar e tentar respirar.

— Você já esteve no meu país? — Ele perguntou com uma voz tão suave que ela não ouviria se não tivessem tão perto.

Levou um momento para encontrar as palavras para responder.

— O seu país? — Ela repetiu.

— *Mo Éireann álainn. Mo Chroí mo go deo.*

As palavras irlandesas fluíram como uma bela música.

— O que significa isso? — Ela sussurrou, não querendo acabar com o eco dos sons encantadores.

Ele se inclinou ainda mais perto e por um momento selvagem Kathryn pensou que ele queria beijá-la. E o pior era que ela tinha certeza que ela iria deixar. Felizmente, ele a poupou de fazer esse terrível erro dizendo baixinho:

— Algum dia, talvez, eu te diga.

Ele se esticou um pouco, colocando distância suficiente entre eles para que ela pudesse pensar racionalmente de novo e indicou a foto mais próxima à sua esquerda. Daniel pegou três cavalos em movimento completo, correndo ao longo de um cercado gramado com árvores fechando toda a volta. O mais novo

ainda era um potro, suas pernas traseiras estavam no meio de um movimento de um coice.

— Isso é Kildare. — Lucas murmurou para ela. — O coração do país, puro-sangue irlandês. Meu avô tinha um lugar lá. Nada grande, é claro. Apenas um pedaço de terra e um velho cavalo de arado. Eu só visitei lá uma vez, mas foi um evento memorável na minha infância muito curta.

Kathryn ficou surpresa que ele disse a ela tanto assim. Ela olhou por cima do ombro.

— Meus avós tinham cavalos, também. — Ela ofereceu e foi recompensada com o mais glorioso sorriso.

— Bem, então... Parece que temos algo em comum, *a cuisle*. Você vai ter que cavalgar comigo algum dia.

As bochechas de Kathryn aqueceram com embaraço. Ela não sabia por que ele tinha acabado de convidá-la, mas ela sabia que cruzara a linha invisível entre agente e testemunha. O que ela estava fazendo? Ela não estava aqui para ser cortejada por Lucas Donlon, não importava o quão bonito e charmoso ele era.

Lucas deve ter percebido que o momento de conexão tinha acabado. Ele deu-lhe um *oh bem,* espécie de encolher de ombros, em seguida, deu um passo atrás e estudou toda a série de fotografias.

— Eu não sei quem tirou estas. Magda encontrou-as para mim. Mas o fotógrafo capturou minha terra como nenhum outro que eu já vi. — Ele apontou para as imagens. — Eu provavelmente nunca vou viver lá novamente, então eu sou grato.

Kathryn olhou das fotografias de seu irmão para Lucas tentando decidir se ele estava sendo verdadeiro ou se ele estava brincando com ela. Mas havia esse comentário sobre seu avô entre eles e sua expressão aparentava tanta saudade enquanto seu olhar viajava de uma fotografia para a próxima, que ela acreditava nele.

— Então, você provavelmente deve me ajudar a encontrá-lo. — Disse ela.

Lucas deu a ela um olhar perplexo.

— Encontrar quem?

Kathryn inclinou a cabeça para as fotografias.

— O fotógrafo. Daniel Hunter.

Ele a olhou fixamente por um momento, então seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Seu irmão tirou? — Ele pegou uma das imagens emolduradas da parede e a virou. Kathryn sabia o que ele encontraria. Havia uma etiqueta na parte traseira com o nome de seu irmão e informações de contato, bem como uma declaração de direitos autorais.

Lucas leu o rótulo rapidamente, em seguida, virou a fotografia de novo e procurou uma assinatura na imagem.

— No canto inferior esquerdo. — Disse Kathryn. — Bem pequeno, mas está lá. Apenas suas iniciais, D H.

Ela observava seus olhos enquanto viajavam sobre a impressão e viu o momento em que ele encontrou o que estava procurando.

— Filho da puta. — Ele xingou suavemente.

— Nicholas. — Disse ele sem se virar. — Chame Magda aqui agora.

Kathryn ouviu Nicholas no telefone, mas sua atenção era toda para Lucas, que olhava para as fotos com um novo interesse.

— O que é? — Ela perguntou. — O que você vê?

— Não são as fotografias. — Ele disse sacudindo a cabeça levemente. — Foi onde ela as comprou.

— O que você quer dizer? O trabalho de Daniel está exposto em diversas galerias muito boas...

— Sim. Mas, essa galeria? — Ele perguntou esfregando a ponta do dedo sobre a etiqueta preta com o nome da galeria na moldura que ele segurava.

— Qual? — Sua pergunta foi interrompida pela porta abrindo. Lucas levantou a mão pedindo a Kathryn para esperar enquanto ele se dirigia a Magda.

— Maggie. — Ele começou e ela viu a expressão da mulher apertar com irritação no apelido. Ela teria achado intrigante se não estivesse muito mais interessada na reação de Lucas com as fotografias de seu irmão. — Estas fotografias... — Continuou ele, gesticulando com uma mão. — O dono da galeria é Carmichael, certo?

— Sim, meu senhor. — Magda disse, claramente intrigada com a pergunta. — Ele tem uma pequena galeria em Minneapolis, mas acredito que ele

trouxe isso de sua galeria principal em Chicago, porque ele pensou que iria apreciá-las.

Ela viu um olhar compreensivo passar entre Lucas e Magda e sabia que havia algo que não lhe diziam. Algo sobre Carmichael?

— Por que Carmichael é importante? — Kathryn exigiu. — O que importa onde você comprou?

Donlon deu de ombros e pendurou a fotografia de volta na parede.

— Acho que ele poderia ser um admirador da obra de seu irmão. Admiração por vezes pode se transformar em obsessão.

— Você acha que Carmichael sequestrou Daniel? — Ela perguntou, em dúvida. — Meu irmão é um cara grande, mais alto do que eu, e muito atlético. Ele não seria fácil de pegar.

— Não seja ingênua, Kathryn. Mesmo o homem mais forte pode ser derrubado através da adição de qualquer número de drogas disponíveis na bebida. E sua testemunha disse que Daniel saiu do bar com alguém. Talvez só tivesse a aparência de estar a vontade.

— Mas a testemunha também disse que o homem era um vampiro.

— Talvez ele estivesse errado sobre isso. Ou, talvez, o seu irmão não chegou a sair com a pessoa que ele viu.

Kathryn estudou seu rosto muito bonito tentando determinar se ele estava dizendo toda a verdade. Mas ela poderia muito bem ter tentado ler uma estátua. Lucas olhou para ela, com nada mais do que uma expressão vagamente intrigada, como se ele não conseguisse descobrir qual era o problema dela.

— Tudo bem. — Disse ela, por fim. — Que horas sexta à noite poderemos visitar este bar vampiro?

— Se você quiser ter uma ideia do lugar, terá de ser tarde. O que você acha, Nicholas? — Perguntou ele, voltando-se para seu tenente. — Onze horas?

Nicholas assentiu.

— Em uma sexta-feira, sim, meu senhor.

Lucas girou de volta para ela com um sorriso satisfeito.

— Está marcado, então. Onze horas na sexta-feira. Devo buscá-la?

— Não. — Ela disse imediatamente. Isso não era um encontro, não importa o que ele dissesse. — Vou encontrá-lo lá.

— Muito bem. — Ele suspirou como se estivesse decepcionado. — Mas vista algo apropriado.

Ela franziu a testa e olhou para sua blusa branca e suas calças azuis escuras.

— Se você deseja obter informações, *a cuisle*, você não pode andar por aí parecendo que você está prestes a invadir o lugar.

— É claro. — Disse ela com desdém, como se ela já tivesse pensado nisso. E ela tinha certeza que ela tinha. Eventualmente. Droga. Maldito.

Ela teria que ir fazer compras de roupas, porque a coisa mais escandalosa que ela trouxe com ela foi uma regata de algodão.

Lucas piscou com um ar conspiratório, como se ele soubesse o que ela estava pensando.

Kathryn fez uma careta. Ela conseguiu entrar com o pé errado com Lucas Donlon.

— Mas nos reuniremos novamente amanhã à noite, certo? Mesmo horário de hoje à noite? E você vai falar com o seu povo?

— Vou contar as horas, Agente Hunter.

A vontade de socá-lo estava ficando mais forte. Qualquer coisa para tirar esse sorriso satisfeito de seu rosto. Mas ela tinha uma sensação de que ele esperava exatamente por isso. Em vez disso, ela se virou e saiu do escritório.

— Kathryn. — Donlon a chamou pouco antes de chegar à porta.

Ela rangeu os dentes, mas conseguiu virar e perguntar educadamente:

— Senhor Donlon?

— Você monta?

Kathryn franziu a testa em confusão.

— Montar? Quis dizer montar cavalos?

Donlon deu-lhe uma piscadela confirmando, mas teve graça para dizer apenas:

— Bem, sim.

— Faz um tempo. — Disse ela, com o rosto quente de vergonha quando percebeu tardiamente a insinuação óbvia em suas palavras. — Os avós dos quais falei morreram quando eu era muito jovem e seu rancho foi vendido. — E por que diabos ela estava contando isso?

— Excelente. Use um jeans amanhã à noite, então. Você tem calças jeans, não tem?

Kathryn estreitou os olhos em irritação.

— Claro. Mas por que...

— Verá.

Ela olhou para ele, tentada a dizer onde ele poderia enfiar seus comentários enigmáticos. Mas, depois, lembrou de seu irmão e engoliu tudo o que ela estava prestes a dizer. Ela não conseguiu pensar em nada agradável para substituir. Então, ela simplesmente se virou e saiu para o corredor onde Magda esperava para acompanhá-la.

* * *

Lucas recostou-se na cadeira e observou a bela agente do FBI sair suavemente revoltada de seu escritório. Ela era boa em esconder suas emoções, boas para evitar mostrá-las em seu rosto, de qualquer maneira. Mas ele era um vampiro. Ele não precisava ver em seu rosto para dizer o que ela estava sentindo. E ela estava P da vida. Não por descobrir seu blefe sobre o homem desaparecido ser seu irmão. Ela claramente esperava por isso. Talvez, não tão cedo. Ela estava irritada, principalmente, porque ela não conseguia descobrir o que fazer com o próprio Lucas. Ela estava atraída por ele. Ela não queria estar, mas estava. Não tinha como negar isso. Sua excitação era sutil e ela lutava contra isso, mas estava lá. Especialmente para os sentidos de um vampiro. Ele franziu a testa por alguns instantes.

— Você já foi pra cama com uma policial, Nick? — Ele perguntou à toa, ouvindo os passos de Kathryn e de Magda desaparecerem pelo piso do corredor.

Com o agente do FBI a uma distância segura e sem ser uma ameaça potencial ao seu Criador, Nicholas deixou-se cair na mesma cadeira de visitante que Kathryn ocupava momentos antes.

— Só uma.

Lucas focou em seu tenente com uma sobrancelha levantada em questionamento.

— Você se lembra de Sandi Hager da cidade de Kansas?

— Sandi? Eu pensei que você estivesse com a irmã dela.

— Eu estava. — Nick deu de ombros. — Acontece que as senhoras não se importavam em compartilhar, se você entende o que quero dizer.

— Merda. — Lucas riu. — Essas eram grandes mulheres, Nick. Você tem sorte que não o deixaram seco.

— Quem disse que não deixaram? No entanto, valeu cada minuto. — Ele sorriu e perguntou com cuidado. — O que você acha da agente do FBI, meu senhor?

Lucas bateu um dedo preguiçosamente no braço da cadeira.

— Mulher bonita. Grandes pernas, bunda de classe mundial, também. Deve ser uma corredora.

— Sim. — Disse Nick, pensativo, então ficou tenso quando Lucas lançou-lhe um olhar duro. — Mas não é meu tipo. Não.

Lucas olhou para ele um momento, em seguida, sentou-se.

— Judy ainda está trabalhando com Nightshade lá embaixo? — Judy era a sua principal adestradora de cavalos, uma humana que estava com ele desde que ele comprou este rancho pela primeira vez a mais de cinquenta anos. Doses criteriosas do sangue de Lucas impediam o envelhecimento dela. Assim, Lucas não tinha que procurar um novo treinador a cada geração. A maioria das pessoas que trabalham nos estábulos de Lucas eram vampiros, mas os cavalos eram presas. Ao mesmo tempo havia uma abundância de presas que evoluíram para usar a escuridão para a segurança, mas os cavalos não estavam entre eles. Eles precisavam de luz solar e isso significava que alguém tinha que estar lá para supervisionar e trabalhar com eles durante o dia, especialmente os potros.

— Até onde eu sei. — Disse Nick, respondendo à pergunta de Lucas sobre o jovem garanhão.

— Ótimo. Vamos chegar lá. Eu preciso falar com Kurt sobre Daniel Hunter e ver o que ele sabe.

* * *

Kathryn seguiu Magda balançando os quadris pelo corredor, pensando em como a mulher conseguia caminhar com aqueles saltos, sem quebrar um tornozelo. Ela não tinha nada contra saltos altos. Na verdade, ela apreciava a maneira como eles faziam suas longas pernas parecerem ainda mais longas. Mas se ela usasse sapatos de salto alto como aqueles, ela duvidava que pudesse ficar em pé. Isso para não falar, ela ficaria mais alta que quase todo mundo que ela conhecia. E era uma merda Lucas Donlon fazê-la se sentir como uma abelha trabalhadora chata.

Jesus! De onde diabos veio esse pensamento? Ela não dava a mínima para o que Donlon pensava sobre nada. Muito menos como ela se vestia.

Com certeza, ele era um cara sexy. Ok, provavelmente o cara mais sexy que ela já conheceu. Mas ele era um vampiro! Ele não era um homem de jeito nenhum. Isso foi apenas seus hormônios reagindo a sua boa aparência. Talvez se ela saísse mais, ela não ficaria toda calorenta com a visão de um homem de boa aparência. Quer dizer, vampiro. Ela tinha que se lembrar disso. Vampiro.

Magda a levou diretamente para a porta da frente e a abriu.

— Havia mais alguma coisa que você precisava Agente Especial Hunter?

Kathryn estudou a vampira. A pergunta foi bem educada. Mas o tom foi algo completamente diferente. E a mensagem subentendida era clara: Adeus! E não deixe a porta bater na sua bunda no seu caminho para fora. E não era tão interessante? Ela pensou em Lucas e seu comentário que a admiração era apenas um pequeno passo da obsessão. Seu irmão Daniel era muito bonito e charmoso. As mulheres o amavam e, mais ainda, queriam cuidar dele. Se Magda fosse a única que escolheu as fotografias... Kathryn sabia que era um tiro no escuro, mas tentou assim mesmo.

— Senhor Donlon disse que você decorou tudo aqui. — Disse ela, apontando para a bela casa em torno deles. — Trata-se de uma nova residência?

Magda inclinou a cabeça de uma forma peculiar, como se estivesse tentando decidir se lhe respondia à pergunta ou a esfaqueava com uma faca. Kathryn realmente envolveu a mão casualmente perto de sua arma apenas por precaução e viu os olhos da mulher vampira seguir o movimento.

Magda mostrou os dentes, que Kathryn assumiu que era para ser um sorriso.

— A residência original fica a 400m daqui. A propriedade é antiga, mas esta casa em particular é bastante nova. O senhor Donlon supervisionou a parte de design do processo. Ele tinha uma noção muito clara do que ele queria aqui e nos estábulos. Mas depois disso... — Ela encolheu os ombros. — Ele me pediu para cuidar do interior. Eu sei o seu gosto, então eu encontrei uma decoradora e pensei que poderia lidar com isso. Ela me levou para algumas galerias e apresentações privadas. E eu fiz as escolhas. Carmichael era um desses. Quando ele descobriu para quem eram as fotos, ele trouxe a série da Irlanda pra eu ver. — Você honestamente acha que eu tive algo a ver com o desaparecimento do seu irmão? — Ela perguntou de repente, ironizando.

Kathryn deu de ombros.

— Foi só uma pergunta. Eu estou apenas chutando até agora, mas se eu continuar insistindo talvez consiga chegar ao caminho certo.

— Entendo.

— E você? Tem família, Magda?

— Eu sou uma vampira, Agente Hunter. — Ela respondeu com frieza. — Qualquer que seja a família que eu tinha, não tenho mais. Minha família está aqui agora, com o meu senhor... e os outros.

— Bem, eu tenho Daniel. E eu não vou parar de procurar até que eu o encontre.

Kathryn saiu pela porta da frente e desceu as escadas. Liberou os alarmes de sua SUV enquanto andava. O carro estava bem na frente da casa e ela estava lá dentro com a chave na ignição antes que Magda tivesse sequer fechado a porta da casa.

Kathryn girou a chave, sem pensar. Em seguida, parou por um momento, respirando fundo, tentando acalmar seu coração que batia forte. O fato de que ele estava acelerado a perturbava. Ela não era uma inexperiente, uma agente novata. Admitida aos vinte e oito anos, ela não era exatamente uma veterana grisalha também. Mas Donlon estava longe de ser o primeiro suspeito que ela já questionou. E ele nem era um suspeito. Ela não pensava que Donlon tivesse um papel direto no desaparecimento de seu irmão. E, depois que o conheceu, ela estava ainda mais convencida disso. No entanto, achava que ele poderia ajudá-la a descobrir quem estava envolvido. E dada a sua atitude

reconhecidamente protetora com o seu povo, ela ficou preocupada que ele estivesse mais preocupado com a proteção de seus vampiros do que encontrar seu irmão.

As mãos de Kathryn apertaram o volante. Ela acreditava de todo coração que Daniel estava vivo e ela o queria de volta. Esse era o seu objetivo. Seu único objetivo. Ela fechou os olhos, se obrigando a ficar calma. Se ela quisesse Daniel de volta, ela precisava ser esperta com Donlon. Ele poderia ajudá-la e ele estava atraído por ela. Ele mostrou isso. Ela não confundiu essa atração com outra coisa senão a luxúria, o desejo de um homem carismático para esculpir outro entalhe em sua cabeceira. Mas se precisa disso para ter sua ajuda, Kathryn jogaria também. Embora não faria todo o caminho para sua cama. Não que o sexo com Lucas Donlon fosse uma tarefa árdua. O homem, ou melhor, o vampiro, era lindo. Infelizmente, ele também era arrogante, sarcástico e provavelmente um assassino que se beneficiaria.

As luzes das grandes janelas da frente que estavam observando o carro dela, de repente, apagaram e lançaram-na na escuridão. Isso a lembrou que ela estava sentada lá por muito tempo. Engrenou o SUV, acendeu suas luzes e se afastou.

Quando ela refez seu caminho descendo a estrada sinuosa, perguntou-se se o sexo com um vampiro sempre envolvia sangue. Ela supôs que sim. Em sua entrevista gravada em vídeo, o Marine recém incorporado, que viu Daniel sair do bar, admitiu que a razão porque ele sabia que Alex era um vampiro era porque Alex tomou seu sangue durante o sexo. Ele ofereceu a informação facilmente e parecia quase orgulhoso do fato, como se tivesse ganhado pontos de algum tipo. Ele felizmente não ofereceu todos os detalhes, mas havia um desejo sonhador em suas palavras, como se tivesse sido uma experiência maravilhosa.

Kathryn não podia imaginar isso. Como alguém poderia morder seu pescoço com força suficiente para tirar sangue e não ser doloroso?

Ela deu a volta na colina, passando pelo celeiro e pelo cercado dos cavalos mais uma vez. Havia mais homens lá fora agora. Ela reduziu para observar e reconheceu Lucas entre eles. Ele tirou a jaqueta de couro e usava apenas a sua camisa preta e jeans. A jaqueta enfatizava a amplitude de seus ombros. Sem ela, Kathryn podia ver a definição de seu peito e a barriga lisa.

Nenhuma dúvida sobre isso. Lucas Donlon era sexo com botas de cowboy. Ele empurrou um chapéu de cowboy preto em sua cabeça e Kathryn revirou os olhos. Um chapéu de cowboy preto? E à noite? Não estava exagerando o estereótipo um pouquinho? Lucas foi para o meio do ringue. Um enorme cavalo preto imediatamente deu a volta em todo o cercado e parou bem na frente dele e batendo a cabeça contra seu peito. Um ser humano seria jogado para trás alguns passos pela força daquela saudação, mas Lucas não se moveu. Ele apenas riu e retornou a saudação esfregando o nariz do cavalo.

Kathryn não pode deixar de sorrir enquanto observava, mas enquanto observava, ela notou algo mais. Não havia um padrão para os homens que cercavam Lucas. Eles se moviam e mudavam de posição, mas ele nunca ficava isolado, nunca sozinho. Estes não eram apenas cowpokes[7] aleatórios assistindo o grande homem montar um cavalo. Estes eram seus guarda-costas e pelo que viu, seguranças bem treinados. Eles provavelmente eram vampiros, também.

Ela viu Nicholas, o vampiro que foi apresentado como tenente de Lucas, inclinar e dizer algo para Lucas. O senhor vampiro olhou para cima, em seguida, seu olhar cruzou o cercado e o campo para onde Kathryn estava sentada em sua SUV em silêncio, observando. Os dentes brancos brilharam com um sorriso e ele tirou o chapéu em sua direção.

Kathryn se sentiu tola por ter sido pega. Especialmente porque ela realmente não tinha a intenção de permanecer tanto tempo. Ela rapidamente colocou o SUV em marcha e pisou no acelerador, dando um suspiro de alívio quando a estrada rapidamente foi engolida pelo primeiro conjunto denso de árvores. Ela tinha que ter cuidado com Donlon. Ela não era tão estúpida para negar sua atração por ele, mas ela era bastante inteligente para não fazer nada sobre isso. Lucas Donlon não era o tipo de pessoa que um agente do FBI ambicioso podia se dar ao luxo de se envolver. Ele fazia parte de uma sociedade secreta que se governava e ignorava a lei dos EUA sempre que lhes convinha. Ninguém nunca foi capaz de incriminar qualquer um dos vampiros, embora eles certamente tentaram. Houve um caso em LA não muito tempo atrás.

Foi rapidamente abafado, mas o que se ouviu pelos corredores foi que a polícia de Los Angeles tentou prender alguém muito alto na hierarquia vampira

---

7 Nome local para cowboy

por suspeita de vários assassinatos. Foi a palavra do agente que tentava prendê-lo, porque o mandado foi anulado menos de 48 horas após ter sido expedido. E o grande vamp foi solto com tantas desculpas de seus superiores que foi embaraçoso. Adicionando insulto à injúria, foram os vampiros que encontraram o assassino real, o verdadeiro assassino muito humano, e o entregou às autoridades.

Mas, mesmo nos casos que um vampiro realmente cometeu um crime, o agressor desaparecia antes que as autoridades humanas pudessem chegar até ele. Ninguém sabia ao certo se os infratores vampiros eram presos ou executados, ou se eles apenas mudavam para outro lugar. Mas nunca mais se ouviu falar deles. Ela supôs que era uma forma de justiça. Não muito satisfatória para as autoridades humanas, mas salvava os contribuintes do custo de um julgamento e o resultado era quase o mesmo. Talvez até melhor.

Kathryn reduziu quando se aproximou do arco de pedra com sua parede decorativa baixa. Os mesmos guardas armados estavam lá. Um deles acenou para ela prosseguir. Ela agradeceu e continuou até ver o brilho da cerca branca. Uma curva à esquerda a levou de volta para a parte da estrada pavimentada e depois para a pista dupla acidentada de novo. Até que, finalmente, ela chegou à rodovia. Ela verificou o relógio do painel. Havia muito tempo sobrando esta noite. Ela voltaria para o motel e analisaria os depoimentos de testemunhas de novo, faria algumas anotações, em seguida, teria uma boa noite de sono. Se ela teria uma briga de palavras com Lucas Donlon novamente, ela precisaria de todas as suas sinapses nervosas funcionando a pleno vapor. E se ela pudesse evitar que o resto de seu corpo pegasse fogo por uma razão completamente diferente, ela estaria em grande forma.

* * *

Kathryn não sabia o que esperar quando chegou ao rancho de Donlon no dia seguinte durante o dia. Ela considerou e rejeitou a possibilidade de que o portão estaria sem guardas. Mesmo que os vampiros estivessem escondidos em segurança em suas camas em algum lugar, havia a casa e os celeiros a

considerar. E os animais, que mesmo aos seus olhos destreinados, pareciam valiosos. Mas acima de qualquer coisa, ela simplesmente não conseguia ver Donlon sendo negligente com a segurança. Ele fingiu ser tranquilo, um tipo de cara que acha tudo maravilhoso, mas havia outro lado dele que ela imaginava ser bastante mortal quando vinha à tona. Quando ela insistiu em questionar diretamente seus vampiros, qualquer senso de playboy sumiu, e, naquele momento, ele foi direto ao ponto. E quando ele, em última instância, disse que seu povo falaria com ela simplesmente porque ele ordenou, ela poderia dizer que ele acreditava absolutamente nisso. Inferno, talvez isso fosse mais uma coisa de vampiro.

De qualquer forma, havia guardas em todos os mesmos lugares e mais um pouco em comparação com a noite anterior, mas eles eram humanos em vez de vampiros.

Considerando que o arco de madeira branca, fora da estrada, estava desprotegido ontem à noite, hoje havia dois guardas humanos que bloqueavam seu caminho. Ela mostrou suas credenciais e eles verificaram seu nome em uma lista. Já que Donlon esperava por ela, embora mais tarde esta noite, Kathryn não ficou surpresa quando permitiram passar por essa guarita. A segunda parada, aquela com o arco de pedra, tinha quatro guardas humanos no lugar dos dois vampiros da noite passada, apesar de todos os quatro parecerem notavelmente como os seus vampiros substitutos. Se o sol não estivesse brilhando, Kathryn não seria capaz de distingui-los. Ela deu de ombros mentalmente e entregou suas credenciais do FBI mais uma vez. A lista foi verificada novamente e ela foi autorizada a continuar com uma pequena advertência.

— A casa principal está fechada, senhora. — Um dos quatro humanos informou educadamente. — E não há ninguém lá para atender a porta. Eu sugiro que você espere perto dos celeiros. A treinadora está lá, junto com sua equipe. Ela vai ser capaz de oferecer uma bebida e um lugar para sentar, se você quiser.

— Obrigada. — Disse Kathryn. — Eu vou fazer isso.

E foi por isso que ela estacionou em frente da casa principal e caminhou por um caminho pavimentado até que chegasse a um conjunto de escadas de

madeira que caíam uns sessenta metros de onde o celeiro e os cercados estavam localizados. Era um belo dia de sol, o céu azul bebê sem nenhuma nuvem à vista, apesar da temperatura baixa. Os comentários sarcásticos de Lucas sobre a roupa na noite anterior incomodou. Então, ela estava vestida casualmente esta tarde. Seu cabelo estava preso em seu rabo de cavalo apertado habitual que pendia abaixo dos ombros. Seu jeans eram macios e confortáveis, bem ajustados em todos os lugares certos, e ela vestia uma camiseta dobrada na cintura. O ar estava frio, apesar do sol. E ela vestia uma camisa leve azul aberta na frente, como se fosse uma jaqueta. Pelo menos seu calçado era bom. No último minuto em casa, ela enfiou as botas em sua mala, depois de se imaginar em seu terno azul do FBI saindo com o polegar doendo nas ruas de uma cidade selvagem poeirenta, com passarelas de madeira levantadas e traves de madeira para amarrar animais. A única coisa que faltava era a trilha sonora Lonesome Dove. Ela se sentiu boba na hora, mas agora ela estava feliz por tê-las com ela. A cidade era um pouco mais moderna do que a sua visão, mas ela viu muitas pessoas usando botas. Então ela tinha razão para trazê-las. E não tinha nada a ver com Lucas Donlon e seus comentários sarcásticos.

Na parte inferior da escada, ela seguiu um caminho bem organizado pela grama que a levou para os principais cercados. Não havia cavalos nos celeiros esta tarde, mas nos campos atrás dos celeiros ela podia ver vários animais pastando ao sol. Eles pareciam bem cuidados e contentes, e nem um pouco preocupados que seu proprietário era um vampiro. Kathryn sorriu para si mesma enquanto passava pelo cercado e ao redor de uma porta lateral aberta.

Este era um celeiro de cavalos. Kathryn parou perto da porta, impressionada com o cheiro quente único de cavalo, feno limpo e terra batida. Isso trouxe lembranças da fazenda de seus avós. Ela não era nem de longe tão grande como esta, mas os cavalos praticamente pareciam os mesmos em toda parte. Outros animais provavelmente tinham seus aromas, também. Vacas certamente e porcos também. Mas havia algo excepcionalmente limpo sobre o cheiro de um celeiro de cavalos.

Ela olhou em volta e viu que estava na principal passagem entre uma linha dupla de baias, cada uma das quais pareciam estar ocupadas. Vários dos cavalos enfiaram a cabeça para fora para verificar a recém-chegada,

observando-a com grandes olhos castanhos. Um ou dois relincharam baixinho, enquanto um grande preto, ainda maior que o animal que ela viu com Donlon na noite passada, bufou seu descontentamento, sua cabeça balançando para cima e para baixo enquanto ele chutava a lateral de madeira de sua baia.

Kathryn abriu espaço pra ele, indo em direção à extremidade fechada do celeiro, onde ela podia ver uma sala adjacente através de uma porta aberta. Antes que ela chegasse lá, uma mulher saiu, sem ficar surpresa ao encontrar um estranho em seu celeiro. Ela era pequena, não mais do que 1,55m, provavelmente menos sem suas botas. Kathryn teria estimado seu peso entre 52 a 55 kg, mas bem musculosos, sem dúvida, de trabalhar com cavalos.

A maioria das pessoas não entendia como os cavalos realmente eram grandes e quanta força era preciso para montar em um adequadamente, para que ele fizesse o que você queria.

A mulher não usava maquiagem ou joias. Ela tinha olhos azuis e cabelo loiro morango, que era ainda mais longo do que o de Kathryn, a trança pendurada ia até sua bunda.

— Eu sou Judy Peterson. — Disse a mulher com um sorriso amigável. — E você deve ser a agente especial Hunter. Senhor Donlon disse que você poderia vir. — Ela tirou a luva de couro e estendeu a mão direita.

Kathryn a pegou, sentindo a pele áspera e calos de trabalho duro.

— Kathryn Hunter. — Disse ela. Quer dizer que Lucas esperava que ela viesse mais cedo? Não foi o suficiente ele ser perturbadoramente bonito e charmoso, ele tinha que ser um leitor de mente, também?

— Eu queria ver o lugar à luz do dia. — Kathryn admitiu.

— Parece diferente, não é? — Peterson disse agradavelmente. — Especialmente os meus bebês. — Ela olhou para a longa fila de baias, com um ar de propriedade.

— Você é a treinadora?

— A treinadora principal. Eu tenho um par de assistentes e alguns cavalariços. O senhor Donlon não poupa despesas quando se trata de seus animais.

— Ele faz criação?

— Alguma. Ele monta principalmente para seu prazer. Mas ele adora cavalos, e ele está orgulhoso do que fizemos aqui, por isso ele não se importa de deixar um de seus garanhões cobrir uma ou duas éguas ocasionalmente. Por um preço, é claro.

— Claro. Ele nunca procura seu próprio garanhão para reproduzir?

— Não. — Peterson balançou a cabeça. — Se ele está interessado em uma determinada linhagem, ele compra o cavalo sem rodeios. É uma coisa dele.

— Homens e seus paus, eu suponho. — Kathryn murmurou.

Peterson riu.

— Pode ter certeza disso.

O grande cavalo preto de repente chutou a lateral de sua baia com tanta força que sacudiu toda a estrutura, fazendo com que vários outros cavalos protestassem.

— Tromluí não gosta de ser ignorado. Ele é um bebê grande. — Ela passou por Kathryn para baia do garanhão e estendeu a mão. O cavalo imediatamente enfiou o nariz em seus dedos e lambeu o que quer que estivesse lá. — Cenoura. — Disse Peterson, esfregando o nariz do animal com um sorriso carinhoso. — Ele tem um gosto por doces.

— Tromluí. — Kathryn repetiu. — Esse é o nome dele?

— É irlandês. — Peterson disse a ela, sem desviar o olhar do grande cavalo. — Significa pesadelo.

— Bem apropriado.

— Não é? Sim, este é o docinho especial do Senhor Donlon.

— Donlon faz seu próprio adestramento?

— Um pouco, mas ele deixa um pouco para mim também. Ele está mais interessado nos garanhões, mas ele assume uma égua ocasionalmente. Gosta de uma conversa doce primeiro, até que eles nem percebam que ele está subindo na sela.

Peterson deu uma risada tão forte que Kathryn sabia que ela tinha a intenção de deixar a frase com duplo sentido.

— Ele os dobra pessoalmente?

Peterson sorriu, como se lembrando de algo agradável.

— Dobrar não é a palavra certa para o que ele faz. Juro que estes animais entendem cada palavra que ele diz. Ele pode pegar um cavalo como Tromluí aqui e tê-lo literalmente o seguindo como um cabrito. É algo legal de ver. Sem falar de como ficam bonito os dois juntos. Dois belos animais se movendo como um só. E o homem sabe como montar a cavalo, deixe-me dizer-lhe. Mmmmmm.

Kathryn sorriu, em seguida, escondeu o sorriso rapidamente. Ela podia até concordar que Lucas era uma delícia que valia a pena, mas não faria nada para deixar que ele ou qualquer outra pessoa percebesse.

— Te incomoda... — ela perguntou a Peterson curiosamente —... Chamá-lo de Senhor? Quero dizer, isso é a América, afinal de contas.

Peterson deu de ombros.

— A Rainha da Inglaterra vem para visitar e todo mundo tem que aprender a reverência, certo? As pessoas não a chamam de Liz, ou mesmo Dona seja-qual-for-seu-último-nome. É mais ou menos o mesmo para Lucas. Ele é um governante, eu acho que você poderia dizer, em sua própria sociedade. Apenas é educado chamar-lhe pelo título. Além disso, ele é um bom empregador. Ele respeita minha opinião e me deixa fazer o que eu amo. Eu não me importo em conceder-lhe um pouco de respeito em troca.

Kathryn assentiu. Posto desta forma, isso fazia sentido para ela também. Além disso, lá no fundo, ela sabia que estava apenas tentando criar buracos na imagem de Lucas Donlon para evitar lidar com sua atração por ele. Ela não podia se dar ao luxo de ser atraída por alguém agora. Ela precisava se concentrar em uma coisa: encontrar seu irmão Daniel.

— Você já percebeu algum estranho por aqui, Judy? Talvez vampiros não vistos regularmente?

Peterson não respondeu de imediato, mas parecia estar pensando.

— O senhor Donlon não recebe muitos visitantes aqui. Este é seu reduto. Você sabe... De todas as decisões que ele tem que tomar em qualquer outro lugar, de todas as pessoas que vem até ele por favores e outras coisas. Ele sai por algumas semanas, de vez em quando. Quando ele volta, eu posso ver como ele está estressado. Então, ele sai para brincar com meus bebês e ele fica feliz e se torna ele de novo.

Kathryn olhou para a treinadora com alguma surpresa. Essa foi uma avaliação muito cuidadosa de Donlon. Aparentemente, os talentos de Peterson para compreender os animais são estendidos para os vampiros também. Ou talvez fosse apenas para garanhões, não importava a espécie.

— O senhor Donlon disse que montaria mais tarde? — Disse Peterson, com um olhar de soslaio. — Você já montou antes, Agente Hunter?

— Me chame de Kathryn. — Ela disse. — E, sim, eu já montei, embora ultimamente não tanto quanto eu gostaria. Aprendi quando era criança e novamente na faculdade. Eu tinha um amigo cujos pais possuíam uma pequena fazenda não muito longe de Charlottesville, onde o campus UVA[8] fica. Eu costumava ir lá às vezes, especialmente mais tarde quando... — Kathryn parou antes de falar demais. Ela não falava sobre essa parte de sua vida há muito tempo e parecia estranho fazê-lo agora. E com uma perfeita desconhecida, também.

A verdade que ela quase deixou escapar foi que até que seu irmão começar a faculdade por conta própria, ela passou com ele em casa cada fim de semana e quase toda a semana também, certificando-se que ele realmente seguisse no caminho da faculdade. Mesmo naquela época, ele tinha um talento raro para a fotografia, e ambos sabiam qual seria sua carreira. Mas ele também foi um desbravador, desafiando o mundo a cada oportunidade. E ainda era. E foi por isso que ele foi para o sertão das Badlands sozinho por duas semanas. Era bastante irônico que quando finalmente ele se meteu em um problema, foi em algo tão comum como um clube privado. Claro, tinha a parte do vampiro para dar-lhe um pouco de vantagem. A partir de suas conversas, ela sabia que o toque de perigo o seduziu.

— Me desculpe, eu estava divagando. — Ela dissimulou, parando de pensar sobre isso. — A resposta curta é, sim, eu monto. Não o suficiente para aquele monstro. — Ela fez um gesto para Tromluí. — Mas bem o suficiente.

— Ninguém monta Tromluí, exceto o Senhor Donlon. — Peterson disse a ela. — Não é verdade, minha beleza? — Acrescentou ela, coçando as bochechas

---

8 The University of Virginia in Charlottesville (UVA) – Universidade da Virginia em Charlottesville.

do grande cavalo como se fosse um gatinho fofo em vez de quase uma tonelada de músculos e atitude.

Kathryn olhou para o leitor digital em seu relógio. 05:47.

— Que horas é o pôr-do-sol por aqui?

— Nesta época do ano, seis ou menos. Está ficando mais tarde a cada dia com a primavera chegando.

— Eu provavelmente deveria levantar e ir para a casa principal, então, né?

Peterson deu de ombros.

— O senhor Donlon disse para esperar por você, por isso é provável que ele venha olhar aqui embaixo. Leva um tempo para acordar e ficar pronto. Como você ou eu de manhã.

— Tudo bem. Existe algo que eu possa fazer nesse meio tempo?

— Eu tenho algumas baias que precisam de limpeza. — Disse Peterson. Ela riu da careta de reação de Kathryn. — Não se preocupe, você vai começar de leve. Você sabe como trabalhar com uma escova pra cavalos?

— Com isso eu posso lidar.

— Então, eu tenho o cavalo para você.

* * *

Lucas abriu os olhos segundos depois que o sol desceu no horizonte. Seu sono durante o dia foi tudo, menos repousante. Ele ficou lá durante as horas de luz solar, traçando estratégias para lidar com Klemens, identificando os locais onde o senhor vampiro era fraco e o seu povo insatisfeito. Este último não era difícil de encontrar. Klemens era um déspota benevolente, na melhor das hipóteses, e um bastardo sem coração, na pior. Ele derrubou o governante anterior do Centro-Oeste através da tradição consagrada através dos tempos de um desafio com uma luta até a morte. Era a forma como as coisas foram feitas no mundo dos Vampiros, mas nem sempre tinha um resultado favorável.

No caso de Klemens, o território do Centro-Oeste passou de um senhor que segurava gentilmente o seu poder para Klemens, que governava com mão de

ferro. Cada senhor vampiro, incluindo Lucas, tinha o direito de matar os vampiros que eles governavam e protegiam. Mas, assim como Lucas, a maioria exercia esse direito com moderação.

Klemens, por outro lado, dizimou todos os vampiros em seu território, independentemente da sua situação individual, e se impôs através da força como uma espécie de rei medieval. Lucas já tinha tomado mais de um vampiro que cruzara a fronteira apenas para ficar longe de Klemens e seus agentes brutais de coleta.

Durante décadas, Lucas viveu lado a lado com Klemens em um estado de desconfiança mútua, mas sem hostilidade. Era mais ou menos como a Coréia do Norte e a do Sul. Havia a fronteira, que ambos vigiavam de perto, mas até agora ninguém quis pagar o preço da guerra total.

Algo mudou em Klemens no ano passado. Lucas não estava certo do que precipitara essa mudança, embora ele suspeitasse que tivesse algo a ver com Rafael e a forma que ele estava reunindo os outros senhores vampiros para o seu lado. Ele já tinha se aliado com Rajmund no Nordeste e até Sophia no Canadá. No Sul, Jabril havia morrido inesperadamente e Raphael entrou apoiando o novo senhor, que estava fraco demais para segurar o território por conta própria. Raphael alegou que era apenas por uma questão de estabilidade. Lucas duvidava disso, mas não se importava de qualquer maneira. Ele não tinha nenhum problema com as metas de longo prazo de Rafael. Ele era, de fato, uma parte delas. Mas mesmo que ele não soubesse o que realmente tinha acontecido com Jabril, havia rumores de que a companheira de Raphael, Cynthia, estivesse envolvida de alguma forma. Mas isso nunca passou de rumores. Nem mesmo Raphael discutiria o assunto com ele. Desde que Lucas e Rafael eram muito mais próximos do que o habitual entre os senhores vampiros, a relutância de seu pai até mesmo em abordar em assunto, deu credibilidade aos rumores do envolvimento de Cynthia. Raphael sempre foi muito protetor com as pessoas que amava, especialmente as mulheres.

Assim, foi possível que Klemens tenha visto Raphael reunindo as rédeas do poder em suas próprias mãos e decidiu fazer um movimento antes que fosse tarde demais. E uma vez que ele sempre cobiçou o território de Lucas, esse era o alvo mais natural do seu novo impulso expansionista.

Lucas pulou da cama e foi direto para o chuveiro. Agradecia aos deuses pela invenção do encanamento moderno como fazia todas as noites. Com a água quente caindo, ele pensou em Kathryn Hunter. Ela parecia um cachorro com um osso quando veio em busca de seu irmão. E ele achou que não podia culpá-la. Se ele tivesse um irmão, ele provavelmente faria o mesmo. Inferno, tudo o que ele sabia é que ele tinha toda uma tribo de irmãos que não conheceu desde que seu pai se separou quando Lucas ainda era um bebê. Seus pais nunca casaram e sua mãe sempre se recusou a falar sobre isso. Lucas suspeitava que seu pai fosse casado com outra pessoa e sua mãe não passou de um caso numa noite de verão. Quando ela acabou grávida, a aventura tornou-se um fardo e seu pai fugiu de volta para a segurança de sua esposa e família. Lucas não tinha nenhuma prova de sua teoria, embora até agora não tivesse os recursos para pagar alguém para desenterrá-lo se quisesse. Aliás, ele poderia ter contratado a companheira de Raphael, Cynthia, para rastrear sua ascendência como tantos outros estavam fazendo.

Mas a verdade era que ele não se importava tanto assim. Aquela vida, a vida humana, ficou pra trás há muito tempo e não tinha um lugar no que ele era agora.

Seu telefone tocou quando ele estava saindo do chuveiro. Secando o cabelo com uma das toalhas felpudas, ele entrou na sala de estar de seu cofre subterrâneo e pegou o celular.

— Nicholas. — Disse ele. — O que está acontecendo?

— Meu senhor, eu queria que você soubesse que a agente Hunter está no local.

— Ela está? Agora?

— Sim, meu senhor. Ela está lá embaixo no celeiro... escovando cavalos.

— Escovando cavalos?

— Sim, meu senhor. Parece que Judy a colocou para trabalhar.

Lucas riu.

— Ela tem o hábito de fazer isso com as pessoas. Ok, Nick. Vou terminar aqui e vou até os celeiros. Estou imaginando um passeio ao luar com a minha agente pessoal do FBI.

— Meu senhor...

— Prossiga, Nick. — Lucas suspirou. — Diga.

— Ela não é só uma policial, Lucas. Ela é uma agente federal. A fruta proibida dos policiais.

— Sim. Ela é. O que fará que seja mais doce quando ela cair em minhas mãos.

* * *

Ele encontrou Kathryn exatamente onde Nicholas disse que estaria, com o cheiro doce do feno fresco e cavalos ao redor dela, usando uma escova em Sassy, que apesar de seu nome, era uma das suas éguas de temperamento mais brando. Kathryn vestia um par de jeans desbotados que exibia sua bunda perfeita, assim como ele sabia que seria. Muito melhor do que as calças quadradas que usara na noite anterior. O celeiro estava quente, apesar do ar fresco da noite, e ela estava trabalhando duro. Tinha uma camisa pendurada do lado de fora da baia e Kathryn estava com um top branco elástico que acentuava os braços bem musculosos a cada escovada.

Lucas inclinou a cabeça e escutou. Kathryn estava falando com o cavalo enquanto trabalhava. Falava tão baixo que até mesmo sua audição de vampiro não podia pegar as palavras.

Ele começou a dizer seu nome, em seguida, mudou de ideia. Ela estava tão extasiada com o animal e o movimento repetitivo da escova que nem notou que ele estava lá. A égua o notou, é claro. Mas depois de um relincho suave de saudação, ela o ignorou. O que deixou apenas Kathryn.

Andando tão silenciosamente como somente um vampiro conseguiria, ele se aproximou, ficou bem atrás dela e mergulhou o rosto na curva de seu pescoço, inalando profundamente quando deu-lhe um beijo suave logo abaixo da orelha direita.

Kathryn arfou e virou-se, sua mão indo em direção a sua arma em seu quadril que ela havia esquecido embaixo de sua camisa na salinha anexa. Contudo, isso não a impediu. Ela arremessou a maldita escova em vez disso. E

se ele não fosse um vampiro, ele ficaria com mais do que algumas listras em seu rosto.

Lucas pegou seu pulso delicadamente, rindo tanto de surpresa como de apreciação. Ele amava uma mulher com temperamento. E ele deveria esperar isso de Kathryn Hunter, pensou com tristeza. Afinal, uma mulher não se criava no mundo masculino do FBI sem ser capaz de cuidar de si mesma. Nem uma mulher atravessava o país em busca de seu irmão desaparecido. Ele teve sorte de não estar ostentando um rosto ensanguentado agora.

Kathryn puxou seu braço e o empurrou para trás. Nada disso poderia ser feito se ele não deixasse, mas ela não sabia disso ainda.

— Você tem sorte que seu rosto bonito ainda está intacto. — Ela rosnou com raiva.

Lucas arregalou os olhos.

— Isso foi um elogio, Agente Hunter?

— Não, seu idiota. Isso foi um aviso. Nunca se mova sorrateiro perto de mim novamente. E se eu estivesse armada?

— Então, eu confio que você teria me segurado delicadamente enquanto eu sangrava nessa bela palha limpa.

Ela mordeu a bochecha tentando não sorrir, mas foi uma batalha perdida.

— Você nunca fala sério? — Ela perguntou, tentando recuperar o terreno perdido.

— Só quando é preciso.

Tromluí relichou com raiva de sua baia na outra extremidade do celeiro, exigindo a atenção de Lucas.

— Me dá licença um momento. Tromluí é muito possessivo. Você e ele vão ter que trabalhar em algo, se vamos continuar esse relacionamento.

— Que relacionamento? — Ela murmurou atrás dele. Ele sorriu enquanto caminhava até o corredor organizado do seu belo negro. O garanhão colocou a cabeça para fora soprando e bufando antes que ele chegasse lá, como se dissesse: — Por que você demorou tanto?

— Och, garoto. Também senti saudades suas. — Ele murmurou, esfregando o nariz largo do grande cavalo.

— É este o cavalo que o vi trabalhar na noite passada? — Kathryn perguntou a vários passos de distância.

Lucas olhou por cima do ombro e recebeu uma batida de cabeça sólida de Tromluí pelo seu comportamento. O garanhão revirou os olhos na direção de Kathryn e se moveu por trás do portão de sua baia, como se estivesse tentando interpor seu volume considerável entre seu amado mestre e a intrusa.

Lucas riu das palhaçadas do cavalo.

— Você não tem nada com que se preocupar, mo Tromluí. — Ele sussurrou e depois falou com Kathryn, no mesmo tom suave, sem olhar para ela. — O cavalo da noite passada era Nightshade, filho mais velho de Tromluí. Ele tem apenas um ano, enquanto Tromluí é um homem robusto de quatro.

— Ele é lindo. Quero dizer, ambos são, mas Tromluí é maior que a vida.

— Você ouviu isso, rapaz? A moça acha que você é bonito. — Ele olhou para Kathryn.

— Judy acha que vocês dois fazem uma imagem bonita.

Lucas riu facilmente.

— A verdade é que ele não vai deixar qualquer outra pessoa montar. É um mau hábito, mas um que eu deixo, já que nós dois gostamos desse relacionamento. Falando nisso, é uma bela noite, gostaria de montar?

— Agora? Quero dizer, no escuro?

— Não é escuro. Falta apenas um dia para a lua estar completamente cheia. Além disso, os cavalos conhecem as trilhas e nós vamos ficar com as mais fáceis, por enquanto.

— Mas eu não estou vestida...

— Você está bem vestida, Kathryn. Até usa botas. Você está procurando uma desculpa? Está com medo de ficar sozinha comigo? — Ele olhou para ela de novo, o tempo suficiente para abanar as sobrancelhas sugestivamente.

— É claro que não. Mas eu deixei o meu casaco no carro, e...

— Nós temos casacos.

Eles tiveram a maior parte desta conversa com Lucas dirigindo suas palavras ao ciumento Tromluí. Mas agora ele virara e chamou pelo corredor:

— Judy!

— Sim, chefe? — Judy Peterson colocou a cabeça para fora da sala. Ele sabia que ela estava lá atrás, porque ele ouviu a televisão. Ela gostava de ficar por aqui à noite apenas no caso de ele querer descer até os estábulos. Normalmente, se não descia nas primeiras horas, ele não aparecia mais. Se descesse, era só para visitar Tromluí, não cavalgar.

— Poderia selar Sassy para Kathryn? — Ele se virou para Kathryn. — Você monta estilo ocidental, não é? Você não é uma daquelas que esnobam cavalos?

— Isso não é esnobismo, Lucas. Mas, sim, eu monto estilo ocidental[9], bem como inglês.

— Se é Inglês, a cuisle, não vale a pena montar.

Kathryn revirou os olhos para ele, mas ele apenas sorriu e voltou sua atenção para o garanhão.

— O que você acha, Tromluí? Nada como um passeio ao luar bem com uma mulher bonita, não é? — Ele deu um passo para trás o suficiente para abrir o estábulo. O cavalo saltou pra fora assim que o portão estava aberto suficiente, mas Lucas estava pronto para ele. Era uma pequena brincadeira que seu cavalo gostava de fazer. O animal tinha um pouco de demônio nele, mais do que um pouco para ser sincero, e ele amava ver os humanos patetas correrem.

Lucas não fugiu. Ele agarrou a cabeça do garanhão e trouxe pra perto de seu rosto.

— Você vai ser legal agora. Você está me envergonhando na frente da dama.

Ele sabia que o cavalo não chegou a entender o que ele disse, mas seu tom de voz conseguiu expressar o suficiente. Tromluí esfregou a grande cabeça contra o peito de Lucas.

— Sim, eu também te amo, garoto. — Ele pegou a rédea do garanhão do gancho ao lado da porta e estava prestes a colocá-la quando seu celular tocou.

Ele franziu o cenho. A maioria de suas chamadas era encaminhada para o número principal na casa. Logo, esta só poderia ser de Magda ou Nicolas.

---

9 Estilo ocidental x inglês. Ocidental: A sela é mais larga e distribui bem o peso do cavaleiro para que ambos, cavalo e cavaleiro fiquem confortáveis durantes suas atividades. Um exemplo de atividade que usa o estilo ocidental é reunir gados no pasto. Inglês: A sela é menor e o foco é o exercício tanto do cavalo quanto do cavaleiro. Serve para esportes como pólo e salto. É o estilo de montaria militar.

Ambos raramente o perturbavam quando ele ia cavalgar. Lucas puxou o telefone do bolso.

— Nicholas. — Ele respondeu.

— Estou reunindo as tropas, meu senhor. — Disse Nicholas com urgência. Sua voz estava cortando, como se ele estivesse correndo enquanto falava. — Acabamos de receber uma chamada de...

E rapidamente cada plano que Lucas fez para a noite foi alterado. Ele parou de ouvir seu tenente e sua mente já buscava os milhares de vampiros em seu território para o que quer fosse que Nicholas estivesse preparando para a batalha.

— Merda! — Ele xingou suavemente. O complexo em Minnetonka, Minnesota, estava sob ataque. Estava cheio de civis, que deveriam estar fora dos limites, mas Klemens estava quebrando todas as regras em sua fome de poder. Os civis não teriam a menor chance contra os combatentes de Klemens. Pelo menos, o líder do complexo, Thad, tinha alguma experiência de combate. E o complexo deveria ter segurança no local. — Quem nos ligou?

— Um garoto, meu Senhor. Diz que sua mãe é companheira de um dos nossos...

— Dex. Sua mãe está com Thad desde que o garoto era um bebê. Não é companheira, no entanto. O que ele disse? — Lucas começou a caminhar em direção às portas abertas do celeiro com Tromluí na outra extremidade. Ele saiu com o garanhão e lançou-o para o grande cercado que estava sempre vazio e reservado para ele. O cavalo faria uma grande birra se Lucas tentasse colocá-lo de volta em sua baia agora, e Lucas não tinha tempo para isso.

— Eles atacaram há meia hora. Thad reuniu uma defesa, mas o garoto não sabe quanto tempo eles podem resistir. Ele estava muito chateado. Muita gritaria no fundo.

— Onde ele está?

— Ele estava a caminho da casa de um amigo. Viu as tropas de Klemens chegar e foi bastante inteligente para não correr para uma situação que não podia mudar.

Lucas voltou para o celeiro e chamou a atenção de Judy.

— Judy. — Disse ele enquanto ouvia a Nicholas. — Eu tenho que ir embora. Deixe-o trabalhar por algum tempo, em seguida, traga-o para dentro. Eu não vou voltar cedo.

— Sim, meu senhor. — Disse ela bruscamente e imediatamente começou a arrumar a sela que tinha acabado de pegar para Kathryn.

— Qual é o tempo estimado pra chegarmos? — Perguntou Lucas, voltando para Nicholas.

— Sikorsky está a caminho. — O grande helicóptero ressoou por cima e se preparou para dar uma volta para pousar sobre o campo plano atrás da casa principal.

— Já pousou. — Disse Lucas desnecessariamente. — Tempo de voo?

— Duas, duas horas e meia. A boa notícia é que podemos pousar diretamente no local. Thad tem aquele campo que ele usa para jogar baseball no verão.

— Baseball. — Lucas murmurou. — Pode salvar sua vida esta noite. Tudo bem. Dê-me cinco minutos e uma vez que estivermos no ar, eu vou fazer o que puder de lá.

Lucas desligou e viu Kathryn olhando-o como uma mulher pronta para ir para a batalha.

— O que está acontecendo? — Ela perguntou, igualando o seu ritmo de corrida fora do celeiro.

— Nada que você possa ajudar. — Disse Lucas, obrigando-se a manter a velocidade lenta de um ser humano.

— Um helicóptero de transporte acabou de chegar. — Ela apontou. — E eu estou apostando que isto não é uma busca e salvamento. Sou treinada em cumprimento da lei, Lucas. Deixe-me ajudar.

Ele parou e virou para encará-la.

— Eu sinto muito, Kathryn. Mas este é um negócio de vampiro. Vou ligar quando puder. E agora eu tenho que correr. — Antes que ela pudesse detê-lo, ele agarrou seu longo rabo de cavalo e a puxou para um beijo duro e rápido. Depois ele se foi. Sem fingir mais que ele não era um vampiro. Seu povo estava morrendo. Ele não tinha tempo sobrando para fingimento.

Nicholas esperava por ele no helicóptero. O último de seus combatentes saltou a bordo enquanto Lucas corria para o campo. O grande helicóptero foi projetado para reduzir os ruídos, mas o barulho do motor principal ainda era considerável. Nicholas entregou-lhe um par de fones de ouvido, logo que ele chegou perto e, enquanto Lucas subia a bordo, viu que cada um de seus vampiros usava a mesma coisa.

Os pilotos, ambos vampiros, decolaram quase tão rapidamente quanto Lucas entrava a bordo. Nicholas puxou uma mochila debaixo do assento e chutou para Lucas, que acenou agradecendo. Ele foi imediatamente para o trabalho, mudando as roupas que ele usava. O que era adequado para o passeio agradável da noite não era nada do que ele precisava para ir para a batalha contra a sua própria espécie.

Calças de couro pretas substituíram seus jeans desgastados, a camiseta branca que ele tinha colocado para que Kathryn pudesse vê-lo mais facilmente no escuro trocada por uma preta, e coturnos para combate completavam o traje. A jaqueta de couro preta foi jogada por cima de tudo isso, o que tornava mais fácil para ele trabalhar nas sombras contra seus inimigos. Porque uma coisa era certa. Os vampiros que Klemens enviou para atacar os civis no complexo Minnetonka eram claramente sanguinários. Eles demonstraram isso ao atacar um grupo pacífico, indo contra todos os precedentes da guerra. Mas tão cruel quanto poderiam ser, nenhum deles era um senhor vampiro, e nenhum deles seria capaz de ficar contra o próprio Lucas.

* * *

Kathryn assistiu frustrada, quando o helicóptero decolou para o céu noturno. Em poucos minutos, ele estava no ar e se foi, até que o som de sua partida não fosse mais do que uma memória. Ela apertou os olhos para focar na distância, mas o helicóptero era pintado de preto fosco e ele desapareceu, apesar da lua cheia.

Ela suspirou. Alguns momentos atrás, ela estava olhando através do luar com um homem lindo. Não um homem, um vampiro. Mas vampiro ou não, foi o

maior prazer que já teve com a companhia de um homem em um longo tempo. Lucas era charmoso e inteligente. E ele amava seus cavalos. Quem teria pensado? Quando ela ouviu pela primeira vez que ele vivia em Dakota do Sul, tinha imaginado algum tipo de imitação de cowboy sentado em sua casa grande, com couro por todos os lugares, que nunca pisou em um celeiro, muito menos andou de cavalo.

Mas ela estava errada. Ela também nunca acreditaria que ela se sentiria atraída por uma criatura que sugava o sangue para se manter viva. Mas ela estava errada sobre isso, também. É uma pena.

E agora, ela estava de pé em um campo vazio, tendo perdido tanto seu vampiro especialista e seu encontro para cavalgar, tudo em poucos minutos.

Ela olhou melancolicamente na direção que o helicóptero havia tomado. Ela só foi capaz de ouvir o lado de Lucas da conversa, mas ela conseguiu um vislumbre do helicóptero antes que ele decolasse. E, a julgar pela velocidade com que juntaram essa coisa toda... Bem, se fosse em uma zona de guerra, ela apostaria que o inimigo tinha acabado de atacar. Esse helicóptero tinha todas as marcas de uma equipe de resposta rápida. Mas ao que eles estavam respondendo?

O que quer que fosse, ela duvidava que estivesse nos jornais da manhã.

Ela começou a voltar para a casa onde seu SUV estava estacionado. A frustração e a preocupação roíam dois buracos em seu intestino. Ela não estava um único passo mais perto de encontrar Daniel e, até agora, sua investigação se tornara um monte de nada. Lucas supostamente tinha pessoas trabalhando nisso, mas agora ele correu antes de dizer se tinha encontrado alguma coisa. Ela não podia nem verificar a boate sozinha, porque a maldita coisa não estava aberta até amanhã à noite. Ela franziu o cenho, perguntando se Lucas voltaria a tempo de cumprir seu compromisso amanhã e decidiu que não importava. Se ele aparecesse, ótimo. Se não, ela iria sozinha. Muito tempo já foi desperdiçado enquanto as autoridades locais ignoravam sua insistência de que algo estava errado. Ao mesmo tempo, ela esperou por seus chefes na Virgínia, para dar a ela alguns dias de folga. Kathryn sabia demais sobre esse tipo de crime para deixar de lado. A cada dia que passava, a trilha ficava mais fria, e se tornava menos provável que ela pudesse localizar Daniel antes que fosse tarde demais.

Muito tarde para o que ela não pudesse dizer ou talvez não estivesse preparada para admitir.

Ela chegou à área de estacionamento em frente à casa grande e destravou as fechaduras do SUV. Uma luz acendeu em algum lugar no fundo da casa, visível através das janelas escuras da sala da frente do homem das cavernas. Magda estava, provavelmente, em algum lugar ali. Provavelmente, não foi a qualquer campo de batalha que Lucas foi. A vampira não atacaria Kathryn como uma lutadora. Exceto, talvez, no tribunal. Ela era, provavelmente, uma assassina nesse cenário.

Kathryn considerou brevemente bater na porta e perguntar a Magda se as investigações de Lucas tinham revelado alguma coisa, mas descartou a ideia de imediato. Ela não estava pronta para lidar com a advogada espinhosa. Além disso, mesmo que Magda soubesse de alguma coisa, ela reteria apenas para provar que podia.

Kathryn conhecia o tipo: mulheres que não gostavam de outras mulheres por uma questão de princípio. Magda funcionava melhor em um ambiente onde ela era a única mulher e, pelo que Kathryn viu, isso fazia o rancho de Lucas praticamente ideal. Outras além de Judy Peterson, ela não viu em todo o lugar.

Kathryn pegou a porta da caminhonete, depois fez uma pausa se perguntando se Lucas e Magda nunca... A pontada de ciúme que sentia em imaginar os dois juntos a surpreendeu pela intensidade. Tudo bem. Então, ela achou Lucas Donlon atraente, sexualmente atraente. Mas quem não acharia? Ela teria que estar morta para não achar. O vamp esbanjava sexualidade e ele sabia disso, também. Fez uso disso impiedosamente para conseguir o que queria.

Ela abriu a porta e estendeu a mão sobre o assento para pegar a jaqueta leve que deixara lá mais cedo. Puxando-a, ela deslizou para trás do volante e fechou a porta. Em seguida, girou o botão de controle de temperatura para o nível mais alto na esperança de conseguir que o aquecedor trabalhasse mais rápido, mesmo sabendo que ele não funcionava dessa maneira.

Enquanto esperava o SUV aquecer, ela tentou decidir o que fazer em seguida. Ela praticamente verificou as testemunhas locais, com exceção do clube, que estava fechado. Então, quem ainda faltava? Seu olhar pousou na

casa em frente a ela, que tinha um brilho dourado no seu interior que passava através das janelas e clarabóias. Magda podia ser uma megera, mas ela fez um excelente trabalho de decoração.

Os pensamentos de Kathryn derraparam até parar. As fotografias. Magda disse que as fotografias de Daniel na parede do escritório de Lucas eram de uma galeria com filiais em Minneapolis e Chicago. Ela olhou para o relógio, medindo fusos horários e distância. Chicago era fora da realidade, mas ela provavelmente poderia ainda pegar um voo para Minneapolis esta noite. Ela poderia passar o dia todo lá amanhã e voltar a tempo de cumprir seu compromisso na boate com Lucas. Não que fosse um encontro íntimo ou qualquer coisa assim.

Ela xingou em silêncio, lembrando de Lucas dizendo que o proprietário das galerias, Carmichael, era um vampiro. Então, talvez, ela não fosse capaz de pegá-lo pessoalmente, mas sua galeria com certeza ficava aberta, pelo menos, uma parte do dia. A maioria delas ficava aberta, e ele teria que concorrer, no fim das contas.

O que significava que alguém estaria trabalhando. Alguém com acesso aos registros de vendas, especificamente os registros de quem mais tinha comprado a obra de Daniel, e que poderia ter parecido um pouco interessado demais no fotógrafo. E se eles ficassem relutantes em falar, Kathryn não pensaria duas vezes antes de mostrar seu distintivo para persuadi-los. Ela esperou a pontada de culpa inevitável com a ideia de usar sua posição daquela maneira, mas ela nunca veio.

Capítulo 5

Lucas sentou com os olhos fechados, a cabeça encostada no apoio duro de seu assento. O helicóptero foi configurado para transportar o máximo em tropa, não para conforto. O que significava que os assentos eram resistentes e úteis. Nicholas estava no telefone ao lado dele, mas Lucas se desligou dele. Ele confiava em seu tenente para tomar as decisões corretas quando se tratava de situações deste tipo. Lucas tinha coisas mais importantes para fazer. Sua mente estava com seus vampiros em Minnetonka, vendo a batalha através de seus olhos, sentindo seus medos e dores.

Cada senhor vampiro tinha talentos que eram exclusivos seus. Raphael era poderoso além da medida. Duncan era o mais forte empata que Lucas já havia conhecido e, possivelmente, o mais forte empata vampiro. O talento de Lucas era diferente do que até mesmo do de Raphael. Ele tinha uma conexão exclusiva com seus vampiros, especialmente aqueles que eram seus próprios filhos. Ele podia ver através de seus olhos, o que não era incomum para um senhor vampiro. Mas o mais importante é que ele poderia emprestar a eles a sua força, tanto física como psicológica, dando-lhes a capacidade e confiança para lutar contra obstáculos aparentemente esmagadores. Se o vampiro não estivesse gravemente ferido, ele também podia canalizar a energia suficiente para mantê-lo vivo até que a ajuda chegasse. Mas, com a batalha agora em fúria, até mesmo

o poder considerável de Lucas estava sendo taxado. Havia também muitos inimigos e muito poucos de seus próprios em cena.

Dos vampiros de Minnetonka, apenas Thad tinha alguma experiência de batalha. Eles eram civis – comerciantes e trabalhadores qualificados. Por isso, Klemens os atacar era tão além dos limites que Lucas não achou que quaisquer um dos outros senhores vampiros achariam aceitáveis. Havia boas razões para as regras de combate dos vampiros. Seu povo não era numeroso, mas sua natureza de vampiro os fazia lutar uns com os outros o tempo todo. Se eles começassem a exterminar todos os territórios civis, o seu número diminuiria ainda mais. Sem mencionar que batalhas sangrentas desse tipo chamariam a atenção indesejada das autoridades humanas. Uma coisa era perder até mesmo uma casa cheia de guerreiros em um posto remoto como Alfonso Heintz que foi atacado. Outra era acabar com um complexo como o de Minnetonka, com mulheres humanas e as crianças dentro. Havia pelo menos quatro fêmeas humanas vivendo na casa Minnetonka, e Dex era apenas um dos vários filhos. Lucas sabia que Dex estava seguro, mas ele estava muito preso na batalha em si para saber sobre os outros.

Ele percebeu que Nicholas tinha ficado quieto. Lucas abriu os olhos.

— Meu senhor. — Nicholas começou. — Quatro guerreiros estão saindo de Minneapolis. Eu não podia arriscar mais por medo de que isso fosse uma distração por Klemens e o verdadeiro alvo fosse o QG na cidade.

— Quanto tempo antes que eles cheguem?

— Minutos. É apenas 20 milhas ou um pouco mais. Provavelmente levou tanto tempo para se reunir no caminhão quanto vai demorar a se dirigir até lá. Eles vão me avisar quando eles chegarem.

Lucas assentiu em silêncio, não mais vendo seus arredores, embora seus olhos permanecessem abertos. Ele já estava de volta em Minnetonka com os vampiros.

— Diga-lhes que se apressem, Nick. As tropas de Klemens passaram pelo primeiro perímetro. — Seus olhos se fecharam enquanto a dor esfaqueava seu coração. — Eles não estão poupando ninguém. — Acrescentou em um sussurro. Lucas chorou lágrimas de sangue enquanto testemunhava a carnificina, enquanto sentia a agonia de seus vampiros. Klemens pagaria por isso. Se isso

fosse a última coisa que Lucas fizesse nesta terra, ele faria aquele bastardo pagar com a vida por isso e por Raphael.

A viagem se tornou um borrão interminável de raiva e agonia. Uma parte dele ouviu Nicholas dizer que os quatro vampiros de Minneapolis chegaram e estavam envolvidos. Ele ouviu murmurados relatos de vítimas, mas ele não precisava delas. Ele sabia qual era a situação no terreno, sabia quão desesperada ela se tornou. Os quatro ajudavam, mas eles não eram suficientes.

Por fim, ele sentiu a inclinação do helicóptero enquanto começava a descer. No mesmo instante, ele ouviu Nick dizer a alguém que faltavam minutos. Lucas abriu os olhos e esquadrinhou os vampiros que ele trazia com ele, querendo ter certeza de que estavam prontos. Tinha perdido o suficiente esta noite. Ele não queria perder mais ninguém.

Clicando no botão apropriado em seu capacete, ele disse:

— Senhores. — Cada cabeça virou para ele. — Arrasem tudo. Nenhum deles escapa disso.

Seus guerreiros assentiram tristemente. Eles não estavam a par de suas observações em primeira mão, mas cada um deles ouviu a conversa de Nick.

Primeiro, com os vampiros em Minnetonka. E depois com o contingente Minneapolis, quando os quatro chegaram ao território. Eles sabiam como foi brutal o ataque de Klemens, não só para os vampiros Minnetonka, mas para os seres humanos também.

Eles ainda estavam a cem metros do chão quando Lucas se levantou e tirou o fone de ouvido. Ele mal registrou o barulho ensurdecedor enquanto ele estava na porta do helicóptero e viu a cena no chão. O mau cheiro da batalha o acertou primeiro, familiar de muitas formas. Sangue, carne e fogo. Não importa quanto o homem progredia, o cheiro de um campo de batalha ainda era o mesmo. Mas havia mais do que o cheiro físico para esta batalha. Ele era um senhor vampiro e estes eram seu povo. O terror deles era um gosto amargo na parte de trás de sua língua, suas mortes um grito ensurdecedor em sua mente, uma dor em seu coração.

Ele examinou o território de Minnetonka quando o helicóptero desceu. Não havia uma única estrutura, mas um complexo murado, com vários edifícios reunidos em torno do vão central. Algumas das estruturas menores eram casas

individuais, enquanto outros edifícios maiores eram compartilhados por vários vampiros. O muro foi quebrado, mas ele sabia disso. Os atacantes estouraram e entraram pelo portão robusto, que nunca teve a intenção de resistir a um ataque desta natureza. Ele foi projetado para manter os vampiros a salvo da intrusão e curiosidade humana. E até hoje, ele nunca tinha sido chamado para fazer mais nada.

— Meu senhor. — Nicholas gritou enquanto eles pairavam bem acima da terra, se preparando para o pouso. — Deixe-me ir à frente...

Isso foi tudo o que Lucas ouviu enquanto saltava para o chão e corria para a batalha, a sua velocidade de vampiro o levou para fora do rotor zumbido da nave que descia. Em uma fração de segundo, ele identificou os próprios vampiros, separando-os com os olhos da mente daqueles enviados por Klemens. Ele rasgou o primeiro inimigo com um rugido, separando o corpo dele do vampiro macho com quem ele lutava e arrancou sua a cabeça com uma torção viciosa. Ele jogou os dois pedaços de lado e continuou.

— No interior, meu senhor. — Alguém gritou e a cabeça de Lucas virou seguindo a voz, enquanto ele se mantinha em movimento. — A casa principal, senhor! — Lucas reconheceu Thad, sangrando e quebrado, em uma luta por sua vida. Ele começou em direção a ele para ajudar, mas Nicholas apareceu do nada, pisando entre Thad e o bruto que ele estava segurando, apesar de ser ultrapassado por 30 kg ou mais.

Lucas correu para dentro do prédio principal, alcançando as escadas exteriores em um único salto e estourando a porta. O tempo parecia desacelerar enquanto ele tomava a sala enorme com uma varredura rápida. O sangue e os corpos estavam em toda parte. A batalha se desenrolava ao pé da grande escada e ele reconheceu Dex, de 12 anos de idade, segurando um machado de lâmina espessa, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto balançava a arma pesada em um amplo arco, tentando evitar os dois vampiros enormes que iam brincar com ele. Que diabos Dex estava...

Um grito muito humano soou lá de cima e Lucas compreendeu. A cabeça de Dex virou na direção do som e um dos vampiros inimigos pegou o machado, arrancando das mãos de Dex, quase puxando o menino com ele. O bruto alcançou a criança humana, mas seus dedos nunca chegaram longe. Lucas

bateu com o punho nas costas do vampiro e quebrou sua espinha em duas. Antes que o vampiro ferido tivesse sequer começado a entrar em colapso, Lucas pegou seu amigo sádico, levantando o corpo e jogando na direção da porta, onde os frescos e sanguinários guerreiros de Lucas seguiam na cola de seu mestre.

— Tome conta do garoto. — Lucas rosnou e percorreu as escadas mais rápido do que o olho humano poderia seguir.

Ele não precisou olhar para os atacantes, ele seguiu o cheiro de sangue. Sangue humano. As mulheres estavam reunidas no andar de cima. Por razões de segurança, sem dúvida. Thad e suas tropas fizeram sua última posição neste edifício e Deus sabia que eles duraram mais tempo do que qualquer um tinha o direito de esperar. Mas não foi suficiente.

Lucas virou uma esquina e gritou furiosamente com a visão que o cumprimentou. Ele temia que um banho de sangue o aguardasse e havia sangue suficiente.

Mas foi selvageria de um tipo diferente que causou isso. Os vampiros de Klemens atacaram as mulheres do complexo e estupraram a vontade, enquanto seus aliados seguravam do lado de fora os machos de defesa logo embaixo. E os estupradores ainda estavam ali. A raiva de Lucas enviou ondas de energia percorrendo toda a casa, sacudindo as paredes e quebrando janelas. Os dois vampiros que ele pegou no ato pularam, prontos para lutar até que viram o que eles estavam enfrentando.

Eles tropeçaram pra trás, se aproximando das janelas em desespero para escapar. Mas não havia como escapar. Não para os assassinos de civis inocentes. E não para estupradores.

Lucas avançou lentamente, segurando os dois atacantes no lugar com um pensamento. Ele sentiu mais do que ouviu alguns de seus próprios vampiros entrarem na sala e falou sem se virar.

— Levem as mulheres daqui. Gentilmente.

As mulheres choramingaram de medo quando os vampiros de Lucas se aproximaram delas, soltou um punhado de poder para fazê-las dormir. Ele falaria com Thad quando isso acabasse e recomendaria o líder que o permitisse limpar as memórias das mulheres dos eventos nesta sala. Não do ataque.

Pessoas morreram aqui hoje. Não poderiam esquecer isso. Mas essas mulheres não precisavam se lembrar do resto. Não, se elas não quisessem.

Ele se concentrou novamente nos dois vampiros inimigos agora encolhidos diante dele, tentando encolher no próprio chão. Eles estavam cobertos com o sangue de suas vítimas, presas totalmente distendidas e ambos eram enormes. Mais altos até do que Lucas e muito mais musculosos. Os vampiros no quintal eram iguais. Klemens aparentemente andava reunindo bandidos por algum tempo, preparando um exército para o dia que ele faria a sua jogada. Lucas zombou quietamente. Seria preciso mais do que alguns pedaços de carne para vencer esta guerra.

Ele agachou na frente do atacante mais próximo. Ele não tinha tocado o vampiro ainda, mas ele não precisava.

— Quais foram as suas ordens? — Questionou.

O vampiro teve o bom senso de balançar a cabeça. Ele podia estar com medo de Lucas, mas Klemens não era ninguém para cruzar impunemente também.

— E você? — Perguntou Lucas, abordando o segundo prisioneiro.

Claramente encorajado pelo sucesso de seu companheiro bandido, ele também balançou a cabeça e soltou uma espécie de ruído de grunhido que Lucas levou para um lado negativo.

Lucas mostrou os dentes.

— Ah, eu esperava que você se sentisse assim. Nicholas... — Ele chamou por cima do ombro, e sentiu seu tenente entrar na sala. — Pergunte a Thad se ele tem uma sala à prova de som onde eu possa conversar com esses dois. Se não... — Lucas virou para trás e olhou para os prisioneiros preguiçosamente. — Eu vou ter que arrancar as cordas vocais e buscar a verdade de seus pequenos cérebros... depois de brincar um pouco, é claro. Aposto que Thad e seu povo gostariam de passar algum tempo de qualidade com eles primeiro.

Um dos vampiros choramingou de medo. Lucas estudou o bastardo como se fosse um pedaço de merda nos calcanhares.

— Você prefere que eu te mate rápido?

O vampiro balançou a cabeça, seus olhos implorando por misericórdia. Mas Lucas apenas riu.

— Onde estaria a diversão nisso?

Capítulo 6

Kathryn desligou o alarme em seu telefone celular antes que pudesse tocar. Apesar do que ela pensava na noite anterior, não havia voos em Minneapolis até esta manhã. Então ela reservou o primeiro às seis horas da manhã, e depois foi à procura de um ginásio para trabalhar um pouco de sua energia nervosa. Isso foi difícil também. Ela andou para cima e para baixo todas as ruas antes de encontrar uma academia 24 horas que não ia se materializar na próxima esquina. Ela finalmente parou na Starbuck's local, aparentemente não havia nenhuma cidade pequena demais para Starbuck's e pediu um café descafeinado enquanto usava sua conexão Wi-Fi para desenterrar o que podia sobre Carmichael e sua galeria. O que não tomou muito tempo, então ela voltou para o motel e tentou pegar algumas horas de sono. Ela não sabia por que ela estava incomodada. Toda vez que ela fechava os olhos, os fatos do caso de Daniel lhe pareceu pessoal e impresso no interior das pálpebras, com todos os itens verificados fora e inevitável conclusão de que ela ainda não sabia absolutamente nada.

E se isso não fosse ruim o suficiente, quando ela conseguiu apagar a lista de verificação, foi apenas para ser substituída por um loop infinito de especulações quanto a onde Lucas estava ontem à noite.

Ela saiu da cama, arrancado seu laptop e imediatamente começou a procurar bancos de dados policiais para relatórios de recente e incomum violência. Que fez para uma pesquisa bastante ampla, mas ela não sabia o que

estava procurando. Ela estreitou a janela de tempo para as últimas doze horas, o que ajudou um pouco, e limitou ainda mais a pesquisa de cidades dentro de um passeio de helicóptero de sua localização atual. Isso foi mais um problema, uma vez que dependia do equipamento, e havia sempre a possibilidade de que eles se reabasteciam em algum lugar. Mas mesmo eliminando essa possibilidade, a área alvo era tão grande que era impossível eliminar qualquer evento violento de outro. América era um país violento. Em qualquer noite em uma grande cidade, houve crimes demais para contar. Adicionar no problema de jurisdições menores, que foram representados nos parâmetros de pesquisa, era a proverbial agulha num palheiro. Pior, ela nem sabia se era uma agulha ou não.

Dando isso como uma causa perdida, ela tomou um banho rápido e se vestiu. Ela não se preocupou em se arrumar, levando apenas uma maleta, com seu laptop dentro. E a arma dela, é claro, que ela usou em seu coldre de cinto. Tudo o mais ela deixou no motel. Como ela não tinha sido capaz de voar na última noite, ela teria que fazer uma viagem de um dia, voltando a tempo esta noite para atender Lucas para sua visita a... o que Lucas chama isso? Uma casa de sangue. Grande.

Seu voo esta manhã iria levá-la para Minneapolis logo após o meio-dia. Ela podia ir diretamente para a galeria, falar com o proprietário, se ele estivesse disponível, ou sua equipe se ele não estivesse por perto. Três horas mais tarde, ela estaria em seu voo de volta, chegando com tempo de sobra para ir a alguma boate sangrenta com vampiros.

* * *

Kathryn olhou para a placa na janela da galeria de arte em descrença. Fechado para o almoço? Quem diabos fecha para o almoço? E por duas horas? Ela olhou em torno do Minneapolis street ocupada para verificar se ela estava de fato em uma grande cidade americana e não em algum lugar na Europa onde às duas horas tudo fecha para o almoço, e era a norma.

Ela olhou para o relógio. Ainda restava uma hora para a galeria ser reaberta. Uma rajada de vento soprou pela rua larga, e ela estremeceu, puxando para mais perto a jaqueta para envolvê-la quando ela procurou na área uma forma de matar uma hora. Seu olhar caiu sobre o Shopping da America, enorme na distância, e ela gemeu interiormente. Ela odiava compras. Mas de acordo com Lucas, ela precisava de algo *apropriado* para vestir hoje à noite, e uma jaqueta seria útil também. Ela suspirou e se dirigiu para seu carro arrastando os passos.

Uma hora mais tarde em ponto, ela estava de volta, deslizando seu sedan de aluguel em um espaço de estacionamento na rua. Tomando isso como um bom sinal, ela estava se sentindo otimista quando abriu a porta de vidro pesada na galeria. Era bastante típico o interior, com paredes claras e iluminação que poderia ser manobrada para acomodar os shows que variavam ao longo do tempo. Paredes flutuantes penduradas inexpressivamente no ar, e Kathryn se perguntou se eles estavam em processo de transição para uma exibição nova.

O estalido seco de saltos altos soou no piso de madeira, e Kathryn virou-se para encontrar uma mulher intensamente na moda caindo sobre ela. Ela era mais velha do que Kathryn por pelo menos 10 anos, com cabelos pretos e lisos repartidos ao meio e roçando seus ombros. Sua maquiagem era perfeita, sua pele tão pálida que Kathryn teria pensado que ela era da gangue de Lucas, se não fosse a luz do sol radiante fora das janelas UV protegidas. A lente de contato mudou o que Kathryn achava que eram os olhos castanhos, provavelmente, em um turquesa brilhante que a natureza nunca produziu no olho humano.

A saia lápis apertada forçou a mulher a andar com passos curtos quando ela se aproximou de Kathryn. — Boa tarde — disse ela em uma agradável, mas sofisticadamente voz fria. — E bem-vinda ao Carmichael. Como posso ajudar?

Kathryn sorriu de volta e mostrou sua identificação do FBI. — Agente Especial Kathryn Hunter. O Sr. Carmichael está?

A mulher estudou cuidadosamente o emblema antes de mudar seu olhar para Kathryn e dizer: — Sinto muito, o senhor Carmichael não está aqui.

— Quando você espera ele voltar?

— Eu receio que o Sr. Carmichael não está na cidade esta noite.

— Eu entendo que ele tem uma galeria além desta?

— Sim, sua principal base de operações é a galeria em Chicago.

— Ele está em Chicago, então?

— Eu não posso dizer com certeza. O Sr. Carmichael não precisa que eu aprove seus horários.

— Mas se você quiser entrar em contato com ele, é onde você começaria?

— Se eu quisesse chegar ao Sr. Carmichael, agente, eu ligaria para seu telefone celular. — A mulher demorou, como se estivesse explicando as maravilhas da tecnologia moderna para um idiota.

Kathryn estudou a outra mulher em silêncio. Tempo suficiente para que ela finalmente estendesse os dedos nervosos para endireitar seu cabelo já perfeito. — Mais alguma coisa? — Perguntou a mulher.

— Eu sinto muito — disse Kathryn. — Eu não sei o seu nome.

— Françoise.

— Françoise? É isso? Como Cher?

Francoise franziu os lábios, infeliz, o que não foi bom para a maquiagem perfeita, revelando uma explosão de rugas em torno dos lábios atraentes que, o que fez Kathryn estimar a idade da mulher por mais dez anos.

— Françoise Reyos — disse ela a contragosto.

— Percebo que você tomou recentemente uma coleção, Françoise.

— Sim, uma série de fotografias de Daniel Hunter. — Ela disse, sua expressão de repente animada. — Um fotógrafo talentoso e muito popular com nossos clientes. Para não falar de um homem bonito e charmoso.

— Você o conhece bem, então?

— Oh, sim. Não tão bem quanto Alex conhece, é claro, mas somos muito amigáveis.

— Alex? — Kathryn repetiu, tentando manter a voz longe do fato de que o nome significava algo especial para ela, que este era o nome do vampiro com quem Daniel foi visto saindo juntos.

— Eu quis dizer o Sr. Carmichael, é claro. Alex Carmichael.

Kathryn congelou. Sua pesquisa tinha listado o proprietário como George A. Carmichael, mas ambos Magda e Lucas tiveram o cuidado de chamá-lo apenas por seu sobrenome. Lucas sabia que ela estava procurando um Alex, e

ele não era estúpido. Ele tinha que saber sobre Alex Carmichael, e imediatamente ir para o topo de sua lista. Então, por que ele não mencionou isso?

E aqui ela tinha começado a pensar nele como um amigo, talvez mais. Aquele desgraçado mentiroso.

Françoise estava olhando para ela, preocupada, e Kathryn imediatamente baniu todos os pensamentos de Lucas. Ela lidaria com ele mais tarde. Obrigou-se a voltar ao presente.

— Você vai ver Alex, amanhã de manhã, por acaso? — Ela perguntou a Françoise, querendo saber se a mulher sabia que seu chefe era um vampiro.

Francoise baixou os olhos e olhou para longe antes de responder. — Eu não espero que ele volte antes de amanhã à noite, no mínimo. A noite é mais movimentado. É quando Alex gosta de estar aqui.

— É claro. Por acaso você tem uma fotografia de Alex?

— O folheto. — Disse Françoise brilhantemente, e correu para uma mesa estreita de madeira clara contra uma das paredes flutuantes. Kathryn a seguiu, dando um passo para cada dois de Françoise em sua saia justa. A assistente de galeria pegou o que parecia mais um livreto de uma brochura e abriu-o para uma página interna.

— Esse é o Alex. — Disse ela com certo orgulho e apontou para uma fotografia colorida de um homem de meia-idade e bonito, com cabelo loiro prateado. O título abaixo da foto o identificou como G. Alexander Carmichael.

— O que o G representa? — Kathryn perguntou.

— Oh — Françoise murmurou, inclinando-se cúmplice. —É George, mas ele odeia esse nome. Está em todos os tipos de documentos legais, mas nunca o usa. É sempre Alex.

O coração de Kathryn pulou uma batida. A testemunha havia descrito *Alex* como loiro e mais velho, mas a um cabo da Marinha de 20 anos de idade, um cara de meia-idade provavelmente era mais velho. E Alex Carmichael era definitivamente loiro. Havia coincidências demais aqui para ignorar.

— Você tem o número do celular de Alex? — ela perguntou.

Françoise a olhou como se quisesse dizer que não, mas teria sido insensato. Ela só admitiu ter o número a cinco minutos antes. Então ela

assentiu com firmeza e deu o fora nos seus saltos fininhos, caminhando até uma mesa minimalista e retirando um cartão profissional de uma elegante caixinha em madrepérola.

Ela segurou o cartão para Kathryn, que a seguiu até a mesa. Kathryn estudou o cartão antes de aconchegá-lo em seu bolso.

— Obrigada, Françoise. Se o senhor Carmichael ligar, não diga a ele ou qualquer outra pessoa, que eu estava procurando por ele.

Francoise pareceu surpresa com o pedido. Ela assentiu, mas Kathryn viu a rebelião nos olhos dela e sabia que ela estava mentindo. No minuto que Kathryn saísse pela porta, Françoise estaria no telefone deixando uma mensagem para o seu chefe vampiro.

E por falar em vampiros, Lucas tinha algumas mentiras a responder. Talvez ele soubesse muito mais do que ele estava falando sobre outras coisas, também. Como o que aconteceu com seu irmão e onde Daniel estava agora.

* * *

Kathryn jogou as malas em cima da cama, quando ela voltou para o motel, ainda debatendo se devia ou não ir para o clube sem Lucas. Seu voo tinha sido adiado em Minneapolis, levando mais tempo do que o planejado para voar de volta para Rapid City. Ela se enfureceu em particular, mas não havia sentido em gritar com a atendente do portão como ela viu um casal de empresários fazer. Afinal, a pobre mulher não tinha nada a ver com o atraso, nem podia magicamente evocar um novo avião só para ter certeza que aqueles dois idiotas chegariam à casa a tempo para o jantar.

O avião finalmente decolou, mas era quase 10 horas quando ela voltou para o pequeno quarto de motel que ela dividia com as roupas e equipamentos de Daniel. Ela deixou várias mensagens para Lucas, ambas antes de sair de Minneapolis e uma vez que ela aterrisou, mas ele não retornou nenhuma das ligações dela. Olhou para o telefone mais uma vez, meio que esperando encontrar uma mensagem dele cancelando seu encontro. Ela não tinha dúvida

de que a sempre útil Françoise, ou o seu chefe Alex, teriam a certeza que Lucas saberia que Kathryn visitara a galeria e agora sabia sobre Alex Carmichael.

Ela esperava que ele não fosse cancelar, no entanto. Esperava que ele fosse arrogante o suficiente para defraudar seu acesso. Porque enquanto ela pretendia tê-lo sobre Carmichael, ela ainda precisava dele para se certificar de que ela não só entrasse no clube esta noite, mas que o seu povo respondesse suas perguntas. Uma vez que isso fosse feito, ela poderia confrontá-lo sobre o que ele sabia. Dois poderiam jogar em mentiras e meias-verdades.

Mas desde que Lucas não se preocupou em ligar, ela agora tinha de decidir se tentaria o clube sem ele. Ela não tinha nenhuma garantia de que ele ainda esperava o seu acordo, mesmo que ele apareceria. E agora que ela sabia sobre Carmichael, ele pode decidir enviá-la em uma perseguição de ganso selvagem, enquanto ele cobria a bunda de seu amigo vampiro.

O que decidiu por ela. Não esperaria por Lucas ou qualquer outra pessoa. Esta era a América, e ela era, por Deus, uma oficial de juramento federal. Ela iria esta noite para o clube, e iria conseguir as respostas que precisava, ou ela prenderia todo mundo e fecharia a coisa toda.

— Isso mesmo! — Ela gritou, bombeando seu braço no ar uma vez em um ato de desafio. Ela viu-se no espelho e começou a rir. Ok, então talvez ela não pudesse fechar o clube, mas podia e ia lá e faria algumas perguntas. E ela definitivamente não estaria à espera do Lucas traidor para fazer isso.

* * *

Lucas invadiu seu escritório, ainda usando os couros sangrentos da batalha de ontem à noite. Ele tinha sido forçado a dormir durante o dia na casa de Minneapolis, junto com os sobreviventes de Minnetonka. O enclave estava muito danificado para a segurança dos vampiros, e os humanos estavam muito abalados pela violência para ficar lá de qualquer maneira. O enclave seria reconstruído, talvez até mesmo no local. Mas isso levaria tempo, e Thad e seu povo precisavam desse tempo para se curar. Vidas foram perdidas

na noite passada. Concedido, o inimigo perdera muito mais, mas era pouco conforto para os mortos ou aqueles que os amavam.

O ataque ensinou uma dura lição a Lucas. Ninguém estava seguro nesta guerra, não quando Klemens estava disposto a reduzir-se à brutalidade da guerra humana, quando civis inocentes eram alvos, e o estupro era uma arma aceitável.

Lucas não queria permanecer em Minneapolis após a batalha, mas levou várias horas para limpar a cena em Minnetonka o suficiente para evitar o escrutínio das autoridades humanas. O complexo não tinha quaisquer vizinhos próximos, mas foi necessário reparar o pior dos danos na parede e, em especial, remover os corpos humanos. Os corpos de vampiros tinham cuidado de si mesmos, mas não havia escondido a destruição dos edifícios. As pessoas de Klemens fizeram um favor ao Lucas incendiando tudo. O fez mais fácil de explicar os danos e forneceu uma desculpa para a ausência repentina de pessoas que viviam lá. Mas o fogo também atraiu uma multidão. Felizmente, a localização relativamente remota significava que era uma pequena multidão, mas Lucas foi forçado a manipular as suas memórias para sustentar sua versão preferida dos eventos.

Entre isso e ficando todos em segurança, em Minneapolis, em seguida, encontrando-se com Thad e várias pessoas de Lucas, não teve tempo de voltar para a fazenda antes do amanhecer. Sua única outra opção teria sido voar para casa com um piloto humano no controle, viajando através da luz do dia por horas e dormir no aeroporto até anoitecer. Ele odiava essa ideia em duas frentes. Uma delas era a sua paranoia pessoal, herdada de seu pai, Raphael, sobre a colocação de um ser humano unicamente encarregado de sua segurança. E o outro era a sua aversão a dormir no avião.

Ele tinha uma cobertura em St. Paul, onde geralmente se hospedava ao visitar as Twin City, mas o tempo tinha sido tão curto esta manhã que ele não se incomodou com isso, também. Ele acabou passando as horas da luz do dia em um dos quartos subterrâneos do quartel general de Minneapolis, e voou de volta para o rancho esta noite. Não foi assim tão simples, é claro. Ele teve de se reunir com Thad novamente antes de sair, e fez uma série de telefonemas para os líderes de seus outros ninhos regionais, aconselhando-os da nova tática

perigosa do Klemens. Ele ordenou que eles contassem para os civis em suas áreas.

Em qualquer outra noite, Lucas teria permanecido em Minneapolis até mais, mas ele tinha uma sensação incômoda de que sua agente do FBI favorita não ficaria esperando por ele para acompanhá-la ao clube. Depois de sua saída abrupta da noite anterior, ela provavelmente passou o dia todo mastigando o freio, xingando vampiros em geral, e a ele especificamente. Mas apesar de tudo isso, ele ainda tinha mais uma ligação para fazer antes de ligar para Kathryn.

Ele circulou a mesa e ergueu o receptor de um telefone de aparência comum assentado no armário elegante, atrás de sua mesa. Era um telefone fixo, e em momentos mais leves, Lucas brincava, referindo-se a ele como o telefone morcego. Ele tinha apenas sete números armazenados em sua memória, os números de seus sete vampiros senhores companheiros, e era raramente utilizado.

Senhores vampiros tendem a ser hostis para com o outro, o que significava que não haveria uma chamada longa nesta linha. Nas ocasiões em que Lucas queria conversar com Raphael ou Duncan, ele usava seus telefones celulares pessoais. O telefone fixo era para situações de emergência e avisos. Como o que ele estava prestes a dar.

Lucas esperou até que ele ouviu a voz odiosa de Klemens, então rosnou, — Rape, seu filho da puta? Foi para isso que veio?

Klemens riu. — Guerra é guerra, meu caro Lucas, não importa o local. Mas então vocês, Micks[10], sempre se preocupam muito em proteger as mulheres.

Lucas apertou os dentes. — Essas mulheres estavam acasaladas com vampiros. — Ele rosnou. — *Meus* vampiros.

— Sério? Eu pensei que elas eram simplesmente prostitutas trazidas para se divertir — Klemens falou de forma arrastada, nem mesmo fingindo que ele não ordenou a atrocidade.

— Bem, saiba isso, idiota. Não há misericórdia para estupradores. Você está oficialmente hoje à noite com 13 vampiros a menos. Seu exército está encolhendo, Klemens, e isso significa que eu estou um passo mais perto de você.

---

10 Termo pejorativo usado para se referir a uma pessoa nascida na Irlanda.

É hora de começar a dizer as suas despedidas a qualquer um tolo o suficiente para cuidar de você.

Lucas bateu o telefone tão forte que rachou a base. — Foda-se. — Ele cuspiu e jogou a maldita coisa para o chão, com raiva frustrada, girando com um grunhido, quando a porta do escritório foi aberta.

Nicholas deu uma olhada e se congelou no lugar.

— Eu quero um alvo, porra. — Lucas ordenou. — Klemens está preparando o seu povo em algum lugar ao longo da fronteira. Eu quero o que ele encontrou, caramba. Não civis, mas tem que doer. Estou cansado de reagir e deixar aquele bastardo definir o ritmo.

— Sim, meu senhor.

Nick ainda estava na soleira da porta, olhando para Lucas, como se esperando outro passo para desabar sobre si mesmo. Lucas passou a mão cansada sobre seu rosto e acenou para ele entrar. Nick parecia ainda pior do que Lucas sentia. Como Lucas, ele mudou de camisa, mas ainda usava os couros rasgados e sangrentos da noite anterior. Ao contrário de Lucas, ele também foi gravemente ferido. Um dos vampiros de Klemens tinha tido sorte e rasgou a mandíbula de Nick com os dentes. A profunda laceração ia do canto externo do olho até a curva de seu osso do maxilar. O fato de que não estava curado mais de 12 horas após a lesão falava da seriedade que foi. Ainda assim, mais um dia, e seria uma cicatriz curada. Um dia ou então, depois disso, a bochecha e Nick estaria mais uma vez, sem mancha. A cura teria ido ainda mais rápida, se Lucas tivesse sido capaz de dar a Nick um pouco do seu sangue para beber. Mas, em momentos como este, quando um ataque pode vir de qualquer lugar, a qualquer momento, não era sábio enfraquecer-se, ainda que minimamente, a menos que a necessidade fosse crítica.

— O fodido Klemens nem pediu desculpas por seus estupradores. — Disse Lucas calmamente.

— Pelo menos isso prova o que já suspeitava, meu senhor. Que ele deu as ordens específicas.

— Oh, ele deu tudo. O bastardo fez alarde disso. — Lucas desabou sobre sua cadeira, caindo com força suficiente que derrapou para trás algumas

polegadas. — Sente-se, Nick. E pare com a besteira de senhor. Eu não vou machucar ninguém, especialmente você.

— Bem, isso é um alívio. — Magda falou lentamente enquanto passeava em seu escritório. Ela foi até a mesa e apoiou o quadril na ponta, a saia estreita deslizando para cima para revelar uma extensão de coxa tonificada quando ela se virou para olhar para ele. — A Agente Hunter ligou esta noite. Várias vezes.

Lucas praguejou baixinho. Ele provavelmente devia ter ligado para ela do avião, mas não queria que o FBI soubesse de seus negócios e percebeu que era pelo menos possível ela saber que algo estava no ar. Agarrando seu telefone celular, ele buscou o número dela, verificando o tempo quando fez isso. Passara das 11. Droga, ele estava atrasado. O telefone de Kathryn estava tocando pela terceira vez. Certamente, ela não teria...

— Kathryn Hunter — ela respondeu com uma voz agradável. Lucas revirou os olhos. Ela tinha que saber que era ele ligando, desde que seu número teria aparecido em seu identificador de chamadas.

— Sim, Kathryn. É Lucas — disse ele, identificando-se desnecessariamente, e jogando o seu joguinho. — Olha, algo bastante grave aconteceu. Nós vamos ter que deixar o clube para amanhã à noite.

— Ah, tudo bem. Eu já estou aqui.

Lucas afastou o telefone e olhou para ele, perguntando se ele ouviu corretamente. Ele trouxe de volta ao seu ouvido. — Como?

— Estou no clube — disse ela em voz alta, pronunciando cada palavra, como se ela realmente acreditasse que não foi capaz de ouvi-la. — Na verdade, eu estou prestes a entrar.

— Má ideia, Kathryn. — Disse ele, esforçando-se para manter a calma, embora seu cérebro estivesse gritando com ela para dar o fora de lá. Seus guerreiros estavam prestes a descer sobre esse clube. Eles estavam frescos do campo de batalha, no alto da derrota de seus inimigos, procurando pela liberação do sangue e sexo que não tiveram tempo de conseguir na noite passada... e ela estaria justamente lá, a loira agente do FBI, diretamente em seus caminhos.

— Como? — Ela imitou maliciosamente.

— Má. Ideia. — Ele repetiu, tentando não rosnar, sabendo intuitivamente que, se ele ficasse bravo ou exigente, teria o efeito oposto que ele queria.

Mas ela apenas riu. — Tenho certeza que vou conseguir, Lucas. Isso não é exatamente a minha primeira inspeção.

Lucas disse uma rápida oração para a paciência. — Kathryn — ele começou, então parou em descrença. Ela desligou na cara dele! Lucas gritou sem palavras e jogou o telefone pela sala, furioso. Ninguém nunca desligou na cara dele. Nunca!

Ainda pior, agora ele tinha que arrastar a bunda para esse clube estúpido, ou Kathryn ia acabar como jantar de alguém. Ele tinha uma imagem súbita dela pressionada contra uma parede, as pernas abertas, os braços em torno das costas de algum vampiro desmedido, enquanto o vampiro inclinava a cabeça para seu pescoço e... Oh, inferno, não!

— Nick, estamos saindo em cinco.

— Por quê? — Magda exigiu impacientemente, sua audição vampiro deu a ela os dois lados da conversa. — Ela é uma garota adulta, e ninguém a forçou a ir lá sozinha. Vamos lá, deixe-a lidar com isso.

— O que é uma grande ideia, Magda. — Ele retrucou, o sotaque irlandês temperando suas palavras, como sempre fazia quando ele ficava bravo o suficiente. — Vamos enviar a porra da agente do FBI em uma de nossas casas de sangue para ser sangrada e possivelmente agredida por um vampiro ou dois. Caralho. — Ele se inclinou sobre a mesa até que ele estava a apenas alguns centímetros de distância da vampiro fêmea que era sua advogada. — Eu não sei qual é seu problema com Kathryn, mas você precisa lidar com isso e fazer o seu trabalho.

Magda ficou vermelha de raiva e vergonha. — Eu vou dizer o meu problema — ela gritou. — Eu vi você com um monte de mulheres, centenas de fodidas mulheres. E nenhuma delas jamais importou para você. Mas esta sim, e eu não gosto disso. Ela é perigosa. Não só para você, mas para o resto de nós, e você não parece dar a mínima para isso!

Lucas se endireitou em toda sua altura e olhou para ela friamente. Magda empalideceu, de repente percebendo que tinha ido longe demais. Ela se ajoelhou e olhou para ele uma vez antes de baixar o olhar para o chão. Nesse

breve flash de seus olhos escuros, ele viu o seu próprio reflexo, os olhos ardendo de ouro com o poder.

— Você está sugerindo que eu não protejo o que é meu? — Ele perguntou em uma voz perigosamente calma.

— Não. — Sussurrou Magda instantaneamente. — Não, meu senhor, por favor. Eu não quis dizer…

— Silêncio.

As palavras de Magda foram sufocadas em um soluço.

— Para o bem da nossa história juntos, eu aguentava seus ciúmes, Magda. Vejo agora que foi um erro.

Ela levantou o olhar para ele, incapaz de falar, os olhos escuros de súplica.

— Pode ser o momento para você testar suas habilidades em outro lugar. Infelizmente, eu não tenho tempo para isso agora. Você está dispensada pela noite. Vou enviar uma mensagem amanhã com sua nova atribuição. — Ele acenou com a mão, retirando a compulsão e permitindo a ela falar, depois virando as costas e se afastando.

— Senhor — ela chorou atrás dele, — por favor.

Lucas parou e virou o suficiente para dar a ela um olhar silencioso. Magda imediatamente abaixou os olhos de volta para o tapete, mordendo os lábios para abafar seus soluços. Lucas saiu de seu escritório, indo pela porta lateral que levava aos seus aposentos privados. Uma vez fora de vista, ele se apressou. Ele tinha que chegar ao clube antes de Kathryn, ou outra pessoa faria algo que não poderia desfazer.

Capítulo 7

Kathryn reconheceu que ela não foi exatamente honesta com Lucas. Quando ele ligou para ela, ela estava acabando de virar no estacionamento do clube e poderia facilmente ter esperado por ele. Mas sua atitude arrogante de que ela deveria reorganizar tudo para se adaptar a programação dele a irritou ainda mais do que ter levado um bolo, então ela dobrou a verdade um pouquinho. Além do mais, como ela disse a ele, essa não era a primeira vez que ela ia para um local potencialmente hostil para entrevistar testemunhas. Poderia ter sido um pouco mais suave com Lucas por perto, mas era possível de ser realizado com ou sem ele.

Ela pegou sua identidade do FBI e seguiu para a entrada da boate, somente para ser confrontada com uma longa fila de pessoas para entrar. Tanto homens e mulheres estavam ali, porém significativamente mais mulheres do que homens. E, apesar de ter vários estilos de vestuário, todos tinham uma coisa em comum – não tinha nenhum com o pescoço coberto entre eles, com a maioria mostrando muito mais do que só o pescoço. Ela olhou algumas das mulheres, com seus decotes exagerados e saias pequenas e lembrou-se do que Lucas disse sobre boates como essa. Os vampiros tomavam sangue de parceiros humanos e davam a eles uma experiência sexual extasiante em troca. Ela olhou de novo para uma ou duas daquelas saias que mostravam a bunda e decidiu que não queria saber o que mais essas mulheres estavam ou *não* usando.

Não querendo que ninguém se enganasse quanto ao seu propósito em estar ali, ela fez uma pequena mudança em seu próprio traje. Voltando para sua SUV, ela abriu seu porta-malas e debateu suas opções. As únicas roupas que tinha com ela eram as que estavam em sua bolsa de academia, que foram deixadas depois de sua procura inútil por um lugar para malhar ontem. Ela abriu o zíper da bolsa e tirou uma legging preta e simples, colocando-a por debaixo de seu vestido curto preto de linha que comprou em Minneapolis. O vestido era de lã, com linhas simples e retas, mangas cumpridas e um decote em canoa modesto. Era um pouco mais agarrado do que ela normalmente usava, mas pelo menos a bainha caía mais perto do joelho do que de sua bunda. E a cintura marcada com cinto dava um lugar para ela colocar o coldre para sua Glock. Ela não tinha certeza quando estava comprando o vestido se levaria uma arma para a boate, mas agora ela estava satisfeita por sua prevenção. No entanto, não querendo anunciar a presença da arma, ela colocou sua jaqueta preta sobre tudo, ocultando tanto a arma *quanto* o vestido apertado. Infelizmente, não tinha nada que ela pudesse fazer por seus sapatos, já que sua única alternativa eram os tênis de academia de sua bolsa. E já que ela tinha que entrar pela porta da frente da boate, ela achava que isso não iria funcionar. A maioria dos lugares como esse – como esse ela quis dizer clubes da moda, não especificamente boates de vampiros, já que ela nunca esteve em uma – tinha código de vestuário informal, com o segurança na porta tendo discrição completa sobre quem entra. Ela só poderia imaginar que o cara da porta de uma boate vampira seria ainda mais seletivo, e de algum jeito ela não imaginava que sapatos atléticos desgastados e um vestido preto passariam.

Até as leggings estavam forçando a barra, mas se acontecesse o pior,_ela poderia entrar com seu distintivo. No entanto, ela esperava que não chegasse a isso. Ao contrário do que Lucas parecia pensar, Kathryn não planejava virar mesas e exigir respostas. Ela poderia ser sutil quando precisava.

Suas preocupações sobre passar pela inspeção do segurança provaram ser inúteis uma vez que ela chegou a porta. O segurança no clube de Lucas era grande. Não só alto, mas musculoso, com braços que estufavam uma camiseta preta que parecia muito modesta para o clima frio. E aparentemente ele era

perceptivo também, porque ele a descobriu como uma policial no minuto que ela passou pela longa fila de clientes e se direcionou a ele.

— Bem vinda ao clube, policial. — Ele riu e abaixou a corda de veludo, o que deveria deixar Kathryn feliz. Mas sua risada parecia mais como um aviso, algo cínico, e saber disso a deixou instantaneamente desconfiada.

Ela considerou se virar e cair fora naquele exato momento, mas ela era muito teimosa para desistir facilmente, dessa forma admitindo efetivamente que Lucas estava certo. Então, ao invés disso, ela mostrou seu distintivo do FBI e disse:

— Eu não sou policial.

Ele sorriu.

— Bem perto, querida. Não imagino que voce consideraria me entregar sua arma?

Era a vez de Kathryn rir.

— Foi o que imaginei. — Ele suspirou. — O que eu posso fazer por voce?

Kathryn pegou a foto de seu irmão e mostrou para ele.

— Voce já o viu antes?

Ele olhou para a foto quase desdenhoso e franziu o cenho em surpresa.

— Sim — ele disse. — Não sei o nome dele, mas ele esteve aqui umas duas vezes.

— Duas vezes. — Kathryn clarificou. — Todas essas pessoas indo e vindo, mas você se lembra desse?

O segurança deu de ombros, ombros enormes subindo e descendo.

— Porque ele tinha uma câmera com ele. Nós geralmente não permitimos que clientes tragam câmeras para a boate, nem mesmo celulares. — Ele gesticulou para uma mesa aonde pessoas que chegavam entregavam suas bolsas e reviravam seus bolsos. Eles também estavam assinando algum tipo de formulário, mas ela não conseguia ler de onde estava.

— Esse cara — o segurança indicou a foto do Daniel, — tinha uma câmera em volta do pescoço, e não do tipo turista que mira e dispara, também. Eu disse a ele que teria que confiscar, e ele empacou. Disse que era muito cara. De qualquer forma, era cedo, e nós ainda não estávamos cheios. O chefe acabou vendo o que estava acontecendo e me disse que estava tudo bem, que o seu cara

era algum tipo de fotógrafo famoso. — Ele deu de ombros de novo. — Então eu o deixei entrar. A mesma coisa na noite seguinte.

— Quando foi isso?

— Duas semanas atrás? Talvez um pouco mais?

— Voce chegou a vê-lo saindo com alguém?

— Moça, eu impeço pessoas de entrarem, não de irem para a casa.

Kathryn suspirou. Ela sabia que não seria assim tão fácil.

— Ok. Então, quem é seu chefe, e onde eu posso achá-lo?

— O nome é Kurt, e ele está no mesmo lugar que ele sempre fica toda noite que estamos abertos. Atrás do bar.

— Obrigada.

Kathryn passou direto pelas mesas de check in e entrou no bar com ilumicação fraca, tentando esconder o fato de que ela queria ficar de boca aberta como uma turista. Lucas tinha descrito o que eles faziam nessas boates, mas isso não a preparou para a realidade. O lugar estava lotado o suficiente que ela se preocupou com o código de incêndio, e em todo lugar que ela olhava pessoas estavam agarrando umas as outras. Na pista de dança, nas mesas que ficavam coladas na parede, e nos cantos escuros iluminados esporadicamente por luzes torcidas no teto. Alguns estavam ocupados em atos sexuais que fariam com que fossem presos em qualquer outro lugar, enquanto outros... Ela encarou apesar de si mesma quando um vampiro levantou sua boca do pescoço de uma mulher, olhos revirando para encontrar o olhar chocado de Kathryn enquanto ele lambia as prefurações gêmeas e depois seus próprios lábios, como se estivesse saboreando o gosto de um rico vinho.

Kathryn desviou o olhar rapidamente, mas não antes de ver as presas do vampiro aparecerem em um sorriso zombateiro. Determinada a fazer o que ela tinha se proposto e ir embora, ela fez seu caminho pela boate abarrotada, cercada por humanos suados e excitados e muitos vampiros famintos. A música estava incrivelmente alta, o baixo pulsante tão persistente que ela tinha que lutar contra o impulso de colocar as mãos sobre os ouvidos e se encolher como uma velhinha mal humorada. Para que pudesse chegar ao bar, ela teve que atravessar pela margem da pista de dança, o que significava ser empurrada de todos os lados, até a hora que ela estava pronta para pegar sua arma e gritar a

plenos pulmões para todo mundo *sair do inferno do caminho!* Incluindo – não, *especialmente* – um particular bombadinho cheio de testosterona sem noção que absolutamente se recusava a levar uma dica e sair da frente.

Em sua cabeça, ela conjurou uma imagem da boate cheia de vampiros estilo emo com vinte e poucos anos. Ela sabia os tipos de lugares que seu irmão prefiria ir quando ia dançar – pelo menos ela achava que sabia – e esse não era o tipo. Esses caras pareciam mais clones de Dwayne Johnson que tiveram overdose de Viagra. E o jeito como eles se esfregavam na maioria das miulheres, ela não imaginava que muitos deles estariam atraídos pelo seu irmão também.

O lugar era arrepiante, e talvez um pouco assustador, apesar de que ela não admitiria isso, nem para ela mesma. E com toda certeza ela não iria embora antes de falar com o chefe atrás do bar que conhecia o seu irmão bem o suficiente para reconhecê-lo do outro lado do cômodo.

Kathryn finalmente contorceu-se para sair da massa de dançarinos, sentindo como se ela tivesse sido apertada para fora de... ok, não é um pensamento prazeroso. Não vamos aí.

Ela fez seu caminho ao redor até o bar e cruzou o olhar com o bartender mais próximo. Tinham três deles lá atrás. Dois trabalhavam no bar propriamente dito, enquanto o terceiro parecia se concentrar em atender pedidos dos garçons.

Kathryn se inclinou sobre o bar em direção a ele e gritou.

— Kurt está por aqui?

O bartender se encolheu, como se ela tivesse machucado seus ouvidos ao gritar. Mas mesmo um vampiro tinha que ser surdo com todo o barulho por aqui, então ela imaginou que o bartender sabia quem e o que ela era e só estava sendo um babaca com isso.

Ele se moveu para o final oposto do bar e disse alguma coisa para um dos outros bartenders. O cara se virou, e Kathryn pegou um rápido vislumbre de presas antes de ele dar a ela uma longa olhada. Depois de um momento, ele disse alguma coisa para o babaca e trocou de lugar com ele.

Enquanto ela olhava o novo cara vir em sua direção, ela percebeu o babaca original falando em um celular. Poderia ser uma coincidência, mas de algum jeito ela achava que não.

— Eu sou Kurt.

Sua atenção foi chamada novamente para o gerente do clube. Ele era grande e fisicamente em forma, como todos eles eram, com cabelo loiro e olhos claros que ela assumiu serem azuis, apesar de ser difícil de dizer com certeza na boate escura. Ele parecia ter perto de vinte anos, mas aparências eram irrelevantes com vampiros. Ele poderia ter uns duzentos anos, e ele pareceria o mesmo.

— Agente Especial — ela começou e alcançou suas credenciais, mas ele a parou com um leve toque em seu braço.

— Eu sei quem voce é. O que voce quer?

— Se voce sabe quem eu sou, então sabe o que quero. Eu estou procurando por Daniel Hunter. Ele estava nessa boate, e voce o conhecia bem o suficiente para falar para o seu cara na porta para deixá-lo entrar com a câmera.

— Sim? E?

— Quão bem voce o conhecia?

Kurt deu de ombros.

— Ele só esteve aqui umas duas vezes.

Interessante, Kathryn pensou para si mesma. Ele se esquivou da pergunta enquanto fingia responder.

— Voce o conheceu aqui no clube? — Ela persistiu.

— Não.

Ela lançou um olhar impaciente a ele.

— Olhe. Eu estou tentando achar o meu irmão. Se voce não tem nada a ver com seu desaparecimento, você não tem nada a se preocupar comigo. Onde você conheceu Daniel?

Kurt olhou para ela por um momento, então disse:

— Nas Badlands. Eu gosto de escalar, o que significa que eu escalo a noite, preferencialmente quando tem um pouco de luz do luar para enxergar. Eu estava escalando mês passado, e eu encontrei Dan tirando fotos do parque à noite. Nós conversamos. Eu gostei dele.

Kathryn estudou a expressão fechada de Kurt e percebeu uma coisa. Kurt não só gostava de seu irmão, ele *gostava* dele. E ele estava preocupado.

— Voce tem alguma ideia de onde ele possa estar?

Kurt balançou a cabeça.

— Eu queria ter, Agente Hunter. Ele veio aqui duas noites seguidas. Quando ele não apareceu na próxima noite, eu pensei que ele tinha ido para o interior de novo. Ele já tinha me dito que só vinha para a cidade para um banho quente e algumas noites em uma cama de verdade, e então ele sai de novo depois disso. Eu imaginei que iria encontrá-lo na minha próxima escalada. Mas ele não estava lá, e, acredite em mim, eu procurei. Eu conheço aquele parque melhor do que todo mundo. E então o xerife começou a fazer perguntas, e a próxima coisa que eu sei é que Lucas me disse que voce estava vindo para a cidade.

Kurt olhou para a boate lotada por um momento, e depois de volta para Kathryn.

— Se tiver qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar a achá-lo...

Kathryn sorriu. Aqui, finalmente, estava alguém que estava tão preocupado com Daniel quanto ela.

Em um impulso, ela puxou o cartão da galeria de Alex Carmichaels e mostrou a foto do dono a ele.

— E esse cara? — ela perguntou.

— Alex? Sim, claro. Ele está aqui umas duas noites por mês.

— Eu pensei que ele morasse em Chicago.

— Ele tem uma casa em Minneapolis também. Mas ele não gosta de circular nas cidades que ele trabalha. Diz que não quer que todos saibam sobre seu negócio, mas eu acho que ele é daqueles tipos de cara que gostam de um pouco de estranho de vez em quando.

— Estranho?

Kurt a olhou intrigado, então riu um pouco.

— Estranho, como não seu parceiro usual, se voce me entende. Eu tenho a impressão que Alex tem um relacionamento estável em casa, mas ele gosta de brincar. Então ele vem aqui de vez em quando. Nós recebemos humanos de todo o estado, especialmente no verão, e o ano inteiro tendo duas cidades de um tamanho bom a uma rápida distância de carro.

— Adorável. — Kathryn comentou. Ela começou a guardar o cartão de volta em seu bolso, mas Kurt a interrompeu.

— Se você está pensando que Alex tenha alguma coisa a ver com o sumiço de Daniel... eu acho que você está errada.

Kathryn inclinou a cabeça curiosa.

— Por que isso?

— Ele e Daniel conversaram, mas eram negócios. E como eu disse, Alex vem aqui para circular. Se ele queria Daniel, ele não precisaria vir aqui para pegá-lo.

Ela pensou sobre isso por um momento, então assentiu e estendeu sua mão.

— Obrigada pela sua ajuda, Kurt.

— Sim, senhora. Voce deveria saber... eu não parei de procurar por Dan. Eu acho que ele está em algum lugar da cidade, se não isso, então ele está perdido nas Badlands. Mas se eu estiver errado, se você achá-lo primeiro, diga para ele me dar um toque e me falar que está bem. Agora, eu preciso te tirar daqui, porque essa multidão está prestes a ficar bem animada, e, acredite em mim, você não quer estar aqui quando isso acontecer. Me deixe falar com Gary, e eu já volto.

Enquanto Kurt ia falar para o outro bartender que ele estaria fora por uns minutos, Kathryn olhou os casais girando já espremidos como sardinhas dançantes e se perguntou como as coisas poderiam ficar mais *animadas* do que já estavam. Mas ela conseguiu o que queria e achou um inesperado aliado também. Então se esse aliado estava falando que ela deveria fazer igual passarinho, então ela estava pronta para aceitar seu conselho e voar para longe dali.

Ela se virou para ver o que estava atrasando Kurt e por pouco conseguiu desviar quando um par de vampiros uivantes com uma mulher gritando no meio deles saiu da multidão e foram para o bar, empurrando vários clientes que prontamente gritaram e se juntaram ao caos. Kurt rugiu e começou a jogar corpos de volta para a multidão, mas já era tarde demais. Um dos vampiros voou por cima do bar e bateu no estoque de lícor, quebrando garrafas e

estilhaçando copos, e o cheiro de álcool subiu sobre toda a cena desastrosa em uma nuvem doce enjoativa.

Kathryn tinha recuado para a segurança do canto da parede quando o primeiro trio bateu no bar, não querendo ser pega na violência. Mas agora ela se afastou de sua relativa proteção e analisou a cena. Era óbvio que Kurt não iria se livrar tão cedo, e comparado com a briga desse lado do bar, o resto da boate lotada parecia quase mansa. Ela respirou fundo e tinha acabado de se preparar para uma viagem de volta através da multidão quando escutou um rugido de vozes masculinas seguidas por gritinhos animados de groupies de vampiros no cio, e tudo virou um completo inferno.

Capítulo 8

Lucas estava em seu caminho para o clube quando o telefone celular de Nicholas tocou. Mason estava dirigindo, e Nick estava sentado na frente no banco do passageiro, mas Lucas podia ouvir claramente os dois lados da conversa.

— Nick, onde no inferno está o Lucas? Precisamos dele aqui agora, cara! — Era Greg Monterossa, o segurança porteiro na casa de sangue. A própria casa de sangue onde Kathryn foi desafiadoramente sem ele.

— Dê-me o telefone, Nick. — Lucas rosnou. Nick entregou de volta para ele. — O que há, Greg? — Perguntou ele, mesmo tendo uma boa maldita ideia. Falando sobre a tempestade perfeita. Combine uma agente do FBI teimosa e um grupo de lutadores vampiros em adrenalina, e ele tinha um desastre.

— Um monte de caras apareceu vindo de alguma luta e ainda cheirando a sangue, mas pintou uma agente do FBI que ainda está em algum lugar, meu senhor. — Acrescentou Greg, claramente exasperado e esforçando-se para não mostrá-lo. — Kurt tentou tirá-la rapidamente primeiro, mas agora ele e o resto estão com as mãos ocupadas, e eu não posso fechar a porta, nós vamos ter um motim. Você quer que eu...

O telefone de Nick tocou com uma chamada recebida. Lucas verificou o ID e voltou para Greg.

— Kurt está na outra linha. Fique onde está, eu estou apenas a alguns minutos de distância de você.

Ele desligou o porteiro e atendeu Kurt. —Acabei de falar com Greg. Eu estou a caminho.

— Eu tentei tirá-la daqui, senhor, mas tudo aconteceu muito rápido.

— Sim, ela tem esse efeito. Eu tenho Nick e Mason comigo. Nós vamos estar aí em...

— Dois minutos — Mason forneceu a partir do banco da frente.

— Eu ouvi isso — disse Kurt. — Eu vou fazer o que puder por aqui.

Lucas desligou e entregou o telefone para Nick, considerando suas opções. Se não houvesse tantos humanos envolvidos, ele poderia simplesmente soltar seus vampiros onde eles estavam e colocar todo mundo para dormir. Mas se o clube estava tão cheio quanto Greg indicou, havia provavelmente tantos seres humanos como vampiros, se não mais. E ele não tinha como saber o que eles fariam se os vampiros começassem a desmaiar em torno deles. A maioria dos seres humanos seriam obrigados a ser pelo menos amigável. Mas se apenas um ou dois estavam no clube por outros motivos, talvez esperasse abater um vampiro ou dois, em vez de ter um bom momento... Bem, muita coisa pode acontecer em dois minutos. E ele não estava prestes a deixar seus vampiros indefesos em uma situação desconhecida.

Nick deixou cair o telefone celular que Lucas usava no console do SUV, em seguida, olhou por cima do ombro e disse: — Qual é o seu plano para quando chegarmos lá, meu senhor?

— Há apenas um plano, o qual é livrar Kathryn Hunter rapidamente e sem derramamento de sangue possível. Tanto quanto eu estou preocupado com todos, eles sabiam para o que estavam se voluntariando quando entraram no clube. Mas eu não acho que nossa agente especial tinha uma pista, e eu prefiro que ela não descubra da maneira mais difícil. Eu odiaria que qualquer um dos meus guerreiros acabasse pagando o preço por sua teimosia.

* * *

Kathryn só queria chegar até a porta da frente e dar o fora do clube. Como agora. Mas não iriam deixá-la. Dois grandes, suados, e ela estava bastante segura, sangrentos vampiros simpatizaram com ela e agora a impediam de sair, enquanto eles olhavam um para o outro em uma espécie de concurso de mijo vampiro. Ela não tinha certeza do que eles esperavam atingir desde que ela certamente não tinha a intenção de passar um tempo com qualquer um deles, mas cada vez que ela conseguia uma polegada na direção da porta, um deles se movia para bloquear seu caminho. Isso não era difícil na sala lotada, especialmente desde que todo o inferno se soltou uma vez que estes dois e os seus amigos se juntaram à festa. Todas as outras mulheres do ambiente se jogaram imediatamente nos recém-chegados, mas por algum motivo os dois haviam declarado guerra sobre ela. Ela tentou mostrar seu distintivo e exigir que dessem o fora do seu caminho, mas eles mal olharam para ele antes de voltarem para seu concurso de rosnar. Aparentemente, o prêmio, ou seja, Kathryn, não tinha qualquer palavra a dizer no assunto.

Kathryn estava irritada e um tanto perplexa com o rumo dos acontecimentos, mas não tão preocupada. Ou eles não acreditaram que ela realmente era do FBI, ou pensavam que era tudo um jogo, um pouco interessante de preliminares antes do grande final. Ela, pelo menos, sabia que não era o caso, mas ainda tentava decidir a melhor maneira de livrar-se da situação. Ela estava relutante em puxar sua arma em um ambiente lotado, especialmente com o nível de testosterona tão alto como estava. E era a sua última escolha de qualquer maneira. Não tinha dúvida de que ela poderia escapar a qualquer tentativa de controlá-la fisicamente. Os vampiros eram incrivelmente fortes, mas ela não precisava derrotá-los em pontos, ela só precisava ficar longe. E ela não tinha nenhuma intenção de ser jantar de alguém e/ou a companheira de cama da noite.

Quando um de seus pretendentes fez uma garra para o seu braço esquerdo, Kathryn decidiu que tinha o suficiente. Ela colocou a mão direita dentro de sua jaqueta, e conseguiu retirar a alça de segurança de sua arma quando os dois vampiros de repente começaram a bater um no outro de forma agressiva, como dois mamutes lutando pela supremacia. Kathryn guinchou e graças a Deus ninguém podia ouvi-la sobre o ruído geral, abaixou-se, para que

não fosse esmagada entre os dois gigantes. Eles começaram a rosnar, músculos em aglomeração sobre o peito e os braços enormes, dentes descaradamente exibidos e brilhando na luz baixa. Em outras circunstâncias, poderia ter ficado intrigada com esse desenvolvimento. De onde as presas vinham? E como é que eles a implantavam? Era uma emoção intensa que fazia isso? Ou será que tem que ser intencional?

Mas, então, os dois vampiros enormes foram atrás do outro, e ela foi praticamente empurrada para fora do caminho. Kathryn olhou em volta, mas ninguém mais parecia se importar. Havia gritos e alguns poucos grunhidos de desagrado, mas eles se perderam no caos geral. E todos se adaptaram rapidamente, arrastando de lado e dando a sala aos combatentes para descobrir quem tinha o pau maior, ou por que diabos eles estavam brigando.

Kathryn, por outro lado, viu isso como a chance de escapar. Ela se virou e foi indo direto para a porta com propositais longos passos quando uma parede de músculo sólido ficou em seu caminho. Ela olhou para um par de brilhantes olhos vermelhos.

— Eles estão lutando por você. — O novo vampiro disse, balbuciando levemente em torno de suas presas muito visíveis. Estando perto, ela podia ver a firme carne rosa das gengivas se estentendo nos topos dos dentes originais. O vampiro era menor do que os outros dois, sua altura quase idêntica a dela com os saltos, mas seus ombros eram grossos e largos, e ele tinha um profundo peito de barril. Ele sorriu para ela, e Kathryn lutou contra a vontade de sorrir de volta. Ela teve que lutar muito forte, na verdade. Ela ouviu histórias de vampiros com capacidade de projetar emoção e pensamento e se perguntou se era o que estava acontecendo aqui, ou se este cara era apenas naturalmente carismático. Mas qualquer que fosse, Kathryn não queria fazer parte disso.

— Desculpe-me. — Disse ela agradavelmente e começou a contornar o recém-chegado.

Ele riu. — Jogando duro para conseguir, loirinha? Não é agradável. Ninguém gosta de um jogador com pressa.

Seus olhos se estreitaram de raiva. — Saia do meu caminho. Agora — ela exigiu e colocou a mão sobre a Glock onde descansava em seu quadril direito.

— Você vai atirar em mim com sua arma? — Ele zombou.

Kathryn puxou e empurrou a arma em sua virilha. — Não, eu vou tirar suas bolas fora com a minha arma — disse ela docemente.

Ele rosnou e levantou a mão como se para alcançá-la. Kathryn temia que ela realmente tivesse que atirar nas bolas desse idiota, quando uma mão grande agarrou a parte de trás do pescoço dele e puxou-o de lado. A primeira reação do vampiro de olhos vermelhos foi a de berrar como um gato selvagem, mas depois ele congelou, quase sufocando-se em sua própria indignação quando ele olhou para o vampiro que o tinha agarrado.

— Vá — disse Lucas.

Olhos vermelhos desapareceu na multidão quando Lucas voltou seu olhar impaciente em seu lugar. — Agente especial Hunter — disse ele.

— O que você quer? — Ela virou-se para ele, colocando sua arma de volta no coldre. Ela começou a passar por, mas ele envolveu um braço em torno de sua cintura e inclinou a boca para sua orelha.

— Isso é jeito de tratar a pessoa que acabou de te salvar da sua própria estupidez?

Kathryn apertou a mandíbula, mas ela se virou com um sorriso e estendeu-se para colocar os lábios contra seu ouvido, por sua vez. — Por que, Senhor Donlon — ela murmurou. — Primeiro você mente para mim, então você me deixa esperando, e agora você me chama de idiota. Como as senhoras fazem para sempre resistir a você? — As últimas palavras foram mais de um rosnado que um murmúrio.

Ela colocou as duas mãos sobre o peito dele e o empurrou para longe, em seguida, indo em direção à saída, observando que um caminho se abria magicamente entre ela e a porta da frente. Provavelmente mais da arbitrariedade de Lucas. Todo o seu povo parecia aterrorizado com ele. Talvez ele os enrolasse em correntes de prata e os fizesse dormir em seus caixões se fossem meninos maus. Ela leu coisas assim em sua pesquisa, embora as fontes fossem todas ficcionais, de modo que ela tinha certeza que não era real. Especialmente porque os vampiros não eram realmente mortos, o que eliminava todo o ângulo de caixão. E por que diabos ela estava se preocupando com besteiras como essa agora?

Kathryn finalmente conseguiu sair do clube lotado e parou por um momento na calçada para desfrutar do simples prazer de respirar ar fresco novamente. Estava frio, mas o ar gelado era fantástico no rosto superaquecido. Ela não se demorou muito tempo, sabendo que Lucas provavelmente estaria bem atrás dela. Ela não trocaria farpas com ele, e começou a se dirigir ao estacionamento. No início da noite ela não tinha certeza se vir para o clube era uma coisa inteligente a fazer, mas se saiu bem no geral. Ela confirmou que Daniel esteve aqui e que Kurt, pelo menos, esperava que ele voltasse. E enquanto ela estava certa o tempo todo que seu irmão não tinha se perdido em algum lugar do sertão, era bom saber que Kurt procurou por ele e não o encontrou.

Mas para onde ir? A forte ligação que ela tinha era ainda Alex Carmichael, apesar de Kurt dizer sobre os hábitos de coleta do vampiro. Ela não tinha nenhuma evidência de que o desaparecimento do irmão estava ligado a algum fã obcecado, depois de tudo. Talvez Carmichael tivesse problemas financeiros e esperava extorquir dinheiro em troca da liberação de Dan. Não houve nenhum pedido de resgate, mas então não era necessário. O dinheiro era todo de Dan. Tudo que fosse necessário a Carmichael estava no computador, e Dan poderia pagar seu próprio resgate. Ela fez uma nota mental para verificar as contas bancárias de seu irmão. Ela fez uma corrida padrão antes de sair, mas devia estar monitorando diariamente para qualquer atividade incomum. Coisas como saques em caixas eletrônicos ou transferências bancárias.

Então, ficaria com Alex Carmichael como seu principal suspeito por enquanto, ele definitivamente não seria encontrado nesta pequena cidade, especialmente se ele estivesse mantendo seu irmão em algum lugar. Amanhã de manhã ela embalaria todo o equipamento de Daniel e algumas coisas suas em seu SUV alugado e dirigiria para Minneapolis. Se houvesse uma ligação, era na cidade onde Carmichael tinha um negócio e amigos. Ela tinha certeza disso. Ela também estava certa que Lucas sabia mais do que ele estava dizendo, mas não conhecia as perguntas certas para perguntar. Até que ela soubesse, ela estava perdendo tempo tentando conseguir algo com ele.

Kathryn tirou as chaves do bolso quando virou a esquina do prédio no estacionamento mal iluminado. Ela levantou a cabeça e olhou para cima

apontando na direção de seu SUV. Impossível. Mas lá estava ele, grande como a vida e assim maravilhosamente masculino que, mesmo com raiva, tinha de admitir isso. Lucas Donlon estava inclinado contra seu carro, os braços cruzados sobre o peito, as pernas casualmente cruzadas no tornozelo, parecendo tão relaxado como se tivesse rondado durante toda a noite, mesmo ela o tendo acabado de deixá-lo para trás, no clube.

— Quando eu menti para você? — Ele perguntou muito razoavelmente.

Aparentemente, ele estava prestando atenção na despedida dela no clube. Kathryn enviou-lhe um olhar desdenhoso e tocou seus cabelos, esperando que Deus viesse intervir e derrubar sua bunda perfeitamente esculpida de onde descansava contra a porta do motorista de seu veículo.

Lucas riu. — Se você quiser me bater, *a cuisle*, eu prefiro que você use sua mão.

— Como se eu pudesse. — Ela murmurou, e então franziu a testa. Se ele tivesse lido sua mente? Ela rejeitou a ideia tão logo pensou. Ele simplesmente reagiu à leve vibração das fechaduras electrônicas abrindo, e então, sendo quem ele era, tinha vindo com a volta mais picante que podia pensar.

— O que você quer? — Ela exigiu. — E como diabos você chegou aqui antes de mim? — Ela poderia ter mordido a língua, logo que ela perguntou.

— Você primeiro. Quando eu menti para você? — Repetiu ele.

Kathryn olhou para ele com impaciência. — Alex Carmichael? — Disse.

— O que tem ele?

— Oh, por favor. Não adicione insulto a..., fingindo que você não sabe o que eu estou falando. Galerias Carmichael. Você sabia que eu estava procurando um homem mais velho chamado Alex, especialmente alguém que estava interessado no trabalho do meu irmão. Junto um mais um, Lucas. Você não é um idiota.

— Você acha que Alex...

— Sim. Alex. Primeiro nome de Carmichael, que convenientemente não mencionou na outra noite em seu escritório.

— Na verdade, esse *não* é o seu primeiro nome...

— Blá, blá, blá. Isso é tudo o que eu estou ouvindo de você. Eu não me importo se é seu primeiro nome ou seu décimo. Você sabia que era importante e não disse uma palavra sobre isso.

Lucas olhou-a atentamente, e Kathryn tornou-se ciente de que eles não estavam sozinhos no estacionamento. Tinha pelo menos dois outros vampiros à espreita nas bordas, e seu tenente Nicholas apareceu de repente em torno da curva do SUV.

Ela franziu o cenho. Nicholas tinha metade de seu rosto cortado fora por alguém, ou pelo menos alguém tentou. Mas que diabos?

— O que aconteceu com você? — Ela perguntou, caminhando a curta distância entre eles, estendendo a mão paa tocar seu rosto sem pensar.

Ele recuou com um rápido olhar na direção de Lucas.

Kathryn virou. — Você fez isso?

— O que? — Lucas exigiu. — Claro que não! — Ele se endireitou abruptamente à sua estatura total, dando dois passos duros até que ele estava diretamente sobre ela, olhos brilhando de raiva, enquanto pairava sobre ela. — Olha, Kathryn, há coisas acontecendo que você não sabe. Coisas que são tão importantes quanto o seu irmão desaparecido. Nicholas ficou gravemente ferido na noite passada. Ele não deveria estar aqui, mas ele está porque você é muito teimosa para esperar uma porra de um dia...

— Eu não poderia ter um dia de merda, não é isso? — Ela gritou com ele. — Daniel não poderia ter um dia. Pelo que eu sei o seu amigo louco está... — Sua voz quebrou. Ela não podia dizer em voz alta o que ela temia poder estar acontecendo, ou que ela temia já ter acontecido. Ela estremeceu, de repente gelada. Abraçou-se, mesmo sabendo que o frio repentino devia mais ao seu estado emocional do que a temperatura.

— Kathryn — disse Lucas suavemente. — Ah, não. Nós vamos encontrar o seu irmão. — Ele a puxou para seus braços. Ele estava tão quente. Ela não esperava que vampiros de alguma forma seria, pensava que seria frio, mesmo se eles não estivessem realmente mortos. Era tentador ficar lá, mas ela não o fez.

— Você não sabe disso — ela murmurou, encolhendo os ombros longe dos braços dele, mesmo quando ela imediatamente lamentou a perda.

Os lábios de Lucas se apertaram. — Tudo bem. Eu não sei, mas eu acredito.

— E se...

— Não diga isso, *a cuisle*. Deixe-me lhe dizer algo sobre vampiros. Especialmente vampiros que frequentam casas de sangue. Quando encontram alguém que eles gostam, alguém que pega sua fantasia, por qualquer razão, eles levam para casa por um tempo. Você não conhece alguém, um amigo, um parente, que conheceu alguém em um bar e passou um fim de semana perdido com eles?

— Perdido em um final de semana? — Repetiu.

— Sexo, Kathryn. Um fim de semana na cama, transando com alguém novo, alguém que você pode nunca ver novamente, ou talvez até mesmo alguém com quem você vai acabar se casando e tendo um bando de moleques. Mas o ponto é, os vampiros fazem disso um hábito. Eles encontram alguém... bem, saboroso, e toma a pessoa em casa por um tempo. É completamente consensual. Qualquer vampiro pego forçando um ser humano nos dias de hoje é tratado severamente por seu senhor de direito.

— Eu não vejo o que os hábitos sexuais de vampiro tem a ver com isso.

— Se Alex Carmichael tem o seu irmão, e eu não acho que ele te...

— Eu acho que sim, e assim diz meu instinto. E eu confio em meu instinto muito mais do que eu confio em você.

— Ouch — disse ele, dando-lhe um olhar ferido. — Tudo bem. Eu vou admitir que alguém tenha o seu irmão, que não tem que ser Carmichael. Mas quem quer que seja — continuou ele, interrompendo-a quando ela começou a falar. — Ele criou uma fantasia para o Daniel e o levou para casa para dar uma volta. Seu irmão irá ficar um pouco exausto, sem dúvida. Talvez curtindo uma cerveja, mas excelente. Você vai ver.

Kathryn deu um passo para trás, colocando mais distância entre ela e Lucas. Ele era uma daquelas pessoas que tocavam com facilidade, mas seus toques eram muito perturbadores. Ela não podia se dar ao luxo de deixá-lo fazer isso com ela.

— Por que você não me disse o primeiro nome de Carmichael, então? — Ela insistiu.

Lucas deu-lhe um olhar impaciente. — Porque eu não quero que você o cace se ele for inocente. Meu pessoal foi caçado e morto pelos seres humanos desde que estamos vivos, e por nenhuma razão, mas por superstição tola. Se Alex é culpado, eu vou deixar você falar com ele. Mas não até eu saber com certeza.

— Como é que você sabe? — Ela respondeu. — Eu sou a única procurando por ele.

— Não é verdade. Eu orientei o meu próprio povo para rastreá-lo assim que você saiu naquela noite.

— Você o encontrou? — Ela perguntou curiosamente.

— Não. Embora sabemos onde ele está.

— E... — disse ela.

— Ele está em Chicago, o que significa que não pode falar com ele.

— É um voo curto, Lucas, e você tem um avião. Então, por que não?

O rosto de Lucas apertou infeliz. — Chicago está fora da minha jurisdição.

— Bem, quem governa, então? Eu vou falar com ele em seu lugar.

— Você não vai. — Disse Lucas bruscamente, e seus olhos eram subitamente faíscas de fogo, enquanto olhava para ela.

Kathryn deu outro passo para trás, quase tropeçando quando o calcanhar estreito de seu sapato bateu em uma pedra pequena, e seu tornozelo tentou virar. Ela se equilibrou, evitando a mão amiga de Lucas, e olhou para baixo, irritada mais uma vez que ela se preocupou em vestir essa roupa estúpida. Lucas não estava bem vestido, ou talvez estivesse, dada a natureza do clube. Ele estava usando preto, incluindo calças de couro, e bem, ela precisava procurar em outro lugar, por que...

— Isso é sangue? — Ela exigiu, de repente, seu olhar piscando para encontrar o de Lucas. — Que diabos? Primeiro você tem Nicholas com metade de seu rosto dilacerado, em seguida, os homens selvagens invadem o clube comocionando a todos com o que me diz ser uma espécie de pós-conflito sangrento — o que excitou a todos lá, menos a mim, aparentemente, — e agora você... — ela deu um olhar mais longo a ele. — Suas calças e botas estão cobertas de sangue.

— Ele pertence a Nicholas.

— Oh, não, não. A não ser que vocês dois sejam muito mais familiares do que eu acho que vocês não são.

— Pelo amor de Deus, Kathryn. — Lucas disparou, sua melodia encantadora irlandesa tornando-se mais pronunciada quando ele ficou mais irritado com ela.

— Eu quero saber o que está acontecendo, ou vou chamar as autoridades. — Ela insistiu. — Eles podem não dar a mínima para o meu irmão desaparecido, mas eles com certeza vão se importar com o que está acontecendo no clube.

Lucas franziu o cenho para ela, sua mandíbula flexionando visivelmente. De repente, ele sorriu, e Kathryn queria se afastar ainda mais longe.

— Muito bem, Kathryn. — Ele falou de forma arrastada. — Eu vou dizer o que você quer saber. Mas não aqui no estacionamento.

— Meu quarto do motel, então. — Ela disse, desejando que ela pudesse retirar as palavras assim que ela as disse. Seu quarto de motel? Primeiro, era um lixo. Mas segundo, ela estava convidando Lucas para seu quarto de motel? Lucas de sorriso sexy e calças de couro apertadas? Sua mente nada romântica estava louca?

— Tentador, mas acho que não. — Disse ele, e ela deu um suspiro de alívio.

— Existe um bar em algum lugar mais calmo... — ela começou.

Ele riu facilmente. — É tarde, e esta é uma pequena cidade. Mas eu tenho um lugar em mente. Vamos no meu carro.

— Eu posso dirigir.

Ele balançou a cabeça. — As estradas são escuras, e você não sabe o caminho. Meu motorista vai nos levar.

— Mas o que dizer...

— Você quer respostas ou não? — Ele exigiu com impaciência aguçada.

Kathryn suspirou infeliz. — Tudo bem — ela concordou. — Mas como eu vou voltar de onde você está me levando?

— Preocupada que eu esteja sequestrando você? — Ele zombou de ânimo leve. — Muito bem, eu vou mandar alguém levar seu carro mais tarde, para que você possa fazer a sua fuga... se você desejar.

Kathryn o olhou desconfiada, mas concordou. Ela não sabia se era importante para ela própria investigar ou não, mas queria saber de quem era o sangue que estava em Lucas e o que aconteceu com o rosto de Nicholas. Isso com certeza não aconteceu em uma briga de bar. Ela também era muito curiosa sobre que negociações secretas estavam acontecendo com vampiros em geral. A quantos seres humanos foi dada a oportunidade de espreitar atrás da cortina? Foi a curiosidade que decidiu a questão. Ela iria com ele hoje à noite e ouviria o que ele tinha a dizer. Mas amanhã de manhã ela estava saindo para Minneapolis para continuar sua própria investigação.

* * *

Lucas descansou a mão solta contra as costas de Kathryn, acompanhando-a até o Suburban grande, que era o transporte padrão para dignitários e senhores vampiros estes dias. Ele era negro, naturalmente, e as janelas eram tão matizadas escuras que se misturavam com perfeição com o metal ao redor deles. Mesmo a guarnição era um preto fosco, e uma vez que seus vampiros não precisam de faróis para enxergar, não havia nada para entregá-los quando viajavam durante a noite.

Nicholas abriu a porta de trás, e Lucas ofereceu a Kathryn uma mão, o que ela recusou, é claro. Ele sorriu um pouco quando ela agarrou a barra do carro, forçando-o a ficar um pouco de lado, a fim de dar um olhar em seu vestido preto. E era um vestido atraente, também. Ele gostaria de vê-la naquele vestido sem essas leggings feias. Ele só tinha pena que a noite saiu como saiu. Mas havia esperança ainda.

Ele seguiu Kathryn para o SUV, deslizando ao seu lado no banco. Ela endureceu um pouco, então relaxou, como se sua reação inicial foi automática, em vez de intencional.

Nicholas subiu no banco da frente ao lado de Mason e esperou por Lucas dizer para onde eles iam.

Lucas considerava voltar para a casa principal. Era confortável e seguro, e Kathryn já sabia, então ela não estaria duvidosa. Mas havia muitas pessoas lá. Telefones demais, muitas decisões que precisam de sua atenção.

— A casa de campo — disse Lucas e sentiu a ondulação da surpresa de Nicholas pela sua ligação. Ele não comentou, no entanto. Nem Mason. Mas, então, Mason não. Apenas Nick que era alto o suficiente em sua hierarquia, questionaria ocasionalmente algo que Lucas fazia.

Eles atravessaram os limites da cidade, e Mason desligou os faróis. Enquanto a cidade desaparecia cada vez mais distante atrás deles, a noite ficou mais escura. Mason virou longe da estrada principal, e Lucas estava ciente de Kathryn olhando pela janela atentamente, provavelmente tentando manter o controle de onde eles estavam indo. Ela era uma maníaca por controle, mas, neste caso, era inútil. Mesmo durante o dia, havia poucos pontos de referência reconhecíveis aqui. E no momento em que chegassem ao seu destino, ela estaria totalmente perdida.

Ele estendeu um braço ao longo das costas do assento, quase roçando seu longo cabelo loiro. Ele queria enterrar seu rosto nele e aspirar seu perfume. Ele adorava o cheiro do cabelo de uma mulher, limpo e quente e perfumado com qualquer xampu ou perfume que ela usasse. Era uma de suas partes favoritas em seduzir uma mulher. E Magda tinha razão. Ele queria muito seduzir Kathryn Hunter, embora ele não tivesse certeza do porquê. A agente do FBI não era seu tipo usual. Claro, algumas pessoas dizem que ele não tem um tipo usual, que o seu tipo era do sexo feminino, praticamente qualquer pessoa.

Mas isso não era verdade. Sim, ele amava as mulheres, mas ele não queria seduzir todas as mulheres que ele conheceu. Ele gostava de fazê-las sorrir e rir, gostava de dar uma noite de prazer a uma mulher cansada, se apenas por alguns minutos. Mas isso não era sedução.

Sedução era o jogo lento, requintado, de persuadir uma bela mulher a entrar em seus braços. Para dançar com ele, para compartilhar longos beijos lânguidos na frente de uma fogueira. Ele adorava acariciar o corpo de uma

mulher até que ela estivesse tremendo de desejo, até que ela se abrisse de boa vontade, convidando-o entre suas pernas e em seu corpo.

Isso é o que ele queria com Kathryn. Mas por quê? Como Nick disse desde o início, ela era pior que um policial local, ela era do FBI, o que descreve problemas. Vampiros tinham segredos demais para se consorciar com agentes federais de qualquer tipo. Claro, havia vampiros que labutavam nas profundezas do Quantico, junto com quase todas as outras agências federais, mas isso era diferente. Esses vampiros tinham uma lealdade clara para um mestre, que para a maioria deles era Duncan, como o Senhor Vampiro sobre o território capital.

Mas Kathryn não devia fidelidade a ninguém, mas a seu governo. Para Lucas seduzi-la, deixá-la ver até mesmo uma pequena fração do que fazia a sociedade vampiro, era correr o risco de que a informação fosse levada de volta aos seus chefes em Quantico? Por que ele desejaria uma coisa dessas?

Lucas entortou um dedo e capturou uma mecha de cabelo de Kathryn. A resposta era simples. Porque ele queria. Porque ela era alta e loira, com longas pernas e uma bunda fantástica. Porque ela era inteligente e disciplinada e sempre no controle. Uma dor na bunda que iria lutar com ele com unhas e dentes, e com cada centímetro de progresso que ele fizesse nesta sedução, e ele adorava um desafio.

Mas, também, porque ela veio de tão longe e arriscou desagradar seus superiores para encontrar seu irmão. Porque a família era importante para ela, e seu irmão era a única família que lhe restava. Porque a família era importante para Lucas, também. E ele não tinha nenhuma.

Porque ela tinha um coração profundamente enterrado debaixo de toda a disciplina, e que antes que a noite terminasse, ele pretendia roubar.

Capítulo 9

Kathryn tentou acompanhar as voltas que fizeram, de quão longe eles viajaram. Mas mesmo com a lua minguante que ainda estava parcialmente cheia, não havia nada para ver além das janelas escuras do grande SUV. Talvez se ela fosse daqui, se tivesse caminhado ou acampados nessas colunas, ela teria sido capaz de conjurar um mapa na cabeça da sua localização, mas para uma menina da cidade de Virgínia, a paisagem era como um borrão monótono de nada no meio do nada. Uma parte de seu cérebro estava tinindo com alarme, dizendo a ela que deveria estar preocupada em estar aqui completamente sozinha, com um bando de vampiros. Mas não importava que caminho olhasse, ela simplesmente não acreditava que Lucas iria machucá-la. Sim, ele tinha sido pouco honesto, e ele era definitivamente perigoso, mas o tipo de perigo que ele representava para ela não tinha nada a ver com casas no meio do nada.

Ela se mexeu um pouco, primorosamente ciente do braço de Lucas atrás. Isso a fez se sentir estranha e insegura, como estar de volta na escola e não saber se o rapaz estava apenas esticando o braço ou se gostava dela de verdade. Kathryn não era isso também – a menina alta e desajeitada por um longo tempo, mas ela não era exatamente uma femme fatale, também. Ela sabia que os homens a notavam. Afinal, ela era uma loira alta com quase um metro e oitenta, em excelente condição física, com um rosto razoavelmente bonito. Mas normal

terminou com o percebesse. Ela era um pouco demasiada autoconfiante, seus amigos do colégio tinham dito que ela era um pouco fria. Ela assustava os homens para longe. Como se ela quisesse um relacionamento com um homem que fosse intimidado por uma mulher de fibra.

Lucas não se intimidou com ela. Ele não se intimidava com muita coisa, tanto quanto podia dizer.

Não que importasse como Lucas se sentia com ela. Ela não estava aqui para ser seduzida por ninguém, muito menos alguém que intencionalmente reteu informações críticas. Isso era o mesmo que mentir em seu livro. Mesmo que o mentiroso viesse embrulhado em um pacote muito sexy. Ela suspirou calmamente e se focou muito nas formas sem sentido ofuscadas que passavam fora do carro, tentando ignorar o ligeiro puxão no cabelo dela que lhe disse que Lucas estava brincando com ele. Maldito vampiro.

Eles viraram em uma estrada de terra. Era muito mais áspera e mais rígida sob os pneus, e havia óbvias nuvens de poeira subindo pelas janelas.

Porém, o grande veículo não diminuiu a velocidade, apesar dos duros solavancos ocasionais e o som de pedras batendo contra o chassi.

Kathryn inclinou-se para o centro do SUV, tentando ver além do para-brisa fumê. Ela pensou que havia uma casa na frente, mas não tinha certeza.

— Estamos quase lá. — Disse Lucas, sua voz profunda melódica e suave. Kathryn sentiu um tremor de desejo passar ao longo de seus nervos e se moveu de volta para seu lado do banco. Ela não podia ver nada mesmo, e ficar muito perto de Lucas minava sua determinação em odiá-lo.

Embora, isso não fosse real e verdade. Ela não queria odiá-lo. Muito pelo contrário. Mas ela não confiava nele. Ele mentia tão facilmente como sorria. Como ela poderia ter qualquer tipo de relacionamento com um homem assim? Vampiro, ela se lembrou mais uma vez. Ele não era um homem absolutamente.

O SUV parou bruscamente, derrapando um pouco na estrada de terra. O motorista mudou para a engrenagem de estacionamento e desligou o motor. Kathryn rapidamente soltou o cinto de segurança, ansiosa para estar longe da intimidade forçada do banco traseiro escurecido. Ela não esperou por Lucas, mas abriu a porta do lado dela e saiu, tossindo um pouco com a persistente poeira acumulada no ar.

Ela olhou em volta e viu que eles chegaram em uma casa... um tipo. Ela não conseguia ver muita coisa, mas até mesmo o luar era suficiente para ela ver que a estrutura era antiga para os padrões americanos. Não histórico como os castelos da Europa, como um dos seus comediantes favoritos teria dito, mas definitivamente construído há mais de 50 anos. Muito mais do que 50 anos, neste caso. Ou isso, ou quem o construiu tinha uma péssima habilidade de construção.

Parecia ser feita de tábuas de madeira. Era pequena – ela diria não mais do que 1.200 metros quadrados na melhor das hipóteses, com uma varanda coberta que estava cedendo tanto embaixo quanto acima. A madeira parecia seca e cinza ao luar, e ela só podia imaginar que seria pior na brilhante luz do dia.

Kathryn a estudou em dúvida. Este era o lugar onde Lucas planejava sua conversa privada? Será que isso ainda tinha encanamento? E o que dizer de aquecimento? Esperava que não usasse um desses fogões a lenha, porque essas coisas fumaçavam, e o cheiro era impossível de sair de seu cabelo e roupas.

— Isso não parece muito aqui de fora. — Lucas murmurou contra seu ouvido.

Kathryn conseguiu sufocar a maior parte de seu sobressalto de surpresa, mas não completamente dele. Ela virou seu olhar para ele, mas ele só piscou de brincadeira. Da próxima vez que ele se esgueirasse sobre ela assim, iria matá-lo. Deixaria que ele visse o quão engraçado ele achava então. Bastardo sorrateiro.

Nicholas deu a volta na lateral da casa. Ele, aparentemente, estava indo atrás de alguma coisa enquanto ela ficava, hum, admirando a arquitetura.

Ele correu até onde ela estava com Lucas e entregou-lhe as chaves de seu carro de aluguel. Ela lhe deu um olhar interrogativo.

— Está estacionado ao lado da casa. — Ele disse com uma piscadela. — O motorista tomou uma rota diferente para fora da cidade e nos ultrapassou. — Ele virou-se para Lucas. — Meu senhor?

— Vou ficar bem aqui. — Lucas respondeu à pergunta surda. — Vocês sabem o que fazer. Kathryn e eu vamos ficar bem na casa principal. Façam os preparativos habituais para a manhã.

Casa principal? Kathryn pensou consigo mesma. Havia algo menor do que isso? Ela virou a cabeça, buscando na área ao redor, mas não conseguia ver nada que se assemelhasse a uma estrutura viva. Espere. Manhã?

— Sim, senhor. — Nicholas estava dizendo. — Se um de nós, talvez, ficar com você, e...

— Ficarei bem, Nick. Kathryn não vai atirar em mim, você vai, a cuisle?

Kathryn lhe deu um olhar sujo. Claramente ela ia precisar de um aplicativo tradutor de irlandês para seu telefone. Ele usou essa palavra especial várias vezes, e ela podia dizer a partir do contexto que provavelmente era algum tipo de carinho, como querido ou querida. Melhor que seja algo parecido. Se fosse menina ou baby ou, Deus nos livre, algo como pequena, ela iria colocá-lo em seu lugar. Assim que ela descobrisse o que ele estava dizendo.

— Kathryn?

Ela sorriu para si mesma. Ele parecia preocupado por ela não responder imediatamente à sua pergunta sobre atirar nele.

— Não. — Ela disse finalmente, deixando o pesar temperar sua resposta. — Eu não pretendo atirar em você.

Ele lhe deu um olhar semicerrado ante seu tom de arrependimento, mas disse para Nicholas:

— Prepare-se para a noite, Nick. Você saberá se eu precisar de você.

Nicholas estava claramente descontente com o arranjo, e Kathryn se perguntou se ele realmente achava que ela era um perigo para Lucas. Mas ele seguiu as ordens, dando a seu chefe um aceno de cabeça e desaparecendo em torno da parte de trás da casa.

— Onde eles estão indo? — Ela perguntou a Lucas, quando ele se dirigiu para a varanda.

— Há uma casa com beliches lá atrás. Eles ficarão muito confortáveis.

Kathryn duvidava disso. Tanto quanto ela duvidava que seria muito confortável na casa principal, mas o que diabos. Ela veio até aqui, e não ficaria muito tempo de qualquer maneira. Ela acompanhou Lucas, caminhando cautelosamente para a varanda cedendo, imaginando a ponta estreita de seu salto alto indo bem através das placas, se ela não tivesse cuidado. Mas era surpreendentemente firme, nem mesmo cedeu sob o peso muito maior de Lucas

enquanto ele caminhava para a porta da frente e inseria uma chave. A fechadura da porta era muito resistente para uma estrutura tão antiga, e um olhar mais atento revelou que o batente da porta não só tinha sido reforçado, mas a porta também era mais do que parecia. Ela não era serralheira, mas... ela bateu os nós dos dedos na superfície da porta. Era aço.

Lucas olhou para ela.

— As aparências enganam, Kathryn. — Ele entrou na casa com Kathryn em seus calcanhares. Ela estava curiosa agora. Que boa parte daquilo que ela tinha visto era apenas um show?

Lucas sussurrou algumas palavras, e Kathryn sentiu o toque de algo ao longo de sua pele, como eletricidade estática. De repente, a sala se iluminou com luz quente. Velas flamejando sobre a lareira, mas a maior parte da luz vinha de várias lâmpadas protegidas em todo o quarto, o que definitivamente não era o que ela esperava.

E então compreendeu. Ela tinha acabado de presenciar... magia? Impossível, mas que outra palavra estava lá para descrever? Lucas tinha sussurrado, e de repente fez-se luz. Se tivesse sido apenas a lâmpadas, ela teria assumido alguma versão vampira de palmas-acendam / palmas-apaguem, mas velas? Ela caminhou até a lareira e deu uma boa olhada nas colunas gordas de cera levemente perfumada. As chamas pareciam reais, mas... ela lambeu os dedos e apertou o pavio em uma delas como um teste. Ele chiou por entre os dedos, e Lucas riu atrás dela.

— As velas são muito reais, como é a chama. Detesto aquelas falsas, as elétricas. Não há nenhum romance.

Kathryn girou para encará-lo com um olhar estreito.

— Quem disse alguma coisa sobre o romance? Estamos aqui para conversar.

Lucas jogou sua jaqueta de lado e balançou a cabeça em consternação simulada.

— Que mulher prática você é, Kathryn Hunter. Dói meu coração. Há romance em todos os lugares. Ou deveria estar. O mundo seria um lugar melhor com ele.

— Uh huh. — Ela disse com ceticismo e estudou a antiga casa com novos olhos. Alguém teve um monte de trabalho para dar a aparência de abandono do lado de fora. Mas aqui, não havia nenhuma pretensão. Quem quer que tenha decorado a casa principal do rancho havia trabalhado sobre esta também. A sala era pequena – não havia fingimento nisso – mas estava cheia de mobiliário de aparência confortável. Um enorme sofá estofado de couro marrom avermelhado, com duas cadeiras que combinavam com ele, tanto em tamanho e cor, ocupava o espaço na frente da lareira – que chamejou de repente à vida.

Kathryn deu a Lucas um olhar penetrante, e ele sorriu de volta para ela, fazendo um pequeno gesto elegante com a mão como uma espécie de mágico de palco. A única coisa que faltava era um triunfante *ta-da!* E ela gostaria de saber exatamente como ele fez isso? Nada do que ela leu indicava que os vampiros tinham verdadeira magia, isto é, além de sua vida útil estendida.

Ela virou as costas para sua expressão muito-satisfeito-consigo-mesmo e continuou a leitura do quarto. Um retângulo de madeira escura, rugosa e marcada sob um acabamento de resina espessa assentava-se em cima de um pedaço de rocha natural e servia como uma mesa de café. A maior parte do chão era de madeira, mas um grande tapete de um profundo rico vermelho ficava por debaixo da mesa. Olhando todo o caminho para a direita, Kathryn viu uma cozinha que era um pouco mais que uma pia e um micro-ondas com um conjunto pequeno de armários e bar refrigerador embaixo. Uma pequena mesa de cozinha de pinheiro pálido estava ao lado da janela com quatro cadeiras, uma de cada lado. Vampiros não exigem muito em termos de cozinhas, supôs. A mesa era provavelmente mais para o assento extra de potenciais convidados para o jantar.

Ela olhou para cima e encontrou Lucas olhando-a.

— Isso é muito bom. — Comentou, passando uma mão apreciativa sobre o encosto de couro macio do sofá.

— Não é o que você esperava, porém. — Ele brincou.

Ela sorriu apesar de si mesma.

— Não. — Ela admitiu. — Mas você é um cara sorrateiro.

Lucas espalmou o peito.

— E mais uma vez, você me feriu.

Kathryn rolou os olhos e caminhou para o outro lado da sala. Havia duas portas abertas; uma levava para o quarto. Ela não fez mais do que olhar para ele antes de passar rapidamente para o outro, que era um banheiro, com apenas uma pia e vaso sanitário. Ela se perguntava se havia um banheiro principal fora do quarto, mas não tinha a intenção de descobrir. Isto era claramente um lugar de refúgio de Lucas, o que significava que era o seu quarto. Não iria lá. De jeito nenhum. Nuh uh.

— Gostaria de uma bebida? — Lucas perguntou, passeando para o bar como um grande gato preguiçoso. Será que o homem nunca simplesmente caminhava?

— Água, se você tiver. — Ela respondeu educadamente. — Eu tenho que dirigir de volta para o motel mais tarde.

Lucas lhe deu um olhar indecifrável, mas tirou uma garrafa de água da geladeira e entregou a ela depois de torcer a tampa com um estalo audível do selo de plástico. Ela pensou que provavelmente ele fez isso de propósito, para demonstrar que não havia nada lá, apenas água.

Para si mesmo, ele pegou um copo de cristal do armário e derramou um licor de cor âmbar da garrafa correspondente no balcão. O aroma suave do bom uísque encheu o nariz de Kathryn. Ela não era uma bebedora de uísque, mas seu pai era, e o cheiro trouxe de volta memórias de sua infância. Ela não podia dizer que tinha sido tempos melhores, mas talvez tivesse sido menos complicado.

Lucas pegou seu uísque puro. Ele indicou o mobiliário na frente da lareira, e Kathryn moveu-se em torno do grande sofá. Sentiu-se tentada a sentar-se em uma das cadeiras em vez disso, mas teria sido muito covarde. Então, ela se sentou no sofá, longe o suficiente do centro para não convidar qualquer intimidade. Algo cutucou seu lado quando ela se acomodou nas almofadas, lembrando-a de que ela ainda estava usando sua Glock. Ela soltou o coldre do cinto e colocou-a sobre a mesa de café.

Um lado da boca de Lucas levantou em um sorriso enquanto ele circulava a mesa, então caía graciosamente no sofá e colocava suas costas no canto oposto dele, um joelho inclinando-se sobre as almofadas.

Kathryn tomou um gole pequeno de água gelada.

— Então, como você faz isso? Como você acende velas e lareiras e liga as luzes sem tocar em nada? — Ela virou a mão na direção da lareira.

Ele encolheu os ombros com desdém.

— Eu sou vampiro. Ninguém lhe disse o que isso significa? Eu teria pensado que o FBI sabia pelo menos isso.

— Talvez eles saibam, mas eu não. Você disse que iria responder às minhas perguntas, se eu viesse com você. Então, me ilumine.

Lucas olhou para ela com uma expressão pensativa, então, perguntou:

— O que você sabe sobre vampiros? Ou melhor, acha que sabe.

Kathryn piscou, um pouco surpresa que ele tinha dado tão facilmente. Ela não confiava *fácil*, especialmente não quando se tratava de Lucas Donlon. Mas ela queria respostas, de modo que ela jogaria junto por enquanto.

— Não muito mais do que é comumente conhecido. — Admitiu. — E eu suponho que uma boa porcentagem é fantasia.

— A maior parte disso, eu aposto. — Ele concordou, e tomou um gole do seu copo. Ele olhou-a por um longo momento. — Você acredita em mágica?

— Não. — Ela disse imediatamente. — Mas eu acredito que algo pode parecer mágica, se a pessoa não entender como é feito.

— Ou se não se pode fazê-lo, enquanto outro pode. — Lucas concordou.

— Exatamente. Então, como você faz isso?

— Eu não posso explicar isso. — Ele falou a questão com naturalidade. — Seria como Einstein tentando explicar como ele foi capaz de ver o universo como via, ou um quarterback do futebol tentando explicar como ele é capaz de atingir o ponto exato que seu receptor estará segundos antes de o homem chegar lá.

— Einstein? — Ela repetiu maliciosamente.

Lucas riu facilmente.

— Eu sabia que você não gostaria dele. É por isso que atirei no zagueiro. Sem trocadilhos.

Kathryn gemeu, mas ela não pôde deixar de sorrir ao mesmo tempo. Ele estava tão encantador, mesmo quando estava sendo arrogante. Quarterback, fato. Ela tinha certeza que ele pensava em si mesmo como Einstein, não como um herói do futebol.

— Ok, Einstein — ela disse arrastando a voz. — Mas, por favor, tente explicar a esta mera mortal o que sente quando faz isso. Você só pensa e se torna verdade? Todos os vampiros conseguem fazer isso?

— Não, para ambas as perguntas. Todo vampiro é alterado de alguma forma pela transformação de humano para vampiro. Mas muito poucos têm os níveis extraordinários de energia necessária para se tornar um senhor vampiro.

— E você, é claro, é um dos poucos.

— Não é vaidade, Kathryn, mas fato. E você não me diga que não se pode argumentar com os fatos? Admito, porém, que eu não posso tomar nenhum crédito para minhas habilidades. É uma ironia do destino, e ninguém, nem mesmo o mais poderoso entre nós pode prever quem será um senhor vampiro e quem não vai.

— Por outro lado — continuou ele, deliberadamente. — Eu posso não tomar o crédito para o que eu fiz com essas habilidades. Mesmo Einstein teve de disciplinar o seu gênio.

Kathryn não podia discutir com isso.

— Mas e quanto às chamas e às luzes? Isso é exclusivo para você?

— Eu gostaria de reivindicar isso, mas, não. Se um vampiro é poderoso o suficiente, ele, ou ela, embora a maioria dos vampiros seja do sexo masculino, por razões que não vou entrar neste momento, pode manipular a energia. Isso provavelmente não é uma descrição exatamente científica, mas isso é o que parece quando eu faço isso. Mesmo para os vampiros, no entanto, as leis da física ainda se mantêm. Eu não posso criar energia. Eu só posso efetuar a mudança no que já está lá. Eu simplesmente faço com a energia bruta o que você faria com um fósforo. O efeito é ainda o mesmo. Eu só estou pulando uma etapa ou duas.

Ela olhou-o em silêncio, evitando manter seus pensamentos de seu rosto. Ela apostava que não era a primeira pessoa a subestimar Lucas Donlon. Presumindo que ele não era nada mais do que alguém encantador e bonito, sem pensamentos significativos em sua cabeça. As leis da física! Não o seu assunto preferido. Não seu assunto em todos, se pensasse sobre isso. Ela evitara as matérias de ciências e matemática no colégio com uma diligência que beirava a algum tipo de fobia.

— Como eu disse anteriormente, Kathryn — Lucas comentou baixinho: — as coisas nem sempre são o que parecem.

— Você está certo — ela admitiu.

— É claro que estou — ele respondeu de maneira previsível. — Chega de falar sobre os segredos do Vampiro. Fale-me, por que você acha que Alex Carmichael está envolvido no desaparecimento de seu irmão?

— Eu não tenho certeza. Agora, ele é apenas alguém com quem quero falar.

— Quanto Kurt falou para você quando falou com ele nesta noite no clube?

Seu primeiro pensamento foi para saber como Lucas sabia que ela tinha falado com Kurt de qualquer maneira, mas então ela franziu o cenho quando considerou o fraseado da pergunta de Lucas. Ele claramente já sabia, pelo menos um pouco, do que Kurt havia dito a ela, e no momento seguinte, percebeu que Kurt só falou com ela, de qualquer forma, porque Lucas havia concedido.

— Você sabia sobre Kurt e Daniel. — Disse ela.

— Não quando você veio até mim. Mas eu te disse que comecei a minha própria investigação naquela noite. Eu teria dito tudo isto se você tivesse me dado tempo, no entanto, os eventos intervieram. Minha presença foi exigida em outros lugares, e você foi para o clube, sem mim.

— O sangue em suas calças.

— Uma coisa de cada vez. Quanto é que Kurt falou para você?

Kathryn não disse nada por um longo momento. Por um lado, parecia como se tivesse mantendo informações dela mais uma vez. Por outro lado, era perfeitamente possível que ele estava dizendo a verdade. Que ele teria dito a ela o que tinha descoberto se a emergência que o fez se afastar não tivesse acontecido, e se ela esperasse o dia extra e ido para o clube com ele.

— Tudo bem. — Disse ela. — Kurt me disse que ele está preocupado. Que Daniel entrou no clube duas noites seguidas para vê-lo, e quando ele não apareceu na terceira noite, Kurt foi procurá-lo e não conseguiu encontrá-lo. Ele ressaltou para mim que ele realmente procurou, o que, dada a sua

demonstração com as velas, assumo que isso significa que todos vocês têm forma de procurar que não estão disponíveis para o resto de nós.

Lucas assentiu distraidamente.

— Alguns, embora dependa...

— Do vampiro — ela terminou por ele. — Sim, entendi isso. Mas o que dizer de Kurt?

— Kurt é o meu melhor rastreador. Ele não só conhece o seu irmão, ele conhece parte das Badlands. Se ele diz que Daniel não está lá, ele não está.

— O que nos traz de volta para Alex Carmichael. — Kathryn insistiu.

— Pode ser alguém tentando colocá-lo em evidência.

— Estou ciente disso. Conheço meu trabalho, Lucas. Mas, no mínimo, eu preciso falar com ele. Sua assistente confirmou que Daniel é um dos favoritos de sua galeria, e ainda assim ele removeu recentemente uma grande exibição do trabalho de meu irmão. Eu não estou falando de qualquer coisa que você comprou dele. Esta retirada foi tão recente que ainda estava em andamento quando estive lá hoje, que...

— Você foi para Chicago? — Lucas exigiu com muito mais urgência do que ela teria pensado ser necessária.

Kathryn franziu a testa.

— Não, Minneapolis, por quê?

— Nada. — Lucas disse, balançando a cabeça. — O que mais você encontrou lá?

Não era nada, Kathryn pensou consigo mesma. Ele provavelmente tinha algo a ver com os chamados acontecimentos que fizeram com que Lucas não comparecesse ao encontro no clube hoje à noite. Os mesmos eventos que rasgou o rosto de Nicholas e deixou Lucas coberto de sangue. Ela tiraria isso dele, eventualmente, mas queria saber mais sobre Carmichael, então ela respondeu a primeira pergunta de Lucas.

— O que eu não encontrei — continuou ela, — foi Carmichael. Ele não estava apenas fora da cidade, mas supostamente inacessível. E, em um momento em que até mesmo as crianças têm telefones celulares, isso me faz pensar que ele está me evitando.

— Eu te disse, ele está em Chicago. Mas isso não quer dizer nada. Ele está baseado lá. Ele tem sua principal galeria lá.

— Então, por que ele não me liga? Tenho certeza que sua assistente tinha-o no telefone dois minutos depois que eu saí pela porta, deixando-o saber que estou no seu encalço. E por falar em trilhas, o local aqui esfriou. Eu acho que provavelmente estava frio dentro de horas do desaparecimento de Daniel, que quem o tem o levou para longe daqui a muito tempo. As informações de Kurt só confirmam isso. É por isso que vou voltar para Minneapolis amanhã, e de lá irei para Chicago, se eu tiver que ir. Tem que haver uma razão para que Alex Carmichael esteja tão determinado a me evitar, mas ele não pode se esconder para sempre.

— Você está indo embora?

Kathryn deu de ombros.

— Se eu não encontrar uma razão para ficar. Eu já embalei os equipamentos do meu irmão. É valioso demais para deixar naquele quarto de motel, então vou levá-lo comigo.

— Você pode deixá-lo no rancho. Estará perfeitamente seguro.

Kathryn o estudou. O equipamento de Daniel certamente estaria mais seguro no rancho de Lucas do que em seu SUV, mas, em seguida, ela teria que voltar aqui para recuperá-lo, especialmente se, quando o encontrasse, Daniel não estaria à altura de voltar por ele mesmo.

— Talvez o envie para casa — ela falou ao invés.

Lucas a estudou, por sua vez.

— Você ainda acha que menti para você.

— Você mentiu para mim. Uma mentira por omissão, com certeza, mas ainda assim uma mentira.

— Eu não sabia se Carmichael estava envolvido. Ainda não sei. E não vou enviar o FBI sobre ele sem provas.

— Eu não sou o FBI, não neste caso.

— Não faça distinções mesquinhas, Kathryn. Você sabe o que eu quero dizer.

— Não realmente. Eu só quero fazer algumas perguntas.

— Isso é tudo que qualquer um que vocês querem, e muito em breve você estará compilando bancos de dados de quem somos e o que podemos fazer, e a próxima coisa que saberemos é que os camponeses estarão atrás de nós com forcados e tochas.

Kathryn fez uma careta.

— Forcados e tochas, Lucas?

— Uma caricatura de filme, com certeza, mas o sentimento é válido. Fomos caçados antes, e não temos nenhuma intenção de sermos caçados novamente. Nós estamos mais fortes agora, mais inteligentes. Aprendemos a nos esconder em plena vista, e usar suas leis e cultura contra vocês.

— Então você mentiu sobre Alex porque estava protegendo-o?

— Não só ele, especificamente, mas, sim. Eu te disse, tenho o meu povo verificando-o. Se eu encontrar alguma coisa, direi a você. Se não, não há nenhum dano para Alex ou para você. Esta é a minha cidade, o meu território. Se um vampiro está cometendo crimes aqui, é o meu negócio.

— E o meu. — Lembrou incisivamente.

Lucas deu de ombros.

— Você não pensa assim.

— Alex é vampiro. Pelas nossas leis, ele é responsável perante seu mestre e de mais ninguém.

— Seu mestre? Fale sobre caricaturas. Você o fará comer moscas se ele te decepcionar?

Lucas deu uma gargalhada.

— Essa é uma boa. Mas eu não sou o mestre de Alex. Seu mestre é em Chicago, como uma questão de fato, é por isso que você não vai querer ir bisbilhotando lá.

— Por que não? Vim bisbilhotar aqui.

— Não o suficiente para o meu gosto. — Lucas murmurou. — Mas então, eu sou um cara muito melhor do que o vampiro que governa Chicago.

— Eu não estou procurando fazer amigos, Lucas. Todos vocês podem pensar que não estão sujeitos às nossas leis – que são as suas também, já que você mora aqui, mas acredite em mim, você está. Qual o nome do vampiro, no caso de eu precisar questioná-lo?

Lucas levantou-se abruptamente.

— Largue isso, Kathryn.

Ela assistiu com surpresa enquanto ele se movia inquieto pela sala, parando finalmente perto da pequena cozinha. A mesa de sofá combinando com a madeira envelhecida da mesa de café empurrada contra a parede, com um grande livro aberto em pé em uma daquelas antigas estantes antigas, que pessoas amáveis, ou museus, usavam para colocar um determinado livro em exposição, como uma obra de arte ou algo assim. Na parede acima da mesa estava uma coleção de gravuras e fotografias emolduradas, a maioria das quais parecia bastante antiga.

Kathryn colocou sua garrafa de água na mesa e se aproximou para ver o que ele estava olhando. Suas sobrancelhas se ergueram quando deu um olhar mais atento ao livro.

Era uma Bíblia, suas páginas de aparência velha e frágil, mas com a margem e o texto elaborados com enfeites típico desse tipo de livro. Os vermelhos e os azuis estavam um pouco desbotados, mas o dourado parecia uma camada de ouro, ao invés de tinta, e brilhava.

Kathryn não era religiosa, e por isso ela não sabia se os editores ainda publicavam esses tipos de Bíblias, ou se tudo era digital agora. Mas ela tinha uma amiga na infância, cuja mãe tinha uma Bíblia assim. A mãe as tinha feito lavar as mãos antes de tocar as páginas delicadas, mas sempre foi disposta para mostrá-la a elas. Ela gostou especialmente de apontar as primeiras páginas, que listavam ancestrais de sua família que remontavam várias gerações.

O livro de Lucas estava aberto em apenas uma página, mas este livro era muito mais velho do que a mãe de sua amiga. Esta Bíblia tinha uma lista genealógica que começava no século 16, e que era apenas a página que Kathryn podia ver. Era óbvio que as páginas anteriores remontavam ainda mais. Ela olhou mais de perto e viu que, apesar de haver vários sobrenomes misturados através dos vários casamentos, apenas um sobrenome estava presente por toda parte, e era Donlon. Esta era a bíblia da família de Lucas. E isso não era interessante?

Ela olhou mais de perto e viu que a árvore genealógica parou completamente no final do século 18. O último casamento foi de Lord Donal

Donlon e Moira Keane, a união produziu apenas um único filho, uma filha chamada Brighid. Mas, depois disso, nada. Kathryn esquadrinhou as gerações anteriores, mas não viu o nome de Lucas listado em qualquer lugar. Ela estava morrendo de vontade de virar a página de volta e descobrir exatamente quando ele tinha nascido, mas não chegou a ter a coragem de tocar na Bíblia antiga com seus sujos dedos – uma incômoda lição persistente da mãe de sua amiga.

Frustrada por boas maneiras, se nada mais, Kathryn endireitou e verificou as fotos emolduradas na parede em vez disso, meio que esperando encontrar mais do trabalho de seu irmão. Mas a maioria delas eram velhas demais para ser de Dan. Várias eram da mesma coisa, um castelo de pedra cinzenta, com torres gêmeas e muralhas com ameias. Ela olhou mais de perto. Havia duas imagens do castelo no topo que não eram fotografias. Uma parecia ser um esboço de tinta, enquanto o outro era uma aquarela. Mais abaixo havia quatro fotografias separadas da mesma coisa, variando de sépia para preto e branco, e depois a que ela assumiu ser a mais recente, que era colorida. Nela, o sol brilhava em um céu azul salpicado de nuvens, com destaque para o gramado verde esmeralda, que rolava para baixo do morro em frente ao castelo.

— Castelo Donlon. — Disse Lucas ao lado dela.

O coração de Kathryn acelerou. Ela esteve absorta nas imagens, que quase esqueceu que ele estava ali. Ela o olhou e viu que ele a observava.

— Eu espero que você não se importe. — Disse ela, sentindo a vergonha aquecer seu rosto.

— Claro que não. Elas estão na parede para serem vistos.

Talvez. Mas Kathryn tinha a sensação de que muitas pessoas não as viram. Este lugar tinha a sensação de um retiro, e não uma casa de reunião.

— A Bíblia — disse ela, hesitante, em seguida, seguiu em frente. — Essa é a sua família?

Lucas olhou-a em silêncio por tanto tempo que ela achava que ele não ia responder. Estava pronta para pedir desculpas e se retirar para seu canto do sofá, quando ele disse de repente:

— É. A Bíblia e o castelo, as duas coisas.

Kathryn engoliu, sem se atrever a perguntar, mas oh, ela realmente queria saber onde Lucas se encaixava.

Sua boca se curvou em um sorriso torto.

— O castelo é meu agora. Comprei-o... há muito tempo e o reformei.

— Você mora lá?

— Não, eu moro aqui. — Ele disse claramente, como se estivesse explicando o óbvio.

— Sim, mas, você, eu não sei, tem férias lá ou algo assim?

— Férias — ele repetiu, então pareceu pensar sobre isso. — Não. Eu visito uma vez por ano, se eu tiver sorte, e só por alguns dias. Às vezes menos, dependendo do caso.

— Por quê? Se eu possuísse algo assim, iria visitar o tempo todo. — Disse Kathryn com entusiasmo.

— Iria? Os antigos castelos podem ser frios, para não mencionar o encanamento ruim.

Kathryn inclinou a cabeça, pensativa.

— Não. Você disse que o reformou. Aposto que foi completamente modernizado. Pode parecer um castelo do lado de fora, mas aposto que o interior parece mais com isso. — Ela acenou para indicar a sala decorada com bom gosto ao seu redor. — Você gosta de seus confortos, Senhor Donlon.

Lucas baixou a cabeça sem se comprometer, mas Kathryn sabia que estava certa. Sentindo-se corajosa, ela decidiu aproveitar a sua aparente vontade de falar.

— Então, quem era dono do castelo antes de você? — Perguntou ela, pensando que deve ter sido algum tio ou primo distante, porque Lucas já tinha dito a ela sobre sua infância pobre. Quem possuía esse castelo não era pobre.

— Meu avô era o dono.

Kathryn franziu a testa. — O seu avô. — Ela repetiu, em seguida, olhou feio para ele. — Eu pensei que o seu avô era um pobre fazendeiro com um cavalo capenga para arar.

— Eu posso ter suavizado sua posição um pouco — disse ele, dando um sorriso brincalhão que não chegou a tocar seus olhos.

— Um pouco? Isso é uma porra de um castelo! Você cresceu lá?

— Não. — Ele disse secamente. A brincadeira fugiu de sua expressão, e ela sabia que tinha tocado em um assunto delicado. — Eu disse a verdade sobre

isso. — ele continuou. — Visitei o velho uma vez, apesar de visita poder ser um exagero. Minha mãe me levou lá quando eu não tinha mais de seis anos de idade. Nós dois estávamos vivendo nas ruas, passando fome e frio na maior parte do tempo, e o homem velho e amargo nos mandou para longe. Ele não iria nem mesmo deixar sua filha dormir no celeiro. Saímos e nunca mais voltei.

— Eu sinto muito. — Kathryn murmurou, ao ouvir a dor em sua voz.

— Isso aconteceu há muito tempo.

— Como você chegou a possuí-lo, então?

— Eu comprei. Terrenos e títulos, ambos. Tive a maior reivindicação, certamente melhor do que os primos que o dirigiam em ruínas. Mas eles não o teriam visto dessa forma, mesmo que soubessem quem eu era, com o fato de eu ser um bastardo e tudo. Nas raras ocasiões em que durmo lá agora, eu sinto o fantasma de meu avô uivando no beiral porque o bastardo tomou o seu precioso castelo. Dá-me doces sonhos a cada vez.

— E a sua mãe?

Lucas acenou para um quadro pequeno, oval à esquerda, quase ao nível dos olhos onde Kathryn estava de pé. — Minha mãe. — Disse ele calmamente. — Ela morreu quando eu tinha sete anos.

Kathryn se inclinou para perto. O quadro tinha uma aquarela delicada de uma jovem mulher com um longo cabelo preto enrolado que caía sobre os ombros.

A pose era para ser séria, mas o artista tinha capturado a leve inclinação para cima de seus lábios vermelhos cheios, o riso em seus olhos que eram tão parecidos com os de Lucas.

— Ela era bonita. — Disse Kathryn honestamente.

— Ela era.

— Como ela morreu?

Lucas se virou para ela quase com raiva. — Como é que uma jovem morre nas ruas de Dublin? Ela tinha dezesseis anos e estava grávida quando seu pai a colocou para fora pelo pecado de ser solteira. Tinha pouco mais de vinte e quatro anos quando ela morreu. De frio, fome, doença? Quem sabe? Eu era muito jovem para saber tais detalhes. Eu só sabia que ela estava morta.

— Sinto muito. — Disse Kathryn novamente. — Eu não sei por que eu estou forçando isso. Não é da minha conta.

Lucas estendeu a mão para ela sem aviso. Kathryn se encolheu, mas tudo que ele fez foi enfiar uma mecha de seu cabelo atrás da orelha, de onde havia escapado do seu rabo de cavalo.

— Você pode me perguntar qualquer coisa que você quiser. — Disse ele, arqueando uma sobrancelha elegante. Ele tomou um gole de uísque, mantendo contato visual sobre a borda de seu copo de cristal.

Kathryn reconheceu sua tentativa de afastar memórias dolorosas, para reafirmar sua máscara diabo-despreocupado. Lembrou-se de como era fingir que estava tudo bem quando nunca estaria novamente. Então, ela jogou junto, voltando seu olhar com um meio-sorriso provocante.

— Tudo bem. — Ela começou, e então quase se acovardou, deixar escapar em um fôlego o que realmente queria saber. — Quando você se tornou um vampiro?

Lucas levantou as sobrancelhas em surpresa. Ela supunha que era uma ousadia fazer uma pergunta tão pessoal.

— Bem, agora, Kathryn — ele murmurou, movendo-se tão perto que ela podia sentir o úmido cheiro de uísque de sua respiração ao longo de sua mandíbula. — Isso é uma questão muito pessoal. O tipo de coisa que compartilha com muito bons amigos... — Ele se inclinou ainda mais perto e colocou seus lábios junto ao seu ouvido. — Ou amantes. — Ele abaixou a boca para beijar a pele macia abaixo da sua orelha, e ela estremeceu. — Qual deles é você, *a cuisle*? — ele sussurrou.

O coração de Kathryn estava tentando sair do seu peito, ele batia tão forte, tornando-se difícil estabelecer uma respiração completa. Ela sabia que deveria dizer algo inteligente e se afastar, que era tolice se envolver pessoalmente com Lucas Donlon. Mas havia uma parte dela que se rebelava contra sempre fazer a coisa certa, sempre sendo a filha obediente, a irmã responsável, a agente perfeita do Bureau. A parte que foi enterrada tão profundamente dentro dela que, na maioria das vezes, esqueceu que existia. A parte dela que queria algo mais. Talvez tenha sido a vulnerabilidade que ele tinha mostrado com seus quadros na parede, a raiva que ainda endurecia sua

voz quando falava de seu avô morto há muito tempo. Mas ela suspeitava que fosse mais do que isso. Lucas era como um fogo ardente. Você sabia que ele era perigoso, que nada de bom viria disso, mas você não poderia resistir à atração, o coração brilhante de uma chama que você sabia que iria aquecer-lhe todo o caminho até a medula, mesmo que ela a queimasse viva.

E só havia esta noite. Ela estava deixando a cidade amanhã.

Ela pegou o copo de uísque. Travando o olhar com ele, ela o levou aos lábios e tomou um longo gole, sentindo o calor do uísque todo o caminho de sua garganta até o estômago.

— O que você gostaria que eu fosse? — Ela perguntou em voz baixa. — Amigo ou amante?

Os olhos de Lucas brilharam em um dourado que fazia inveja ao do próprio fogo. Ele estendeu a mão para ela, passando o braço em volta da sua cintura e puxando-a contra o duro comprimento de seu corpo.

— Tenha certeza, Kathryn.

— Tenho certeza.

Ele pegou o copo de uísque da mão dela sem resistência e o colocou sobre a mesa tão delicadamente que não fez qualquer forma de som. Kathryn observava o brilho âmbar do líquido, seu estômago em nós, embora soubesse que isso era o que ela queria, o que ela queria desde o momento em que ela entrou em seu escritório e o viu pela primeira vez. Mas agora que ele estava aqui, agora que a fantasia tornou-se realidade...

Lucas segurou seu queixo com os dedos delicados e ergueu o rosto para ele. Sua boca se curvou em um sorriso, mas seus olhos... eles queimavam de desejo.

Por ela. O conhecimento de que ele a queria tanto quanto ela a ele, a acalmou como nada mais poderia. Ela envolveu os braços ao redor de seu pescoço, levantando-se sobre a ponta dos pés para roçar os lábios contra os dele. Não era um beijo, ainda não. Apenas um toque de pluma de seus lábios, de um lado para o outro, enquanto seus olhos ficavam mais quentes, com o olhar mais intenso.

O braço de Lucas apertou em torno de sua cintura, segurando-a no lugar para que ela não pudesse se afastar, se ela quisesse. A outra mão dele caiu para

a curva de seu bumbum, colocando ambas as bochechas em seus longos dedos e apertando, apertando-a contra o cume duro de sua excitação.

Os olhos de Kathryn, capturados pelos dele, se arregalaram, quando Lucas empurrou seus quadris para frente, certificando-se que ela sentisse cada centímetro de sua ereção. Ela sentiu. Oh, Deus, ela o sentiu. Ela agarrou uma mão em seu preto cabelo sedoso e lambeu os lábios fechados. Uma vez, duas vezes, em seguida, mordeu levemente o lábio inferior exigentemente.

Lucas rosnou. Como se um interruptor tivesse sido ligado, calor queimou entre eles como um aviso de que tudo o que tinham feito até agora foi flerte de adolescente. E os adultos estavam agora na sala.

Lucas esmagou sua boca contra a dela, forçando os lábios a abrir. Ele apunhalou a língua em sua boca, bombeando-a como um pequeno pênis, conquistando com varreduras de sua língua, saboreando cada centímetro de sua boca com tal velocidade chocante que Kathryn só podia se submeter. Ela finalmente reagiu, exigindo a sua parte, em troca, enredando sua língua com a dele, lutando pelo domínio.

Este não era o primeiro beijo romântico à luz do luar. Este era o beijo de duas pessoas que tinham fome um do outro por dias, queriam, esperavam por este momento. O beijo foi duro e cheio de paixão, um choque de dentes e língua, mordendo e lambendo, bocas pressionadas juntas, que Kathryn mal podia respirar.

Ela fez um pequeno som de angústia, e Lucas enfiou os dedos em seu rabo de cavalo e puxou sua cabeça para trás.

— Respire. — Ele ordenou, sua própria respiração áspera entrando e saindo.

Kathryn assentiu em silêncio, seus olhos nunca deixando seu rosto.

— Droga. — Lucas praguejou, em seguida, levou os braços para longe o suficiente para arrancar a camiseta sobre a cabeça, antes de puxá-la contra ele mais uma vez.

O olhar de Kathryn deslocou-se para a própria imagem da beleza masculina que era o seu corpo – grossos ombros largos providos de músculos espessos, afinando para peitorais ligeiramente polvilhados com pelos pretos que reduziam para uma linha fina sobre barriga tanquinho que a fez querer chorar

com sua pura perfeição bem definida. Seu olhar foi atraído ainda mais para baixo da cintura de suas calças de couro e da protuberância que estava esticando o couro tão apertado que estava brilhando com a distensão do mesmo.

Ela ouviu alguém gemendo com necessidade e percebeu que o som vinha de sua própria garganta. Seus olhos se atiraram de volta ao rosto de Lucas, e depois eles estavam se beijando novamente, suas bocas pressionadas juntas enquanto ele tentava tirar sua jaqueta e Kathryn tentou ajudá-lo. Com um grito de frustração, ela interrompeu o beijo e encolhendo os ombros, passou a jaqueta pelos braços, deixando-a cair no chão.

Lucas grunhiu agarrando o seu vestido apertado ao puxá-lo pelo seu quadril até que se amontoasse em volta de sua cintura. Ele a puxou colando-a no corpo e soltou um palavrão em voz baixa.

— O que diabos você estava pensando com essas leggings estúpidas? — Ele murmurou, enfiando as mãos por dentro do cós e empurrando as calças apertadas para baixo até que ele estava deixando sua bunda quase nua.

— Eu estava pensando que eu não queria transar com ninguém. — Ela rosnou de volta para ele, desafivelando o cinto largo e despojando-o de sua cintura.

Lucas riu sem fôlego.

— Bem pensado, desde que você sabia que eu não estaria lá.

A resposta de Kathryn foi perdida, quando Lucas puxou o vestido por cima da cabeça dela, em seguida, deu um passo atrás para olhar seu corpo seminu. Kathryn corou calorosamente, embora soubesse que estava em boa forma. Mas a varredura de seu olhar era como uma carícia, um roçar de veludo quente sobre sua pele, dos músculos tensos de seu estômago, para a elevação dos seios acima das taças do seu branco sutiã liso, de algodão. E, oh Deus, por que ela não comprou um novo sutiã quando comprou o vestido?

— Não planejava ser atacada. — Ela se afastou para explicar, sem fôlego. — Ele é meu sutiã de trabalho.

— Porque você não sabia que eu estaria lá. — Ele murmurou novamente. — Mas desde que você não está mais no trabalho... — Ele a puxou para perto, friccionando sua ereção contra ela, enquanto estendia a mão para as costas dela e soltava o fecho de seu sutiã com um toque rápido de seus dedos. — Acho que

você deve se livrar dele. — Ele sussurrou, em seguida, colocou uma trilha doce de beijos suaves em seu pescoço e sobre o osso delicado de sua clavícula.

Kathryn sentiu seu sutiã se soltando, sentiu a deliciosa liberação de seus seios pesados da forte ligação do sutiã resistente. Ela soltou Lucas longo o suficiente para deslizar as alças para baixo dos braços. Como era organizada, ela tentou pegá-lo com uma mão, em vez de deixá-lo cair no chão, mas Lucas agarrou-o e jogou-o para longe, seu olhar ardente enquanto olhava os seios nus pela primeira vez. Eles pareciam inchar sob a força de seu desejo flagrante, os mamilos se endurecendo quando pequenos choques de luxúria formigavam de seus seios para seu abdômen e abaixo, onde sua vagina estava apertando ansiosamente, exigindo que Kathryn desse-lhe o que queria. E queria Lucas.

Lucas segurou os seios com reverência em seus longos dedos, o polegar brincando com seus mamilos sensíveis, dedilhando de um lado para o outro, até Kathryn pensou que ela iria chegar ao clímax antes que eles chegassem à cama.

— Linda. — Lucas sussurrou, inclinando-se o suficiente para tomar um mamilo na boca e chupando forte.

Kathryn gemeu. Ela não queria ser admirada. Ela queria ser fodida. Ela agarrou ambas as mãos em seu cabelo e puxou-o para longe de seus seios e de volta para sua boca. Ela apertou-se contra ele, esfregando os seios contra os duros planos maravilhosos de seu peito, sentindo a aspereza dos pelos do seu peito contra seus mamilos.

Lucas desceu duas mãos para a bunda dela, xingando quando encontrou as leggings estúpidas mais uma vez.

— Porra. — Ele rosnou e caiu de joelhos, arrastando as calças ofensivas pelas pernas e sobre os pés descalços... o que o colocou exatamente ao nível dos olhos com seu sexo, que estava coberto de nada além de uma preta calcinha de seda.

Lucas se inclinou e beijou-a através do tecido fino.

— É este o seu fio dental de trabalho, também? — Ele brincou.

Kathryn entrelaçou os dedos em seus cabelos, ofegante quando ele deslizou um dedo sob o triângulo de seda e dentro da sua já molhada vagina. Seus quadris empurraram em direção a ele como se tivessem vontade própria, e Kathryn jogou a cabeça para trás, de puro prazer devasso. Ela se sentia sexual

de uma maneira que ela nunca sentiu antes. Desejada e bonita, como se não houvesse mais regras. Uma parte do seu cérebro sabia que não era ela. Sempre houve regras. Mas a visão do belo homem de joelhos diante dela oprimia tudo, exceto a fome para ter Lucas Donlon profundamente entre as coxas, tão rapidamente e tão frequentemente quanto possível.

Ela riu com pura alegria com a sensação.

Lucas ficou de pé, os dedos ainda enterrados dentro dela, bombeando dentro e fora, sua umidade crescente quente e escorregadia encharcando sua mão. Ele abaixou a boca para a dela, e eles se beijaram novamente, com fome, cheios de desejo e necessidade. Foi um beijo quase desesperado, como se eles não se cansassem um do outro, como se o encontro das bocas não fosse rápido o bastante.

— Cama. — Lucas suspirou contra sua boca. Ele começou a consuzir Kathryn de costas para o quarto, parando a cada passo quando o beijo se aprofundava, fazendo-os esquecer tudo o resto. Finalmente ele rosnou e levantou-a contra seu corpo até que sua ereção estava aninhada no V perfeito das pernas dela.

Kathryn respondeu instintivamente, enrolou as pernas em torno de seus quadris para se equilibrar e para chegar mais perto da coisa que ela queria, seu pau enterrado dentro dela.

Lucas continuou a andar, levando-a para o quarto, como se ela não pesasse nada. Kathryn se sentiu delicada e feminina e, oh, tão sensual.

Ele caiu de joelhos sobre a cama, deitando-se e despindo o triângulo da tanga de seda. Ela estava encharcada. Kathryn podia sentir a umidade quando ele arrastou-a para baixo de sua perna, poderia cheirar sua própria excitação. Ela esticou-se na cama, com as mãos acima da cabeça, arqueando as costas e levantando os seios em oferecimento.

Os olhos de Lucas estavam fixos nela como um gato selvagem gigante, sem se mexer, um predador avaliando sua presa. O coração de Kathryn começou a bater quando uma parte primitiva do cérebro dela registrou o perigo e entrou em modo de voo ou luta. Ela apertou a mão contra o peito, dizendo a seu estúpido coração para se acalmar, porque isso era o que ela queria, e ela não ia a lugar nenhum. Ela desceu a mão para baixo, raspando sobre um

mamilo inchado, passando sobre sua barriga plana e mergulhando entre as pernas.

O olhar de predador de Lucas assistiu a mão a cada centímetro do caminho, brilhando com uma luz dourada, quando ela abriu as pernas e deslizou seu dedo entre os inchados lábios de sua vagina.

— Tire as suas calças. — Kathryn ordenou. Ele sorriu maldosamente enquanto seu olhar subia para seu rosto.

Kathryn não confiava naquele sorriso, mas ela olhava ansiosamente como Lucas se afastava da cama e se despia, para revelar sua deliciosa nudez masculina. Ele estava sem cueca debaixo de todo aquele couro e Kathryn sentiu vontade de comemorar. Seu pênis saltou para frente, duro, longo e grosso. Ela não conseguia tirar os olhos dele enquanto ele vinha em sua direção. Ela sentiu-se ainda mais como uma saborosa gazela congelada sob o olhar de um gato grande, prestes a ser devorada.

Hum. Ela mal podia esperar.

Lucas arrastou sobre a cama, cobrindo seu corpo e empurrando os joelhos para cima e para os lados, pressionando as pernas a se abrirem com seus quadris, quando começou uma espécie de impulsos provocadores com seu pênis. Ela podia sentir o duro comprimento de seu membro deslizando em sua umidade, pressionando suas dobras cheias a se abrirem, até que ele estava esfregando contra o mesmo lugar que ela mais queria.

— Eu vou foder você primeiro, a cuisle — ele disse, pressionando sua ereção contra ela até que sua vagina começou a se apertar numa necessidade desesperada.

Ela quase gritou em negação quando ele sentou-se de repente, então gemeu quando ele mergulhou dois dedos em sua vagina, bombeando dentro e para fora, enquanto esfregava seu clitóris até que ela estava tão molhada, que podia sentir a umidade revestindo o interior de suas coxas. Lucas lambeu os lábios com fome, com os olhos semicerrados, até que eram fatias individuais de fogo dourado assistindo seus dedos deslizar para dentro e para fora de suas dobras gotejantes, seu polegar circulando seu clitóris. Kathryn gemeu, beliscando seus mamilos e apertando as coxas em torno de seus quadris em uma tentativa desesperada para aliviar o anseio.

— Nós vamos fazer amor depois. — Disse Lucas, em voz baixa, enquanto lambia os dedos, em seguida, estendia-se sobre ela. Ela estava inundada com luxúria e teve que se concentrar para entender as palavras. — Mas primeiro...

Ele estendeu a mão e posicionou seu pênis entre suas coxas. Ela podia sentir a ponta firme apenas cutucando em sua vagina ansiosa e imediatamente levantou os quadris, tentando forçá-lo mais profundo. Lucas riu, então flexionou sua bunda perfeita e deslizou para dentro dela com um impulso lento, irresistível. Seu pênis era longo e grosso, enchendo-a de forma mais completa do que qualquer amante que tinha tido antes, esticando suas paredes internas até que cada nervo estava revelado, cantando com o roçar de veludo de seu pênis enquanto ia cada vez mais fundo, até que sentiu o tapa de suas bolas contra a bunda dela, o toque de seu pênis contra o colo do útero.

Kathryn fechou os olhos contra uma onda avassaladora de prazer, a deliciosa sensação de sua ereção preenchendo cada centímetro dela. Ela agarrou a bunda dele e abriu os olhos para encontrá-lo olhando para ela. Eles mantiveram o olhar um do outro por um momento, e então eles foram à loucura.

Suas bocas se encontraram em um confronto de dentes e línguas quando Lucas começou a bombear furiosamente, transando com ela rápido e duro quando Kathryn levantou-se para cada golpe. Seus seios foram esmagados contra seu peito, seus mamilos tão sensíveis que era quase demais, raios de desejo corriam sobre seus seios, sobre sua barriga e para baixo entre as pernas, onde se chocava contra o impulso requintado de seu clitóris inchado, contra o deslizar do pau de Lucas empurrando, em seguida, corria de volta para cima novamente para atormentar seus seios em um ciclo interminável.

As mãos de Lucas estavam sob seus quadris, levantando-a, abrindo-a ainda mais para a sua invasão. Seu pênis se movia incrivelmente mais rápido com cada impulso, seus quadris empurrando com mais força, como se ele não pudesse foder rápido o suficiente, forte o suficiente, a uma profundidade suficiente.

Ele afastou a boca da dela e enterrou seu rosto contra o pescoço dela. Seus dentes se fecharam suavemente sobre o tendão tenso lá, e Kathryn mordeu seu ombro para engolir seu próprio grito. Lucas rosnou contra sua pele corada,

então acariciou a língua sobre a pele de seu pescoço, um deslizamento lento, deliberado de calor úmido.

— Diga-me que está tudo bem, Kathryn. — Ele ofegava, seus quadris nunca parando seu movimento. — Jesus, me diga que eu posso te provar.

O coração de Kathryn chutou de dúvida, de medo. Ela mal conseguia pensar, muito superada com desejos que nunca sentiu antes, com uma luxúria crua que ela nunca soube que era capaz. Seu cérebro queria pensar sobre isso, mas o resto do seu corpo sabia o que ansiava, o que ele queria agora. Ela hesitou por um suspiro, e, em seguida, em um flash de entendimento, ela decidiu. Ela sabia com quem estava indo para a cama, conhecia o que ele era. E ela o queria. Todo ele.

— Sim. — Ela sussurrou. — Sim, sim, sim.

Lucas levantou a cabeça e gritou, em seguida, baixou a boca mais uma vez. Ele chupou com força na protuberância de sua veia jugular abaixo da orelha, e ela sentiu a borda rígida de suas presas. Sua respiração congelou em seus pulmões, e então ele estava mordendo-a, suas presas perfurando sua veia com um aperto forte, e então...

Ela gritou quando o orgasmo mais intenso que ela já experimentou tomou conta dela sem avisar. Era como uma convulsão, ela arqueiou para trás, sua pele tremendo de necessidade quando seu ventre convulsionou e sua boceta apertou como um punho apertado ao redor do pênis de Lucas.

Lucas gemeu quando suas paredes internas apertaram seu pênis, o som de uma vibração profunda contra sua garganta enviando novas ondas de sensação trêmulas ao longo de cada nervo. Ele levantou a cabeça, seus dentes deslizando para fora de sua veia suavemente, como um beijo fresco contra sua pele quente. Ela sentiu a aspereza rápida de sua língua, e então ele estava transando com ela de novo, puxando seu pênis para fora do abraço de sua vagina apertada e batendo-o de volta, dentro e fora, o atrito do seu movimento aquecendo-a por dentro e por fora, seus quadris batendo contra os dela.

Kathryn cravou as unhas contundentes em sua bunda firme, espalhando suas pernas amplamente e empurrando para cima, encontrando cada golpe dele, até que ele rosnou para ela. E então ele estava gozando, seu pênis se

contraindo dentro dela, seu clímax um toque quente contra seu ventre quando ele levantou a cabeça e gritou seu nome.

Lucas caiu em cima de Kathryn, com o rosto enterrado em seu pescoço, onde ele ainda podia sentir o delicioso cheiro de seu sangue. Ele esperava que ela explodisse furiosa porque ele tinha tomado sua veia enquanto ela estava no auge de seu clímax. Mas mesmo que ela fizesse, valeu a pena. Ele teve centenas, milhares de amantes ao longo de sua longa vida, mas ele não conseguia se lembrar de uma única pessoa que poderia coincidir com o calor, a urgência que ele e Kathryn acabaram de compartilhar. Mesmo assim, ele não tinha a intenção de tomar o sangue dela assim. Ele pensou que iria ter uma rodada rápida do caralho para conseguir tirar a fome inicial do caminho, e depois ter uma sessão lenta, romântica de amor, durante a qual ele iria seduzi-la a aceitar a verdadeira experiência de um amante vampiro. Em vez disso, ele estava tão desesperado na paixão frenética de sua união, que ele quase implorou. Ele viu a indecisão em sua expressão e soube quão perto ela chegou a dizer não, mas tudo se transformou em algo selvagem, alguma coisa se acendeu nos olhos dela e, incrivelmente, ela disse sim. Mas de uma vez como ele recordava.

Mas agora, na sequência calma, com seu cérebro retornando à seriedade normal e regras a seguir, ela estava, sem dúvida, amaldiçoando-se e a ele também. E assim ele foi surpreendido novamente, quando ela passou a mão acariciando suas costas, quando ela entrelaçou uma de suas pernas com a dele, seu pé massageando sua panturrilha distraidamente.

Ele apertou seus lábios contra seu pescoço e se levantou sobre os cotovelos para que ele pudesse ver seu rosto. Ela lhe deu um meio sorriso preguiçoso, então puxou sua cabeça para baixo e beijou-o completamente.

— Tudo o que anunciou e mais, Senhor Donlon. — Ela disse com voz rouca, o material das fantasias de um homem, especialmente quando a quem mulher pertencia estava nua por baixo dele.

— Feliz em te agradar, agente especial.

Kathryn riu suavemente.

— Hmmm. Diga-me, é verdade o que dizem sobre vampiros?

— Eu não sei. O que dizem?

Ela levantou os quadris contra os dele, e seu pênis, ainda enterrado profundamente dentro dela, saltou alegremente. Kathryn fez um barulho apreciativo, e foi a vez de Lucas rir.

— Oh, isso. — Ele murmurou, e flexionou os quadris, fazendo com que sua ereção crescendo rapidamente deslizasse dentro e fora de sua encharcada vagina molhada. — Sim, a cuisle, é verdade.

— Excelente. — Ela ronronou, e envolveu a perna ao redor de seus quadris. Ela começou a se mover sob ele, seu corpo ondulando ao longo do seu como cetim quente.

Desejo percorreu a corrente sanguínea de Lucas mais uma vez. Seu núcleo já estava aquecido e úmido, suas paredes internas ainda tremendo e tão sensíveis que ela já estava à beira de um orgasmo. Ele olhou seu rosto quando mergulhou profundamente dentro dela mais uma vez, os olhos fechados, a pele corada e brilhante com a umidade. Ele abaixou a boca para a dela e lambeu a linha de seus lábios. Kathryn apertou o controle sobre seu pescoço e o puxou para mais perto, a boca abrindo enquanto seus lábios encontraram os dela, a língua enrolando em uma lenta dança erótica. Eles se conheciam melhor agora, conheciam o ritmo do corpo do outro, o gosto da boca do outro.

Lucas sentiu as gengivas se dividindo quando as presas surgiram, cobiçando outro sabor de seu sangue. As pontas afiadas arrastavam na língua de Kathryn no meio do beijo, e seus olhos se abriram, ficando arregalados de surpresa. Ele sabia o que ela estava vendo, sabia que seus olhos estavam completamente dourados com desejo, com fome. Ele quase se descontrolou quando sua língua se estendeu até explorar suas presas agora totalmente distendidas, retorcendo em torno do esmalte duro, pressionando a palma da sua língua contra uma ponta afiada até que cortou a carne dela. Uma pequena gota de sangue cresceu, enchendo seus sentidos com o sabor de mel de Kathryn. Lucas rosnou.

Seus mamilos ficaram duros contra seu peito e seu abdômen flexionou sob o seu enquanto ela gemia baixinho.

— Lucas. — Ela sussurrou. — Eu não posso... oh Deus, eu não sei se eu... — E então ela gritou, pressionando contra ele freneticamente quando seu

útero se contraiu em outro clímax, sua boceta tremendo quando ela apertou em torno dele.

Lucas sorriu contra seu rosto macio, presunçosamente satisfeito consigo mesmo, enquanto ele continuava a bombear seu pênis dentro e fora. Seu corpo era tão quente, tão molhado e macio. Ele queria transar com ela por horas. Ele queria fazê-la gritar de êxtase, até que não restasse mais voz para ela.

Ele a beijou novamente, forçando seus lábios a se abrirem debaixo dos dele, sua respiração vindo rapidamente em curtos suspiros enquanto ela gemia mais e mais, os sons vindo do fundo de seu peito. Lucas passou a língua para cima e apunhalou uma de suas presas profundamente o suficiente em sua própria carne que o sangue brotou instantaneamente. Não era a gotinha que Kathryn tinha sangrado, mas um fluxo constante. Ele cobriu sua boca e sua língua com o seu sangue, não lhe dando outra escolha, senão beber. Não que ela lutasse contra isso. Kathryn teve aquela primeira pequena amostra de seu sangue e começou a engolir avidamente, sua língua girando em torno dele, sugando forte, então varrendo cada gota dele de sua boca, e empurrando para sua reivindicar o resto.

Seus gemidos se tornaram agudos carentes quando o sangue bateu em sua garganta e foi absorvido em sua corrente sanguínea. Ela começou resistindo debaixo dele, murmurando seu nome uma e outra vez como um mantra... ou uma oração. Lucas rosnou e bateu seus quadris nos dela, seu pênis ficando incrivelmente duro quando seu corpo se fechou em torno dele, quando ela raspou as unhas fracamente em suas costas e enterrou os dedos fortemente em seus ombros.

Lucas lambeu o lado do seu pescoço, querendo outro sabor de seu sangue, à espera de...

— Faça isso. — Ela sussurrou, sua voz grossa de necessidade. — Faça isso, faça isso, faça isso, porra!

Lucas afundou suas presas em seu pescoço sem mais aviso. Com o primeiro golpe da euforia de sua mordida, todo o corpo de Kathryn se apertou em torno dele, arqueando as costas para pressionar seus belos seios contra o peito, coxas apertando ao redor de seus quadris enquanto sua vagina agarrava seu pênis e não o soltava.

Lucas rosnou contra a pele de seu pescoço, suas presas ainda enterradas em sua veia. Seu pênis se contraiu, tentando cavar mais fundo em seu corpo. Suas bolas se apertaram, a pressão aumentando quando seu próprio clímax rugiu em cima dele, irresistível, quente, exigente. Ele empurrou seu pênis através do aperto trêmulo das paredes da vagina dela, enterrando-se dentro dela até que ele pudesse ir mais longe, e então ele estava gozando, bombeando quase sem pensar, enquanto enchia o ventre de Kathryn com a sua liberação quente, cauterizando sua reivindicação dentro do seu interior e fora dele. E Deus salvasse alguém que tentasse tomá-la dele.

Kathryn e o colchão estavam se fundindo. Ela não conseguia se mexer. Não queria. Ela alguma vez em sua vida se sentiu tão satisfeita, tão completamente saciada?

Algo se contraiu profundamente dentro dela, enviando uma nova onda de prazer que provocou seu clitóris mais uma vez. Ela reprimiu um gemido. Era isso que ter relações sexuais com um vampiro fazia para uma mulher? Transformou-a em uma máquina de sexo? Ela quase gemeu de novo, mas desta vez o gemido era porque ela tinha pensado na expressão máquina de sexo. Em seguida, ela estaria ouvindo música de fundo brega em sua cabeça.

Então ela tinha tido relações sexuais com um homem bonito, e foi fantástico. Ok, mais do que ótimo. Alterou sua vida. Ela deveria estar agradecendo suas estrelas da sorte, em vez de lamentar o fato de que gozou três vezes em uma noite, que foi, provavelmente, mais vezes do que nos últimos cinco anos juntos, sem contar seu vibrador de confiança. E Lucas foi muito, muito melhor do que o seu vibrador. O homem era um deus. Não, na verdade, ele era um vampiro. Não admira que aquelas mulheres no clube estivessem guinchando como porcos famintos quando os grandes meninos maus entraram. Não, ela tinha certeza, que menhum deles poderia ser superior ao seu Lucas.

Seu Lucas? Quando tinha se tornado seu Lucas?

Ainda bem que ela estava indo embora amanhã, ou melhor, no final da manhã. Ela não podia se dar ao luxo de se envolver com um homem ou um vampiro, especialmente não aquele que vivia em Dakota do Sul e atualmente tinha um olhar insuportavelmente orgulhoso no rosto.

Ela estreitou os olhos para ele, mas ele apenas sorriu de volta para ela e flexionou sua bunda perfeita mais uma vez. Ela não podia evitar. Seu corpo respondeu, apertando seu pênis e fazendo seus mamilos endurecerem como inchadas pérolas rosas.

— Insuportável. — Ela murmurou.

— No mínimo. — Ele concordou prontamente.

Kathryn lutou, mas ela riu, em seguida, deu um tapa na bunda dele.

— Fique longe de mim. Você pesa uma tonelada.

Lucas rolou para longe alegremente, envolvendo os braços em volta dela, para que ela viesse com ele. Ele lhe deu um tapinha, por sua vez e beijou-a nos lábios inchados.

— Você é deliciosa, Kathryn Hunter.

Kathryn abaixou a cabeça para que ele não a visse corar de prazer. Ninguém jamais disse que ela era deliciosa. Por essa questão, ela nunca sequer se sentiu deliciosa antes. Mas, neste momento, ela se sentiu. Lucas fez isso.

Hora de mudar de assunto.

Ela levantou a cabeça de seu peito e encontrou seu olhar firme.

— O que é isso com seus olhos? — Perguntou ela. — Eles passam completamente de ouro, às vezes, e eu acho que eles realmente emitem luz.

— Eles fazem. — Ele concordou. — É uma coisa de vampiro. Quando o nosso poder vem, ou quando vemos algo que desejamos – acrescentou, levantando seus quadris para que ela pudesse sentir o comprimento ainda duro de seu pênis contra sua coxa. — Nossos olhos mudam. Quanto maior o poder, ou o desejo, mais brilhantes brilham.

— É bonito.

Lucas sorriu.

— Os olhos de todos são da mesma cor? Ou depende? Quer dizer, os seus olhos são uma espécie de avelã dourado todo o tempo de qualquer maneira. Mas e se eles fossem azuis em vez disso?

Lucas deu de ombros.

— É diferente para todos, embora a maioria dos vampiros, os soldados rasos, por assim dizer, simplesmente brilha vermelho. Aqueles de nós com maior poder são mais exclusivos.

Kathryn revirou os olhos, embora ela tivesse de concordar que Lucas era único.

— Então, para ser um senhor vampiro, os olhos bonitos é um requisito. — Disse ela.

— Entre outras coisas, sim.

Ela o estudou por um momento, então disse a sério.

— Lucas.

— Kathryn. — Ele imitou, combinando com seu tom.

— De onde veio todo aquele sangue de em suas calças mais cedo? E o que aconteceu com Nicholas?

Lucas olhou para ela por um longo momento, a mão levantando contra a pele de suas costas. Ela achou que ele não iria responder, ou que ele viria com outra mentira, mas, em seguida, ele a surpreendeu, dizendo:

— Os vampiros são territoriais, Kathryn. Violentamente, obsessivamente territorial. Senhores vampiros até mais do que outros. E nós somos violentos. Está no nosso sangue. Seja o que for que nos torna vampiro amplifica a agressão até que seja uma coisa constante, algo que temos que trabalhar duro para disciplinar, para que possamos funcionar no nosso dia-a-dia.

— Como um senhor vampiro, eu governo um território. Para todos os meus lados, não há outro território, outro senhor vampiro. Estes limites territoriais são antigos e bem estabelecidos, mas ocasionalmente, alguém decide que ele quer mais. Quando isso acontece, vamos para a guerra.

— Guerra? — Ela repetiu, franzindo a testa. — Você quer dizer, tipo, disparar e matar?

— Matar, sim. Mas tem muito pouco de tiro envolvidos. Os vampiros são capazes de usar armas de todos os tipos. Tenho certeza que você notou os MP5's usados por minha segurança no portão, juntamente com várias outras armas ou facas que você provavelmente não viu. Isto é principalmente para impressionar os seres humanos que poderiam pensar testar a minha segurança. Mas a verdade é que a nossa melhor arma, o que usamos uns contra os outros, somos nós mesmos. Vampiros são fortes, rápidos e mortais. Como eu disse, nós somos um povo violento.

Kathryn refletiu sobre o que ele estava dizendo a ela.

— Então você está dizendo que outro senhor vampiro está tentando tirar um pouco do seu território.

— Exatamente.

— E você teve algum tipo de confronto sangrento com ele.

— Não exatamente, mas perto o suficiente. Você não precisa se preocupar com Nicholas, por sinal. Amanhã de manhã, não haverá nada além de uma cicatriz recente, um dia depois, nem isso.

— Você pode curar tão rápido? — Ela disse em descrença.

— Alguns de nós. E alguns de nós precisam de ajuda. Um senhor vampiro governa seu povo, mas ele tem obrigação para com eles também. O que é que a Bíblia diz? A quem muito foi dado, muito será esperado? Tenho certeza de que seus sacerdotes ficariam horrorizados ao vê-lo usado desta forma, mas nunca é mais verdadeiro do que entre os vampiros. Vivemos todos os dias.

— Como isso funciona? A cura, quero dizer.

— Nós não sabemos a ciência. Nós não queremos saber. E nós certamente não queremos que os seres humanos saibam. Eles estariam correndo atrás nós com aqueles forcados de novo, mas desta vez para o nosso sangue.

Kathryn olhou para ele, quase cara a cara. Eles estavam deitados tão perto. Pele nua contra pele nua, seus corpos se encaixavam perfeitamente, como se tivessem sido feitos para este momento. Ele deu um sorriso torto, e ela sentiu seu coração inchar.

Oh, não, ela lamentou silenciosamente. Não Lucas Donlon. O que diabos havia de errado com ela?

— Kathryn, a cuisle, é quase o amanhecer.

Ela piscou para ele fixamente antes de compreender. Vampiro. Oh. Meu. Deus.

— O que acontece? — Perguntou ela com alguma urgência.

— Onde é que você tem que ir? Você tem um especial...

— Caixão? — Ele forneceu secamente.

— Não, claro que não — ela retrucou. — Mas talvez um porão ou algo assim?

— Sinto-me emocionado, a cuisle, mas não. Eu gosto de meus confortos, e esta cama é perfeitamente boa. No entanto, há precauções de segurança. Venezianas de aço irão cobrir todas as janelas e portas momentos antes do nascer do sol. Estas paredes, como você já deve ter imaginado, parecem frágeis, mas são, na verdade, bem severamente reforçadas.

— O que você irá...

— Eu vou dormir. Eu tenho pouca escolha no assunto.

— Eu deveria ir, então. — Disse ela, hesitante. Ela não queria ofendê-lo, mas agora, mais do que nunca, Kathryn sentiu a necessidade de sair da cidade, fugir para as Twin City ou em qualquer outro lugar, contanto que a levasse para longe de Lucas Donlon. Ele era uma tentação, uma complicação, que ela não podia permitir-se.

Ela tinha um emprego em Quantico. Um emprego pelo qual lutou com unhas e dentes para conseguir. Tentou imaginar o que seus superiores diriam se ela se envolvesse com um senhor vampiro. A maioria do pessoal do FBI via os vampiros como criminosos e aqueles eram só vampiros comuns.

Senhores vampiros eram vistos de forma muito menos favorável, se isso fosse possível.

— Eu preciso ir. — Disse ela com mais urgência.

Lucas deu-lhe um olhar perplexo, como se ciente da turbulência dentro de sua cabeça e não entendesse a causa da mesma. Aquele olhar impulsionou dolorosamente seu coração e lhe deu vontade de chorar. Outra coisa que ela não fazia há anos.

— Kathryn? — Ele disse, com preocupação óbvia. — Você está bem?

— Sim. — Ela balançou a cabeça, como se isso pudesse afastar seus sentimentos. — Claro. Mas eu verdadeiramente tenho que sair. Eu tenho coisas para fazer amanhã, ou melhor, mais tarde hoje, e eu não quero comprometer sua segurança.

Obrigou-se a se afastar do abraço de seu corpo poderoso, do calor em seus olhos dourados. Ela se inclinou para um beijo final, em seguida, levantou-se e dirigiu-se ao banheiro antes que ele pudesse ver as lágrimas enchendo seus olhos.

Lucas deixou Kathryn ir quando ela saiu correndo. Ele não era tão sensível às emoções como seu amigo Duncan, mas nem mesmo ele poderia dizer que houve algum tipo de batalha acontecendo dentro do excelente cérebro de Kathryn. Culpa, talvez? Ela provavelmente tinha quebrado alguma regra do FBI ou outra sobre dormir com testemunhas.

Embora não fosse tecnicamente testemunha, já que ele não viu nada. Ou talvez ela estivesse se sentindo culpada por se divertir em vez de gastar todo o momento à procura de seu irmão. Dado o que ele sabia sobre a sua relação, parecia provável. Ele poderia até mesmo entendê-la se ela se sentia assim.

Ele flexionou os músculos abdominais e se sentou na cama antes de lançar as pernas para o lado. Ele não era o tipo de homem que ficava deitado na cama enquanto sua amante arrastava suas roupas e corria para fora da porta. Chutando a calça de couro em ruínas para um lado, ele tirou um par de moletom novo de seu armário e o vestiu, juntamente com uma camiseta cinza combinando. Ele caminhou até a sala de estar e localizou a roupa de Kathryn para ela, seu vestido, sapatos, agasalhos... mesmo aquela legging ridícula que ela vestiu para se proteger contra uma atenção indesejada na casa de sangue. Como se um par de calças dissuadisse qualquer vampiro que se preze.

Caminhando de volta para o quarto, ele pegou os artigos de vestuário e os colocou sobre a cama em uma pilha organizada, em seguida, procurou ao redor da cama, até que encontrou a pequena tanga preta que ela estava usando. Ele foi tentado a manter essa como uma lembrança, mas decidiu não provocá-la, colocou-a em cima do vestido ao lado de seu sutiã branco prático. Ele levou um momento para imaginar os belos seios de Kathryn envolto em seda e renda em vez de algodão comum, seus mamilos rosa escuros visíveis quando eles se levantassem duro e pressionado contra a pura seda.

A porta do banheiro se abriu para revelar uma Kathryn nua, e seu pênis saltou imediatamente em posição de sentido. Lucas pegou-a pela cintura quando ela passou apressada, puxando-a contra seu corpo. Ele mergulhou os dedos entre as pernas dela e encontrou-a ainda quente e úmida de seu ato de amor.

— Você está absolutamente certa de que tem que ir? — Ele sussurrou em seu ouvido.

Kathryn fechou os olhos, encostou a cabeça em seu ombro, e expulsou um longo suspiro.

— Eu desejaria não ter que ir. — Ela murmurou, sua voz rouca, ofegante com desejo. — Mas eu tenho que levantar cedo de manhã. Eu tenho coisas para fazer.

Lucas beijou o lado do seu pescoço e a soltou, mas não antes de deslizar um dedo em sua umidade e levá-la aos lábios para um gostinho.

Os olhos de Kathryn chamejaram enquanto assistia ele provar o creme revestindo os dedos.

— Delicioso, a cuisle.

— Não é justo. — Ela suspirava.

— Eu não jogo justo. — Disse ele. — Lembre-se disso, Kathryn.

Lucas ficou olhando enquanto ela se vestia, tendo prazer no calor do embaraço que coloria suas bochechas. A ajudou com sua jaqueta, e depois a levou para fora e deu um beijo de despedida, uma promessa de coisas por vir. Ele esperou até que ela estivesse em segurança em seu veículo e longe antes de digitar o código de segurança para iniciar as medidas de segurança durante o dia. As venezianas de aço que ele mencionou a Kathryn se movimentaram imediatamente, deslizando para baixo em quase silêncio sobre cada porta, janela, e passagens, até as paredes exteriores se tornaram uma superfície de aço sólido e quase inexpugnável. Quase, porque tudo era possível. Só a morte era cem por cento segura.

Lucas sentiu o sol quente que espreitava sobre o horizonte quando ele tirou seu moletom e caiu na cama. Ele levantou os lençóis e cheirou a Kathryn, não o perfume dela, ela não usava qualquer um, mas sua excitação, o cheiro de seu ato de amor. Seu pênis endureceu com a lembrança, e ele acariciou-o distraidamente, pensando em todas as coisas que ele ainda tinha para desfrutar com sua deliciosa agente do FBI.

Ele ainda estava sorrindo quando o sono o tomou, e ele sonhou.

1791, Kildare County, Irlanda

Lucas se agachou pequeno e silencioso no grande salão do castelo de seu avô. Ou pelo menos assim sua mãe lhe disse. Ele nunca soube antes de hoje que tinha um avô, muito menos um com um castelo. Mas era certamente grande. Tão grande quanto a catedral na cidade onde ele e sua mãe viviam, maior mesmo quando se adicionava as dependências e estábulos.

Ele queria ficar nesses estábulos. Havia cavalos lá, grandes, belas feras como os montados pelos senhores e comerciantes da cidade. Ele se divertiu com a fantasia de que poderia ser autorizado a montar um, sendo esta propriedade de seu próprio avô de qualquer forma. Mas sua mãe o puxou, e o homem que ela chamou de Pai tinha rapidamente frustrado qualquer esperança que Lucas teve de ficar perto dos animais. O gigante ancião mal reconheceu a existência de Lucas, e, certamente, não como uma relação de sangue. Ele deu uma olhada em Lucas parado lá segurando a mão de sua mãe, em seguida, cuspiu para o lado e se afastou.

E foi assim que Lucas passou a ficar escondido atrás de uma cadeira, espionando sua mãe e a anciã de aparência austera de frente para ela do outro lado da lareira. Ele olhou para fora atrás de uma manta de pele que cheirava a cão. Provavelmente, os mastins gigantes que ele viu vagando pelo castelo de seu avô, aos que o velho dava muito mais carinho e atenção do que ao seu neto.

Lucas tinha apenas seis anos, e ele não entendia muito do que as pessoas mais velhas faziam, mas ele sabia o que significava ser cuspido. E não era uma coisa boa. Especialmente não do próprio avô.

Mas o velho não estava aqui agora. Apenas a mulher, que sua mãe lhe disse ser sua avó, outra revelação. Lucas não sabia que ele tinha uma família diferente de sua mãe antes de hoje, e de repente ele tinha avós e provavelmente mais. Alguns de seus amigos tinham avós, e eles tinham primos e todos os tipos de relações para ir com eles.

— Você está um horror, Brighid.

A voz de sua avó chamou-o de volta para o quarto airoso, o peito estreito inchando com indignação com as suas palavras. Sua mãe era linda! Ele ouviu alguns dos homens da cidade, e mesmo as mulheres, comentar sobre sua beleza, embora ele não precisasse de ninguém para lhe dizer o que seus próprios olhos podiam ver. À beira de se erguer para defender a honra de sua mãe, ele

abruptamente voltou a se abaixar, lembrando que ele estava espionando as mulheres. Elas só iriam mandá-lo embora se ele fosse descoberto, e ele tinha a sensação de que coisas importantes estavam sendo ditas, coisas que ele precisava ouvir. Tinha que haver uma razão que sua mãe os havia trazido de tão longe para este grande castelo. Ela disse a ele que estava em casa, mas ele não se sentia como em casa. A única casa que ele conhecia era a de único quarto que compartilhavam na cidade.

— Perdoe-me, Mãe. — A mãe de Lucas estava dizendo, sua voz habitualmente suave dura com alguma emoção que ele não entendia. — É difícil manter um guarda-roupa adequado quando mal se tem comida suficiente para comer.

— Não há necessidade de ser grosseira, Brighid.

— Oh, não. Por suposto, não vamos ser grosseiras.

— Amargura não combina com você, filha.

A mãe de Lucas riu.

— O que eu tenho que ser amarga? Que o meu próprio pai me deserdou? Que ele deixou a mim e meu filho morrer de fome nas ruas?

— Foram seus próprios pecados que os levou a isto. E você não está morrendo de fome, em qualquer caso. Um pouco mais magra, talvez, mas o menino parece saudável o suficiente.

— Lucas é perfeito. — Disse sua mãe ferozmente, e Lucas encheu-se de orgulho.

A velha só levantou o lábio, como se ela tivesse experimentado uma cerveja que estava azeda.

— Seu pai a traria de volta. Fazer um bom casamento para você, apesar de sua... situação infeliz. Há homens que não se importariam de ter uma mulher jovem, forte. Homens que estariam dispostos a ignorar a sua indiscrição anterior.

— Indiscrição? Eu fui estuprada, mãe.

— O Senhor Danford firmemente nega a sua acusação histérica. Por que ele se incomodaria com uma garota boba como você? Sua senhora adorável esposa já tinha lhe dado dois filhos fortes, e ela deu-lhe outro, mais uma filha desde então. Você faz o seu pai ter pouca honra com estes contos fantásticos.

Danford é um amigo leal e apoiador de seu pai, um de seus associados mais valorizados.

— Obviamente, um associado de um valor muito maior do que a sua única filha... ou o seu neto.

— Esse filho bastardo não é neto de seu pai.

A mãe de Lucas levantou abruptamente, suas mãos apertando em sua saia da maneira que fazia quando ela estava chateada.

— Eu não sei por que eu vim aqui. — Disse ela. — Ou por que eu pensei que alguma coisa teria mudado.

A velha olhou para sua mãe, sem se perturbar com sua angústia.

— Você deve considerar a oferta do seu pai. O senhor Jamie está à procura de uma nova esposa, agora que a pobre Deirdre morreu tão de repente.

— De repente? — Sua mãe zombou. — Ela era 30 anos mais jovem, quando se casaram! A pobre mulher, provavelmente, congratulou-se com a morte depois de ser acorrentada a esse velho cruel por tanto tempo. Quantos bebês ele forçou nela? Dez, doze? Qual nascimento finalmente a matou, mãe?

— Realmente, Brighid. Seu tempo longe a deixou mais rude. Você deve se educar se espera recuperar a boa vontade de seu pai.

Sua mãe fez um barulho como uma risada, mas não era um som feliz.

— Sua boa vontade? Por quê? Assim, ele pode me enterrar junto com a pobre Deirdre? E quanto a Lucas?

— Você teria que se livrar do menino, é claro. Há homens, segundo me disseram, que assume crianças não desejadas como trabalhadores. É uma vida produtiva. A melhor que uma criança pode esperar.

— Meu filho não é indesejado. Adeus, mãe. Lucas!

Ele saltou para cima, os olhos arregalados quando percebeu que ela sabia o tempo todo que ele estava lá.

— Venha, docinho. — Disse ela em voz baixa, estendendo a mão. — Estamos indo embora.

Capítulo 10

Dakota do Sul, hoje.

Kathryn amaldiçoou quando ela saiu para a luz pálida, antes do amanhecer. Foi um erro enorme dormir com Lucas Donlon. Ela nunca dormia com homens por quem estava seriamente atraída. Claro, ela gostava de homens bonitos, homens inteligentes, mas os que ela namorou estavam procurando a mesma coisa que ela estava. Algo casual, talvez alguns jantares agradáveis juntos. Afinal, os homens faziam isso o tempo todo, então por que ela não poderia fazer o mesmo? Seu irmão disse que ela estava evitando compromisso, que depois de uma vida o criando, ela não tinha vontade de construir uma vida com qualquer outra pessoa, incluindo um marido, ou até mesmo um namorado. Ela sempre negou, não porque não era verdade, mas porque ela nunca queria que ele pensasse que ele tinha sido um fardo, que ela tinha um dia de sua vida se arrependido.

Mas na privacidade de seu próprio coração, ela sabia que ele estava certo. Ela não estava à procura de um relacionamento, não tinha vontade de encontrar o homem perfeito. Então, por que em nome de Deus ela se enfraqueceu o suficiente para passar algum tempo com Lucas, muito menos para fazer sexo com ele? Será que ela o amava? Claro que não. Era muito cedo para pensar nisso. Mas ela ansiava por ele de uma forma que ela nunca fez por

ninguém. Ela tinha acabado de sair, e já não podia pensar em nada alem da próxima vez que ela o veria. Seu corpo já estava tão sensibilizado ao seu toque que o mero pensamento nele deixava os seios duros em antecipação, suas coxas apertando contra uma necessidade tão forte que ela sabia que poderia lhe dar um clímax se ela se movesse... precisamente... a... direita... pelo... caminho. Ela estremeceu quando um mini-orgasmo tremeu por seu corpo.

Isso era ridículo. Um desastre completo. Ela tinha que ficar longe de Lucas Donlon, tão longe e tão rápido quanto possível. Graças a Deus ela estava terminando com sua investigação nesta cidade. Ela só tinha que descobrir o que fazer com o equipamento de seu irmão, e ela poderia ir embora. Ela certamente não deixaria câmeras e outras coisas de Dan no rancho de Lucas, embora soubesse que seria mais seguro lá do que em qualquer outro lugar. Infelizmente, a fazenda era, provavelmente, o lugar menos seguro do mundo para ela agora. Ou nunca.

Ela poderia enviar o material para casa. Não, melhor ainda, enviá-lo para seu escritório. Um e-mail rápido para avisá-los que estava chegando, e eles se certificariam de que estivesse realizado até que ela voltasse de férias. Férias. Mais como um pesadelo. Seu irmão ainda estava desaparecido, e ela estava perdendo tempo se enroscando com um vampiro de boa aparência. Ela balançou a cabeça. Boa aparência não chega perto de descrever Lucas Donlon.

Foco, Kathryn! Certo, o equipamento. Ok, então ela iria enviá-lo. Mas isso significava de forma segura. As câmeras de Dan não eram o tipo de coisa que você poderia simplesmente atirar em uma caixa FedEx com alguns flocos de isopor. Ela franziu o cenho. Ela sequer viu um FedEx na cidade? Ela precisava de uma daquelas grandes embalagens, bem como o transporte, e ela não conseguia se lembrar de ter visto um localmente. O que significava que ela teria que viajar para a cidade grande vizinha, *grande* sendo um termo relativo. Mas isso levaria tempo, e ela precisava ir embora antes que ficasse tão tarde que ela poderia, de alguma forma, racionalizar esperando o pôr do sol. Porque seu corpo já estava bombardeando seu cérebro com imagens de um Lucas nu entre suas coxas... em cima dela, debaixo dela, dentro dela... Oh Deus, ela precisava colocar alguns quilômetros na estrada e rápido. No aeroporto. Não havia voos

suficientes, e esperar por um avião significava mais atrasos, mais tempo para o seu corpo ganhar a luta contra o seu cérebro.

Seus GPS apitou, avisando-a de que a estrada principal estava à frente. Finalmente! Ela saiu da estrada de terra primitiva para opavimento. O sol nascente incendiou seu espelho retrovisor, e ela apertou os olhos, quase cegos pela luz antes de manobrar de lado e pressionar o pedal do acelerador para ir mais rápido. Ela provavelmente poderia evitar uma multa. O xerife sabia quem ela era, afinal de contas, e...

Era isso! Seu cérebro deve estar mais mexido do que ela pensava que ele estava, levando tanto tempo para considerar o óbvio. Ela poderia deixar o equipamento de Dan com o xerife. Ele guardaria para ela como uma cortesia profissional, se nada mais.

Era por isso que ela evitava envolvimentos emocionais. Eles a deixavam estúpida.

Duas horas depois, a pequena cidade estava atrás dela enquanto ela corria em direção a Minneapolis. Sheriff Sutcliffe esteve mais do que feliz em ajudá-la, tinha até mesmo se oferecido para providenciar a embalagem e transporte apropriado se ela precisasse. Kathryn declinou, não tinha certeza se ela queria ir tão longe ainda. Tudo dependeria onde seu irmão estava, e a forma que ele estaria quando ela o encontrasse. Porque agora, mais do que nunca, ela estava convencida de que ele estava vivo e que Alex Carmichael o tinha. O que foi que Lucas disse? Se um vampiro encontrava um ser humano que ele gostava, ele o levava pra casa por um tempo para brincar, sentir o gosto.

E o que poderia ser mais intrigante para um vampiro que Alex Carmichael, alguém que comprava e vendia bela arte, do que algumas semanas com um homem cujo trabalho admirava? Seu irmão estava vivo. Ela simplesmente tinha que encontrá-lo e Carmichael antes que a novidade desgastasse.

* * *

Lucas abriu os olhos, sentindo-se incomodado e não em todo relaxado com seu sono do dia. Ele raramente acordava desta forma, mas, em seguida, ele

raramente sonhava. E nunca desde a única vez que ele visitou o Castelo Donlon como uma criança. Essa visita marcou o fim de sua inocência. Tudo se desfez depois, embora como um adulto ele compreendesse que as coisas pioraram durante algum tempo antes disso. Sua mãe perdeu a posição de costureira, que era o fio fino entre eles e a fome. Desespero a levara de volta para Kildare, a sacrificar o seu orgulho na esperança de obter a ajuda de seu pai, antes que fosse tarde demais.

Se ela estivesse disposta a jogar fora seu filho naquele dia, jogar fora Lucas, teriam os levado de volta. Ele entendia agora, também. Brighid era sua única filha, e o velho Donal Donlon tinha estado desesperado para garantir um herdeiro para sua propriedade, alguém em uma linha direta para si mesmo. Sua esposa, a mãe de Brighid, era muito velha para ter outro filho, e a igreja não iria deixá-lo jogá-la de lado. Então, ele tinha estado disposto a assumir Brighid de volta, para casá-la com alguém aceitável para as suas necessidades, não a de Brighid, na esperança de garantir um herdeiro legítimo.

Mas a mãe de Lucas o amava, apesar das circunstâncias de sua concepção. Ele não tinha entendido o que significava estupro aos seis anos, mas ele o fez mais tarde. E ele ficou maravilhado de que sua mãe o amava, apesar de ele a amar tão ferozmente que ele nunca duvidou disso, nem por um momento.

Mas o amor não coloca comida na mesa, não paga o aluguel do seu quarto lamentável. Então, ela vendeu a única coisa que lhe restava. A si mesma. Ele ainda se envergonhava que ela tinha sido forçada a situação tão precária por causa dele. Era por isso que ele raramente pensava sobre esses tempos. Por que ele não iria pensar sobre eles mais esta noite também.

Ele se sentou e respirou profundamente em seus pulmões. E ele pensou em Kathryn. Ele agarrou o celular da mesa ao lado e digitou seu número. Foi para o correio de voz, então ele desligou e ligou para o motel.

— Motel. — Disse uma voz de homem, aparentemente sentindo nenhuma obrigação de anunciar que motel, já que havia apenas um na cidade.

— Hunter, quarto dezoito. — Lucas solicitou.

— Não. Ela saiu esta manhã.

Lucas congelou. — Ela o quê? — Ele perguntou com uma voz tão fria que o pobre gerente gaguejou sua resposta.

— Ela saiu, senhor. A primeira coisa que fez esta manhã.

Lucas desligou e soltou o telefone antes que ele o esmagasse. Ela correu. Ele sabia que havia algo estranho com suas emoções quando ela o deixou esta manhã, e agora ele entendeu. Não é que ela não sentisse nada por ele, porque ele sabia que ela sentia. Ela o queria tanto quanto ele a queria ontem à noite, e até esta manhã ela claramente queria ficar. Então, por que deixar a cidade de forma tão abrupta?

Ele estalou os dedos, uma vez que compreendeu. Kathryn era uma maníaca por controle. Por que diabos ela mais tinha se tornado uma agente do FBI, um desses clones tensos de rigidez em seus ternos e gravatas idênticas? Isso esteve escrito em cima dela na primeira noite que ela o encontrou, em sua blusa abotoada e terninho. Sempre no controle. Mas não havia tal coisa quando se tratava de sentimentos, especialmente quando as faíscas voavam como se estivessem entre eles na noite passada. Kathryn não fugiu porque ela não o queria, mas porque ela queria. E isso a aterrorizava. Finalmente algo que não podia controlar, de modo que ela fugiu do local, em vez de enfrentá-lo. Ele pegou o celular de novo, com a intenção de ligar para ela por sua covardia óbvia, mas mudou de ideia. Ele não precisava mendigar a atenção de uma mulher. Elas geralmente imploravam para ele. Esta não, e isso o irritou. Mas havia outras formas de encurralar sua pessoal agente do FBI, e ele tinha a intenção...

Seu telefone tocou. — Sim, Nick. — Ele respondeu.

— Senhor, nós temos um alvo para retaliar contra Klemens.

Lucas rosnou profundamente. — Porra. Onde ele está?

— Rockford. Cem quilômetros de Chicago, mais ou menos.

— Nós vamos ter que voar. Prepare o jato, e ligue para Minneapolis. Klemens vai saber a hora que eu cruzar a fronteira, então eu quero um helicóptero esperando por nós no terreno, em Chicago. Vamos de lá para Rockford. E diga a Thad que ele é convidado para a festa. Ele pode trazer qualquer um de seus sobreviventes que podem lutar. Nenhum civil. Só guerreiros. Isso não vai ser bonito.

— Sim, meu senhor, quando?

— Traga os SUVs em dez minutos. Retaliação é uma cadela, meu amigo.

Capítulo 11

Thad esperava por eles quando eles desembarcaram no Executive Airport de Chicago, localizado em um subúrbio ao norte da cidade. Chicago era cidade natal de Klemens em todos os sentidos da palavra. Nasceu lá como um ser humano e, agora, governava a partir de lá como um vampiro. Ele já sabia que Lucas tinha atravessado em seu território, embora ele não soubesse exatamente onde ainda. E no momento em que ele descobrisse, Lucas estaria em movimento. Lucas não invejava os vampiros mais próximos de Klemens esta noite. Eles estariam arcando com o ônus da ira do senhor vampiro, e rumores diziam que Klemens não poupava ninguém quando ele estava descontente.

— Eu trouxe apenas dois do enclave, meu senhor. — Thad estava dizendo. — Mais queriam vir, mas você disse que só lutadores.

— Absolutamente. Isto vai ser sangrento, Thad. Eu sei que você pode lidar com isso, mas o que acontece com os outros?

— Ambos lutadores qualificados, meu senhor, e bem motivados.

— Eu confio em seu julgamento. Zelma. — Disse ele, voltando-se para cumprimentar o chefe de seu ninho em Minneapolis quando ela se juntou a eles. — Tudo pronto?

Zelma estava vestida com as mesmas roupas de combate pretas que os homens. Nem em seus um metro e sessenta de altura, ela era diminuída por Lucas e os outros guerreiros, mas era toda músculos e habilidade. Feminina ou

não, Lucas viu sua luta e não tinha escrúpulos, incluindo-a na noite de festividades.

— O helicóptero de transporte está esperando, meu senhor — respondeu ela. — Com Thad e mais três e seus dez, seremos vinte fortes homens quando chegarmos lá.

Eles foram pela pista em uma rápida caminhada, indo para o helicóptero esperando. — Você reconhece o local? — perguntou Lucas.

— Enviei dois batedores à frente assim que Nick ligou. Eles dirigem, tendo dois SUVs separados, apenas no caso de que precisemos de transporte terrestre, uma vez que chegarmos lá.

— Bem pensado. O que você sabe sobre o lugar?

— É uma casa antiga, de dois andares, de tijolos, em nove hectares, o que é um ponto ao nosso favor. É um inferno fazer batalha em uma porra de um subúrbio. Este lugar tem muitas árvores, muita cobertura. Há apenas uma maneira de se aproximar de carro. Ele atravessa um pequeno riacho com uma ponte. Um galpão antigo, que não acho que está sendo usado de qualquer forma. No último relatório que tive, um deles estava tentando chegar mais perto para ter certeza, e talvez obter uma contagem de cabeça de dentro da casa.

— Eu não quero que o povo de Klemens seja avisado, Zelma. Se ele não pode fazê-lo em silêncio, diga para se afastar.

— Eu disse a ele o mesmo, meu senhor. Ambos sabem as regras do jogo. — O telefone tocou, e ela verificou a tela.

— Os batedores. — Disse a Lucas, em seguida, respondeu à chamada. — Fale comigo.

Enquanto Zelma recebia o relatório, Lucas e os outros estavam subindo a bordo do helicóptero, ficando situados entre os vampiros já no interior. Lucas e Nick se sentaram em dois dos lugares mais para frente. Os outros foram mais para o fundo dentro do compartimento de passageiros. Ele disse alguma coisa, Lucas pensou consigo mesmo, que ele sentiu a necessidade de possuir esses três helicópteros de transporte pesados. Suas disputas fronteiriças com Klemens vinham acontecendo a muito tempo, quase desde o primeiro dia que Klemens conquistou o Midwestern Territory para si mesmo. Klemens nunca esteve satisfeito com os limites de suas propriedades, mesmo que os limites fossem

desenhados e bem estabelecidos muito antes de ele chegar ao poder. Lucas foi dominante no Plains Territory por quase cem anos antes de Klemens aparecer. E o filho da puta era um espinho em seu lado desde então.

Ele olhou quando Zelma subiu no helicóptero. Nick levantou-se, deixando-a tomar o assento entre eles, de modo que ambos podiam ouvir seu relatório. Antes que ele se sentasse novamente, inclinou-se na cabine do piloto e deu a ordem para decolar.

O ruído do helicóptero se intensificou rapidamente. Lucas pegou o fone de ouvido que pairava sobre sua cadeira e o colocou, como Zelma e Nick fizeram. Zelma olhou para Lucas e vendo-o mexer a cabeça para um ipad exibindo não somente uma foto da casa como também um mapa dos arredores.

— Klemens comprou este lugar há dez anos. A velha lista de imóveis ainda está lá, e meu computador puxou a plataforma de registros. Os batedores as têm também, e disseram que é bastante precisa. Não mostra a paisagem circundante, é claro, mas eu estou mais interessada na estrutura.

Lucas assentiu. — E quanto a números?

— O batedor que checou não é vampiro mestre, então foi só uma estimativa. Ele diz que há mais de dez e menos de vinte. Todos no térreo e ele acha que no porão.

— Uma caverna, é quase certo. — Comentou Nick.

— Concordo. — Disse Zelma. — E nós temos que assumir que o número de combatentes está na parte alta da sua estimativa. Se for menor, tudo bem. Se não, nós estamos preparados.

— Eu não estou preocupado com números — Lucas lembrou, impaciente. — Eu vou saber quem está naquela casa assim que estiver em cena.

Zelma abaixou a cabeça, claramente envergonhada. — Desculpas, meu senhor.

Lucas acenou com compreensão. Ele podia sentir o desejo de batalha começando a crescer nos vampiros, enchendo o grande helicóptero, a fome de sangue e violência. Zelma era uma vampira forte e uma boa líder, mas isso não estava imune a ela, também. Mesmo os olhos de Nick estavam começando a brilhar em toda a borda quando o seu poder aumentou em resposta ao ar espesso de violência, e Nick viu mais batalhas ao lado de Lucas do que alguém

aqui. Lucas pegou o iPad de Zelma e estudou o alvo. Não havia cobertura diretamente ao redor da casa. Eles estariam se aproximando a céu aberto e ascendente, mas se o povo de Klemens não estivesse esperando por eles, não devia ser um problema. A questão era se Klemens tivesse enviado um alerta para todos seus vampiros quando percebeu que Lucas passou por sua fronteira.

— Você pode chamar seus batedores sem dar a sua posição? — Questionou a Zelma.

— Sim, meu senhor.

— Faça isso. Pergunte se eles já viram alguma indicação de que o povo de Klemens foi avisado, qualquer súbita explosão de atividade de guarda.

— Klemens sabe que você está aqui. — Ela adivinhou com precisão.

— Claro. Mas acha que ele avisou a este quartel em particular?

Os polegares de Zelma voavam enquanto ela optava por contatar seus batedores através de mensagem. Estava ficando muito ruidoso dentro do helicóptero para nada além uma conversa gritada. Seu sorriso aumentou quando ela leu a resposta e quando olhou para cima, seus olhos estavam vermelhos com ânsia.

— Nada, meu senhor. Eles localizaram um único vigia e vão apanhá-lo em seu comando.

Lucas fez uma careta. Se esta fosse uma de suas áreas de treinamento de fronteira, teria, pelo menos, dois lutadores em patrulha, em todos os momentos. Por outro lado, esta casa não estava tão longe da principal sede de Klemens, em Chicago, por isso, talvez eles se sentissem seguros o suficiente para não se incomodar. Eles aprenderiam quanto errados estavam em breve.

— Diga a eles para aguardar, esperem até eu chegar lá. Quero ver por mim mesmo antes de se comprometer com qualquer coisa. — Ele apertou um botão e falou com o piloto através de seu fone de ouvido. — ETA?

— Doze minutos, senhor. Estamos descendo você em um campo em uma milha de distância em direção do vento. Eles não devem ouvir qualquer coisa.

— Excelente. — Uma corrida de uma milha não era nada para os seus vampiros, mas ele teria que ter certeza de que conheciam o plano de batalha acontecendo. Uma vez que eles estivessem no chão e correndo, estariam na caça, o seu sangue fluindo quente, bombeando adrenalina.

Lucas sorriu ferozmente. Isso seria doce.

* * *

Lucas ficou perfeitamente imóvel e olhou para a casa antiga. Como a foto que Zelma mostrou, era de tijolos de dois andares antigos com um inclinado telhado e uma pequena varanda com sol para um lado. Ele deixou seu poder percorrer levemente sobre a casa, deslizando em cada fenda, armário e closet, a cada degrau e para baixo no porão. Ele sorriu. Klemens ia ficar furioso.

— Dezessete vampiros, um mestre. — Ele murmurou. — E nenhum ser humano. — Este último foi um alívio. Os seres humanos teriam complicado sua tarefa hoje à noite. Ele lidaria com o próprio mestre, apesar de Nick ou mesmo Zelma provavelmente poder fazer isso também.

— Os batedores tinham razão, apenas um vigia. Acabe com ele. Silenciosamente, Zelma. Não quero sinos de alerta. Estamos indo quente. A blitz de ataque deve cercar a casa com força esmagadora. Eles claramente não esperam ninguém.

Zelma disse uma única palavra em seu microfone de garganta. Todos usavam equipamento de comunicação similar, exceto Lucas. Ele não precisava de eletrônica para comunicar-se com seus vampiros, nem uma vez ele desencadeou a plena medida de seu poder.

— Pronto, meu senhor. — Zelma e Nick sussurraram quase ao mesmo tempo.

Lucas subiu o morro lentamente, lançando as ligações em seu poder um pouco mais a cada passo que dava. Viver entre os seres humanos significava vestir uma máscara. Não apenas um rosto agradável para os moradores verem, mas amarrar seu poder firmemente para que ele pudesse andar na rua sem esbofetear os seres humanos e vampiros de lado, sem sacudir as paredes quando ficava com raiva, ou enviar salas inteiras cheias de seres humanos em um pânico irracional que eles não entenderiam. Ele era um senhor vampiro. Ele era o poder encarnado, mas ele raramente mostrava sua verdadeira face para o mundo.

Hoje era um desses momentos, e ele se deleitava com a beleza da coisa, como seu poder fluía para fora, em torno dele, à espera de ser aproveitado, à espera do gosto do sangue de seu inimigo. A escuridão em torno de Lucas iluminava como fogo dourado quando seus olhos refletiam o aumento de seu poder. Ventos não naturais começaram a se lançar em cima das árvores cada vez mais fortes até que as próprias árvores se curvaram diante dele, troncos grossos gemendo quando cederam à força imparável. Lucas estendeu os braços para frente, reunindo o vento e jogando na casa. Ele bateu com um estalo de trovão. Janelas bateram abaladas. Telhas voaram do telhado, e a sala entrou em colapso.

De dentro da casa, ouviu os primeiros gritos de choque e medo. Não importava o quão forte os guerreiros de Klemens eram, eles acabaram de se tornar consciente do monstro esperando lá fora no escuro. E eles sabiam que a morte veio chamar.

— Vá. — Lucas sussurrou para o vento, e cada um de seus vampiros o ouviu como se ele tivesse falado diretamente para eles. They respondeu com um rugido, arrebentando portas e janelas, correndo para a casa de todos os lados, gritando por sangue. Lucas lançou sua essência mais profunda dentro da casa, semeando o ar com terror, como todos os seus pesadelos que seus inimigos nunca sonharam. A gritaria começou quando seus vampiros atacaram, o incrédulo gritos de seres quase imortais quando eles morreram.

A atenção de Lucas foi atraída para um único vampiro em um canto da casa, perto da lareira. Ele era o vampiro mestre, o mais forte das Criaturas de Klemens. — Meu. — Disse ele, e atravessou o buraco onde a porta da frente esteve uma vez.

Vários dos vampiros de Lucas o cercaram enquanto caminhava para frente. A luta ainda assolava profundamente na casa, alguns teimosos segurando-se contra o inevitável. Mas o vampiro mestre esperava por Lucas, agachado em posição de ataque, os dedos se curvaram em garras e presas pingando sangue sobre seu lábio inferior. Seus olhos estavam selvagens com medo quando ele olhou para Lucas, mas eles estavam cheios de determinação, também. Ele era muito jovem para saber que o seu destino já estava lançado.

Ainda assim, Lucas teve que admirar sua coragem em manter fora o tempo que ele tinha e em permanecer de pé de qualquer forma, em face ao poder de Lucas.

Hora de acabar com isso.

— Ajoelhe-se. — Lucas comandou baixinho e levou o vampiro de joelhos com um golpe do poder.

O jovem mestre grunhiu de dor, quando os joelhos se estalaram contra o piso de madeira.

— Quais são as ordens de Klemens?

O vampiro olhou para os vampiros ao redor, em seguida, encontrou o olhar de Lucas desafiadoramente. Ele sabia, como Lucas também, que Klemens estaria a caminho logo, se ele já não estivesse. A invasão do território de Klemens por Lucas teria sido suficiente para colocar o senhor vampiro de Chicago em alerta, mas a violenta morte de muitos de seus vampiros de uma só vez seria um farol dizendo a ele que Lucas atacara. E este jovem vampiro mestre pensou que ele poderia aguentar até seu pai chegar.

Lucas sorriu. — Ele nunca chegará aqui a tempo. — Disse o vampiro quase com tristeza. — Eu estarei muito longe.

O vampiro piscou quando percebeu o significado das palavras de Lucas, mas permaneceu desafiador.

— Eu posso ler de sua mente, rapaz. — Lucas rosnou impaciente. — Será menos doloroso se você me dizer.

O vampiro respondeu cuspindo uma bola de sangue aos pés de Lucas, e Lucas riu. — Eu gosto do seu espírito. Muito ruim desperdiçá-lo em um bastardo como Klemens. Que seja a maneira mais difícil, então.

Lucas crivou seu poder no cérebro do jovem mestre, imobilizando-o. Ele se lançou rapidamente através da memória recente, vendo a cara de ódio do Klemens e um cofre. Na caverna.

Ele retirou-se da cabeça de seu cativo e deu um passo para trás. O vampiro estava caído para frente, a cabeça pendurada, o queixo quase descansando em seu peito. Mas ele ainda respirava. Lucas o considerava seu prisioneiro. Ele tinha tudo o que precisava de um presente, ou pelo menos tudo o que o vampiro tinha que dar a ele. A única coisa que restava é a morte. Ele

não podia se dar ao luxo de deixar um vampiro inimigo vivo, mas ele poderia matá-lo sem dor.

Com o que foi claramente um esforço supremo, o jovem vampiro mestre ergueu a cabeça. Seus olhos estavam sem foco, e ele piscou várias vezes antes que ele fosse capaz de encar Lucas com ódio mais uma vez. — Meu senhor vai matar você — ele disse asperamente. — Eu vou te ver no inferno.

— Provavelmente. — Lucas respondeu alegremente, em seguida, bateu com o punho no peito do vampiro e arrancou seu coração. — Mas você vai ver o seu amado Senhor lá muito antes de me ver.

O vampiro se desfez em pó. Os vampiros de Lucas xingaram e recuaram rapidamente para evitar serem salpicados com isso. Por que eles se preocuparam, Lucas não sabia, uma vez que já estavam pintados com o sangue de seus inimigos.

— Nicholas. — Disse ele, quase casualmente.

— Senhor?

— Há um cofre no porão. Eu quero tudo o que está nele. Tudo. Zelma, traga o helicóptero até aqui para nos pegar, então pegue dois do seu povo para conduzir os SUVs. Eu quero que eles saiam antes de nós sairmos.

Enquanto Nick e Zelma corriam para seguir suas ordens, Lucas olhou ao redor da casa demolida. Seu povo a havia tomado literalmente, vindo de todos os lados. Cada porta e janela, ele colocou os olhos na estrutura destruída, e alguém realmente atravessou a parede da varanda. O ar era grosso com a poeira de muitos vampiros mortos. Era um cheiro de mofo, com uma sobreposição de sangue velho. Ele ouviu o helicóptero vir a pairar e caminhou de volta pela casa rapidamente. Ele não se incomodava com o cheiro de seus inimigos mortos, mas ele não queria estar coberto de pó deles também. Ele continuou até que estava sob as árvores escuras, em seguida, tomou um momento para lançar a sua consciência, procurando por Klemens.

Ah. Lá estava ele. E tão louco como uma galinha molhada.

Nicholas, enviou à mente de seu tenente. *Obtenha todos no helicóptero agora.*

Ele sentiu a atenção de Nicholas e, em seguida, as emoções urgentes de seus guerreiros vampiros quando eles correram para obedecer. Os SUVs já se

foram, suas lanternas vermelhas piscando através das árvores quando eles se voltaram para a estrada principal, indo longe de Chicago para evitar passar na entrada de Klemens.

Eles foram para a fronteira de Iowa, que era território de Lucas a menos de uma centena de quilômetros de distância. Em velocidades de vampiro, era pouco mais de uma hora de carro. Lucas e suas tropas de helicóptero voariam diretamente para Minneapolis. O jato que os levara para Chicago já tinha partido e esperava por eles lá. Mas Lucas teria cama para o dia em Minneapolis novamente. Embora, desta vez, ele estaria dormindo em seu apartamento de cobertura privado, não escondido no cofre do porão da casa em Minneapolis, não importa o quão confortável era.

Entre o sol aparecendo e sua adrenalina falhando, Lucas estava definitivamente pronto para descansar. Ele ficou satisfeito com o trabalho da noite, no entanto. Ele tinha apontando o dedo e voado em outro território para o ataque e, em seguida, destruído dezessete guerreiros do senhor vampiro inimigo e roubado todos os dados que havia no cofre. Foi uma noite muito gratificante, sem dúvida, uma para os garotos bons – que ele não tinha dúvida de que ele e seus vampiros eram. Ele estava ansioso para cair na cama gigante que ele fez sob medida para sua cobertura em Minneapolis. Só uma coisa era necessária para tornar a noite perfeita. Kathryn Hunter. Mas de alguma forma ele duvidava que ela estivesse esperando por ele.

*** * ***

Minneapolis.

Kathryn acordou lentamente, confusa com a ausência completa de luz. Ela teve um total de dois segundos de alarme antes de registrar os sons e o cheiro de um hotel. Certo. Minneapolis. Hotel. Cortinas, blackout. Ela dirigiu o dia inteiro ontem, com a intenção de confrontar Carmichael em sua galeria na última noite. Mas ela estava tão cansada no momento que chegou às Twin City que ela sabiamente adiou o confronto e caiu direto na cama em vez disso. Ela pode carregar um crachá, mas Carmichael era um vampiro, e ela não era nem

um pouquinho suicida. A última coisa que ela queria era desafiá-lo quando estava cansada demais para pensar direito.

Ela se atrapalhou com seu telefone celular para verificar a hora e ficou surpresa ao ver que conseguiu dormir várias horas. Claro, agora ela estava bem desperta e enfrentaria um dia inteiro sem nada a fazer, senão esperar pelo pôr do sol e vampiros.

Ela saiu da cama e foi à máquina de café. Com a primeira xícara salva-vidas de cafeína queimando seu caminho através de seu estômago, ela olhou para o e-mail, na esperança de que houvesse algo de Daniel, ou mesmo a sua agente, Penny. Mas sem sorte. Não que ela realmente esperasse.

Procurando maneiras de matar o tempo que não envolvesse televisão durante o dia, ela decidiu colocar no papel tudo o que ela sabia, uma linha do tempo começando com as últimas atividades conhecidas de Dan e adicionando tudo o que descobriu até agora. Isso levou uma hora e não chegou a lugar nenhum. Ela não precisava de uma ajuda visual para saber os detalhes deste caso. Elas foram impressas na parte de trás do seu cérebro. Ela os via sempre que fechava os olhos, como um monitor de vídeo sem parar que apenas repetia uma e outra vez.

Finalmente, em uma tentativa de manter o pouco de sanidade que restava, ela vestiu sua roupa de treino, incluindo as leggings de inverno que ela embalou especialmente para esta viagem, e tomou o elevador até o lobby. O hotel tinha uma academia, mas o que ela realmente precisava era de um pouco de ar fresco e luz do sol.

Havia um grupo de homens de terno monopolizando a recepção, então ela andou até o balcão de atendimento. Enterrado em meio a muitos folhetos turísticos, ela encontrou um mapa de um corredor que detalhou várias rotas excelentes, discriminadas por resistência e nível de treinamento. Já que corria todo dia sem contar os treinos que fazia nas trilhas de cross country da agência, ela escolheu a rota mais desafiadora, puxou o capuz sobre sua camiseta e saiu para a manhã ensolarada de Minneapolis.

No meio do caminho, ela encontrou-se perto do mesmo shopping enorme onde comprou o vestido preto que usara no clube de Lucas na sexta-feira, há apenas dois dias. Lembrar quando ela usou o vestido a fez recordar de quando

Lucas a ajudou a tirar o vestido, que, em seguida, lembrou-lhe o sutiã branco liso que usava por baixo do vestido. Ela franziu o cenho. Seus sutiãs de trabalho comuns foram os únicos que ela embalou, diferente do seu sutiã esportivo, o que era ainda pior. Mas, ficar nua com Lucas fez a sua escolha de sutiã parecer indigesta. Fazia sentido quando estava trabalhando. Ela não podia ter alguma coisa muito fina embaixo de suas blusas de algodão, não poderia ter os seios saltando ao redor cada vez que ela andava. Mas isso não significava que ela tinha que ser sensata o tempo todo. Além disso, uma garota nunca poderia ter muita roupa de baixo.

Essa era a história dela, e estava aderindo a ela.

Decisão tomada, Kathryn desviou e correu para o shopping. Ela sabia que havia uma Victoria Secrets, porque ela passou por ela no dia que comprou o vestido. Se soubesse que se despiria na frente de Lucas Donlon, ela poderia ter parado. Mas esta manhã, ela achou facilmente e começou a entrar, sofrendo um momento de hesitação quando pegou um reflexo de si mesma na janela de vidro. Sem maquiagem e um rabo de cavalo debaixo de um boné de beisebol suado, ela obviamente não estava vestida para fazer compras de lingerie. Ela quase não foi, mas, em seguida, duas mulheres saíram e deu-lhe o tipo de olhar geralmente reservado para alguém tentando queimar dinheiro com bebida na próxima esquina. Isso decidiu a questão. O pai de Kathryn sempre alegou que a única maneira de ter certeza que Kathryn faria algo era sugerindo que ela não podia. Ela pensou ter superado esse impulso, especialmente uma vez que ela ficou velha o suficiente para descobrir que seu pai usava isso contra ela. Mas aparentemente, ainda funcionava.

Lançando às duas mulheres um olhar de desprezo, ela arrancou seu boné de beisebol, puxou o elástico de seu rabo de cavalo e afofou seu cabelo, em seguida, entrou na loja.

Uma hora depois ela havia gastado quase duzentos dólares em lingerie que provavelmente ninguém além dela veria. Deus sabia, ela não usaria aquela linda lingerie em rendas e seda verde para o trabalho, e uma vez que esse era o único lugar que ela ia... Ah bem. Ela tinha encontros ocasionalmente, e ela sempre podia dançar em torno de seu apartamento com a lingerie.

Saindo da loja, ela parou e colocou a bolsa no chão perto de seus pés, puxou o cabelo para trás em seu rabo de cavalo e cobriu-o com seu boné. Depois ela enganchou a sacola por cima do braço e voltou para a corrida de volta para o hotel.

Até o momento que ela correu para o saguão, ela estava ao mesmo tempo suada e fria. O céu, ensolarado antes, tinha nuvens. Não estava frio o suficiente para neve, mas a chuva tinha começado em sua última milha, e suas roupas de corrida não foram feitas para a chuva. Já para não falar que ela estava preocupada sobre sua lingerie nova ser arruinada.

Ela correu até seu quarto, tomando as escadas para evitar forçar alguém a compartilhar um elevador com ela fedida e suada. Ela despiu suas roupas, tomou um longo banho quente e se estabeleceu na cama com algum material de leitura que ela trouxe para o avião. Ela fez isso através de duas páginas antes de pegar no sono.

Ela sonhou fazendo amor com Lucas Donlon e acordou sentindo-se culpada por não ter dito a ele que estava indo embora, sem dizer adeus, ou até mesmo deixar uma mensagem. Ela geralmente não era tão covarde. Talvez ela devesse ligar hoje. Falar com ele a partir da segurança de várias centenas de quilômetros de distância. Ela sempre poderia alegar que decidiu no último minuto, e dizer a verdade que estava tão cansada quando chegou ontem à noite que caiu direto na cama.

Fazendo login em seu laptop, ela verificou o site da galeria de Alex Carmichael. Um novo show abriu ontem, mas esta noite era o grande evento de abertura de gala. Ela olhou para o relógio e sabia que ela não faria isso em tempo. Ela estava atrasada para se arrumar. Ela encolheu os ombros. Melhor estar elegantemente atrasada e com bom aspecto, que a outra alternativa.

Capítulo 12

Lucas acordou naquela noite com a sensação que ele não teve há um tempo – a satisfação visceral que vinha de ter provado o sangue de seu inimigo, e sabendo que ele atingiu um poderoso golpe. Ele se esticou, articulações estalando com o esforço, os músculos se sentindo soltos e relaxados. A única coisa que ele precisava agora era uma bela mulher em sua cama, com ambos, o sangue dela e o corpo quente bombeando para ele.

Apenas uma mulher veio à mente, no entanto. Kathryn Hunter. Ela pensou que poderia se esconder dele. Ela claramente não entendeu quem e o que ele era. Ele rolou e pegou seu telefone celular, chamando Nick.

— Senhor — respondeu Nick de uma só vez, soando como se tivesse acabado de acordar. Que ele tinha.

— Podemos rastrear o celular de Kathryn?

— Provavelmente, mas eu não tenho certeza de que nós queremos. O telefone que ela usa é do governo, isso é problema, ela é do FBI, meu senhor.

— Certo. E sobre o carro alugado, então? Todos eles não têm radares nos dias de hoje?

— Eles têm, e nós podemos. Eu já fiz um registro na empresa de aluguel que ela usou, por isso não vai demorar muito. Vou colocar o nosso povo sobre isso.

Lucas desconectou e jogou o telefone. Ele se deitou sobre os travesseiros e começou a acariciar seu pênis preguiçosamente, bombeando seu punho para cima e para baixo quando se lembrou do gosto e a sensação de Kathryn. Ela pensou que poderia escapar dele, mas ele era vampiro, o predador final. E para um verdadeiro predador, não havia nada mais emocionante do que a caça. Especialmente uma com a promessa de sangue e sexo no final. Ele gemeu quando chegou ao clímax, o sêmen derramando entre os dedos e sobre o seu punho fechado. E ele sabia que, antes que a noite terminasse, o único punho em torno de seu pênis seria o calor sedoso de Kathryn Hunter.

* * *

Kathryn ficou olhando para o exemplo questionável de cubismo na parede da galeria de Carmichael e perguntou como a mesma galeria que exibia as fotografias de seu irmão também poderia exibir isso. Mesmo quando ela pensava, sabia que era estúpido. Alex Carmichael provavelmente a olharia com desprezo e diria que uma pessoa de bom gosto reconheceria em qualquer forma que tomasse. Ela não sabia sobre bom gosto, mas ela sabia que muitos importantes museus do mundo penduravam todos os tipos de trabalho, de Monet a Andy Warhol e tudo mais. Ainda assim, ela olhou para a pintura a óleo na frente dela com cores e composição intrigantes, e não poderia compreender. Ela esgueirou um olhar de soslaio para o preço e decidiu que era melhor assim, pois era muito além de seu orçamento de decoração.

Ela sorriu, pensando que Dan a teria repreendido, dizendo que a arte não era para a decoração. Seu sorriso desapareceu quando ela olhou ao redor da galeria lotada. Ela veio aqui na esperança de encontrar Alex Carmichael. Mais do que nunca, ela estava convencida de que ele era a chave para o desaparecimento. Mas, até agora, ele era um furão, e o champanhe estava começando a diminuir.

Ela bateu o pé, impaciente, querendo saber se ela deveria desistir e voltar para seu hotel.

— O que você acha?

Kathryn quase pulou para fora de seus sapatos com a pergunta. Se sacudindo para fora dos seus pensamentos, ela se virou para olhar para o homem que, de alguma forma aproximou-se para ficar ao lado dela sem que ela sequer percebesse.

Grandes instintos, Hunter. Ainda bem que ele só está interessado em arte.

Ela olhou em sua direção, e eles compartilharam um sorriso. Ele estava muito bem vestido, com cabelo curto e escuro, e não de uma aparência de toda ruim. Há dois dias, ela provavelmente o teria chamado de bonito. Mas isso foi antes de Lucas Donlon ter destruído suas percepções de beleza masculina para sempre. Ela voltou sua atenção para a pintura para que seu companheiro amante da arte não notasse a carranca provocada por este último pensamento.

— É... bastante ousada, não é? — Ela comentou, tentando ser sociável. A observação foi ambígua o suficiente para que pudesse admirar ou criticar, o que ele preferisse.

— É. — Ele concordou com entusiasmo.

Admirando isso, ela pensou consigo mesma.

— Eu amo a cor neste trabalho — continuou o homem. — Falta a coragem em muitos cubistas na sua arte. Isto diz corajosamente: — Isto é quem eu sou, é pegar ou largar.

Kathryn olhou para a pintura a óleo e acenou com a cabeça, embora, pessoalmente, achou que diria algo mais ao longo das linhas de, — *Eu nunca ultrapassaria a pequena caixa de lápis de cor.*

Uma onda de movimento em toda a sala chamou sua atenção quando Françoise, a assistente alegre de Alex, tocou o pequeno dispositivo Bluetooth em seu ouvido e abruptamente levou o alegre a um nível totalmente novo. A mulher esteve andando lentamente entre as multidões durante toda a noite, aparentemente dando uma de *hostess* na ausência do seu chefe. Kathryn a notou olhando a porta mais de uma vez e otimista adivinhou que o próprio Alex em breve faria uma aparição.

E agora Françoise finalmente corria ansiosamente para a entrada. Kathryn sentiu sua própria excitação subir em antecipação quando ela seguiu o progresso ansioso de Françoise e viu três grandes SUVs pretos manobrando na frente. Ignorando o atendente manobrista, eles estacionaram no meio-fio, um

em frente do outro. Portas se abriram e os guarda-costas tranbordaram sobre a calçada como uma equipe da SWAT, mas vestindo ternos bem costurados em seu lugar. Um deles veio em torno de um lado da rua, e Kathryn teve sua primeira boa olhada nele.

Seu estômago despencou. Era Nicholas, o que só poderia significar uma coisa.

Kathryn se moveu ligeiramente para a direita, de modo que ela não estivesse mais à vista da porta da frente. Foi bastante fácil, pois a maioria dos frequentadores da galeria se arrastavam em outra direção, indo para as portas para obter um melhor olhar para o recém-chegado, que eles claramente entenderam ser alguém importante, talvez até famoso. A partir das conversas sussurradas ao redor dela, eles não sabiam exatamente quem era, mas a especulação corria em uma escala de uma estrela de cinema para o prefeito ou o presidente. Ninguém parecia pensar que era Alex, mas depois Kathryn já sabia disso. Ele era um vampiro, tudo bem, mas não o que ela tinha vindo aqui para ver.

Lá fora, Nicholas deu um último olhar para cima e para baixo da rua, em seguida, abriu a porta de trás do SUV médio. E lá estava ele. Lucas Donlon em toda sua glória, incrivelmente lindo no seu terno de lã escuro com linhas cinzas finíssimas e uma gravata de seda bronze com uns desenhos minúsculos dourados brilhando em contraste com a camisa branca. Seu cabelo preto muito longo foi bem penteado de seu rosto para que ele fosse a própria imagem de um titan bem sucedido de Wall Street. Ele era perfeito. Maldito.

Ao longo na porta da frente, Françoise estava fora de si de alegria. Ela esperou em frente da porta de vidro como uma criança que acabara de ver o Papai Noel. Seu rosto brilhava, as mãos debaixo do queixo, como se ela não pudesse conter sua excitação.

Dois dos guarda-costas entraram e de primeira reconheceu um deles, Mason e, em seguida, Nicholas e Lucas atrás dele. Obviamente bem versada em protocolo vampiro, Françoise esperou até que Lucas se aproximou dela, e então ela falou aos borbotões como uma colegial.

— Senhor Donlon, esta é uma grande honra!

Se contenha, mulher, Kathryn pensou amargamente, movendo-se novamente para colocar mais pessoas entre ela e Lucas, escondendo-se enquanto ainda a deixava ver tudo.

— Quem você pensa que é? — Perguntou seu companheiro amante de arte.

Kathryn olhou para ele, irritada com a distração. Esqueceu que ele estava lá. Felizmente, ele falou sem olhar para ela, porque, como todos os outros na galeria, ele não conseguia tirar os olhos de Lucas. — Eu não tenho ideia. — Ela quase rosnou em sua direção.

— Françoise — Lucas sussurrou, chamando a atenção de Kathryn de volta para o espetáculo. — Você está linda esta noite.

Ele diz isso, provavelmente, a todas as mulheres que encontra.

Françoise ficou com as bochechas iluminadas.

— E Alex? — Perguntou Lucas, olhando a galeria.

Esgueirando-se. Mentiroso. Ele estava, provavelmente, se comunicando com Alex esse tempo todo.

— Não, meu senhor. — Disse a assistente. — Eu esperava que ele estivesse, mas...

— Françoise, amor, me chame de Lucas. E eu acho que vou só dar uma olhada, se estiver tudo bem.

— Claro, Lucas. — Ela esticou-se mais perto de sua orelha e sussurrou algo muito baixo para Kathryn ouvir. Fosse o que fosse fez Lucas rir. Ele acariciou a mão pelo braço magro da mulher, que ficou radiante com prazer.

— Deixe-me ver o catálogo da amostra para você — disse ela, sem fôlego.

Era uma maravilha que ela pudesse falar com a língua pendurada para fora assim, Kathryn pensou ferozmente. Ela observou Francoise caminhando para pegar um dos catálogos brilhantes. *E quanto a porcaria Françoise, amor? Lucas era um cão do caralho. Ela fez absolutamente a coisa certa em...*

— O vestido parece muito melhor sem as leggings. — Observou Lucas da direita ao lado dela.

Kathryn amaldiçoou sua estupidez. Ela estava tão focada em Françoise que esqueceu a maior ameaça na sala. Ela devia ter escorregado pela porta dos fundos no momento em que ela reconheceu Nicholas vindo ao redor do SUV.

Supondo que esta galeria estúpida tinha uma porta dos fundos. Mas tinha que ter uma em algum lugar. Havia um código de fogo. Não que isso importasse, porque ela deixou-se ficar tão distraída que Lucas de alguma forma conseguiu deslocar-se sobre ela. Vampiro do caralho.

— Lucas. — Ela conseguiu dizer. Ela se virou para encará-lo, encontrando seu olhar de frente. O que foi o seu segundo erro da noite. Seus olhos estavam mais dourados do que avelã hoje à noite, e eles estavam preenchidos com uma mistura de mágoa e censura. A censura ela poderia ter tratado, mas a mágoa... maldição.

— Eu não esperava vê-lo aqui. — Disse ela.

— Obviamente. Quem é seu amigo?

— Amigo — ela repetiu, intrigada, e depois lembrou-se do amante da arte. — Oh. Aquele cara? Eu não faço ideia. Alguém que não entende de cores, com certeza.

Lucas deu-lhe um sorriso de satisfação, e ela percebeu tardiamente que ela deveria ter mentido, deveria deixá-lo saber que ele não era o único homem bonito no mundo que estava interessado nela. E no momento seguinte, ela amaldiçoou pelo pensamento traidor. Por que ela se importava se Lucas estava com ciúmes ou não?

— Kathryn, *a cuisle*, você esqueceu-se de mencionar quando você saiu da minha cama ontem que estava partindo imediatamente para Minneapolis. Isso não é estranho?

Kathryn estreitou os olhos para ele. Não, não era porra nenhuma estranha, e ele sabia disso. — Aconteceu uma coisa — disse ela com firmeza.

— Sério? O que foi? — Respondeu ele, sua raiva aumentando para coincidir com a dela.

— Por que você se importa? — Ela exigiu.

— Por que não?

Kathryn prendeu a respiração. A pergunta atingiu-a no coração, e ela podia dizer pela expressão de satisfação no rosto que ele sabia disso. Ela desviou o olhar de seu olhar acusador e focou na arte em seu lugar.

— Um grande fã do cubismo, você? — Lucas murmurou em seu ouvido.

Ele estava muito perto, mas Kathryn recusou a se mover e deixá-lo saber que a incomodava.

— O que você sabe sobre isso? — Ela murmurou.

Ele riu suavemente. — Provavelmente mais do que você. Eu aposto que seu irmão é o único artista em sua família.

— Por que você diz isso? — Ela exigiu, vagamente insultada, mesmo que ele estivesse certo.

— Porque você é muito conservadora para ser uma artista.

— Eu não sou conservadora. — Ela retrucou, ainda olhando fixamente para as pobres mulheres distorcidas na pintura.

— Por favor. Você é um cartaz de uma garota conservadora.

— Você não tem ideia...

— Ah, eu acho que sei. Eu também descobri que você relaxa muito bem quando está motivada.

Ela lançou um olhar de lado em sua direção. — É pouco apropriado discutir isso...

— Sério? Mas está tudo bem para você me descartar como um preservativo usado e sair da cidade sem sequer dizer adeus?

A boca de Kathryn caiu em um suspiro, e ela virou-se para olhar para ele. — Eu não acredito que você disse isso! — Ela sibilou furiosamente, seu olhar arremessando ao redor para ver se alguém estava escutando.

Lucas a encarou, seus olhos soltando faíscas de ouro. —E eu não posso acreditar que você me deixou.

Eles estavam de igual para igual, tão perto que tudo que Kathryn teria de fazer era levantar-se nas pontas dos seus pés, e suas bocas se encontrariam. Ela sabia que ia gostar, conhecia a sensação de seu peito com força contra seus seios, a extensão de suas mãos enquanto circulavam seus quadris e ele estocava entre suas coxas.

Ela recuou, chocada com seus próprios pensamentos. Pensamentos que ela podia ver espelhado no olhar feroz de Lucas.

— Onde está o seu carro? — Ele rosnou.

Ela engoliu com a garganta seca. — Eu tomei um táxi.

— Tudo bem. Vamos no meu.

— Lucas... — ela começou, então parou quando ele se virou para olhar para ela como se a desafiando a protestar.

Quando ela não disse nada, sua expressão se suavizou. — Nós vamos conversar.

Kathryn balançou a cabeça e não se opôs quando ele pegou a mão dela e se dirigiu para a porta da frente. Seus dedos deslizaram nos seus tão naturalmente como se tivessem estado de mãos dadas durante anos em vez de um único dia.

Ela estava condenada.

Capítulo 13

Eles mal se falaram no percurso até a cobertura de Lucas. Kathryn estava dolorosamente ciente de Nicholas e de Mason sentado na frente, e ela não sabia o que dizer de qualquer forma. Lucas ainda segurava a mão dela, pressionada contra a coxa dele, o que lhe pareceu terrivelmente íntimo. Mas então, o que era mais íntimo do que eles fizeram na noite passada?

Eles cruzaram uma ponte. Ela não sabia qual. Havia tantas nas Twin City; parecia quase como se toda a rua tivesse uma ponte. Ela viu uma placa dizendo que eles estavam cruzando o rio Mississipi, o que significava que eles provavelmente estavam agora em St. Paul. Mais algumas quadras, e os três utilitários viraram na direção de um prédio alto de aço e vidro que estava quase à beira do rio. O estacionamento era no subterrâneo, com a entrada protegida por um guarda humano, e também uma barreira sólida de ferro. Alguém no utilitário da frente usou o controle remoto, e a barreira se ergueu, e a garagem os engoliu por inteiro.

Lucas aparentemente tinha alguma influência com a associação de proprietários, porque eles estacionaram nas três vagas de estacionamento mais próximas do elevador. Assim que eles pararam, os outros dois utilitários se esvaziaram, com vampiros se implantando ao longo da garagem. Um deles apertou o botão do elevador, em seguida, entrou e verificou tudo antes de segurar a porta aberta e dando um ok assentindo.

Lucas abriu sua porta e saiu para a garagem sem soltar da mão de Kathryn. Ela fez uma careta, especialmente quando ela teve que se equilibrar para sair do utilitário, mas ele nem olhou para ela, apenas mudou sua posição e esperou.

Kathryn suspirou. Ele iria tornar as coisas difíceis. Ela apenas sabia disso.

Ele não disse uma palavra até eles estarem na cobertura dele. Era no último andar, claro, com vistas explosivas do rio de um lado do que ela presumiu ser o prédio do Capitólio do outro.

— Lindo — ela comentou.

Lucas ainda não disse nada, apesar de ele ter soltado a mão dela e seguir para o bar do outro lado. Eles estavam completamente sozinhos. Alguns dos vampiros no seu contingente de segurança ficaram no térreo. Outros desceram no andar logo abaixo desse. Apenas Nicholas subiu até o topo com eles. Ele verificara o apartamento inteiro, e então voltou pelo elevador e presumidamente se juntou aos outros em algum lugar. Kathryn estudou seu rosto discretamente, procurando por evidências da ferida medonha que ele ostentara apenas dois dias atrás. Não havia nada. Ele estava completamente curado, da mesma forma que Lucas disse que ele ficaria.

Lucas se serviu de uma bebida no bar e caminhou de volta para onde ela estava parada na frente da janela com vista para o rio.

— O que aconteceu, Kathryn? — Ele perguntou baixinho.

Ela olhou de relance para ele.

— Eu não sei do que você está falando. — Ela mentiu.

— Deixe-me refrescar sua memória então. Você me fodeu até não querer mais anteontem...

— Eu te falei que eu tinha coisas pra fazer. Eu dirigi o dia inteiro ontem para chegar aqui...

—... e aparentemente você não podia esperar para sair da cidade. Eu falei com o gerente do hotel. Você deve ter ido para lá direto depois de sair da minha cama, então fez as malas e foi embora quando o sol mal havia saído do horizonte.

— E o que você quer dizer com eu fodi *você* até não querer mais? — Aproveitou a única coisa que ela podia discordar, já que tudo mais que ele disse era malditamente preciso. — Eu não era a única naquela cama, Lucas. Fodemos até não querer mais, e todos se divertiram.

Inesperadamente, ele sorriu.

— Você sentiu minha falta, não é? Ah claro, as primeiras duas horas foram apenas concentradas em fugir, mas então você começou a pensar, duvidar... e você sentiu minha falta. Você sonhou comigo?

O maxilar de Kathryn ficou tenso.

— Arrogante — ela murmurou.

Ele riu.

— Sim, mas eu estou certo.

Ela o circulou.

— Por que você está aqui? Por que a galeria do Carmichael?

Lucas tomou um gole vagaroso de seu uísque, olhando por cima do copo de cristal. Quando ele o abaixou, ele disse:

— Eu acho que isso é óbvio.

— Você está... conspirando com ele — ela acusou. — Com o Carmichael.

— Não, *a cuisle*, eu estive caçando. — Ele se virou para colocar o copo no tampo de mármore de uma mesa próxima.

— O que *acushla* significa, droga! Do que você está me chamando? — Ela fez uma careta quando o resto de suas palavras fez sentido. — Espera, o que você quer dizer com caçando? Caçando o quê?

Lucas passou os longos dedos em torno de seu quadril e puxou-a contra seu corpo.

— Não é o que, e sim quem. Certa agente do FBI. — Ele abaixou sua boca na dela.

Kathryn tinha intenção de resistir a ele. Ela não iria beijá-lo, e ela certamente não iria agarrá-lo como uma fêmea faminta e se esfregar contra ele brutalmente. Mas foi isso que aconteceu. Um segundo ela estava determinada a ir embora, e no próximo eles estavam inalando o oxigênio um do outro, beijando famintamente, mordendo e lambendo, seus braços ao redor do pescoço dele, seus dedos enroscados no cabelo solto dela, enrolando-o em seu punho e

inclinando a cabeça dela para trás para saquear sua boca. E a outra mão dele... sua respiração parou em seus pulmões quando a outra mão dele pressionou o seu quadril contra o dele para que ela pudesse sentir cada centímetro da ereção dele, longa e grossa e dura como pedra contra a sua barriga.

* * *

Lucas sentiu uma onda de satisfação quando Kathryn gemeu um protesto contra seus lábios.

— Eu não quero... — ela começou, mesmo enquanto ela chupava a língua dele para dentro de sua boca.

— Eu sei — ele murmurou de volta. — Nem eu. — Mas ele não podia parar. Havia algo a respeito dela, algo que o deixava louco, como um ferro quente enfiado em seu maldito cérebro. Ele *tinha* que tê-la, desesperadamente precisava dela embaixo dele, sua vagina quente ensopando de molhada enquanto ela cobria seu pênis várias vezes.

— Droga — ele xingou baixinho e puxou o seu vestido preto apertado por cima de seus quadris.

— Espera! — Kathryn protestou fracamente. — A janela.

— Ela é de um lado só — Lucas afirmou e tirou o vestido por cima da cabeça dela. Ele sibilou quando viu o que ela estava vestindo por baixo. Foi-se o sutiã branco confortável de algodão, e no seu lugar, seda e renda clara, mal cobrindo seus seios fartos, com um pequeno triângulo de renda entre suas coxas.

— Você esteve fazendo compras — ele disse, esfregando a mão no firme e praticamente nu traseiro dela, enquanto ele acariciava seu seio com a outra, dedilhando seu mamilo rosa até ele aparecer contra a sua prisão de seda.

Kathryn estava trabalhando com determinação em seu cinto, abrindo o botão em sua calça e deslizando o zíper para baixo. Ele endureceu, em mais de uma maneira, quando ela o pegou em sua mão, seus dedos fortes e graciosos agarrando-o com firmeza enquanto ela começava a acariciá-lo de cima para baixo.

— É culpa sua — ela reclamou. — Você fez eu me sentir feia com o meu sutiã branco.

— Você nunca poderia ficar feia, *a cuisle*. Eu gosto bastante, na verdade, apesar de eu gostar mais desse aqui. Agora me diga — ele puxou o longo cabelo dela, forçando-a a olha para ele. — Quem você pensou que iria ver esta linda e sexy lingerie nova?

Ela sorriu inocentemente, mas o brilho em seus olhos a entregou.

— Com ciúmes?

Lucas reconheceu o sentimento. Não era algo que ele sentia frequentemente, mas ela estava certa. Ele estava com ciúmes. Ele não sabia quanto tempo essa obsessão entre eles duraria, mas enquanto durasse, ninguém iria tocá-la a não ser ele.

— Nunca — ele mentiu. — Mas eu sou um filho da mãe possessivo, Kathryn. Enquanto nós estivermos fazendo o que quer que isso seja, ninguém a não ser eu pode ver a sua lingerie. — Ele abaixou sua boca até o pescoço dela e mordeu suavemente.

— Oh, ah — ela disse, sua respirando saindo entrecortada. — E se eu... — Seja lá o que ela iria dizer se perdeu no suspiro de surpresa quando ele deslizou dois dedos entre as dobras molhadas de seu sexo. Jesus, ela estava quente. Escorregadia e sedosa e tão pronta para ele.

— É isso — ele grunhiu. Ele a empurrou contra a parede ao lado da janela e arrancou sua calcinha de renda, jogando-a para o lado. Deslizando sua calça para baixo e libertando seu pênis, ele a ergueu e deslizou entre suas pernas. Ela respondeu ansiosamente, envolvendo suas pernas ao redor de sua cintura, os braços sobre os seus ombros, enquanto suas bocas se encontravam mais uma vez, beijando avidamente. Lucas afundou seu pênis em seu centro cremoso, sentindo o calor do corpo dela ao redor dele, seu canal tão apertado, seus músculos internos trêmulos acariciando-o enquanto ele enfiava profundamente quanto era possível. Ele pausou pelo espaço de uma respiração, ficando completamente parado, sentindo a pulsação de sua vagina ao redor dele, o coração dela batendo forte contra seu peito, sua respiração quente e úmida ao longo de sua bochecha. Eles ficaram parados lá por um longo momento. E então ele começou a se mover, lentamente no começo, deslizando-se dentro e fora dela,

saboreando o deslize de cetim de sua umidade ao longo de seu membro. Com uma estocada longa e lenta, ele enfiou o mais profundamente que ele poderia, sentindo o toque de colo do útero dela contra a cabeça de seu pênis.

Kathryn fez um barulho no fundo de sua garganta e seu ombro estremeceu um pouco de um lado para o outro, como um gato que tinha experimentado uma erva do gato. Um lado da boca dele ergueu em um sorriso. Ele gostava disso... a ideia que ele era a erva dela. Os olhos de Kathryn se abriram para encontrar os dele, e isso acendeu a chama. De repente, ele tinha que tê-la, tinha que ouvi-la gritando o seu nome. Ele grunhiu e começou a estocar dentro e fora do corpo dela, sem ir atrás de delicadeza, mas sim de conclusão. Ele precisava se derramar dentro dela, marcá-la de uma maneira que ninguém mais poderia.

Kathryn fez pequenos barulhos com cada estocada de seu pênis, agarrando os ombros dele e enfiando suas unhas até que ele sabia que teria marcas no final da noite. Isso o deixou feliz. Ele queria carregar a marca dela também. Ele abaixou sua boca até a jugular dela, sentindo a veia gorda embaixo de sua língua, o seu sangue correndo, mais rápido agora enquanto o seu coração dançava em antecipação.

— Lucas, Lucas... — ela estava gemendo agora, a súplica de uma amante enquanto ele a fodia com força e profundamente.

— Kathryn — ele sussurrou, e afundou suas presas na veia dela, empurrando a pequena resistência em sua pele macia, a parede fina de sua veia maleável, e, em seguida, o sangue dela estava escorrendo pela sua garganta como mel escuro, quente e suave.

As pernas de Kathryn se entrelaçaram ao redor de seus quadris, as unhas dela arranhando suas costas. Sua vagina se apertou ao redor dele quando o orgasmo reverberou no corpo dela, seus dentes lisos afundando em seu ombro enquanto ela gritava, os quadris dela batendo contra os seus até ele sentir o seu próprio clímax em suas bolas, rugindo através do seu eixo e preenchendo-a completamente.

Lucas retraiu suas presas e lambeu as últimas deliciosas gotas do sangue dela. Ele beijou as pequenas perfurações, sabendo que elas seriam seladas em segundos e completamente curada em horas. Kathryn se segurou

nele, os braços dela moles ao redor de seu pescoço, as pernas dela tremendo em reação a seu amor explosivo.

Ele olhou para si mesmo e riu. Ele ainda estava mais do que meio vestido. Sua calça estava nos calcanhares, e em algum ponto a sua camisa havia sido aberta, mas ele ainda estava usando o casaco, e a gravata dele ainda estava no lugar. Kathryn ergueu sua cabeça ao som de sua risada. Ela seguiu seu olhar e começou a rir também. Até que ele viu uma lágrima sair do olho dela.

— Kathryn?

— O que é isso entre nós, Lucas? É como...

— Combustão espontânea — ele forneceu. — Fogo e pólvora. Eu chego perto de você, e eu tenho que te tocar. Eu toco você, e eu tenho que estar dentro de você. Não mais tarde, mas *agora.*

— Exatamente — ela concordou. — Mais ou menos. Quer dizer, na minha cabeça, estou dizendo não obrigada e saindo fora, e quando eu me dou conta eu estou me jogando toda em cima de você.

— Então, é tudo sua culpa então?

— Como você descobriu *isso*?

— Vampiros são predadores, Kathryn. Quando você corre, o meu instinto é correr atrás de você, e eu posso correr bem mais rápido. Então se você apenas estivesse se jogando em mim logo de cara...

— Nos seus sonhos, idiota — ela retrucou, batendo os nós dos dedos na nuca dele.

— Ai, — Lucas disse, rindo. — Você tem músculos, mulher. E falando de músculos... — Ele espalmou o traseiro dela com as duas mãos, erguendo-a mais para cima. Os olhos de Kathryn se arregalaram como se ela tivesse acabado de perceber como eles terminaram, com ele enterrado entre as pernas longas e adoráveis dela que ainda estava em volta dele.

O rosto dela esquentou.

— Ah, meu Deus. É isso que você faz. Olha pra mim! Eu estou contra uma parede! E na vista de qualquer um que...

— Eu te falei. O vidro só dá pra ver de um lado.

— Que seja. Me coloque no chão, seu grande imbecil.

— Agora ela me chama de imbecil. Não foi disso que você me chamou quando estava toda molhada em cima de mim a um momento atrás.

— Lucas!

— O quê?

— Você não pode ficar dizendo coisas assim... eu pensei que nós tínhamos concordado que essa atração entre nós não era saudável. Sabe, todo o negócio de fogo e pólvora?

— Eu nunca concordei com tal coisa. Definitivamente é explosivo, no entanto. Uma chama que queima rápido. E a melhor maneira de lidar com isso é deixá-la queimar naturalmente. Nós precisamos passar diversos dias fazendo sexo selvagem de todas as maneiras imagináveis. Sabe, para nos livramos desse impulso doentio.

— Claro que você pensaria assim. Além disso, nós tentamos isso na outra noite se bem me lembro. Obviamente não funcionou.

— Pfff. Aquilo não foi nada, minha querida. Uma chama tão quente assim precisa mais do que uma única noite.

— Você apenas está tentando me levar de volta para sua cama.

— Eu não preciso de você na minha cama; eu já te tenho contra a minha parede.

Ela corou novamente. Ele adorava fazê-la corar.

— Eu queria que você não dissesse coisas assim.

— Assim como? Você não está contra a minha parede?

— Lucas — ela começou seriamente, e então resfolegou quando ele começou a se mexer dentro dela, aproveitando a umidade do seu orgasmo recente que havia deixado sua vagina quente e molhada e perfeitamente lubrificada.

— Vamos incendiar a parede, *a cuisle*, ou você prefere usar a cama? É uma cama muito boa.

Kathryn não respondeu imediatamente. Seus olhos estavam fechados, sua expressão sonhadora enquanto ele deslizava lentamente para dentro e para fora de seu corpo sexy. Ela lambeu seus lábios lentamente, e foi a vez do Lucas gemer.

— Você está me matando aqui, Kathryn. Se você quer ir para a cama, me diga agora, ou será tarde demais.

Seus olhos se abriram.

— Cama — ela conseguiu falar.

Amaldiçoando a posição ingrata na qual ele se encontrava... somente kathryn poderia tê-lo deixado tão loucamente faminto tão rapidamente para ele ficar com os sapatos, sua calça ao redor dos calcanhares... ele, no entanto, se endireitou e seguiu em frente. Recusando-se a se afastar do calor acolhedor de Kathryn, ele segurou seu traseiro com as mãos, segurando-a no mesmo lugar enquanto ele tirava os sapatos, depois tirava a calça, deixando-os numa pilha no chão. As pernas de Kathryn se apertaram ao redor dele enquanto ele a carregava para o quarto, suas bocas alimentando um ao outro como se eles não houvessem dado um ao outro orgasmos aos gritos momentos mais cedo. Ela estava certa sobre uma coisa. Essa atração entre eles era mais quente do que qualquer uma que ele já havia experimentado em sua longa vida. E ele podia ver isso terminando apenas de duas formas... ou eles ficariam nessa por um tempo, talvez um bom e longo tempo, apesar de ele não estar disposto a ir muito longe nesse caminho, até mesmo em seus pensamentos. Ou a chama queimaria rápido e eles terminariam se odiando.

De qualquer forma, ele pensou, enquanto a deitava na cama e prosseguia tirando seu casaco, camisa e gravata enquanto ainda conseguia manter seu pênis enterrado dentro dela, ele pretendia tê-la em sua cama toda a noite pelo tempo que isso durasse.

* * *

Kathryn passou seus dedos pelo cabelo fino e preto no peito de Lucas. O peito duro, musculoso e lindo de Lucas. Por que ele não podia ser um feioso em vez de um deus? Ela teria ido e saído de Dakota do Sul, sem olhar para trás, olhos pra frente e procurando pelo seu irmão, e então de volta para Quântico. Em vez disso, ela estava toda enrolada em vampiros e segredos e um lindo

amante. E claro, ela estava fazendo algum progresso em encontrar o Daniel, mas ela estava perdendo seu coração no processo. Ela suspirou.

— Seja o que for que você esteja pensando, pare. — Lucas resmungou, sua voz grossa saciada e preguiçosa.

— Quem disse que eu estou pensando em alguma coisa?

— Você suspirou.

— Eu respirei.

Ele riu.

— Se eu disser que o céu é azul, você diria que ele é verde. Apesar de que eu não vejo o céu há tanto tempo, que poderia muito bem ser verde agora.

— O céu ainda é azul. E eu não sou tão ruim assim.

— Ah, sim, você é. Mas eu a... não consigo tirar minhas mãos de você de qualquer jeito.

Kathryn ouviu a parada em sua frase e se perguntou o que ele estaria prestes a dizer. Ela pensou sobre as possibilidades e se encontrou sorrindo igual uma boba. Ela apertou os freios com força nesse pensamento. Hora de mudar de assunto.

— Então, quantos anos você tem? — ela disse rapidamente. — Quer dizer, você me disse no outro dia que apenas amantes poderiam fazer essa pergunta, mas eu tenho quase certeza que eu me qualifico nessa categoria agora.

— Sem dúvidas.

— Então, confesse, velho. Quantos anos?

— Eu nasci em Kildare, Irlanda em 1785.

Kathryn piscou.

— Mas isso te deixa com... — ela fez umas contas rápidas na cabeça, mas Lucas a venceu.

— Duzentos e vinte e sete anos, tirando ou colocando um mês. Eu nasci no inverno, é só isso que eu sei.

Kathryn sentou-se, encarando-o desacreditada.

— Você deve ter imaginado algo assim — ele disse, olhando para ela calmamente.

— Não. Quer dizer, sim. Mas... eu não acho que ninguém, pelo menos ninguém nas autoridades, sabe que você é tão velho. Quer dizer... olhe pra você! Eu conheço caras de vinte anos que não estão tão bem assim! Todos vocês são assim tão velhos? — Ela sabia que estava tagarelando, mas não conseguia parar.

Lucas apenas sorriu.

— Você acha que eu estou bem?

Confie nele para escolher a única coisa lisonjeira que ela falou.

— Você tem um espelho — ela disse com desdém. — E eu tenho certeza que você passa bastante tempo olhando para ele também. Então não finja que você não sabe do que eu estou falando.

— Tudo bem — ele respondeu, parecendo totalmente calmo. — Não, nem todo vampiro tem a mesma idade do que eu.

— Você nunca fala sério?

— Acredite em mim, Kathryn. Eu posso ser mortalmente sério quando a situação exige. Mas deitado na cama, nu, com uma linda mulher que eu acabei de foder até ela gritar o meu nome... — Ele riu quando Kathryn deu-lhe um olhar ameaçador. —... não é normalmente a hora para ser solene. No entanto, só para você, *a cuisle*.

Ele se ergueu nos travesseiros e colocou suas mãos atrás da cabeça.

— Há muitos vampiros mais novos que eu, e muitos poucos que são muito, muito mais velhos. O que é importante para se lembrar quando lidar com vampiros, Kathryn, é que idade e poder não são necessariamente a mesma coisa. Eu tenho duzentos e vinte e sete, e isso parece velho. Mas eu tenho diversos vampiros no meu território que são bem mais velhos que isso, e eles são jurados ao meu serviço porque eu *os* protejo, não ao contrário. Se um deles me desafiar, ele estaria morto antes que pudesse pronunciar as palavras. É assim que funciona. Humanos falam de líderes que possuem a vida de seus seguidores nas mãos, mas com vampiros, isso é literalmente verdade. Meus vampiros têm o sangue em suas veias e o ar em seus pulmões porque eu torno isso possível.

Kathryn estudou esse novo e sério Lucas. Se tudo o que todos viam era o rosto público, o lindo playboy espalhando seu charme pela multidão, seria fácil subestimar Lucas Donlon. Faltamente fácil.

— Como isso acontece? — ela perguntou baixinho.

Ele deu a ela um olhar confuso.

— Como alguém se transforma em vampiro? É como nos livros?

— Eu suponho que dependeria de qual livro.

— Tudo bem. Como *você* se tornou um vampiro, então?

— Ah. Agora *essa* é uma longa história. — Ele estendeu um braço musculoso e beliscou a ponta de um de seus mamilos. — Se você voltar aqui — ele acrescentou, baixando o braço até a cintura dela e puxando-a na direção dele. — Eu te conto.

Kathryn fingiu uma carranca e segurou seus seios de maneira protetora, principalmente para dar um efeito, já que o Lucas nunca fez nada para machucá-la, nem mesmo nos mais profundos auges de sua paixão.

Lucas respondeu inclinando-se para frente e pegando o mamilo ofendido em sua boca, beijando-o gentilmente e agitando sua língua sobre e ao redor em uma carícia suave.

— Melhor? — ele murmurou.

Kathryn mal podia respirar. Alguma emoção que ela nunca sentiu antes apertava o seu peito como uma camisa de força. Ela acariciou seus dedos pelo seu cabelo rebelde, depois assentiu sem dizer nada, e o deixou puxá-la para seus braços.

— Me conte a história — ela sussurou, sabendo, mesmo enquanto ela perguntava, que ela estava brincando com fogo, que cada palavra que passava pelos lábios sensuais dele, que ela estaria sendo sugada mais profundamente na chama que era Lucas Donlon.

Capítulo 14

1801, Londres, Inglaterra

Lucas Donlon se esgueirou por entre a multidão na praça movimentada, seu olho experiente procurando o próximo alvo, o próximo tolo. Era isso que todos eles eram. Tolos. Agrupados negligentemente em torno do pátio da casa de ópera, sem a sensação que Deus havia dado até para um cachorro vira-lata. Pelo menos o cachorro era esperto o suficiente para guardar o seu tesouro, mesmo se esse fosse apenas um osso suculento.

Ele subiu ao telhado de um prédio próximo e se agachou, sorrindo sozinho com a imagem de si próprio como um cachorro vira-lata entre as ovelhas lá embaixo. Ele sempre quis ter tido um cachorro, mas quando a mãe dele estava viva, ela não queria a bagunça, e quando ela morreu... bem, ele já tinha problemas o suficiente em se manter alimentado, quanto mais alimentar um cachorro. E havia a Polícia de Dublin para enfrentar. Eles tentaram mais de uma vez jogá-lo em uma daquelas prisões para meninos rebeldes comandadas por padres. Ele preferia se arriscar nas ruas. Pelo menos lá ele era livre... livre para economizar alguns cobres que ele conseguiu ganhar ao levar recados para as prostitutas que foram colegas de sua falecida mãe no final de sua vida. Livre para roubar seja o que fosse que ele pudesse botar as mãos.

Inevitavelmente, ele entrou em conflito com a Polícia diversas vezes e foi forçado a deixar a Irlanda pra trás. E sem olhar para trás nem um pouco.

Irlanda era a casa dele, mas ele prometeu a si mesmo que retornaria algum dia quando fosse um homem rico. Ele estaria usando roupas caras e montando um belo cavalo como aqueles que seu avô possuiu. Ele apenas esperava que aquele velho sem coração estivesse lá para testemunhar isso.

Lucas afastou os pensamentos sobre o avô que deixou sua mãe e ele passar fome nas ruas. O velho era um *An Tiama* de suas próprias terras. Seus servos viviam melhores do que quem ele abandonou, sua própria carne e sangue.

Lucas pesquisou a multidão. Ele ainda estava mais magro do que nunca... suas refeições não eram regulares o bastante para qualquer outra coisa... mas aos dezesseis anos ele era muito alto para deslizar facilmente pela multidão como uma vez ele havia feito, arrancando bolsas à vontade. Ele tinha que escolher seus alvos mais cuidadosamente esses dias, tinha que se mover decisivamente, pegar e sair fora sem levantar suspeita. Porque ele estava muito velho para o abrigo de meninos. Se ele fosse pego agora, seria a prisão para ele, e por um tempo bem longo também.

Seus olhos caíram em um homem alto, de cabelos pretos igual ao de Lucas, mas com olhos tão negros quanto o seu cabelo. Ele se destacava até mesmo nessa reunião chique, extremamente arrogante em uma multidão arrogante. O homem estava vestido com uma calça limpa e cara, e botas de couro que iam até a altura do joelho. Um colete branco resplandecente que fora ricamente bordado para caber em um homem tão grande. A única falha neste esplendor de alfaiataria era a ausência de um chapéu, como se ele desdenhasse a necessidade de se esconder ou se proteger embaixo de sua aba. Tudo isso gritava dinheiro e posição nos olhos bem treinados de Lucas. Infelizmente, seu cérebro bem treinado estava dizendo a ele que algo não estava certo sobre este aí. Ele não tinha o olhar dos outros tolos, com seus olhos em todos os lugares menos onde eles deveriam estar. A experiência de Lucas estava dizendo a ele que não havia muita coisa que escapava desse estranho de olhos escuros.

O homem falou algo por cima das cabeças da multidão, e Lucas se virou para olhar. Outro aristocrata, quase tão alto quanto o de cabelo escuro, mas era pálido, com cabelo tão vermelho como qualquer um que Lucas havia visto nas ruas de Dublin. Lucas se esforçou para ouvir o que foi dito, mas eles estavam

falando em uma língua estranha, e ele não conseguia entender uma única palavra. O homem pálido respondeu na mesma língua.

Estrangeiros, então. Lucas sorriu. Qual seria a sensação em roubar uma bolsa desse aí? Nenhum dos seus amigos ladrões no casebre bambo onde eles chamavam de casa jamais conseguiu tal coisa. Era arriscado, mas ele estava certo que a bolsa iria conter moedas suficientes para fazer valer a pena.

O olhar de Lucas seguiu seu novo alvo, observando a forma como o estrangeiro passava entre a multidão, a maneira como suas roupas se mexiam em volta de sua bolsa, e a bolsa em si. Couro bem costurado, mas com uma alça estreita que cairia facilmente com a faca pequena e afiada que Lucas carregava em sua manga. Ele estudou o alvo por mais tempo do que ele normalmente teria feito. Com a maioria de seus alvos, ele podia simplesmente deslizar atrás deles, mergulhar a mão na bolsa ou cortar a alça, e ir embora antes do tolo perceber que ele esteve ali.

Mas quando a bolsa era rica o bastante, ele tinha que ser cuidadoso ao máximo. Tais pessoas frequentemente possuíam companheiros ou até mesmo guardas para ser cauteloso a respeito. Valia a pena esperar alguns momentos e observar.

Com esse homem, este estrangeiro alto, moreno, ele esperaria estes momentos e mais.

Lucas finalmente fez o seu caminho quando os sinos soaram, e a nobreza reunida começou a se movimentar na direção das portas da frente da casa de ópera. Ele rapidamente desceu o teto e ficou para trás no beco, examinando a multidão mais uma vez, verificando a localização dos vários vigias que sempre ficavam por perto. Depois de definir o que ele iria fazer, no entanto, ele não hesitou. Ele se moveu através da multidão com facilidade de uma longa experiência, pegou a faca na mão, caminhou até seu alvo e deslizou a faca embaixo da alça da bolsa do estrangeiro. Um movimento do pulso e...

Dedos longos se enrolaram ao redor de seu pulso com surpreendente força. Lucas ergueu seus olhos em choque e encontrou o olhar negro e frio do homem moreno. O homem sorriu, e isso gelou Lucas até os ossos.

— Eu acredito que isso é meu — o homem disse, sua voz profunda, as palavras em inglês com forte sotaque.

Lucas apertou sua mandíbula e se impôs com toda a sua altura, endireitando seus ombros. Se ele ia cair, ele o faria com a dignidade de um homem.

A expressão do homem moreno se aqueceu parcialmente.

— Eu estive procurando por um garoto — ele disse. — Você servirá.

— Eu não sou garoto — Lucas cuspiu de volta para ele.

O homem riu.

— Não, você não é. Mas você servirá de qualquer jeito.

* * *

— E foi assim que eu conheci o Raphael — Lucas disse, passando a mão pelo braço de Kathryn.

Ela esperou que ele continuasse, franzindo a testa quando ele não o fez.

— E quanto ao resto da história? — ela exigiu.

Ele deu de ombros.

— É isso.

— E quanto a parte sobre os vampiros?

— A parte sobre os vampiros? — ele repetiu, rindo.

— Pare. — Ela beliscou a barriga dele, ou tentou fazê-lo. O abdômen de tanquinho de Lucas não deixava muito a se beliscar. — Eu quero saber como ele te transformou em um vampiro. E quando. Porque não parece ter dezesseis anos, cara. Eu não durmo com bebês, não importa quão velhos eles realmente sejam.

— Até agora você também não dormiu comigo também — ele murmurou, acariciando sua mandíbula enquanto uma mão sorrateiramente tocou o seu seio.

Kathryn se virou no seu abraço, incapaz de se segurar. Cada vez que ele a tocava, seu corpo respondia, como se ele estivesse programado em seus genes. Ela curvou uma perna ao redor da coxa dele e começou a acariciar-se ao longo do quadril dele.

Lucas fez um som estrondoso no fundo de seu peito e inclinou-se para chupar suavemente o pescoço dela. Kathryn estremeceu. Ela colocou seus lábios ao lado da orelha dele e sussurrou: — Me conte quando você se tornou um vampiro.

Lucas deu um tapa de brincadeira em seu traseiro e se afastou dela para deitar-se sobre os travesseiros.

— Por que você quer saber?

— Porque eu estou curiosa. Como isso funciona?

— Eu não vou te contar isso. Se você se tornar um vampiro um dia, você vai descobrir. Se não... — Ele puxou o cabelo dela. —... você não descobrirá. O que, até onde eu possa dizer algo a respeito, significa que você nunca saberá. Eu gosto de você do jeito que você é.

— Desmancha-prazeres. Eu odeio segredos.

Lucas riu novamente.

— Todos nós os temos, *a cuisle*. Até mesmo você.

Kathryn fez uma careta para o carinho falado em irlandês. Ele nunca contou a ela o que isso significava, mas ela não queria atrapalhar a sua conversa atual para perguntar, então ela deixou isso passar.

— Bem, pelo menos me diga o que aconteceu depois daquela noite — ela disse no lugar.

Lucas deu um encolher de ombros, despreocupado.

— Raphael precisava de alguém para ser seus olhos e ouvidos durante o dia. Não era como agora, com tudo feito na internet e todos os tipos de lugares abertos vinte e quatro horas por dia. Alguém tinha que lidar com mil e uma coisas necessárias para administrar uma casa, coisas que precisavam ser feitas durante o dia. Até mesmo os vampiros precisam de roupas e acessórios, e havia as necessidades sociais, correio e tal. Convites para eventos como a ópera. Raphael e seu povo não eram do alto escalão, mas eles transitavam em círculos muito chiques.

— Então você era o mensageiro dele.

— Algo como isso.

— Por quanto tempo?

— Quantos anos eu pareço ter para você?

— Vinte e sete anos — Kathryn disse imediatamente.

— Perto o bastante. Depois de alguns anos, Raphael decidiu deixar a Europa. Eu fui com ele, claro. Não havia nada para mim na Inglaterra, ou na Irlanda também. E a minha vida com o Raphael era melhor do que qualquer coisa que eu conheci antes disso. Pela primeira vez, eu não estava com fome toda noite. Eu tinha um lugar seguro e limpo para dormir e roupas decentes para vestir. Então, eu reservei uma passagem de navio para todos nós e lidei com o capitão e a tripulação, salvaguardando os vampiros enquanto eles dormiam, e organizando *encontros* tranquilos à noite para que os vampiros pudessem se alimentar discretamente. Quando nós chegamos à América, Raphael me deu uma escolha. Eu escolhi me tornar o que eu sou.

— E se você tivesse escolhido a outra opção? O que ele teria feito?

— Ele teria me mantido como seu guarda diurno, ou me dado dinheiro suficiente para eu fazer o que fosse que eu decidisse. Lealdade é importante para ele.

Kathryn o estudou por um momento, surpresa pela emoção honesta que ela ouviu em sua voz quando ele falava sobre o Raphael.

— Você o ama.

Lucas assentiu.

— Ele é o meu Criador. Essa é a relação mais importante que qualquer vampiro tem, a menos que ele tenha uma parceira. Mesmo assim, os dois... Criador e parceira... tem a mesma significância para ele. Mas mais do que isso, Raphael foi a primeira pessoa, fora a minha mãe, que me tratou como se eu valesse alguma coisa. Eu teria dado a minha vida a ele sem hesitação.

— Bem, por favor, não faça isso.

— Não faça o quê?

— Não dê a sua vida. — Ela olhou para cima e segurou o olhar dele para que ele soubesse que ela falava sério, mas então, sentindo a necessidade de dar um passo para trás, ela acrescentou: — Eu estou te usando no momento.

Lucas olhou-a atentamente. Um lento sorriso curvou seus lábios, e ele disse.

— Sem promessas. Mas se você for legal comigo, eu farei o melhor que posso.

— Eu *sou* legal contigo.

— Eu quero dizer... agora.

Kathryn sentiu algo duro roçar contra o seu quadril.

— Ah, isso — ela disse, brincando. — Tenho certeza que eu posso arrumar algo legal com *isso*.

* * *

Daniel acordou ao som de vozes. Ele ficou parado, com medo de se mover, sem querer que quem quer que fosse ouvisse-o e parasse de falar. Nunca houve alguém a não ser o sequestrador dele antes. Ninguém para conversar a não ser eles dois. Mas agora... sim, essa era definitivamente a voz de uma mulher.

Ele prendeu a respiração enquanto esperava, brevemente, que fosse Kathryn, que ela o encontrara, e o FBI entraria com tudo de armas na mão. Ou pelo menos com os distintivos sendo mostrados já que não soava como se houvesse muito tiroteio acontecendo do lado de fora. Mas não era a Kathryn. A voz dela era muito mais rouca do que a da mulher, mais sexy, ou assim seus amigos diziam. Ela era a irmã dele. Ele não queria pensar sobre a voz dela ou nada sobre ela que fosse sexy.

A mulher lá fora, seja quem ela fosse, estava agitada, sua voz subindo em volume e emoção.

— Estou te dizendo, aquela vadia do FBI está se aproximando do Lucas, e isso não é bom.

— Talvez você esteja apenas com ciúmes. Você sempre teve uma queda por ele.

— Vai se foder! — A mulher vociferou. — Além disso, eles foram embora juntos. Que tal isso como prova?

— Que seja — o sequestrador dele murmurou. — Que diferença isso faz?

— Nós precisamos acabar com isso. Você nunca me disse que a irmã dele era uma merda de uma agente do FBI.

— Como infernos eu poderia saber algo assim?

— Se você tivesse falado com a agente dele de imediato, como nós discutimos, isso não importaria. Nós teríamos o resgate, e todo esse negócio já estaria acabado.

— Há muito mais nisso do que dinheiro, pelo amor de Deus.

— Para mim não há! Especialmente agora que Lucas está envolvido. Eu não vou arriscar minha vida para que você possa se empolgar com o seu namorado lá dentro.

— Ele não é o meu namorado. Ele é um artista.

— Sim, bem, ele é um artista *rico*, e eu vou fazer o pedido de resgate antes que seja tarde demais.

— Não! — O homem disse imediatamente. — Quer dizer, ainda não. Eu preciso fazer uma ligação mais tarde hoje. Então nós resolveremos tudo.

Daniel sorriu. Então a Kathryn estava procurando por ele. Ele sabia que ela não desistiria tão fácil. Uma porta bateu do lado de fora do cômodo. Foi um pouco distante, como no final de um longo corredor, e o barulho normalmente significava que o seu sequestrador estava indo embora por um tempo. Neste caso, ele pensou que provavelmente era a mulher indo embora, mas o homem foi com ela? Mas não, uma chave virou na fechadura da porta, então alguém ainda estava lá. Ele estabilizou sua respiração, fingindo dormir. Era uma habilidade que ele aperfeiçoou nessas semanas de cativeiro, e ele ficou muito bom nisso. Por alguma razão, o homem sempre ficava relutante em acordá-lo. Talvez ele pensasse que um artista precisava de seu sono ou alguma merda assim. Daniel não sabia e não se importava. Se ele mantivesse seu admirador longe dele, era uma coisa boa.

A porta abriu lentamente. Daniel podia senti-lo parado lá, encarando-o, mas ele estava acostumado e não se mexeu. Um momento depois, a porta se fechou, mas ele permaneceu parado. Seu captor o testava às vezes, abrindo a porta rapidamente, tentando pegá-lo. Havia funcionado na primeira vez que ele tentou, mas não desde então, porque Daniel não era um maldito idiota. Apesar de que ele estava começando a achar que seu *sequestrador* poderia não estar jogando com o baralho inteiro.

A fechadura clicou solidamente no lugar, e os passos se afastaram. Uma porta distante bateu, e Daniel estava sozinho mais uma vez.

* * *

Lucas sentiu a cama se mexer logo que Kathryn saiu. Ele abriu um de seus olhos e a viu juntando suas roupas, esgueirando olhares por cima do ombro. Ela realmente sabia tão pouco sobre vampiros? Ele não dormia, não da maneira como os humanos o faziam. Não à noite, de qualquer forma. E seu sono diurno era mais como inconsciência, pelo menos fisicamente. Sua mente poderia ser ativa, mas seu corpo se recusava a cooperar.

Kathryn caminhou na ponta dos pés para fora do quarto enquanto Lucas se irritava. Isso estava se tornando um hábito, e um que ele não gostava em uma amante. Ele a seguiu silenciosamente, entrando na sala de estar enquanto ela colocava o vestido por cima da cabeça.

— Kathryn.

Ela pulou com o som da voz dele, girando e quase caindo enquanto lutava para por o vestido e puxando-o para baixo o bastante para que ela pudesse o enxergar. Ela teria caído se ele não tivesse segurado-a.

Ela se desvencilhou de suas mãos, oferecendo-lhe um olhar nervoso.

— Isso não foi engraçado.

— Nada disso é engraçado — ele vociferou de volta para ela. — Eu pensei que nós havíamos passado desse negócio de sair de fininho em nosso relacionamento.

— Relacionamento? É disso que você chama?

— Bem, do que infernos você chama?

Ela deu um passo para frente e ficou na cara dele.

— Nós estamos fazendo sexo. E, francamente, eu nem deveria estar fazendo isso. Eu deveria estar procurando pelo meu irmão, não me enrolando na cama contigo.

— Você *está* procurando pelo seu irmão, até mesmo você não pode fazer isso durante vinte e quatro horas do maldito dia.

— Eu preciso encontrar Alex Carmichael, e eu estou começando a achar que ninguém quer que eu fale com ele, incluindo você.

— É isso? — Lucas rosnou. — Notícias novas, Agente Hunter. Eu tenho pessoas procurando por ele desde que você me contou que ele foi embora com o seu irmão. Eu o quero encontrado o mesmo tanto que você.

Kathryn copiou seu olhar de raiva de primeira, então pareceu desinflar quando ela recuou para o sofá.

— Eu preciso encontrar o Alex, Lucas.

Lucas se agachou na frente dela e pegou suas mãos.

— Eu sei, *a cuisle*. E nós vamos. Ele não pode se esconder para sempre.

— E se ele saiu da cidade? Você disse que ele tinha um mestre diferente. Será que ele vai até ele?

— Possivelmente. Embora o Alex fixou residência em Minneapolis por uma razão. Eu acho que ele prefere morar aqui.

— Eu não entendo nada disso. Eu não entendo como todos vocês podem viver nesse país e não ser parte do sistema. Não há cópias em arquivo sobre ele em lugar algum. Ele é dono de um negócio, mas não há licenças, e nem documentos de propriedade. O prédio onde a galeria está localizada é de propriedade de uma empresa que está tão bem protegida, que levaria meses para eu conseguir descobrir quem é o seu verdadeiro dono. Se essa fosse uma investigação oficial, eu poderia colocar alguns técnicos trabalhando nisso, mas sou apenas eu, e eu não consigo encontrá-lo.

Ela olhou para cima, seus olhos cheios de lágrimas

— Eu preciso encontrá-lo, Lucas. — Uma lágrima escorreu pela sua bochecha, e ela congelou, imediatamente virando sua cabeça e escondendo-a atrás do seu cabelo. Sem emoção, sem sentimentos. Não para a sua Kathryn.

Lucas suspirou.

— Eu coloquei pessoas em todos os lugares que eu posso pensar. E o Alex me conhece. Ele ligará logo que souber que eu estou procurando por ele.

— Eu pensei que todos vocês podiam apenas... — Ela suspirou impacientemente e acenou uma mão no ar. — Sabe, telepatia, falar com a mente.

Lucas lutou contra um sorriso, sabendo que ela não apreciaria. Não em seu estado atual.

— Se o Alex fosse minha criação... um vampiro que eu transformei — ele acrescentou quando ela deu-lhe um olhar perplexo. — Se ele fosse um dos meus, eu poderia contatá-lo sem precisar de um telefone, por assim dizer, mas ele não é.

Kathryn levantou abruptamente, empurrando o cabelo para trás. Ela olhou em torno do quarto até que avistou sua bolsa, em seguida, ela foi até ela e começou a tirar coisas para fora. Sua arma. Ele não sabia que ela havia trazido uma consigo, apesar de que se ele fosse pensar nisso, ele teria sentido o cheiro da maldita coisa. Em seguida veio o seu distintivo do FBI em sua carteira preta e pequena, e finalmente, um prendedor preto de cabelo, que aparentemente era o que ela estava procurando. Ela penteou os cabelos com os dedos e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo. Lucas tinha alguns desses. Ele era conhecido por passar meses sem cortar o cabelo, até o seu cabelo o irritar o suficiente que ele desistia e o cortava de novo.

Kathryn se virou para ele do outro lado do cômodo, suas bochechas livres de lágrimas.

— Deve estar ficando tarde para você — ela disse, sem olhar para ele.

Lucas a estudou, se perguntando que evento em sua vida havia feito ela se fechar tão completamente em si mesma. Se perguntando se um dia ele descobriria.

— O sol nascerá em... 45 minutos, mais ou menos num instante — ele confirmou.

Ela o olhou então, seus olhos arregalados de surpresa.

— Você pode dizer isso precisamente?

— Quando a sua vida depende disso, você aprende.

Ele podia ver que ela estava intrigada. Talvez fosse esse o caminho para o coração de Kathryn. Dar a ela um mistério para resolver. Presumindo-se que ele queria encontrar o coração dela. Talvez ele ficasse melhor roubando uma página do caderno dela. Algumas noites de sexo selvagem, e então adeus, foi bom te foder.

— O que você vai fazer hoje? — ele perguntou a ela.

Ela mordeu o lábio inferior, considerando. Lucas assistiu avidamente, pensando o quanto ele gostaria de ser aquele dando a mordida. Ele quase perdeu o que ela estava dizendo quando ela finalmente falou.

— Eu não sei se há algo que eu possa fazer durante o dia. A única pista que eu tenho nesse momento é o Alex Carmichael.

Lucas pensou sobre o que poderia acontecer se a Kathryn fosse procurar um vampiro que não queria ser encontrado. Mesmo um relativamente inofensivo como o Alex.

— Me prometa que você não vai procurar por ele sem mim, Kathryn. Você não sabe com o que você está lidando.

Ela respirou fundo, e ele podia dizer que ela iria dispensá-lo como fez todas as outras vezes. Mas então algo mudou a ideia dela.

— Tudo bem — ela disse inesperadamente. — Me ligue quando você estiver pronto hoje à noite.

Ela se virou, mas Lucas usou sua velocidade de vampiro para atravessar os poucos metros entre eles, deslizando o braço em volta de sua cintura antes mesmo dela vê-lo se mexendo. Seus olhos se arregalaram em choque, mas suas pupilas queimaram com desejo quando aumentou seu aperto.

— Estou pronto agora, *a cuisle*.

O rosto de Kathryn se esquentou quando Lucas achatou sua mão sobre seu traseiro perfeito, pressionando-a contra sua ereção.

— E quanto... — ela começou, mas suas palavras foram cortadas quando o telefone residencial de Lucas tocou. Ele franziu a testa. Ele não esperava nenhuma ligação, e certamente não tão próximo do nascer do sol.

— Salva pelo gongo — ele murmurou, e então deu um beijo rápido e com força nela antes de caminhar até o bar para pegar o telefone, verificando o identificador de chamadas enquanto o pegava. Suas sobrancelhas se ergueram, e ele parou, ouvindo os passos de Kathryn enquanto ela caminhava para dentro do banheiro e fechava a porta.

Ele apertou o botão para atender o telefone.

— Alex?

— Meu senhor — Alex Carmichael diz sem fôlego. — Eu não tenho muito tempo. Eu preciso me encontrar com o senhor.

— O que foi? Você precisa de ajuda?

— Não agora, meu senhor, — Ele disse, ainda respirando com dificuldade. — Não há tempo. Você pode me encontrar amanhã à noite?

— Claro. Na galeria?

— Não — Alex disse instantaneamente. — Muitos ouvintes. Eu tenho uma propriedade em Saint Louis Park, um antigo galpão. Está vazio, abandonado. Eu comprei sem pensar muito, mas... Me desculpe, meu senhor. Você não se importa com isso. O ponto é, está vazio. Ninguém vai nos procurar lá. Eu posso te mandar o endereço.

— Pode mandar — Lucas disse a ele, e deu o número do celular de trabalho de Nick. — Qual é a distância?

— Apenas alguns quilômetros, meu senhor. Quinze minutos de Minneapolis.

— Duas horas depois do pôr do sol, então. Eu estarei lá.

— Obrigado meu senhor, — Alex diz fervorosamente. — Obrigado. — E então ele desligou.

Lucas desligou com uma careta, e então imediatamente ele ligou para Nick.

— Criador? — Nick respondeu, soando tão surpreso quanto Lucas quando Alex ligou.

— Alex Carmichael acabou de ligar.

— Isso não é possível... Que linha?

— O telefone de casa.

— Como infernos ele conseguiu esse número?

— Boa pergunta. Uma pergunta melhor... por que ele quer se encontrar comigo? — Ele ouviu a porta do banheiro se abrir atrás dele, ouvindo o salto alto de Kathryn batendo no piso de madeira.

— Eu não gosto disso — Nick disse.

— Não, nem eu. Algo não está certo. Ele soava... apavorado, mas determinado ao mesmo tempo.

— Klemens está por trás disso de alguma maneira.

— Eu acho que você está certo, mas eu tenho que ir de qualquer maneira.

— Criador!

— Nick, eu preciso ouvir o que ele tem a dizer.

— Meu senhor. Lucas. Por favor. Você gosta da Kathryn, e você gostaria de ajudá-la. Eu entendo isso. Mas não vale a pena arriscar...

— Isso não é um debate, Nick. Você receberá uma mensagem com o endereço. Um galpão velho em Saint Louis Park.

— Isso é logo fora da cidade — Nick disse infeliz. — Ele obviamente sabe que você está aqui.

— Eu tenho certeza que a Françoise estava no telefone com ele no momento que nós fomos embora da galeria. — Lucas sentiu mais do que ouviu a atenção de Kathryn aumentar com a menção da gerente de galeria do Alex. Ele se virou lentamente e a encontrou encarando-o, sua bolsa na mão, arma e distintivo mais uma vez seguramente dentro da bolsa.

— Por favor, não me diga que você está planejando ir lá sozinho.

— Eu não sou um idiota, Nick. Você e o Mason.

— E uma equipe, meu senhor. Por favor.

— Você e o Mason, Nick — ele repetiu. — Ele já está apavorado. Eu não quero assustá-lo mais ainda.

Nick resmungou.

— Você está me matando aqui, Criador.

— Eu levarei a Agente Hunter junto para ajudar, que tal? Ela está armada e é perigosa.

Kathryn estreitou seus olhos para ele, e ele sorriu.

— Eu tenho uma escolha?

— Não.

— Então me fale que horas amanhã à noite, e nós estaremos prontos.

— Alex e eu concordamos em duas horas após o pôr do sol, mas vamos chegar lá meia hora antes disso.

— Sim, meu senhor.

Lucas sorriu com a resignação melancólica na voz do seu tenente quando ele desligou. Kathryn estava sobre ele um instante depois.

— Quem nós vamos encontrar?

Lucas olhou para o seu belo rosto, seus lábios ainda inchados por seus beijos, seus olhos azuis brilhantes de emoção. E tudo que ele queria fazer era arrastá-la de volta para sua cama. Ela olhou para ele e deve ter lido o desejo em seu olhar, porque suas bochechas esquentaram, e seu coração começou a bater mais rápido. Ela lambeu seus lábios, e Lucas seguiu o rápido movimento de sua língua rosa.

— Quem... – ela repetiu, e então teve que engolir quando sua voz saiu rouca e seca. — Quem nós vamos encontrar, Lucas? — Ela disse, tentando novamente.

— Alex Carmichael — Lucas forneceu, colocando o queixo dela em sua mão e abaixando a boca dela para um beijo longo. Era só para isso que ele tinha tempo. O sol estava quase acima do horizonte. Não que a Kathryn estaria interessada em sexo de qualquer forma. Não uma vez que ela ouviu o nome de Alex.

Ela agarrou a mão dele, apertando os dedos dele enquanto ela se afastava do seu beijo.

— Carmichael? Ele está com o Daniel?

— Ele não mencionou o seu irmão — Lucas disse, suspirando em resignação, — e eu acho que ele teria mencionado se estivesse com ele. Mas nós teremos que esperar para ver.

— Droga — ela xingou. — Espera. Ele te deu um endereço. Me dê, e eu vou verificar hoje. Se o Daniel estiver lá, eu posso pegá-lo. Se não, nenhum mal, certo?

Lucas ofereceu-lhe um olhar paciente.

— A localização é um galpão abandonado. É duvidoso que Alex esteja lá agora. Se ele estiver, o prédio estará seguro o bastante que você não será capaz de fazer nada a não ser observá-lo pelo lado de fora.

— Você não pode saber disso. Me dê o endereço.

— Eu sei disso, e, não, eu não vou te dar o endereço, porque se você sair correndo para lá sem saber o que você está fazendo, alguém pode terminar morto.

— Você quer dizer o seu amiguinho, Alex.

— Não, na verdade, eu quero dizer você. Mas, sim, o Alex também pode ser uma causalidade. Um vampiro em seu repouso está completamente indefeso. Eu não vou te ajudar com isso.

Ela o encarou, sua mandíbula flexionando com tensão.

— Você não acha que o Daniel está lá.

— Não, eu não acho.

— Tudo bem. Vamos jogar do seu jeito.

— Sim, nós vamos. Você pode sair sozinha. — Ele caminhou em direção ao quarto, irritado com a obsessão dela com seu irmão.

— Espera! — ela chamou. — Que horas... — Ela gritou em surpresa quando as persianas de aço automáticas rolaram sobre as janelas e trancaram com um barulho alto.

— Esteja aqui ao pôr do sol — ele disse por cima do ombro. — Você tem três minutos, ou você ficará trancada aqui dentro até lá.

Kathryn disparou um rápido olhar para as janelas fechadas, e então de volta para ele. Ela agarrou sua bolsa e seu casaco, e então o surpreendeu ao correr até ele para lhe dar um beijo rápido antes de correr para a porta.

— Te vejo no pôr do sol — ela falou enquanto se apressava para fora da cobertura.

Lucas olhou por onde ela ia em estupefação. Talvez houvesse esperança para ela ainda. Ele pressionou um botão no painel de segurança da cobertura, desativando o bloqueio no elevador. Um segundo botão, e uma tela apareceu, mostrando a ele Kathryn no elevador, e então mudando em seguida para o lobby quando ela saiu do prédio. Ela estava no celular, supostamente chamando um táxi. Ela não deve ter problema a essa hora do dia.

Ele se inclinou pesadamente contra a parede enquanto digitava o código para remover o bloqueio. O sistema se religou imediatamente, trazendo o elevador de volta para o andar da cobertura e o travando-o lá, ao mesmo tempo travando a porta do elevador e a porta da frente da suíte com as mesmas persianas de aço que cobriam as janelas.

Lucas sabia que naquele momento o sol cobria o horizonte. Era uma chama dentro de sua cabeça, um peso de mil quilos em seu peito enquanto ele caía na cama. Seu último pensamento antes de o sol roubar a sua consciência

era que Klemens estava usando Carmichael como isca. Que isso era a sua vingança pela morte de seus vampiros na casa Rockford.

Capítulo 15

— Eu não gosto disso.

Lucas olhou para Nicholas, nem um pouco surpreso pelo pronunciamento de seu tenente. — Claro que você não gosta — ele comentou, depois virou sua atenção de volta para o armazém decrépito onde Alex marcou o encontro. — Eu não estou louco com isso também.

— Como nós sabemos quem ou o que está esperando lá dentro? — Nick insistiu.

Kathryn fez um barulho impaciente. — Nós nunca iremos saber se ficarmos *aqui* a noite toda.

— Na verdade — Lucas disse, dando a ela um olhar de desculpas. — Eu posso te dizer nesse momento quem esta lá. E é Alex Carmichael.

— Você pode dizer — ela disse fracamente, e então sua expressão caiu. — Só Carmichael? — Ela disse, desapontamento se arrastando em cada silaba.

— Sim. Sinto muito Kathryn.

— Você me avisou — ela disse resignada. — Eu não acreditei em você.

Lucas passou uma mão reconfortante por seu braço. — Seu irmão não está ali, mas isso não significa que Carmichael não saiba onde está. Ele pediu para nos ver por uma razão.

— Claro.

— Nicholas — Lucas disse, chegando a uma decisão.

— Senhor.

— Kathryn e eu entraremos sozinhos. Você e Mason...

— Meu senhor! Carmichael pertence a Klemens. E se for uma armadilha? — Nick reivindicou, ecoando a preocupação do próprio Lucas.

— Por isso que eu quero você e Mason *aqui fora*. Não tem ninguém naquele prédio, humano ou vampiro, com exceção do Alex. E acho que consigo lidar com ele sozinho. Mas se for uma armadilha, se Klemens planeja mandar uma força atrás de nós... então eu preciso de vocês aqui, vigiando e prontos para chamarem a tropa.

— Eu poderia chamá-los agora, meu senhor. Eles estão prontos e esperando pela ordem.

Lucas considerou. Toda essa situação estava muito estranha. Mas Carmichael era uma pessoa decente e sempre se irritou com as ordens de Klemens. Ele nunca teve a coragem de sair do território do outro senhor vampiro, mas, entretanto, ele passou muito de seu tempo em Minneapolis.

Ele balançou a cabeça. — Não tem ninguém lá, Nick. Vamos, Kathryn — ele disse, estendendo sua mão, — vamos ver o que Alex tem a nos dizer.

Ela olhou para a mão dele, e tirou a sua arma ao invés disso. — Eu estou com Nick nessa — ela disse obstinadamente. — Eu não sei quem é esse cara, Klemens, mas tem alguma coisa errada com esse encontro.

Nicholas deu a Lucas um olhar significativo, ao qual Lucas ignorou. — Como queira, a *cuisle* — ele disse a Kathryn. — Mas vamos ver.

O edifício era velho e profundamente desgastado. Os tijolos eram esburacados, a argamassa faltando em pedaços grandes o suficiente que um observador conseguiria dar uma olhada dentro, se ele fosse tão estúpido de colocar um olho nos pequenos buracos aparentes. Lucas não era estúpido. Ele andou até a porta da frente laminada de metal e deu a maçaneta uma puxada hesitante. Estava destrancada. Claramente, Carmichael estava esperando por eles.

A porta se abria para fora. Ele checou para ter certeza de que Kathryn estava pronta, depois abriu a porta e foi na frente dela. Ele podia não pensar que tinha uma armadilha esperando por eles, mas ele não apostaria a vida de Kathryn nisso. Ele era bem menos destrutível que sua amante humana. Terra e

cascalho raspavam no chão enquanto passavam pelo o que era uma pequena área de recepção. Tinha uma antiga mesa de metal em um canto e o que ele assumia serem os restos de uma cadeira em pedaços atrás dela. Fios, tanto de telefones quanto elétricos, saíam das paredes, e pedaços do carpete mostravam o chão de concreto como um fungo marrom.

— Bonito — Kathryn comentou.

— Alex disse que estava abandonado.

Uma segunda porta se encontrava aberta para o interior. Lucas atravessou-a e viu que o restante do edifício era algum tipo de instalação de fabricação. Tinha uma área central aberta com pesadas montagens ainda parafusadas no chão, no entanto, o equipamento foi removido pela maior parte. O pouco do que restava eram irreconhecíveis, ao menos para Lucas. Em volta dos quatro lados estava um mezanino aberto com três andares separados, cada um de frente para a área de fabricação. Escritórios alinhavam as paredes do mezanino, alguns com as portas ainda fechadas, outros escancarados. Qualquer vidro que estava nas portas ou nas armações do lado delas já foi embora há muito tempo e enchia o chão. Um corrimão de metal que uma vez providenciou uma barreira entre os andares do mezanino e a fábrica aberta estava enferrujado com grandes buracos onde caiu, ou foi arrancado completamente.

Lucas sondou a área, seus sentidos bem abertos. Seu olhar parou em um elevador de tamanho industrial, que parecia estar em relativamente bom estado. Alex estava claramente mantendo para o seu próprio uso, apesar do estado deplorável do resto do edifício.

As portas se abriram um momento depois, e o próprio Alex saiu de dentro.

— Perdoe-me, meu senhor. Eu pretendia estar aqui quando você chegasse.

Lucas abaixou sua cabeça brevemente em reconhecimento. — Alex, essa é a Agente Especial Kathryn Hunter, FBI. Eu não acredito que tenham se conhecido.

Alex sorriu fracamente. — A infame Agente Hunter. Você deixou Françoise bastante agitada.

— Eu não sei por quê. A não ser que um de vocês tenha algo a esconder. — Kathryn respondeu friamente.

— Eu admiro muito o trabalho do Daniel, Agente Hunter. Mas, infelizmente, ele não está comigo.

Kathryn continuou em silêncio, mas Lucas podia sentir sua tensão e falta de confiança como uma serra elétrica em seus nervos.

— Porque estamos aqui, Alex? — Ele perguntou, querendo acabar logo com isso.

— Por favor, meu senhor — ele disse, gesticulando para o elevador. — O que eu tenho para dizer é melhor ser dito em particular. Eu tenho um apartamento muito agradável lá em baixo, um lugar para quando eu preciso me afastar. Ninguém sabe sobre ele, exceto eu. E agora você, claro.

Lucas estudou o outro vampiro, procurando por trapaça. Se Alex tentasse contar uma mentira direta, Lucas saberia, mas além disso, era difícil de dizer. Alex não pertencia a ele. Mesmo assim, ele estava no território de Lucas, e ele deveria saber que Kathryn, pelo menos, não acreditava em uma palavra do que ele falava. Contudo, ele parecia perfeitamente relaxado. Talvez fosse somente por ele estar em seu covil particular, um lugar onde se sentia seguro. Ou talvez não tivesse nada a esconder.

— Certo — Lucas concordou. — Tem luz suficiente para Kathryn?

— Claro, meu senhor. Eu frequentemente trabalho lá em baixo.

— Kathryn? — Lucas disse, olhando para ela em questionamento.

— Claro, porque não? — Ela colocou a arma de volta no coldre, mas Lucas percebeu que ela não abotoou a alça de segurança, e sua mão repousava levemente na traseira da arma.

— Mostre o caminho, Alex — Lucas disse, indicando o elevador com a porta aberta.

A descida do elevador foi tranquila. Apesar do estado horroroso do edifício, o vampiro tinha claramente mantido o elevador em boas condições, o que fazia sentido se ele vinha aqui frequentemente para dormir no porão. A falta de segurança era surpreendente, mas talvez, tinha mais do que Lucas conseguia ver. No mínimo, Alex poderia provavelmente trancar o elevador e fazer com que o andar de baixo ficasse inacessível durante as horas diurnas.

Lucas olhou para os números dos andares acima da porta do elevador e franziu o cenho abruptamente. Eles tinham acabado de passar o P1 e estavam descendo para o P2. — Tem um porão abaixo? — Ele perguntou bruscamente.

Alex assentiu. — Foi uma das razões de eu ter comprado este prédio. Ninguém parecia saber o que os donos originais estocavam aqui em baixo, mas eu imagino que se beneficiavam com as condições geladas. Eu mandei testarem todo o terreno para contaminantes só para garantir, mas não tinha nada aqui.

Lucas aceitou a explicação, mas não conseguia largar o mau pressentimento que aumentava com essa pequena aventura. Claramente, Kathryn estava tendo as mesmas preocupações, porque ela foi para o canto e deu meio passo para trás dele quando o elevador desacelerou. Táticas defensivas básicas. Nunca dê ao seu inimigo um alvo concentrado.

Antes das portas do elevador se abrir, Lucas mandou seu poder por uma varredura a frente, procurando por inimigos. Alex certamente sentiu o toque do poder, mas ele não ofereceu um protesto de nenhum jeito, nem uma garantia de que não era necessário. E subitamente ocorreu a Lucas o que estava lhe incomodando sobre esse encontro. Era o próprio Alex. Nenhum vampiro gostava de ter o seu covil invadido, em especial por um vampiro tão poderoso quanto Lucas, que também era o inimigo mortal do mestre de Alex. Mas não era que Alex estava muito nervoso, era porque ele estava muito *calmo*.

Por fora, Lucas não entregou nada, mas em particular ele xingou sua própria arrogância e deixou suas emoções transferirem para Nicholas, que esperava lá em cima com Mason. Se a merda ia acertar o ventilador, ele queria Nick atirando em todos os doze cilindros logo de cara. As portas se abriram, ele saiu para o porão, examinando de parede a parede com todos os sentidos que possuía. Nada. Então por que...

— Perdoe-me, meu senhor — Alex disse por detrás dele. — Ele não me deu escolha.

Lucas se virou para ver Alex ainda parado na porta aberta do elevador, sua mão esquerda apertando uma série de botões no painel de controle. Travando? Ou...

Em um flash de percepção, Lucas entendeu tudo que Alex fez. Ele pegou Kathryn e a jogou na parede de trás do elevador dois segundos antes do mundo explodir, e do prédio inteiro cair em cima deles.

Capítulo 16

A primeira coisa que Kathryn registrou foi sujeira. Em todo lugar. Preenchendo seus olhos, sua boca, seu nariz. Cobria cada centímetro de pele e descia pela sua blusa. Ela tossiu, um som horrível que ela não acreditava ter vindo de sua própria garganta. Ela foi levantar sua mão, para tirar o cabelo imundo de seu rosto e segurou um grito de dor. Seu braço. Algo havia acontecido com...

— Lucas! — Ela quis gritar o nome dele, mas saiu mais como um sussurro rouco. Deus, ela doía. Com cada sentido retornando, cada terminação nervosa estava acordando, ela doía mais.

— Lucas? — Ela tentou de novo, um grasnido rouco desta vez. Ainda sem resposta.

Ela lutou para encontrar sentido no que aconteceu, seus pensamentos eram espessos e lentos como seiva de árvore em um dia frio. Ela tentou piscar, abrir seus olhos e percebeu que eles já estavam abertos. Que simplesmente não havia luz. Escuridão total.

Fechando seus olhos novamente, ela voltou ao começo e fez um inventário de seu corpo, mexendo seus dedos do pé, flexionando músculos, dobrando joelhos. Até agora, tudo bem. Ela moveu sua mão direita cuidadosamente. Seu pulso estava dolorido, torcido provavelmente, seu antebraço estava machucado e dolorido, mas sua mão funcionava, seus dedos flexionando. Essas eram boas notícias. Ela usava a mão direita.

Seu braço esquerdo não tinha se saído tão bem. A dor de antes havia crescido para um pulsar constante que batia em ritmo com seu coração. Ela estendeu a mão com cuidado e sentiu a umidade quente de sangue fresco. Estava ruim, mas provavelmente não era fatal.

Kathryn tentou se virar, para que ela pudesse se sentar, mas havia um peso em suas pernas. Inclinando-se, ela tateou ao redor com sua mão direita boa e encontrou algum tipo de placa de metal. Pegando na beirada, ela a ergueu o suficiente para dobrar seus joelhos e tirar suas pernas debaixo dele antes de deixá-la cair no lugar com um ruído com uma nova nuvem de poeira. Ela puxou seus joelhos até o peito e esperou por um momento, tremendo. Ela estava entrando em choque? Ela descartou essa possibilidade. Seu braço não estava sangrando o bastante para isso. Hemorragia interna era possível, mas seu rápido inventário não parecia indicar quaisquer lesões internas.

Ela precisava se lembrar. Ela precisava saber onde Lucas estava. Ela precisava de *luz*.

Sua mão bateu em seu quadril e encontrou o volume reconfortante de sua Glock. Com toda esperança, ela foi tateando seu caminho ao longo de seu cinto e quase riu de alívio ao tocar sua pequena lanterna dada pelo FBI. Ela puxou o cilindro de metal de seu coldre com cuidado, sem querer arriscar derrubá-lo no escuro. Pegando-o com firmeza, ela clicou e congelou.

O subsolo de Alex Carmichael. Ela *sabia* que não deveria ter confiado nele. Vampiro traiçoeiro da porra. Ela iluminou a lanterna para cima e reconheceu o elevador, ou o que restava dele. Lucas havia agarrado-a no último minuto, jogando-a de volta no elevador com o Carmichael que estava dizendo algo, brincando com os botões do elevador e então... Um súbito pensamento de pânico a fez iluminar o elevador no canto onde Alex tinha estado de pé, meio esperando encontrá-lo olhando de volta para ela. Mas as únicas coisas que restavam de Alex Carmichael eram as roupas que ele estava usando, e elas estavam literalmente pontuadas pelo enorme pedaço de aço que havia terminado a sua vida. Então o filho da mãe havia terminado como homem-bomba, explodindo o maldito prédio inteiro e ele junto.

E o Lucas... Ela lutou para pensar naqueles últimos momentos. Ele a jogou no elevador e então...

— Lucas! — Ela então gritou seu nome desta vez. Sua lanterna mostrou um monte emaranhado de madeira, metal e concreto, onde o porão uma vez esteve. Um vampiro poderia sobreviver a algo assim? E se um daqueles pedaços perfurou o coração dele, igual a Alex? Havia um monte de pó e roupas em algum lugar ali que costumava ser o Lucas? Não, ele estava muito vivo para morrer tão inutilmente. Ela não acreditaria nisso. Ela não *podia acreditar*. A dor que ela sentiu com a possibilidade do Lucas estar morto foi surpreendente. Quando ele havia se tornado tanto para ela?

Ela se sacudiu mentalmente e colocou de lado estes pensamentos para mais tarde. Lucas estava em algum lugar, ainda vivo, mas ferido, e ela precisava encontrá-lo.

Ela se lembrou do Nicholas e do Mason esperando do lado de fora. Eles teriam que saber que algo aconteceu... seria difícil não perceber uma explosão desse tamanho, afinal de contas... e eles trariam ajuda, mas seriam eles capazes de escavar os escombros e chegar até aqui?

Kathryn apontou a lanterna diretamente acima de sua cabeça. O elevador não ia a lugar nenhum, isso era certo. Mesmo se o elevador e seu mecanismo de polia estivessem intactos, o elevador em si estava retorcido como uma caixa de suco vazia. Uma nova onda de medo se espalhou pela suas entranhas. Ela era mais do que um pouco claustrofóbica. Era uma coisa de controle, mas saber disso não tornava mais fácil respirar. Não quando ela pensava nas toneladas de pedra acima de sua cabeça, e se alguém pudesse cavar e tirá-los para fora antes que o ar acabasse... ou os destroços caíssem em sua cabeça.

Ela examinou o que restava do porão mais uma vez. Era ainda um porão se não havia mais um prédio em cima? Era mais como uma tumba. Pilhas de pedras e escombros no topo delas sem saída. Ela baniu esse pensamento rapidamente. Havia tempo o suficiente para desistir mais tarde. O que ela tinha que fazer agora era se aventurar nessa bagunça e encontrar o Lucas. Ela não podia esperar pelo Nicholas e as tropas chegarem. Lucas não podia esperar. Ele havia arriscado sua vida pela dela, e ela não iria deixá-lo lá sozinho.

Não havia espaço para ficar em pé, então ela foi se arrastando como podia e de joelhos quando era obrigada. O que restava do piso estava coberto

com metal retorcido e vidro, e ela tinha que verificar cada passo que ela dava, cada lugar que ela colocava sua mão. Foi lento e exaustivo, mas mais do que tudo ela estava aterrorizada do que ela encontraria.

— Lucas. — Kathryn continuou dizendo o nome dele, algumas vezes falando alto, algumas vezes sussurrando desesperadamente. Ela não conseguia se lembrar exatamente onde ele estava durante a explosão, então ela começou no elevador e foi indo o mais adiante possível. Havia uma enorme quantidade de metal emaranhado, grandes barras pesadas rasgadas como papel, tudo retorcido um no outro, os espaços preenchidos com enormes pedaços de concreto e sujeira. Ela não era uma engenheira, mas alguns desses feixes pareciam segurar o pior dos escombros de cima, deixando pequenos espaços no nível do solo. Bem de longe, acima, ela pensou ter ouvido gritos, e de vez em quando, o ar se enchia com som de gemidos metálicos. Ela pensou que os feixes estavam sendo forçados sob o peso do prédio demolido. A primeira vez que ela ouviu o barulho, ela teve medo de que algo havia se quebrado, e tudo lá em cima estava prestes a cair aqui embaixo. Mas cada vez mais, os ruídos de quebra começaram a soar como um esforço organizado, quase como um canteiro de obras, e isso deu a ela uma esperança de ser resgatada. Mas isso poderia demorar horas, e ela tinha que encontrar Lucas.

— Lucas? — Ela disse novamente, quase soluçando. O peito dela doía de tentar respirar o ar empoeirado, suas costas doíam de se curvar nos espaços pequenos. Seus dedos estavam cortados e sangrando de empurrar pedaços retorcidos de metal e concreto, e... ela começou a temer que Lucas poderia de fato estar morto.

— Kathryn.

Ela congelou, incerta de que ela tinha realmente ouvido.

— Lucas?

— Mais ou menos — ele disse fracamente, e tossiu.

Sua lanterna procurou nos escombros e nada encontrou.

— Onde você está?

— Para a esquerda. A *outra* esquerda — ele esclareceu quando a luz dela foi para o lado errado.

Ela se forçou a procurar lentamente, movendo o feixe estreito da lanterna de um lado para o outro até que ela pegou um lampejo de pele pálida, quase invisível na massa retorcida de metal.

— Lucas! — No começo, ela era incapaz de alcançá-lo. Kathryn era forte para uma mulher, mas até mesmo ela não conseguiria mover todos os detritos de lado, mesmo que fosse sensato fazê-lo. Frustrada, ela foi agachada para a esquerda, na direção onde ela tinha certeza que era a parede que dava para o lado de fora. Alternando sua luz entre onde ela sabia que o Lucas estava e seu caminho atual, ela encontrou um tipo de túnel através dos destroços e serpenteou nele de barriga para baixo, sua pele se arrepiando com o conhecimento de tudo o que estava pairando sobre eles.

— Lucas — ela murmurou em desespero, passando a lanterna sobre o pouco que ela conseguia ver dele. Ele estava praticamente enterrado embaixo de uma pilha de concreto e vergalhões, apenas sua cabeça, ombros, e um braço estavam visíveis. Ela deslizou o mais próximo possível dele, ignorando a dor quando pedaços afiados de escombros destruíam suas roupas e se afundavam na pele de seus joelhos e cotovelos.

Os olhos dele se abriram, brilhando com uma luz dourada que fazia sua lanterna passar vergonha.

— Kathryn. — Palavras roucas e secas, e ela desejou ter um pouco de água para oferecer a ele. — Você está sangrando — ele disse. — Você está machucada?

Ela balançou a cabeça, sem confiar na sua voz e se sentindo tola. Lágrimas transbordaram de seus olhos, misturando alívio ao desespero. Vampiro ou não, ele estava seriamente ferido. Ossos quebrados, aquelas lesões internas que ela estava preocupada... isso era apenas o começo do que poderia estar acontecendo com o Lucas.

— Shhh, não chore. — Ele estendeu a mão boa para ela. — Eu sou difícil de matar, *a cuisle*. Você ainda não se livrou de mim. — Uma careta de dor retorceu seu lindo rosto. Ele fechou os olhos, mas não gemeu, não gritou. Tudo que Kathryn podia fazer era tentar não gritar por ele.

Ela assentiu, sem realmente acreditar nele, mas entendendo a importância de *ele* acreditar no que ele estava dizendo.

— Você está machucada? — ele repetiu, apertando os dedos dela.

Ela engoliu o nó de pesar em sua garganta. Ele podia ter se salvado, mas ele a salvou primeiro. E agora ele estava ali deitado quebrado e possivelmente morrendo, sem importar o quanto ele negasse isso.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não estou machucada. Alguns cortes. Não é nada. — Ela entrelaçou os dedos com os dele, então se inclinou para frente e tocou seus lábios na boca dele cuidadosamente. — O que eu posso fazer?

— O beijo foi um começo.

Ela riu. Pelo menos a intenção dela era rir. Porém foi mais um soluço quebrado, mas estava tudo bem. Se ele podia provocar, talvez ainda houvesse esperança. Talvez os vampiros fossem realmente mais fortes do que ela pensava.

— Você precisa do meu sangue? — ela perguntou urgentemente.

Ele sorriu, mostrando seus dentes brancos, apesar das circunstâncias desesperadoras.

— Eu me lembrarei desse momento para sempre, minha Katie. — Ele tossiu com força, e então disse: — Um pouco de sangue seria muito bem vindo.

— Como nós... Quer dizer...

— O seu pulso servirá muito bem.

— Ah. Certo. Claro. — Kathryn apoiou sua lanterna no chão, inclinando-a para fornecer luz sem cegar a nenhum deles. Ela estava usando uma jaqueta e uma blusa de manga longa. As duas estavam rasgadas e sujas, mas notavelmente os punhos estavam intactos. Ela empurrou a manga esquerda da jaqueta até o seu antebraço e desabotoou o punho de sua blusa, dobrando-o por cima de sua jaqueta até o seu pulso estar à mostra.

— Eu...

Lucas pegou seu braço com sua mão livre e o trouxe aos seus lábios, beijando a pele macia de seu pulso gentilmente.

— Tão macia, *a cuisle*. Tão frágil.

— Frágil — ela repetiu. — Aí está uma palavra que muitas pessoas não usariam para me descrever.

— Isso é porque elas não te conhecem como eu.

As palavras de protesto dela morreram sem serem ditas quando sua língua quente bateu uma vez, duas vezes por cima do pulso de seu punho. Seu coração começou a martelar quando ele beijou o pulso dela. Ela conhecia o prazer da mordida dele, e o corpo dela também. Seus seios pareciam repentinamente muito apertados no sutiã confinante que ela tinha colocado debaixo da blusa de algodão macia esta noite.

— Isso vai machucar, Kathryn — ele sussurrou, a respiração dele soprando gentilmente seu pulso úmido. — Eu prefiro estar entre suas pernas, meu pênis enterrado em sua vagina tão molhada...

— Lucas — ela o alertou, seu rosto ficando quente. — Isso não...

Ele atacou sem aviso, suas presas afundando nas veias enterradas profundamente em seu antebraço. E ele estava certo. Doía muito mais do que quando ele mordia seu pescoço, mas apenas por alguns segundos, enquanto a euforia em sua mordida não chegava em seu cérebro. Depois disso...

Ela deixou a cabeça cair pra frente, lutando contra a onda de êxtase sexual percorrendo o seu sistema. Se seus seios pareciam sensíveis antes, eles eram puro tormento agora, seu sutiã raspando seus mamilos inchados como se fosse a renda mais áspera ao invés do algodão mais macio. Calor se acumulou entre suas coxas, ondas de sensação assaltando seu ventre, seu abdômen.

Um grito escapou de seus lábios, seu corpo estremecendo quando o clímax a atingiu. Kathryn enterrou seu rosto contra o seu antebraço, grata pela escuridão. Eles estavam presos em um porão, três andares de sujeira, pedra e metal em cima deles, e ela estava tendo um maldito orgasmo.

Lucas ergueu a boca de seu pulso, suas presas deslizando sem dor de sua veia. Ele lambeu as feridas e depositou outro beijo em seu pulso, mas ele não largou de sua mão.

— Obrigado, Kathryn — ele disse solenemente.

Ela assentiu com a cabeça. Mas não conseguiu olhar para ele. Ela estava muito envergonhada.

— Minha Katie.

— O quê?

— Olhe para mim.

Ela ergueu apenas seus olhos de relance, e então de volta para baixo.

— Isso não foi um olhar. Pare, Kathryn. Isso é biologia. É como nós sobrevivemos os séculos antes que os humanos pudessem ver além da superstição e entrar na era disco.

Ela sorriu apesar de si mesma.

— Era disco?

— Um presente para a comunidade vampírica, um *ghrá*. Mas a verdadeira revolução foi o controle de natalidade. Todas essas lindas mulheres de repente livres e ansiosas para desfrutar da sexualidade que os homens já desfrutavam tão liberalmente há séculos.

Kathryn revirou os olhos.

— Eu tenho certeza que você era bastante popular.

— Era? Estou magoado. Só para você saber, eu ainda sou.

— Certo. Eu sei o que você está fazendo — ela acrescentou, encontrando seu olhar firme finalmente.

— Além de estar deitado embaixo dessa pilha de escombros, você quer dizer?

— O quão gravemente você está ferido, Lucas? A verdade.

— Ah, isso. Eu receio que eu tenha alguns ossos quebrados embaixo de tudo isso. E posso dizer, nunca quebrei um osso antes... dói pra diabos. Não, não — ele acrescentou rapidamente, ouvindo o suspiro involuntário de consternação de Kathryn. — Eu posso lidar com isso. Apesar de que eu vou esperar algumas demonstrações de simpatia e admiração quando tudo isso acabar. Talvez você possa fazer carinho na minha testa e dizer coisas como, *Pobre bebê. Você foi tão forte.* Esse tipo de coisa. — A tensão em sua voz desmentia suas palavras fáceis, a voz dele estava fina e estrangulada como se ele estivesse lutando para encontrar oxigênio suficiente para falar.

— Se nós sairmos daqui, eu vou acariciar mais do que a sua testa — Kathryn prometeu.

— Eu me encontro motivado, juntando a sua deliciosa doação de sangue, que irá acelerar tudo tremendamente. Infelizmente, ossos levam tempo para sarar, até mesmo para um vampiro. — Sua mandíbula ficou repentinamente tensa, seus olhos fechando enquanto seu rosto se contorcia com uma óbvia dor.

— Lucas? — Ele resmungou em resposta, então ela continuou. — Por que o Alex faria isso? Tentar nos matar dessa forma, e se matar também.

— Compulsão — Lucas disse, sua voz baixa com esforço. — Seu mestre e eu somos inimigos. Ele usou o Alex para me atingir. Alex não tinha escolha no que ele fez. Ele não foi o vilão.

Kathryn não tinha certeza se concordava com isso, mas ela não iria discutir com ele.

— Eu acho que Nick e os caras estão tentando chegar aqui embaixo — ela disse rapidamente, querendo distrai-lo. Ela ergueu o queixo para indicar o barulho quase constante que agora vinha de cima.

— Nicholas começou um trabalho de resgate — ele confirmou em um sussurro tenso. — Mas isso vai levar tempo. — A voz dele ficou mais calma, sua expressão ficando mais leve, como se a dor tivesse diminuído, pelo menos temporariamente. — Nós vamos ficar presos aqui por horas ainda. Então, enquanto a coisa muito especial no meu sangue que me torna Vampiro faz o seu melhor para consertar os meus ossos quebrados, você pode me distrair falando.

— O que eu devo dizer?

Lucas não abriu os olhos, mas sua boca se curvou em um sorriso torto. — Diga que você me ama — ele murmurou.

Seu coração se torceu em seu peito, mas ela não conseguia dizer as palavras. Nem mesmo brincando. Elas estavam muito próximas da verdade que ela não queria reconhecer. — Por favor, não morra — ela sussurrou em seu lugar.

— Eu não vou morrer, *a cuisle.* — Ele disse, deixando seu sotaque irlandês reverberar pelas palavras. — Eu ainda tenho que tirar a sua roupa.

— Mas como você pode sarar ossos quebrados desse jeito sem...

Seus olhos dourados se abriram de novo, e ela conseguiu ver a dor neles, mesmo ele falando claramente. — Você precisa entender, Kathryn. A cura do vampiro não se importa que as minhas pernas estejam presas sob uma pilha enorme de pedras. Ele só quer que elas funcionem novamente, e ele está tomando todo o poder de cura do meu corpo e sangue para se concentrar nessa única tarefa.

— O que isso significa?

— Me dê tempo o suficiente, e moverei essa maldita pilha de lixo das minhas pernas. Mas os ossos começarão a querer se curar tudo de novo, porque eles ainda estão sob pressão nesse momento, e nem mesmo a cura vampírica pode deixá-los retos e sãos.

— Ah, Deus, Lucas, — Ela sussurrou.

— Segure a minha mão — ele disse, seus olhos se fechando mais uma vez. — Me distraia. Me conte o que aconteceu depois que os seus pais morreram.

Kathryn o observou a luz fraca de sua pequena lanterna, procurando em seu rosto por qualquer sinal de que ele estivesse manipulando-a, usando a situação terrível deles para ela se abrir com ele, para contar a ele algo pessoal.

Mas seu rosto estava pálido, até mesmo para ele, e havia linhas de dor enrugando o canto de seus olhos fechados. A respiração dele estava tensa, e ela pensou em quão difícil devia estar para ele respirar, o quão doloroso era ficar deitado lá, sentindo os seus próprios ossos se curando, e enquanto isso sabendo que você teria que passar por tudo isso de novo quando ele estivesse livre.

— O que faz você pensar que os meus pais estão mortos? — Ela perguntou, para o fazer pensar em algo, qualquer *outra* coisa.

— É a maneira como você se relaciona com o seu irmão, a maneira como você fala sobre ele. É quase como se você fosse a mãe ao invés de irmã. Além de todo esse tempo que nós passamos procurando por ele, você nenhuma vez mencionou uma mãe ou um pai. Estou achando que você era muito jovem quando eles morreram. Talvez alguém assumiu as rédeas, um avô, uma tia ou um tio, mas você era mais velha que o seu irmão, e você se sentia responsável por ele de qualquer forma.

Ele não abriu os olhos, não olhou para ela, mas ela podia sentir ele querendo uma resposta dela. Seu estômago se revirou ao pensar em revelar seus momentos mais dolorosos, sua história privada. Mas ele havia contado a história dele, uma vida muito mais difícil que a dela havia sido, apesar de suas perdas.

— Minha mãe morreu quando o Daniel tinha dois anos — ela começou. — Eu tinha seis. Meu pai ainda está vivo.

— Ah. Mas nenhum de vocês é próximo a ele.

— Ele nos criou sozinho. Meus avós... aqueles com o rancho... ofereceram para nós irmos morar com eles, e o meu pai vinha nos finais de semana e ficava com a gente. Ele disse não. Nós éramos filhos dele, e ele nos queria com ele. Mas ele ainda tinha que trabalhar, claro. Nós tínhamos babás, mas eu já cuidava do meu irmão desde que ele nasceu. Minha mãe foi diagnosticada com câncer um pouco antes de dar a luz, e ela começou os tratamentos logo depois. Minha memória mais antiga é o meu pai me dizendo no dia que o meu irmão nasceu que eu precisava ajudar minha mãe com o bebê novo porque ela estava doente. Eles vieram para casa com o Daniel, e eu me lembro de olhar para ele e pensar que ele era a minha responsabilidade agora. Quando eu tinha quatro anos, eu já sabia como preparar a mamadeira para o meu irmão, como esquentar no microondas antes de colocar o bico. Eu trocava as fraldas dele, apesar de que provavelmente não bem, e eu o botava para dormir. Era eu que ele queria quando chorava, não um dos nossos pais. Quando ele fez um ano, eu voltei para casa do meu primeiro dia no jardim de infância, e ele estava tão feliz de me ver que ele deu seus primeiros passos. Para mim.

— E o que o seu pai pensava de tudo isso?

— Foi difícil para ele. Minha mãe ficou doente por dois anos antes de morrer, e acho que realmente foi mais fácil para ele depois disso. Ele nos amava, mas o trabalho dele era uma fuga de tudo. Eu não posso culpá-lo por isso. Ele fez o melhor que pôde, e eu sou grata. Ele poderia ter ido embora quando a minha avó ofereceu, ou nos jogado para a irmã da minha mãe, mas ele não o fez.

— Mas ele ainda está vivo. Então onde ele está agora?

— Ele casou novamente há alguns anos. A esposa dele é mais jovem, e eles têm dois filhos.

— Mais irmãos para você. Que amável.

— Eu acho. Eu mal os conheço. Eles moram no Arizona, e as crianças são bem mais jovens.

— E você não quer de verdade mais irmãos.

— Eu não preciso de mais. Eu tenho o Daniel.

— Humm. — Ele caiu no silêncio, o bastante para Kathryn sentir uma pontada de medo.

— Lucas?

O coração dela pulou em alarme quando ele não respondeu, e ela se aproximou mais, pressionando seu rosto no dele e ouvindo sua respiração, esperando pelo roçar de ar quente em sua bochecha.

— Kathryn — ele sussurrou, baixo o suficiente que ela não teria ouvido se ela não estivesse tão perto. — Eu já te falei que te amo?

Ela beijou seus olhos fechados e então sua boca.

— Shh — ela sussurrou. — Guarde sua força para as coisas importantes.

— Amor *é* importante, *a cuisle*. Você não estaria aqui de outra forma.

Ele ficou em silêncio depois disso, descansando, ela imaginou. Mas contanto que ele estivesse respirando, ela imaginou que a cura vampírica, como ele chamava, ainda estava funcionando nele, ainda tentando curar o dano devastador em seu corpo. Kathryn abaixou seu rosto na curva de seu braço, ainda segurando a mão dele. Ela estava dolorosamente cansada, e ela se perguntou por quanto tempo eles teriam que esperar lá embaixo.

Ela não percebeu que havia dormido até que um barulho forte a acordou. Ela acordou com um susto, olhos arregalados. Seu primeiro pensamento foi que algo cedeu acima deles, algum pedaço importante da estrutura metálica que segurava todo o resto, e agora eles estavam condenados.

— É apenas o Nicholas — Lucas disse, sua voz mais forte do que antes.

Ela olhou para ele. Ele parecia cansado embaixo daquela sujeira e poeira, mas seus olhos estavam abertos e reluzindo o dourado de poder.

— Você está pronta para sair daqui? — ele perguntou.

— Sair? — Ela repetiu, confusa.

— Aponta sua lanterna lá em cima, pode ser? — Ele ergueu seus olhos para indicar o emaranhado de vigas metálicas e construção destruída em cima dele.

Kathryn fez uma careta, mas fez o que ele pediu, movendo o feixe estreito de sua lanterna de um lado para o outro acima deles até ele grunhir de satisfação e disse:

— Isso. Me faz um favor?

Ela assentiu, um pouco preocupada sobre o que ele estava planejando fazer.

— Eu quero que você volte até o elevador onde você estava antes. Eu não tenho certeza do que irá acontecer quando eu começar a mexer nas coisas, e eu não quero você aqui embaixo.

— Eu pensei que você disse que o Nicholas estava vindo com o resto dos caras. Eu acho que nós deveríamos esperar...

— Não é de minha natureza esperar, *a cuisle*. Além disso, eu tenho uma reputação para manter.

— Isso não é engraçado.

— Não, não é. É mortalmente sério. Agora, por favor, Kathryn, faça o que eu estou pedindo e volte para o elevador.

Ela olhou-o infeliz por um longo minuto, em seguida, apertou os lábios e balançou sua cabeça em concordância. Ela havia começado a se contorcer no caminho de volta da mesma maneira que ela veio, quando ele a parou com uma mão em seu braço.

— Sem um beijo de boa sorte?

Kathryn estreitou seus olhos em irritação, mas sentiu um sorriso puxando seus lábios.

— É melhor que você saiba o que você está fazendo, Lucas Donlon, porque eu não vou salvar o seu traseiro de novo se toda essa merda cair em cima de você.

— Venha aqui.

Ela se arrastou para frente de novo e colocou sua boca contra a dele, com a intenção de lhe dar um rápido beijo nos lábios. Mas Lucas tinha outros planos. A mão dele se enroscou nos fios soltos de cabelo dela, segurando-a no lugar enquanto ele dava nela um beijo ardente. A língua dele deslizou entre seus dentes, entrelaçando-se com sua língua, enquanto os lábios dele acariciavam sua boca. A tensão saiu do corpo de Kathryn por alguns preciosos momentos enquanto ela se deleitava com a sedução do toque de Lucas, seus fortes dedos massageando a sua nuca, o beijo dele a clamando para si, mesmo se fosse por apenas estes poucos minutos em um porão escuro.

Ele se afastou lentamente, e ela gostava de pensar que a relutância dele espelhava a dela.

— Quando isso acabar, minha Katie, você e eu vamos passar diversas horas de qualidade em uma grande cama com uma garrafa de um bom uísque e sem telefones.

— Promessa grande, vampiro.

— *Planos* grandes — ele corrigiu. — Agora vá. Estou cansado de ter toda essa merda pesando em cima de mim.

Kathryn fez uma careta. Ela não via como ele pensava em sair dali sem ajuda. Vampiro ou não, havia apenas muita coisa no caminho, e cada pedacinho pesava uma tonelada. Ele tremulou os dedos, como se estivesse empurrando-a para seguir caminho, então ela obedeceu. Se arrastando para trás, e fazendo uma careta quando o seu braço machucado encostou-se a um pedaço afiado de concreto, e de novo quando algo rasgou sua calça e aumentou seus cortes e contusões.

— Você entende o conceito de se mover em segurança, não é, *a cuisle*? Alguém deveria pelo menos tentar chegar lá inteira.

— Eu *estou* tentando. Isso não é fácil, sabia?

Outro barulho começou acima, este continuando por um tempo enquanto Kathryn finalmente conseguia se livrar do pior dos escombros e meio se arrastou, meio se agachou, meio se abaixou de volta para a segurança duvidosa do poço do elevador. O som morreu um pouco antes de ela chegar ali, o tilintar metálico final ecoando pelo espaço vazio do poço acima da cabeça dela.

— Você acha que eles estão vindo por aqui? — ela chamou Lucas.

— Provavelmente. Isso evita ter que passar por grande parte dos detritos. A alternativa seria escavar através da parede lateral.

— Eu pensei que você e o Nicholas estavam, sabe, em contato.

Lucas riu, soando quase como o seu eu de sempre.

— Há limitações. Você está no elevador?

— Sim — ela respondeu, irritada.

— Fique o mais para dentro que você puder. E você pode querer fechar os olhos.

Kathryn fez o que ele pediu, fechando seus olhos com um suspiro impaciente alto o bastante para Lucas ouvir. Mas por dentro, ela estava tremendo, seu coração acelerado.

Ela se apertou em um canto apertado do elevador, esforçando-se para ver no escuro, aterrorizada que a sorte do Lucas fosse acabar, que o colapso seguinte seria aquele que ele não sobreviveria.

* * *

Lucas deu um sorriso torto ao ouvir o suspiro de exasperação de Kathryn, ele não conseguia vê-la da posição incômoda que estava, mas ele podia ouvi-la resmungando para si mesma enquanto se movia. E podia sentir o medo dela por ele, o medo que ela tentava encobrir com seus resmungos.

Quando ele estava certo de que ela estava segura, ele esticou o seu poder e tocou Nicholas.

— *Senhor*? — Os pensamentos de Nicholas estavam tensos de preocupação.

— Complicações com as autoridades humanas até agora?

— Um carro patrulha veio. Alguém ouviu a explosão e os chamaram. Nós tivemos uma boa conversa, e eles foram embora felizes.

— Excelente. Vocês estão vindo pelo poço do elevador?

— Sim. Tivemos que mover algumas toneladas de detritos primeiro, mas finalmente nós limpamos o poço. Nós podemos cortar pelo...

— Não. A Kathryn está lá. Eu irei até vocês.

— Você vai subir?

— Depois que eu mover essa porra de pilha de pesada, sim. Será... ruim, Nick. Você entende?

— Sim, meu senhor. Eu tenho um helicóptero em espera se nós precisarmos. Nós vamos para o rancho ou vamos ficar em St. Paul?

Lucas queria ir para a sua casa no rancho em Dakota do Sul, mas fazia mais sentido permanecer nas Twin City. Quanto antes ele estivesse em segurança, mais cedo seu corpo poderia começar a se curar novamente, e ele precisava de sua força de novo rapidamente. Klemens saberia que Alex Carmichael estava morto, e ele também saberia que Lucas não estava. Claramente ele estava contando com a morte de Lucas na explosão suicida de Alex, mas mesmo ele tendo sobrevivido, Klemens presumiria que ele estava

ferido, deixando-o enfraquecido e talvez vulnerável ao ataque. Lucas não tinha condições de estar fraco. Não a menos que ele estivesse preparado para render a sua gente e território ao Klemens. Isso nunca aconteceria.

O rancho em Dakota do Sul era o seu verdadeiro covil, mais a cobertura do outro lado do rio em St. Paul teria que servir. Mais do que qualquer coisa, ele precisava de um lugar seguro para descansar enquanto a cura vampírica *consertava* o que estava errado em seu corpo.

— *Vamos até a cobertura, Nick. O mais rápido possível.*

— *Entendido, meu senhor.*

— *Vejo você daqui a pouco.*

— *Boa sorte, Criador.*

Lucas fechou seus olhos, imaginando a massa esmagadora de vigas, concreto e vergalhões que ele viu na luz da lanterna de Kathryn. E então ele acrescentou a distância entre a sua atual localização e a parede mais próxima onde a destruição era menor. Ele se preparou contra a dor inevitável. Ele havia contado a Kathryn que os seus ossos quebrados doíam como o inferno, mas correr com eles da maneira como eles se curaram seria muito pior.

— Feche seus olhos, Kathryn — ele falou novamente, dando-lhe um aviso.

E então ele se *moveu*.

Uma explosão de puro poder ergueu a massa de destroços em cima dele com um gemido de metal torturado e pedras despedaçadas. Era apenas um metro, e por apenas alguns segundos, mas foi o bastante para Lucas se virar de rosto para baixo e correr de quatro para longe, alcançando um lugar relativamente seguro na parede com não mais do que uma respiração de sobra quando o enorme peso desabou mais uma vez. As paredes tremeram, e o chão estremeceu embaixo do impacto tremendo.

Tudo se mexeu quando a pilha de escombros se acomodou em sua nova configuração, sujeira e pedaços de concreto caindo nele como uma neve letal.

— Kathryn! — ele gritou por cima do barulho.

— Estou bem — ela respondeu. — Onde você está?

— Não saia! — Ele gritou rapidamente. — Eu vou até você.

— Você tem certeza, eu posso...

— Droga, Kathryn. Fique aí.

Lucas se agachou perto da parede, joelhos enfiados contra o seu peito, rosto enterrado na proteção de seus braços até que tudo parou de se mover. Ele ergueu sua cabeça de novo. O ar ainda estava denso com partículas de vai saber que tipo de lixo, mas eles tinham que sair dali. A pilha não estava estável para começo de conversa, e ele temia que houvesse apenas piorado.

Ele se forçou a ficar de pé, fechando seus olhos contra a agonia de ossos que foram curados dobrados ou desalinhados. Se ele tivesse que adivinhar, ele diria que cada osso em sua perna direita estava quebrado, além do seu fêmur na perna esquerda. E sua pélvis parecia de vidro toda vez que ele se mexia. Essa era a notícia ruim. A notícia boa era que o dano aos órgãos vitais foram mínimos e já se curavam. Seus pulmões doíam, mas isso era provavelmente devido ao fato do ar estar mais poluído do que qualquer outra coisa. E seu coração estava são. Se não estivesse, ele estaria há muito tempos morto junto com Alex Carmichael. Ele se perguntou se Kathryn já havia percebido que os restos de Alex era parte da poeira que ela estava respirando. Ele decidiu não dividir este fato em particular.

Demorou apenas alguns minutos, aproximando-se da parede, encontrando o seu caminho em torno das pilhas menores, em sua maioria concreto e móveis esmagados, que barravam seu caminho. Havia alguns fios elétricos enrolados na bagunça, mas eles estavam mortos. Nick provavelmente cortou a linha principal como precaução. Enquanto Lucas se aproximava da frente aberta do elevador, ele se endireitou o máximo possível. Ele não queria que Kathryn pensasse muito sobre a sua condição física. Ele não queria que ela prestasse muita atenção para o estado de suas pernas em particular. Ela não precisava saber o quão ruim estava.

Ela estava sentada contra a parede de trás do elevador, cabeça enterrada em seus braços, seu rabo de cavalo, normalmente arrumado, estava solto e despenteado. Ele sentiu o cheiro de sangue fresco e franziu a testa. O machucado em seu braço ainda estava vazando sangue, e um corte de aparência desagradável marcava sua panturrilha. Era o braço que o perturbava mais. Mesmo sem um curativo, ele deveria ter coagulado já.

— Kathryn — ele disse baixinho.

A cabeça dela se ergueu, e ele viu em seus olhos o que ela havia se recusado a contar para ele quando ele ainda estava preso. Um sorriso lindo se espalhou em seu rosto, e ela riu enquanto pulava e vinha para os seus braços.

— Eu não posso acreditar! — Ela disse, abraçando-o com tanta força que doeu, mas ele segurou de qualquer forma. — Alguma coisa está doendo? — Ela perguntou, saindo do seu abraço muito rapidamente enquanto dava um passo para trás para observar o corpo dolorido dele.

— Nada que não consiga lidar — ele respondeu com a maior sinceridade. — Nós precisamos sair daqui, *a cuisle*. Estou preocupado com esse lugar.

— Certo — ela disse, em seguida, olhou para o teto amassado do elevador. — Hum. Você tem um plano?

Lucas sorriu e roubou um rápido beijo que se transformou em um longo antes dele se afastar. Aquela maldita química novamente. Aqui eles estavam, enterrados em um buraco de destroços instáveis, e ele ainda a queria como queria a sua próxima respiração. E julgando a cor no rosto previamente pálido dela e o acelerar de seu coração, ela sentia isso também.

— Escapar primeiro — ele disse, abaixando sua mão até o volume do perfeito traseiro dela. — Sexo depois.

Kathryn encontrou seu olhar, seu peito subindo e descendo com respirações rápidas. Ela lambeu seus lábios.

— Certo — ela disse, nunca quebrando o contato dos olhos. Eles se inclinaram na direção um do outro como dois imãs, antes de perceberem ao mesmo tempo o que eles estavam fazendo e se afastarem.

— O Nick está esperando — ele murmurou, torcendo um dedo em seu cabelo embaraçado.

— Ok — ela concordou, mas nenhum deles se mexeu.

Lucas sorriu lentamente, o sorriso se tornando uma risada.

— Há um helicóptero.

— Melhor ainda — ela sussurrou.

— Eu tenho que fazer um buraco nesse maldito elevador.

— Parece perigoso.

— É. Um beijo vai tornar tudo melhor.

Ela lhe deu um sorriso torto próprio dela.

— V*ocê* acha que um beijo torna tudo melhor.

— E não é?

Kathryn segurou seu rosto e tocou seus lábios nos dele. Ela abriu sua boca para dizer algo, mas ela foi interrompida quando Nicholas escolheu aquele momento para gritar pelo poço do elevador.

— Lucas!

Lucas revirou os olhos de desgosto, mas respondeu.

— Você está pronto, Nick?

— Pronto!

— Essa é minha deixa — Lucas olhou em volta procurando uma ferramenta em potencial, e encontrou um pedaço de um metro e meio de aço pesado irregular e destruído nas extremidades. — Afaste-se, e cubra seus olhos. — Ele estudou o espaço fechado com uma careta. — Melhor ainda, apenas fique do lado de fora para que você não fique embaixo de qualquer coisa que decida ruir quando eu fizer isso.

— O que você vai fazer? — Kathryn perguntou enquanto ela se movia para obedecer.

— Isso — ele disse, e enfiou o pedaço de metal pelo topo do elevador, quebrando o teto danificado, empurrando de lado fios elétricos e abrindo um buraco. Mais lixo imediatamente começou a cair pelo elevador, concreto em sua maioria, juntamente com cabos grossos que serpenteavam retorcidos, que ele presumiu ser o que guiava o elevador para cima e para baixo.

Mas, além de tudo isso, veio o ar fresco e, acima, a visão bem-vinda do céu noturno e Nicholas olhando para ele com um olhar preocupado em seu rosto.

— Meu senhor! — Nicholas chamou, sua voz cheia de alívio.

— Mande-nos uma corda, Nick.

— Eu farei melhor, meu senhor — Nick disse e gesticulou para o lado. Mason apareceu lá em cima usando uma cadeirinha com uma corda pesada arrastando atrás de si. Ele puxou a corda uma vez, assentindo para quem segurava a corda, em seguida, deslizou sobre a beirada, caindo livremente pelos primeiros cinco metros antes da corda ficar esticada, e ele começou a descer na direção do topo do elevador. Lucas apreciou o pensamento, mas não ele iria

subir nos braços fortes de Mason, não importa o quanto os ossos doloridos dele quisessem. Mas Kathryn iria.

— Pode subir, minha Katie — ele disse, gesticulando para Kathryn. — O seu salvador aguarda.

Kathryn observou o grande vampiro duvidosamente.

— Eu não posso escalar pela lateral? Sabe, como uma parede?

Lucas balançou a cabeça.

— Muito perigoso. Muitos perigos para fora, fios elétricos e tal — ele acrescentou, mentindo só um pouco.

Ela franziu a testa, mas ela permitiu que ele desse uma força para ela passar pelo buraco no teto, onde Mason esperava. Ele teve que cerrar os dentes enquanto ela ia para os braços do outro vampiro. Isso não devia incomodá-lo tanto, mas incomodava. E o fato que incomodava disse a ele que ela importava mais do que ele estava admitindo.

Mason não perdeu tempo. Logo que Kathryn estava segura, ele começou a subir para a superfície. Sem estar acostumada a velocidade e força de um vampiro, Kathryn deu um pequeno grito de surpresa quando Mason voou para cima, sua subida impulsionada pelos vampiros lá de cima. A subida deles foi provavelmente mais rápido do que o elevador em si teria sido.

Logo que eles chegaram ao topo, Kathryn imediatamente se soltou do abraço de Mason e se afastou do grande vampiro... para a grande satisfação de Lucas. Mas, em seguida, a próxima tarefa o aguardava. Ele suspirou, pensando não pela primeira vez que o orgulho e competitividade dos vampiros eram um pé na bunda de vez em quando.

— Apenas a corda, Nick — ele chamou.

Nick olhou por cima da beirada para ele e abriu a boca para protestar, mas algo na expressão de Lucas o fez parar. Ou talvez tenha sido as ondas de agressão flutuando do maldito buraco no chão. De qualquer forma, a grossa corda logo estava serpenteando na direção dele. Lucas a agarrou, e então cerrou seus dentes e começou a subir, mão sobre mão, até ele alcançar o topo.

Nicholas o pegou pelo braço logo que ele chegou à borda do buraco, preparando-o discretamente sob a desculpa de puxá-lo para um rápido abraço masculino antes de se afastar. Lucas apreciou o gesto e a lealdade de seu

tenente. Um senhor vampiro nunca poderia se dar ao luxo de demonstrar fraqueza. Nick entendia isso.

Lucas observou seus vampiros reunidos, procurando a menor indicação de deslealdade. Mas ele não encontrou nada a não ser alívio, amor, e uma determinação de aço de vingança contra quem tentou assassinar seu mestre. E a vingança estava definitivamente no futuro deles. Mas não esta noite. Lucas estava com dor e exausto. Ele queria sua cama e ele queria Kathryn.

— Vamos, Kathryn — ele disse, estendendo uma mão.

Ela olhou para a mão dele, em seguida, ergueu seus olhos para estudar seu rosto. Por um momento, ele pensou que ela iria rejeitá-lo, mas então algo em seu olhar se rendeu. Ela entrelaçou seus dedos nos dele, e ele suspirou interiormente. Ele iria precisar de toda sua força para o que ele faria em seguida.

* * *

Kathryn olhou para Lucas enquanto eles subiam no elevador para a cobertura. Algo estava errado. Com certeza ele estaria exausto depois do que ele passou. Ela com certeza estava exausta, e o calvário dele foi bem pior do que o dela. Era mais do que apenas cansaço, no entanto.

Ele segurou sua mão todo o caminho até lá. O ato em si não era estranho; Lucas era uma pessoa que gostava de tocar. Mas de vez em quando enquanto eles se dirigiam para casa, o seu aperto aumentou até o ponto de quase dor, e ela pegara uma expressão fugaz de angústia em seu lindo rosto. Ele disse a ela que seus ossos foram curados de maneira imprópria, que a cura vampírica iria querer corrigi-los, uma vez que ele estivesse livre, mas... isso significava que já estava funcionando nele?

— Você está bem? — Ela se inclinou perto o suficiente para sussurrar no ouvido dele, baixinho o bastante que ela achou que nenhum outro vampiro conseguiria ouvir. Mas havia apenas o Nicholas no elevador com eles, e Lucas parecia confiar nele acima de todos os outros.

— Ótimo — ele disse em uma voz que não tinha nada da cadência alegre habitual de sua voz.

Ela franziu a testa, mas não o forçou. Talvez não fosse normal para um senhor vampiro mostrar dor, mesmo entre aqueles que ele confiava.

Quando as portas da cobertura se abriram, ela começou a sair, mas Lucas a parou.

— Nick irá te acomodar no piso inferior. Ele não tranca durante a noite, então você ficará mais confortável lá.

— Por que eu não posso ficar com você? — Ela perguntou, odiando a ideia dele sofrer sozinho com o que estava acontecendo.

Lucas olhou para ela, seu olhar se suavizando enquanto ele segurava seu rosto e esfregava seu polegar por cima dos lábios dela.

— Você não quer presenciar isso, *a cuisle*. Eu não *quero* você aqui para isso. Não será bonito, mas, confie em mim, eu vou passar por isso. E amanhã à noite, você pode fazer aquele carinho que nós comentamos a respeito.

— Lucas, eu não tenho medo de um pouco de...

— Kathryn. Por favor.

Seus lábios se apertaram infelizes, mas ela assentiu.

— Tudo bem. Vou voltar para o meu hotel e...

— Não, — ele interrompeu. — Eu não acho que você era um alvo essa noite, mas Klemens sabe sobre você agora, e ele pode tentar te usar contra mim. Eu não quero você ferida. Dê ao Nick a sua chave do hotel, e ele vai mandar um dos guardas diurnos lá para pegar as suas coisas.

— Lucas, eu posso passar a maior parte do meu tempo no escritório hoje em dia, mas eu ainda sou uma agente treinada do FBI. Eu sei como me proteger.

— E Klemens é um senhor vampiro. Você viu o que eu fui capaz de fazer essa noite, mesmo machucado como eu estava. Você pode se defender contra isso? Por favor — ele acrescentou, quando ela olhou feio para ele teimosamente. — Uma noite. Que mal pode fazer?

— Tudo bem — ela concedeu. — Mas eu vou para o hotel com o seu guarda. Eu prefiro fazer a minha própria mala.

— E você vai voltar — Lucas esclareceu.

— Sim, papai — ela resmungou, revirando os olhos. — Eu volto logo em seguida.

Lucas lhe deu um sorriso torto cansado, e então baixou sua boca à dela e a beijou longamente.

— Meus sentimentos por você definitivamente não são paternais, minha Katie.

Kathryn corou, sabendo que Nicholas estava assistindo e ouvindo tudo, mas ela estendeu a mão e acariciou o rosto de Lucas da testa ao queixo.

— Pobre bebê — ela murmurou. — Você foi tão forte, tão corajoso.

Lucas riu e deu um último beijo nela, com força.

— Eu me lembro de outras promessas que foram feitas. Eu espero um pagamento integral quando eu vir você à noite.

Ele olhou por cima da cabeça dela para o Nicholas.

— Está tudo preparado?

— Sim, meu senhor. Você gostaria...

— Jesus, não você também, Nick. Eu ficarei bem. — Lucas saiu do elevador e desapareceu para um dos cantos escuros da cobertura.

Kathryn o observou até que as portas se fecharam, mas ele nunca olhou para trás. Ela se inclinou contra a parede do elevador, em seguida, olhou para suas roupas sujas, muito consciente do Nicholas em pé a alguns metros de distância dela em um espaço confinado. Finalmente, ela olhou para ele e o encontrou a estudando.

— Ele ficará bem? — Ela perguntou.

Nicholas piscou.

— Eu não o deixaria lá em cima se eu não acreditasse nisso.

Kathryn assentiu com tristeza e disse:

— Ok, eu acho. Sobre essa ida ao hotel...

— Lucas Donlon é o meu mestre, Agente Hunter. Será feito *exatamente* como ele mandou.

Kathryn suspirou. Ela se lembrava de estar no comando de sua *própria* vida apenas alguns dias atrás. Ela tinha que se perguntar quando ela o perdeu e quando Lucas Donlon tomou o seu lugar.

* * *

Lucas fechou a porta da cobertura atrás dele, mais grato do que palavras poderiam expressar por estar sozinho com a sua dor. Havia consumido cada grama de energia que restava dele manter as aparências, não apenas para a Kathryn, mas para o Nick, e os outros também. Talvez não fosse necessário, mas era instinto. Além disso, se ele tivesse se rendido à agonia do seu corpo, ele estaria gritando com toda a sua força e arrancando pedaços enormes do estofado do utilitário em uma tentativa de aliviar a dor.

Ele foi diretamente para o console de segurança, sem esperar pelo nascer do sol, baixou as persianas de aço e trancou todo mundo para fora. O próximo passo era a geladeira atrás do bar que estava abastecida com sangue fresco.

Cem anos atrás, Nick pegaria alguém da rua e os faria esperar até Lucas os drenar. Com alguma sorte a pessoa seria algum tipo de criminoso, alguém que o mundo estaria melhor sem. Mas Lucas não se iludia de que erros foram cometidos, ou que algumas vezes apenas não houve tempo suficiente antes do nascer do sol para ser exigente. A única benção era que não acontecia sempre. O tipo de dano que Lucas sofreu esta noite era uma coisa rara para alguém de sua força.

E os bancos de sangue humanos estavam abertos vinte e quatro horas por dia.

Lucas pegou uma tigela de vidro sob o bar e a encheu de água, e então colocou no microondas para ferver. Enquanto ele esperava, ele abriu a primeira bolsa de sangue e o bebeu frio. Tinha um gosto horrível ao descer pela sua garganta, mas quando atingiu o seu estômago o frio não importava. Seu corpo começou a usá-lo imediatamente. O microondas apitou. Usando uma toalha do bar, ele colocou a tigela cheia de água no balcão e colocou uma segunda bolsa de sangue na água quente, abrindo a bolsa lentamente.

Ele estava alcançando uma terceira bolsa para beber frio quando seu telefone tocou. Não o seu celular, que estava enterrado em algum lugar embaixo do prédio de Alex Carmichael, mas o seu telefone fixo. Ele olhou o identificador de chamadas, mas já estava pegando o telefone. Ele sabia quem era.

— Criador — ele respondeu.

— Lucas. — A voz familiar e profunda de Raphael o cumprimentou. — Quem você irritou agora?

Lucas sorriu para si mesmo.

— Eu estou bem, obrigado. Ok, talvez não bem, mas apenas torto, não quebrado. Não permanentemente de qualquer forma.

— Mais alguns esclarecimentos que você gostaria de acrescentar? — Raphael perguntou secamente.

— Foram algumas horas difíceis. Não vou negar.

— Klemens?

— Sim, mas como sempre ele não sujou as próprias mãos. Um assassino humano para você, e o pobre Alex Carmichael para mim. Klemens o tinha sob compulsão. Para seu crédito, Alex lutou contra, mas não teve chance.

— Não — Raphael concordou pensativamente. — Klemens usa o caminho dos covardes, mas ele tem poder quando ele decide usá-lo.

— Bem, o tempo dele acabou. Eu tenho pessoas posicionadas e mantendo um olho nele. Se eles conseguirem determinar o local exato dele amanhã à noite, eu vou atrás dele.

Houve uma pausa bem incomum ao Raphael, antes de ele dizer: — Lucas, tenha muita certeza que você esteja preparado para isso.

— Eu posso lidar com ele, Criador. Você não vai se livrar de mim assim tão facilmente.

— E quanto à Agente do FBI?

— Ela quase morreu comigo essa noite.

— Isso foi tolice do Klemens. A morte dela poderia ter atraído atenção indesejada, até mesmo para ele.

— Eu não acho que ele sabia que ela estaria comigo.

Raphael ficou em silêncio por um momento.

— A agente do FBI está com você — ele disse.

Lucas riu.

— O que eu posso dizer, Raphael? As mulheres me amam.

— Então você continua me dizendo. Eu presumo que ela não esteja aí agora.

— Nem mesmo eu conseguiria levantar essa noite, meu senhor. Ela está bem segura no andar inferior.

— E amanhã à noite?

— Não se preocupe. Quando eu for atrás do Klemens, será apenas com vampiros convidados.

— Você tem sangue o suficiente para esta noite?

— Nick cuidou disso.

— Eu vou te deixar então. Cyn manda seu carinho.

— De alguma forma eu duvido disso.

Foi a vez do Raphael rir.

— Fique bem, Lucas.

— Você também, Criador.

Lucas desligou e jogou o telefone no bar, e então ergueu a bolsa de sangue quente aos seus lábios e bebeu sem parar. A terceira bolsa que ele estava prestes a beber fria foi para a tigela com a água ainda quente para ser esquentada. Ele pegou mais duas bolsas geladas da geladeira e as carregou para o quarto para beber enquanto ele se arrumava. Ele estaria dormindo no seu quarto extra essa manhã. O dia provavelmente seria feio, e ele não queria a bagunça ou as memórias no lugar que ele dormia. Ele tinha menos de trinta minutos antes do nascer do sol. A prioridade número um dele era beber o maior volume possível de sangue, mesmo se isso significasse que ele estivesse frio e sem gosto. O corpo dele precisaria de toda energia que pudesse consumir para que ele pudesse se curar. Mas ele desesperadamente precisava de um banho também. Ele estava coberto de sujeira e pó de concreto, e sabe-se lá que tipos de seres viviam naquele prédio antigo daquele jeito. O sangue podia esquentar na água quente do chuveiro dele, e se ele se apressasse, ele poderia tomar mais duas bolsas depois disso.

Mas de qualquer forma que ele visse, mesmo com cada litro de sangue na geladeira, seria um dia malditamente longo.

* * *

Daniel ignorou os sons agora familiares do corredor fora do quarto. Seu algoz... apesar de que essa palavra provavelmente fosse muito forte a menos que tédio pudesse ser considerado tortura... havia voltado para o seu ritual noturno. Ele presumiu que fosse noite, porque o homem tinha um trabalho fazer e, até onde Daniel percebeu, ele ainda estava fazendo-o. Ele até mesmo tinha aparecido de uniforme uma ou duas vezes. Noite após noite, ele trazia água e comida, e então se sentava e expressava a sua admiração pelo trabalho de Dan, indo tão longe a ponto de trazer alguns de seus livros fotográficos para babar. Assustador nem começava a descrevê-lo. Pelo menos a mulher que ele ouviu na outra noite tinha uma razão prática para sequestrá-lo. Ela queria dinheiro. Daniel ficaria contente em pagá-los o tanto que eles quisessem se eles apenas deixassem-no sair desse quarto nojento.

Ele pensou em como a Kathryn se desesperava com a bagunça que ele criava em cada cômodo que ele morava ou trabalhava. Ele tinha feito uma promessa a todos os deuses que estivessem ouvindo que se eles apenas o tirassem dessa situação, ele ficaria limpo e arrumado pelo resto de sua vida. Ou pelo menos ele tentaria.

A porta se abriu, trazendo luz com ela enquanto seu captor apertava o botão do corredor.

— Boa noite, Daniel — o louco disse alegremente, do mesmo jeito que ele fazia toda noite. Como se ele realmente acreditasse que eles eram de alguma forma amigos, e isso era simplesmente uma diversão noturna agradável.

Dan não respondeu, não sentou, nem mesmo olhou para o idiota. Ele permaneceu deitado em sua cama desconfortável com um braço sobre os olhos e o ignorou.

— Eu trouxe um sanduíche de filé esta noite. Seu favorito.

— Como diabos você sabe? — Daniel resmungou.

— Joanie, que trabalha no café, me contou — ele disse, parecendo satisfeito, e Daniel se amaldiçoou por fazer a pergunta.

— Eu trouxe outra coisa também.

O familiar som de clique de uma câmera digital fez Daniel se virar para olhar.

— Que porra é essa? — ele exigiu, pulando e pegando a câmera antes que o seu captor pudesse pegá-la de volta. — Essa é uma das minhas!

— Eu sei — o doido disse em um tom magoado. — A sua irmã deixou tudo lá na sala do Xerife para guardar. Eu tive que entrar lá de fininho para pegar.

— O que você quer dizer com deixou? Onde ela foi?

Ele deu de ombros.

— Eu não sei. Talvez ela foi para casa.

O coração de Daniel se afundou com essas notícias, mesmo ele dizendo para si que isso não poderia ser verdade. Por um lado, Kathryn nunca deixaria o equipamento dele para trás se ela estivesse indo embora de verdade. Por outro lado... e isso era importante... ela nunca desistiria dele. Kathryn era a única constante na vida dele, aquela que sempre o apoiaria. Ele tinha que se lembrar disso, acreditar nisso. O captor dele estava apenas fodendo com a cabeça dele, tentando fazê-lo acreditar que ele não tinha mais ninguém. Esse bundão deve ser a pessoa mais solitária no mundo se ele pensou que poderia sequestrar alguém e torná-lo seu amigo. Síndrome de Estocolmo, minha bunda.

— Eu posso ficar com isso? — Dan perguntou, poupando uma rápida olhada para o seu sequestrador. O bastante para ver o rosto do homem se iluminar com a pergunta.

— Claro! Foi por isso que eu trouxe para você. Eu peço perdão por não pensar nisso mais cedo. Foi completamente impensado da minha parte.

Jesus, esse cara era patético.

— Sim, certo. Ok. Eu posso comer meu jantar agora?

— Ah não, o seu bife! Deve estar frio. Eu devo colocá-lo no microondas ou algo assim?

Ele queria eletrocutar o bife? Que idiota. Mas tudo que ele disse foi: — Não, está tudo bem. Está ótimo.

— Você tem certeza, por que...

— Eu disse que está ótimo.

— Oh, ok, eu vou pegar lá na cozinha então. Você gostaria de uma taça de vinho?

— Claro — Daniel disse, tirando uma rápida foto enquanto seu captor se virava para lhe trazer a comida, cobrindo o pequeno som que ela fez com palavras. — Isso seria bom.

Quando o seu captor voltou, a câmera estava deitada na cama. Ele notou e fez uma careta.

— Tenho cuidado com isso. Certifique-se que você tire-a do lugar antes de apagar a luz. Você não quer sentar nela ou algo assim.

— Sim, quanto a isso. Que tal deixar as luzes acesas para que eu possa tirar algumas fotos? Coisas de arte, sabe — ele acrescentou com uma inflexão que significava um elogio ao doido, para fazê-lo pensar que ele e Dan compartilhavam o verdadeiro significado de arte.

O rosto do maluco se iluminou como se fosse Natal.

— Isso seria esplêndido! — Ele fez uma careta como se estivesse pensando melhor, mas disse, — eu acho que não fará mal deixar a luz acesa por um dia. Mas não mais do que isso — ele repreendeu, como se estivesse falando com uma criança.

— Ótimo — Dan disse, lutando contra a vontade de contar a esse diodo o que ele realmente pensava.

— De nada — disse o maluco afetadamente, em seguida, se acomodou para ver Dan comer como ele fazia toda a noite. – Agora, sobre o que nós falaremos esta noite?

Daniel não respondeu. Ele descobriu que a aberração não queria realmente conversar. Ele queria na verdade alguém para ouvir suas divagações, e Dan estava mais interessado em comer. O seu captor só trazia comida uma vez por dia, e Dan descobriu cedo que o humor do cara era imprevisível.

Algumas noites ele permanecia por horas, reclamando sobre sua vida, seu trabalho, quaisquer casos interessantes que ele conseguia ressuscitar de sua mente claramente perturbada.

Outras noites, ele ficava impaciente depois de apenas alguns minutos, deixando Daniel com uma alimentação semi-acabada e ainda com fome.

Parece que hoje seria uma longa noite, dada a excitação do homem com a câmera. Mas Daniel não iria se arriscar. Ele comeu o bife frio, batata cozida

morna, até mesmo o brócolis, que normalmente ele detestava, porque uma dessas noites, o idiota iria cometer um erro, e Dan estaria pronto.

Capítulo 17

Twin City, Minnesota

Lucas foi diretamente da sua cama para outro banho quente quando ele acordou depois do pôr do sol. O dia havia sido difícil, até pior do que ele esperava. Chamar de *sono* seria uma distorção grosseira. Ele tinha estado com uma dor excruciante durante boa parte do sono, dor que havia feito a agonia de ser esmagado por toneladas de entulho ser quase nada em comparação. Ele acordou coberto de suor sangrento. Os lençóis estavam encharcados de vermelho, despedaçados por causa de seu sono perturbado. O corpo dele ainda doía por causa disso, enquanto pelo menos uma parte de sua mente continuava esperando que a dor começasse de novo, sem confiar que havia terminado. Nenhum humano conseguiria ter sobrevivido a tal tortura e permanecer são. Até mesmo Lucas nunca havia experimentado nada igual.

Ele enrolou uma toalha em volta da cintura e caminhou até o espelho embaçado, secando uma parte dele. Sua barba era uma sombra espessa ao longo de sua mandíbula. Ele precisava se barbear. Por outro lado, ele tinha uma linda mulher esperando por ele. A escolha era fácil.

Ele deixou a toalha cair enquanto seguia para fora do banheiro, indo em direção ao seu guarda-roupa. O som de uma respiração sendo puxada o fez virar em direção à porta.

— Kathryn — ele disse, sem surpresa. Ele sabia que ela estava na cobertura. Ela não teria sido permitida *subir* no elevador, muito menos ter saído dele, sem a permissão dele. A primeira coisa que Lucas havia feito ao acordar foi ligar para o Nick, para garantir que ele havia sobrevivido o dia e dizer a ele para permitir que a Kathryn subisse à cobertura quando ela aparecesse. Ela chegou enquanto ele ainda estava no banheiro... ele havia tomado o suficiente do sangue dela para sentir sua presença... e ele estava feliz que ele teve a precaução de fechar a porta do outro quarto onde ele havia passado o dia. Ele não queria que Kathryn testemunhasse a prova de sua recuperação agonizante.

Ele absorveu a visão bem-vinda de suas curvas vestida em um jeans desbotado que se agarrava a ela e o fazia desejar que ela se virasse, para que ele pudesse ver a perfeição de seu traseiro coberto pelo jeans. Seus pés estavam descalços, suas unhas do pé pintadas com um vermelho brilhante. Como a roupa de baixo, um lado sexy de Kathryn que ela escondia do mundo. Mas não dele. E falando em roupa de baixo, ou falta dela, ela estava sem sutiã embaixo de uma camiseta azul escura do FBI.

Sua observação atingiu seu rosto e encontrou seus olhos viajando pelo corpo dele, por sua vez se demorando, ele estava contente em ver, em sua crescente ereção.

Lucas sorriu. — Aqui em cima, *a cuisle* — ele falou de forma arrastada, batendo em seu queixo.

Kathryn corou na hora certa, mas ela encontrou o seu olhar desafiadoramente. — Você parece bastante saudável para um homem que foi esmagado embaixo de um prédio a menos de vinte e quatro horas atrás.

— Ah, minha Katie — ele sussurrou, indo até ela e inclinando seu queixo teimoso com um dedo. — Eu continuo te falando, eu não sou um homem. Eu sou um vampiro.

Ele abaixou sua boca até a dela. Seus lábios se encontraram com uma faísca de reconhecimento, um choque elétrico de desejo quase instantâneo. A boca de Kathryn se abriu debaixo dele, e ele passou a língua pelos lábios macios dela em uma exploração preguiçosa que muito rapidamente se transformou em algo exigente e insistente. Lucas mudou o ângulo de seu beijo para que ele pudesse se aprofundar, segurando a nuca dela em um aperto possessivo,

segurando-a no lugar enquanto a outra mão dele caía para a parte inferior das costas dela e a puxava de encontro com seu corpo nu. Kathryn gemeu dentro da boca dele, suas fortes mãos deslizando da cintura dele até suas costas, se apertando nos músculos recém-curados enquanto ela exigia por sua vez. O calor entre eles nunca era de sentido único, eram dois elementos combustíveis se unindo e criando um fogo que nenhum deles podia controlar.

Lucas de um passo para trás para pegar a borda da camiseta dela e puxá-la por cima de sua cabeça, largando-a no chão enquanto seus dedos acariciavam suas costas e davam a volta para segurar os seios lindos dela. Eles eram pesados em suas mãos enquanto ele os admirava, os mamilos rosa escuro dela inchados e eretos, se destacando em relação à suas grandes e pálidas auréolas. Ele esfregou seus polegares sobre os mamilos dela, sorrindo em apreciação enquanto eles se endureciam em picos duros.

Kathryn agarrou os pulsos dele e esfregou seus seios contra as mãos dele como uma gatinha implorando para ser acariciada. Ela se ergueu na ponta dos pés e trouxe sua boca até a dele em um beijo duro e faminto, sua língua se empurrando contra a dele, lutando por controle. Ele mordeu a língua dela, provocativamente, o bastante para estabelecer uma dominância sem furar a pele, abrindo sua mordida quase imediatamente. Mas não havia nada de provocativo na resposta dela quando seus dentes sem corte se afundaram com força em seu lábio inferior, arrancando sangue. Kathryn passou sua língua sobre o pequeno ferimento em uma carícia sensual, lambendo as poucas gotas de sangue. O corpo de Lucas se endureceu quando o pescoço dela se moveu ao engolir, levando-o para dentro dela de uma maneira totalmente nova.

— Cuidado — ele grunhiu, — eu mordo de volta. — Ele a levantou do chão, seus braços em volta dela, segurando-a em um abraço firme enquanto ele saqueava sua boca, esmagando os lábios dela debaixo dele, achatando seus seios nus contra seu peito, sua pele macia como cetim, seus mamilos como duas pérolas.

— Lucas — ela sussurrou, o som cheio de desejo, mas com um toque de medo, quando o seu sangue atingiu o sistema dela, e ela experimentou pela primeira vez o que realmente significava ter um amante vampiro.

— O que você quer, *a cuisle*?

— Você — ela disse sem fôlego. — Você pode... você está bem o suficiente...

Lucas riu e passou seus braços embaixo das pernas dela, erguendo-a do chão e a carregando para a cama. Ele deixou Kathryn cair no colchão, em seguida alcançou o zíper da calça jeans dela, puxando-a e deixando-a nua em um único movimento. Segurando seu olhar, ele caiu de joelhos entre suas pernas e passou as mãos de suas panturrilhas até os joelhos. Ele dobrou os joelhos dela e os abriu, expondo seu sexo para o seu olhar faminto. Ele lambeu seus lábios lentamente, em seguida olhou para cima de novo e encontrou seus olhos.

— Minha, Katie. Não se esqueça disso.

— Lucas, eu...

Ele nunca ouviu qualquer protesto que ela estava prestes a fazer, apenas o som de sua respiração sendo puxada enquanto ele caía na cama entre suas coxas e lambia, correndo sua língua ao longo de sua fenda, abrindo os lábios dela para revelar sua vagina inchada, molhada e cheia de desejo. Ele lambeu de novo, saboreando-a, mexendo sua língua sobre a essência sensível de seu clitóris. Ele estreitou os olhos com desejo para a visão daquele monte concentrado de nervos ereto tão orgulhosamente debaixo de seus olhos, duro e vermelho como uma cereja, quase tremendo de excitação. Ele pressionou sua língua sobre a sua dureza ansiosa, e Kathryn gemeu, erguendo-se contra a boca dele. Ela estava chorando, lágrimas escorriam pelas suas bochechas com uma sobrecarga de sensações, murmurando o nome dele uma e outra vez, como um apelo por algo.

Não, não *algo*, Lucas pensou para si mesmo. Ele sabia o que ela queria. O que ela precisava. O que os *dois* precisavam. Ele ergueu sua boca daquele lugar sedoso entre as coxas dela e subiu pelo seu corpo, lambendo e beijando, demorando-se para encher sua boca com os mamilos inchados dela, a lamber o suor entre os seus seios, deslizando mais para cima até que o comprimento duro de seu pênis descansava entre suas pernas, contra o calor vulcânico de seu núcleo.

— Kathryn — ele rosnou. Ele esperou até os olhos dela se abrirem, embaçados de desejo enquanto ela olhava para ele. E então ele enfiou seu pênis

profundamente dentro de seu corpo, gemendo quando seu canal quente e molhado se fechava ao redor dele, ainda vibrando com o orgasmo dela enquanto ela o recebia dentro de si. Ele empurrou dentro dela até ele estar totalmente revestido, até que as suas bolas batessem contra seu perfeito traseiro, e as pernas dela subissem e se curvassem em suas costas.

Ela envolveu seus braços em volta dele, suas unhas curtas se enfiando em suas costas, os olhos dela fechados enquanto as paredes de sua vagina pulsavam e estremeciam. Lucas se inclinou e beijou suas pálpebras, uma de cada vez. Ela abriu seus olhos e sorriu para ele com uma emoção nua, de tal forma que a respiração dele ficou presa no peito. Em seguida, como se percebrndo o que ela fez, ou com medo do que ela deu, ela fechou seus olhos de novo e começou a erguer seus quadris em um ritmo de acasalamento atemporal, ondulando debaixo dele, para que seus seios roçassem contra o peito dele enquanto sua vagina deslizava pelo seu pênis.

Lucas a deixou controlar o ritmo por alguns minutos, apreciando o deslize de seda do corpo dela, o roçar de seus mamilos duros sobre seu peito. Ele se inclinou, enfiando seu rosto contra o pescoço dela e inalando profundamente, respirando o aroma de sua pele, seu suor, e o calor delicioso de seu sangue tão próximo da superfície.

O coração de Kathryn era um tambor contra o peito dele enquanto seus movimentos se aceleravam, enquanto os quadris dela se mexiam freneticamente. Lucas deu um beijo prolongado na suavidade de veludo de seu pescoço, sorrindo quando Kathryn estremeceu em antecipação. Ela estava ofegante agora, seus dedos segurando a nuca dele, sua cabeça virada para o lado como se estivesse se oferecendo à mordida dele.

Ele pressionou seus lábios ao longo do inchaço de sua jugular até que ele encontrou o local perfeito, e então sugou com força, puxando a veia dela para dentro de sua boca e soltando-a. Kathryn gemeu e colocou uma mão no traseiro dele, fodendo-o freneticamente para aliviar o começo de um clímax que ele conseguia sentir se ondulando ao longo de seu pênis.

Ele ergueu sua boca e soprou suavemente sua pele molhada. Ela estremeceu. Sem aviso prévio, ele mordeu sua veia, fechando seus olhos em êxtase quando o mel quente do sangue dela passou por sua garganta, fazendo

com que seu coração martelasse contra seu tórax, seus nervos retumbando de excitação enquanto o calor preenchia cada centímetro de seu corpo.

Kathryn congelou embaixo dele, como se tivesse sido congelada no tempo, e em seguida, ela gritou enquanto cada músculo em seu corpo parecia ter espasmos ao mesmo tempo, suas pernas se entrecruzando nos quadris dele, os braços dela se apertando nas costas dele enquanto suas unhas se afundavam, marcando as costas dele até que ele conseguiu sentir o fluxo quente de seu próprio sangue. Seu pênis ficou incrivelmente duro enquanto as paredes internas dela se convulsionavam ao redor dele, ondulando e acariciando seu eixo.

Lucas gemeu, suas presas ainda enterradas no pescoço de Kathryn, seu sangue ainda enchendo sua boca. Erguendo a cabeça, ele engoliu, deleitando-se com o sabor único dela enquanto seu quadril continuava a bombear, enfiando seu pênis profundamente entre as pernas da Kathryn enquanto ela se contorcia em torno dele. Sua respiração estava saindo em suspiros sem fôlego, e ela estava dando gritinhos de prazer sem palavras, o que fez o pênis dele contrair e suas bolas se apertarem, fazendo o seu clímax crescer e atingir um peso insuportável antes de finalmente ir para o seu pênis, uma inundação de fogo de liberação que espirrou contra o ventre de Kathryn, marcando-a com o calor dele, tornando-a sua.

Lucas caiu contra o corpo superaquecido de Kathryn, o rosto dele ainda enterrado na curva do pescoço dela. Erguendo um pouco sua cabeça, ele lambeu as poucas gotas de sangue das perfurações impecáveis, selando-as com a química de sua saliva. Em algumas horas, não haveria traço visível de sua mordida, apesar de que o corpo de Kathryn se lembraria por muito mais tempo que isso. Ele sorriu com o pensamento.

— Do que você está rindo?

Ele desviou o olhar e a encontrou observando-o.

— Há tantas coisas que eu não sei nem por onde começar.

— Você é tão cheio de merda — ela respondeu preguiçosamente. — Eu sei o que você está pensando.

— Sério? Sou todo ouvidos.

Kathryn flexionou seus músculos internos, acariciando seu pênis, que ainda estava semi-duro e enterrado dentro dela. — Se você fosse todo ouvidos, querido, nós nem estaríamos aqui.

Lucas riu.

— Ponto feito. Mas você está evitando a pergunta. O que eu estava pensando?

— Você estava sendo todo, eu, Tarzan, você Jane. Os caras sempre ficam com esse olhar presunçoso quando eles fazem uma mulher gozar, como se ninguém nunca tivesse feito isso.

Ela deu um tapinha de brincadeira no traseiro dele, mas Lucas sentiu uma onda súbita de raiva que o fez querer fodê-la até perder os sentidos para que ela nunca mais pensasse sobre outro homem. Seus olhos devem ter ficado dourados, porque Kathryn estava dando a ele um olhar desconfiado.

— Lucas?

— O quê? — Ele rosnou, sabendo que ele estava exagerando e de alguma forma chocado com sua própria raiva. Claro que ela teve outros amantes antes dele. Só Deus sabe que ele teve mais do que a sua parte. Provavelmente era todo o sangue que ele consumiu na noite anterior, mas isso também exaltava as características de cada vampiro, incluindo uma possessividade viciosa em relação a essa mulher em particular.

— Está tudo bem? — Kathryn questionou.

Ele controlou o seu poder com um ato de vontade e se concentrou na mulher embaixo dele.

— Claro — ele mentiu, e abaixou sua cabeça para beijá-la antes de rolar para o lado. — Eu estava apenas pensando no Klemens.

— Foi esse vampiro que mandou o Alex para te matar? — Ela perguntou com cautela.

— Sim. Apesar de que a sua presença deve ter sido uma surpresa desagradável. Nem mesmo o Klemens é tolo o bastante para tentar assassinar um agente do FBI.

Kathryn deu de ombros e sentou-se, jogando seus longos cabelos para trás. Lucas estendeu seus dedos para enroscá-los nas mechas sedosas, tentado a usá-lo para puxá-la de volta para o lado dele, ou mais especificamente,

embaixo dele, para que ele pudesse demonstrar sua superioridade em relação a qualquer amante que ela pode ter tido, no passado ou futuro.

Um telefone tocou no outro cômodo. Lucas franziu a testa para o toque estranho, mas Kathryn deu um tapinha no ombro dele e disse: — Nick me deu um celular novo para você. Deve ser isso.

Lucas levantou-se e saiu do quarto, ainda bravo consigo mesmo e com a Kathryn.

Ele encontrou o telefone na mesa próxima à porta. Era igual ao seu antigo e sem dúvida já continha toda a informação que o seu antigo possuía também.

— Nick — ele respondeu. — O que foi?

— Klemens, meu senhor. Nós sabemos onde ele está, e ele ficará lá a noite inteira.

— Excelente. Quanto tempo você precisa?

— Nós estamos prontos, e o avião está esperando.

— Melhor ainda. Me dê dez minutos.

Lucas desligou e caminhou de volta para o quarto, indo diretamente para o chuveiro mais uma vez.

— Ei! — Kathryn pulou da cama e se apressou atrás dele. — O que está acontecendo?

Lucas fechou a porta do chuveiro e entrou sob o jato quente sem responder. Kathryn não era dissuadida tão facilmente, no entanto. A porta abriu, e ela se juntou a ele, bombeando um punhado de sabonete líquido e se lavando rapidamente enquanto falava.

— Aonde nós vamos?

— *Nós* não vamos para lugar algum. Eu vou visitar o Klemens.

— Foda-se isso. Ele está com o meu irmão.

— Eu não acho...

— Alex estava com o Daniel, e agora o Alex está morto. E de acordo com você, ele estava agindo sob ordens deste idiota do Klemens, o que significa que o Klemens provavelmente está com o Daniel. Eu vou com você.

— Um... não, você não vai. Isso é assunto de vampiro, e vai ficar feio. E dois... eu não acho que o Alex estava com o seu irmão, portanto, o Klemens também não.

— Três — ela disse, sarcasticamente continuando sua contagem, — eu não me importo com o que você pensa... eu não preciso da sua permissão para fazer o que eu quiser, grandão.

— Talvez, mas você não sabe para onde eu estou indo também.

— Ah, como se eu não pudesse descobrir. Até mesmo os vampiros possuem planos de voo, e eu certamente posso descobrir os números de seus aviões.

— E eu posso te colocar para dormir e você não vai acordar até que tudo estiver acabado — Lucas vociferou.

— E eu posso *te* processar por ataque a um agente federal — ela retrucou, ficando cara a cara com ele.

— Então eu poderei arranjar para que você não se lembre disso também — ele respondeu, enfiando seu rosto tão perto do dela que seus narizes estavam tocando.

— Que diabos é o seu problema? — Ela exigiu.

— Eu não sei sobre o que você está falando.

— O inferno que você não sabe. Você tem estado nervosinho desde... Ah, por favor. Só porque eu disse que todos os caras ficam presunçosos depois do sexo? O quê? Você é bom demais para ser comparado a outros homens?

Lucas rosnou e a agarrou pela cintura, empurrando-a contra a parede de azulejos e segurando-a com o seu corpo.

— *Eu* nem homem sou. Você deveria se lembrar disso.

Kathryn sorriu, em seguida lambeu uma gota de água de seu queixo.

— Você com certeza age como um de vez em quando. — Ela esfregou seu pé na parte de trás da panturrilha dele, e seu pênis se endureceu instantaneamente. — Infelizmente, eu não acredito que nós tenhamos tempo para fazer algo a respeito *disso* — ela murmurou.

Lucas mostrou seus dentes e aumentou seu aperto em torno dela, erguendo-a até que seu pênis estava acomodado no triângulo macio entre suas coxas.

— Sempre há tempo — ele grunhiu e empurrou-se contra o seu calor úmido, empurrando para frente até que seu eixo estivesse totalmente acomodado, seus corpos grudados no chuveiro fumegante.

Kathryn perdeu o ar dada a intrusão inesperada. Sua cabeça caiu para trás, e seus olhos se fecharam, a grande veia em seu pescoço esticando com a súbita onda de sangue, quase implorando para ser aproveitada. Lucas se inclinou se aproximando, lambendo e saboreando seus lábios, sua mandíbula, mergulhando sua língua no ouvido dela antes de passá-la por sua jugular roliça. A perna que ela estava esfregando ao longo da parte de trás da panturrilha dele agora estava presa em torno de seus quadris, bombeando suavemente enquanto ela o encorajava a se aproximar... e se *mexer*. Lucas sorriu e começou a fodê-la, empurrando constantemente para dentro e para fora enquanto ele apertava os firmes globos do traseiro dela.

— Você não joga limpo — ela sussurrou enquanto se agarrava em seus ombros, flexionando os músculos de seu traseiro enquanto se empurrava contra ele.

— Foda-se limpo — ele sussurrou contra o ouvido dela, em seguida seus lábios se abaixaram até a delicada pele do pescoço dela e ele afundou suas presas em sua veia com sabor de mel.

Kathryn sobressaltou quando a euforia em sua mordida atingiu seu sangue, seus músculos se apertaram em antecipação do orgasmo chegando. Um estremecimento de corpo inteiro a atingiu da cabeça aos pés, sua perna se apertando ao redor dos quadris dele, segurando-o dentro dela enquanto os pequenos músculos de seu invólucro estremeciam ao longo do eixo dele. Kathryn gritou repentinamente, unhas se afundando em seus ombros enquanto seu corpo se apertava em torno dele como uma luva quente e molhada. Seu grito se tornou um gemido agudo quando o orgasmo tomou conta dela, e ela começou a bombear contra ele furiosamente tentando aliviar a dor. Lucas ergueu sua boca do pescoço dela e lambeu as perfurações gêmeas. Ele teria gostado de levar ela de volta para a cama, de ter aproveitado até a última gota do clímax de seu corpo trêmulo antes de procurar o seu próprio. De lembrá-la do prazer que ele podia dar a ela vez e outra, e deixá-la tentar encontrar um amante humano que

pudesse se igualar. Ou outro vampiro que ousasse tocá-la. Ou ela era dele, ou ela não era de ninguém. Mas não havia tempo suficiente.

Ele rosnou ao pensar nisso, enraivecido que ela podia deixá-lo desse jeito, enraivecido que ele permitiu que isso acontecesse. Ele aumentou a força do seu abraço nela e a fodeu com mais força, batendo seus quadris contra o dela até que ele sentiu o calor abrasador de seu próprio clímax crescendo até um rugido, apertando suas bolas e endurecendo seu pênis enquanto ele enfiava dentro do punho fechado do seu corpo antes de gozar com um grito de triunfo, preenchendo-a mais uma vez com a sua liberação.

Lucas soltou as pernas de Kathryn de volta para o chão do chuveiro. Ela segurou nele por um momento, seus fortes dedos agarrando os braços dele com uma força quase dolorosa. O coração dela estava batendo apressadamente, seus seios pulsando com a força dele. Foi o esforço do ato de amor deles, mas também do calor do chuveiro que ficou ligado o tempo inteiro, fazendo o chuveiro parecer mais com uma sauna.

— Você está bem? — Ele perguntou, abraçando-a gentilmente.

Ela assentiu e lambeu os lábios.

— Ponto feito, vampiro, — Ela disse, sua voz rouca sem ar, seus músculos trêmulos embaixo das mãos dele. — Você definitivamente é diferente.

Lucas sentiu uma onda de prazer, mas a controlou, apenas se permitindo um pequeno sorriso antes de dizer: — Se você terminou de abusar do meu eu másculo, eu tenho que me arrumar. Nick e o resto estarão esperando por mim lá embaixo.

— Certo — ela concordou, tirando seu cabelo molhado do rosto. Ela franziu a testa. — Eu provavelmente terei que pegar uma roupa sua emprestada. Eu não vim preparada para ficar espreitando no escuro.

Lucas a soltou e deu um passo para trás.

— Está tudo bem, porque você não vai espreitar nada.

— Lucas, seja razoável. Eu posso te ajudar.

— Eu duvido disso. A única coisa que você fará é ficar no caminho e vai terminar se machucando.

Ela socou o braço dele com força o bastante para doer.

— Foda-se. Eu treino todos os dias para isso.

— Sim? — Ele respondeu. — Se você é tão durona, me derrube. Nesse momento, bem aqui. — Ele saiu do chuveiro e entrou na sala onde ele encontrou a arma que ela sempre usava. Ele a tirou do coldre. — Aqui está a sua Glock — ele disse, segurando-a para ela. — Dê um tiro em mim.

— Eu não vou atirar em você — ela disse, claramente chocada com a ideia.

— Pegue a arma, Kathryn. — Ele a empurrou para a mão dela, e ela a pegou dele, verificando a trava enquanto se afastava para colocar diversos passos entre eles.

— Pare com isso, Lucas. Não há trava externa na Glock. Essa arma é hábil.

— Sim — respondeu Lucas com desdém. — Eu estou com tanto medo. Então atire em mim.

— Eu te falei — ela cuspiu com raiva, — eu não vou atirar em você. Isso não é um maldito jogo.

— Atire, Kathryn — Lucas exigiu, avançando sobre ela ameaçadoramente. — Atire, ou eu vou pegar a arma e fazer isso por você.

Ela o encarou, desacreditada por não mais do que alguns segundos antes que erguesse a arma entre eles.

— Pare — ela disse. — Isso não é engraçado.

Lucas balançou a cabeça.

— Não é para ser engraçado. Eu estou fazendo um ponto. Atire em mim. — Ele continuou avançando, e então, propositalmente, deixou suas presas emergirem e pressionar no seu lábio inferior. — Atire, atire, atire — ele trovejou, pontuando cada um com um passo acelerado.

— Não se aproxime, Lucas — ela disse, falando sério agora, a arma absolutamente firme em sua mão.

— Faça-me parar.

— Droga. — Ela ergueu a arma uma fração de centímetro, e ele viu a leve tensão em sua mão direita enquanto ela se preparava para puxar o gatilho.

E então ele se mexeu. Dois segundos depois, a arma dela estava em suas mãos, e ele estava com ela em seu abraço firme no outro braço, cuspindo fogo.

— Seu maldito imbecil — ela rosnou. — Me solta.

Lucas a largou sem discutir, e ela tropeçou a diversos passos para longe dele. Mas ele segurou a arma. Ele não era um idiota total.

— Que infernos foi isso? — Ela exigiu, seus olhos cheios de fogo.

— Isso, *a cuisle*, foi uma demonstração do por que você não virá esta noite. Como você tão acertadamente apontou, isso não é um jogo. Isso é uma guerra. E quando os vampiros vão à guerra, pessoas morrem. Um humano não teria chance. — Ele passou correndo de um jeito que ela mal pôde acompanhar e a abraçou gentilmente.

— E eu não tenho desejo de te ver morrer.

Ela ficou tensa no círculo de seu abraço.

— Me solte — ela disse com firmeza. Ela claramente ainda estava brava com a demonstração dele, mas não tinha problema. Ele preferia que ela estivesse brava e viva, do que morta na primeira vez que ela tentasse enfrentar um vampiro no campo de batalha.

Lucas a soltou dando de ombros.

— Você não teria acreditado em mim de outra maneira, Kathryn.

Ela esfregou seu pulso, apesar dele saber que não a machucou. Mesmo fazendo o seu ponto, ele foi primorosamente cuidadoso com as vulnerabilidades humanas dela. Bem mais cuidadosos que os seus inimigos seriam.

— Tudo bem. Então eu não consigo ter a mesma força ou velocidade que vocês — ela admitiu mal-humorada. — Mas há mais em uma força-tarefa como essa...

— Isso não é uma força-tarefa — Lucas interrompeu implacavelmente. — Esta é uma guerra, Kathryn. Chame-a pelo que ela é. Os vampiros lutam até a morte.

— *Tudo bem* — ela repetiu, irritada. — Mas há mais em uma guerra do que combate mano a mano. Eu não consigo competir com vocês nisso, eu admito, mas pode ter certeza que eu consigo atirar. Me dê uma arma decente de longo alcance e um terreno elevado, e eu serei o seu vigia.

Lucas abriu sua boca para rejeitar sua oferta, mas parou e a observou curiosamente em vez.

— Você consegue fazer isso?

— Sim, Lucas — ela disse condescendente. — Eu posso fazer isso. Você é igual a todos aqueles idiotas no Departamento que acham que as mulheres só sabem se fingir de prostitutas ou digitar.

— Não — Lucas disse lentamente. — Eu nunca pensei dessa forma. — Ele considerou suas opções por um longo momento. — Você já matou alguém? — Ele perguntou sem rodeios.

Kathryn piscou.

— Não — ela admitiu.

— Você já atirou em um ser humano?

— Uma vez. Não com um rifle. Foi de perto. Cidade pequena. Meu parceiro e eu estávamos de passagem, na verdade com a mira na próxima cidade com uma investigação do que parecia ser uma célula terrorista caseira, quando quatro vagabundos roubaram um banco do outro lado da rua do café onde nós paramos para almoçar. Os moradores estavam desarmados e mais do que felizes em aceitar a nossa assistência.

— Você atirou em um ladrão de banco?

Ela assentiu.

— Um dos quatro tentou fugir enquanto seus comparsas atacavam, armas em punho. Ele estava com um colete à prova de balas. De corpo inteiro — ela esclareceu. — Eu poderia ter atirado na cabeça e teria acertado. — Ela deu de ombros. — Mas ele já havia jogado fora a arma, então eu dei um tiro na perna dele, ao invés.

— Isso foi legal da sua parte.

— Eu sou uma agente do FBI, Lucas. Eu tento apreender suspeitos, não matá-los.

— Outra razão pela qual você não deveria vir conosco essa noite. Você não pode atirar na perna de um vampiro, Kathryn. Isso só vai irritá-lo.

Ela olhou-o com firmeza, sua mandíbula apertada com raiva, mas seu olhar pensativo.

— E quanto a vocês? — Ela perguntou.

— E nós? — Lucas respondeu, intrigado.

— Vocês vão matar todo mundo que vocês encontrarem essa noite?

— Bem, não todos — ele brincou, e então ficou sério em vista do olhar de irritação dela. — A resposta mais simples seria sim. Qualquer vampiro que nos encontrar na batalha hoje à noite irá morrer. Alguns podem se render. Klemens não é um mestre fácil, e não há muitos vampiros dele que ficarão tristes em vê-lo partir. Infelizmente, ligação entre Criador/Criatura irá levar grande parte desses que o odeiam a defendê-lo. Eles irão morrer juntamente com os outros.

— Essa é uma forma bastante brutal de se viver.

Lucas assentiu.

— Isso é o que significa ser Vampiro.

— Haverá humanos lá?

— Não do nosso lado, mas Klemens estará esperando visita, um chefe local da máfia que não vai querer ser visto. Klemens provavelmente permitirá que o humano traga alguns de seus guardas consigo, e eles serão humanos também.

— Vocês vão esperar até que os humanos vão embora antes de atacar?

— Definitivamente não. Aquele cara da máfia é a minha distração. Mas você não deveria se preocupar tanto sobre ele. Ele e cada um dos seus guardas provavelmente já mataram, ou mandaram matar, mais pessoas do que qualquer um de nós. Bem, você de qualquer maneira. Eu vivi uma época longa e sangrenta.

Kathryn olhou-o nos olhos, claramente tentando decidir se ele estava brincando sobre sua própria contagem de mortes. Ele não estava.

— Tudo bem — ela disse, no tom de quem já havia tomado uma decisão. — Me encontre um terreno alto. Eu posso pelo menos derrubar os guardas que esse cara da máfia trouxer consigo. Eu não vou matá-los a menos que eu seja obrigada a fazê-lo, mas há outras formas de me certificar que um homem fique derrubado. Humanos não possuem a sua tolerância para dor. Eu também farei o meu melhor para te cobrir contra os seus inimigos vampiros. Qual é a melhor maneira de incapacitar um vampiro?

— Você não *incapacita* um vampiro — Lucas disse sem rodeios. — Você o mata. Atinja a cabeça dele se você puder. Se não, mire na cabeça. Dependendo da munição, isso pode pelo menos tirá-lo do jogo por tempo suficiente para você fugir. Presumindo que você seja tão boa quanto está dizendo.

— Eu sou.

— Ok — ele concordou, sorrindo com o olhar de surpresa dela. — Eu continuo te falando, Kathryn. Isso é guerra. Eu não vou entregar uma arma só porque você vem embalada em uma embalagem sexy.

— Uma embalagem que *você* não estará desembrulhando tão cedo — ela respondeu.

Lucas riu.

— Diga ao Nick que tipo de equipamento você precisa, e se nós não tivermos aqui, ele estará esperando por você quando nós pousarmos. Mas você segue minhas ordens, Kathryn. Sem perguntas.

— Ei, é isso que nós fazemos no FBI. Nós seguimos ordens. — Ela passou por ele, dando um tapinha na mão que ele estendeu para ela. — Eu tenho que terminar o meu banho. E eu preciso daquelas roupas.

* * *

Kathryn se inclinou sobre a mesa de conferência do jato particular e estudou a incrível variedade de fotografias e esquemas do complexo de Klemens em Chicago. Eles haviam decolado de Rapid City no elegante jato particular de Lucas... aparentemente realmente era bom ser o rei. Ela duvidava que muitas forças invasoras viajavam com tal luxo. Tão logo eles estavam no ar, Nick mostrou seus arquivos sobre o Klemens e começou a discutir o plano de batalhas deles para essa noite. Ela não teria pensado ser possível para um cidadão privado acumular esses tipos de dados, mas ela provavelmente estava sendo ingênua. Na era do Google Earth e os milhões de outros sites onde ele conseguiria angariar esses dados, um hacker de primeira poderia operar milagres. E como todo o resto, quando se tratava de hackers, não havia aparentemente nada a não ser o melhor para o Lucas.

— Me diga de novo como você sabe que o Klemens estará lá essa noite? — Kathryn perguntou ao Nicholas.

Ele olhou para Lucas pedindo permissão, e em seguida disse:

— Isso é um pouco de boa sorte da nossa parte. Klemens tem alguns aliados humanos desagradáveis em Chicago, incluindo Hector McKinney, que é um dos maiores chefes do crime localmente. É ele quem encontrará com ele essa noite. Agora, normalmente, você esperaria que isso significasse um aumento na segurança, mas o negócio é, Klemens não é um tolo. Ele não confia no seu aliado mafioso e limita o número de soldados que ele pode trazer nessas reuniões. Claro, McKinney não confia no Klemens também, então o Klemens faz um grande show ao limitar os seus guardas também.

— Como eu disse, é principalmente para ser um show por parte do Klemens. Todos os seus vampiros estarão lá, mas eles estão fora de vista, a maioria no porão.

— Então eles apenas esperam no porão por algumas horas?

— Um porão de vampiro não é o que você pensa, Agente Hunter. Especialmente na sede de um senhor vampiro. Ele é totalmente construído, com todo o conforto. Mas ainda é um porão, e isso coloca a maioria dos guardas dele em um único lugar quando nós atacarmos.

— Eu vejo. E quanto a essa casa? — Ela perguntou, apontando para o vizinho mais próximo do Klemens, *próximo* era um termo relativo, dado o tamanho dos terrenos. A casa do Klemens era enorme, com o tamanho do terreno combinando. A casa do vizinho dele era tão grande quanto, mas tinha uma grande vantagem do ponto de vista de Kathryn... tinha três andares, onde Klemens tinha apenas dois e um sótão trapeira. Que colocava o telhado do vizinho pelo menos dez metros acima do Klemens, e que esses dez metros poderiam ser usados para sua vantagem... presumindo que ela conseguisse chegar lá.

— É lá que você estará — Nick confirmou. — Os donos estão na Flórida. Eles vão todo ano depois do Dia de Ação de Graças e não retornam até o final de Abril.

— Todo ano? — Kathryn perguntou. — Há quanto tempo você está vigiando esse cara?

Nicholas lançou outra olhar ao Lucas, que estava sentado ao lado dela.

— Vampiros vivem um longo tempo — Lucas comentou misteriosamente.

— Seja o que for que isso signifique — ela murmurou. — Ok, então os donos estão na Flórida, mas um lugar tão grande assim, eles devem ter uma equipe que cuida da casa, jardineiros, até mesmo guardas. E quanto a eles?

— A governanta apenas aparece duas vezes por semana. Eles possuem um sistema de segurança e uma patrulha que dá uma passada de maneira programada. A política de empresa deles é variar as patrulhas, por razões óbvias, mas eles não fazem isso. Além disso, eles literalmente só dão uma passada, então a menos que você esteja planejando ficar de pé no telhado e acenar, não haverá nada para eles verem.

— Então, eu terei a casa só para mim então.

Nick sacudiu a cabeça em concordância.

— Logo que nós chegarmos a Chicago, você irá diretamente para a propriedade do Klemens. Um dos meus caras irá te levar e te ajudar a se instalar dentro da casa. Lucas e o resto de nós irão proceder com mais cuidado, mas eu preciso de você lá em cima e pronta para seguir quando nós chegarmos lá. Quando o Lucar chegar à propriedade, não haverá tempo de subir sobre os muros e entrar de fininho nas casas. Nós teremos que atacar imediatamente.

— Você percebeu, Kathryn — Lucas falou lentamente, — que você estará invadindo a casa do vizinho para conseguir subir no telhado. Você sendo uma agente do FBI e tudo mais...

Kathryn fez uma careta. Ela nem tinha considerado esse aspecto nas atividades dessa noite, mas Lucas estava certo, maldito seja. Ela estava quebrando a lei apenas por entrar na casa. Ela olhou para cima e viu o riso em seus olhos por causa de sua situação.

— Espertinho — ela murmurou. — Ok, o que eu vou fazer lá?

— Exatamente o que você sugeriu — Nick disse simplesmente. — Vigiar. A propriedade de Klemens é muito grande para nós cobrirmos cada ângulo possível. Mas se você encontrar o ponto certo, você será capaz de ver tudo, exceto a lateral mais distante de onde você estará. Se você ver qualquer coisa estranha, você me informe, e eu vou direcionar a resposta.

Kathryn assentiu. Isso era bom, e ela poderia fazer isso com uma consciência tranqüila, já que não envolveria matar ninguém. Espera-se.

Nick voltou sua atenção ao Lucas.

— Como o senhor quer que a gente proceda com o ataque, meu senhor?

— Quantos guerreiros nós temos no total? — Lucas perguntou pensativamente, estudando as imagens de satélite da casa do Klemens.

— Minneapolis está mandando quase o seu contingente completo. Eles devem ter chegado a Chicago já. Eu também trouxe combatentes de Kansas e Missouri. Ambos viajaram ontem à noite e chegaram durante o dia. Com os seus guardas, isso te dá pelo menos cinquenta guerreiros experientes.

— E o Klemens?

— Por causa do visitante dele, seus números visíveis são limitados. Não mais do que três à mostra, incluindo sua guarda pessoal e a equipe no portão. Mas ele deve ter pelo menos outros dez nas proximidades, provavelmente fora de vista no porão. É possível que com as possíveis hostilidades, ele deve ter aumentado esse número, mas eu tenho olhos no complexo e espero ter uma contagem mais exata quando nós chegarmos.

— E quanto aos guardas humanos? — Kathryn perguntou.

Nicholas deu-lhe um olhar vazio, como se ele não tivesse acostumado a contar os humanos como parte da ameaça. O que provavelmente ele não estava. A demonstração anterior de Lucas havia ardido... em mais maneiras do que uma... mas havia demonstrado bem explicitamente como os humanos estavam ultrapassados contra até mesmo a menor força de vampiros.

— Você disse que o mafioso tem seus próprios guardas?

Um olhar de compreensão cruzou o rosto de Nick, e ele assentiu.

— Eu espero não mais do que sete humanos, incluindo o McKinney.

Kathryn assentiu. Pelo menos alguns desses guardas humanos provavelmente permaneceriam do lado de fora para manter um olho no portão, porque eles não confiariam em um vampiro para fazer isso por eles. Então, eles seriam os primeiros alvos quando Lucas desse o comando. Ela franziu o cenho. Qual era o comando mesmo? Ela se preparou para perguntar, mas escutou ao invés o Lucas começar a explicar o plano de ataque para a noite.

— Haverá apenas duas entradas principais — ele começou, — então nós entraremos pela frente e por trás. Você derrubará primeiro os guardas no portão, Nick, mas eu não os quero mortos. Eu não quero que o Klemens saiba exatamente o que nós estamos fazendo até chegarmos a casa. Uma vez que

passarmos o portão, nós teremos uma pequena força intinerante espalhada ao redor da casa, mas a maioria de vocês irá se concentrar em dois pontos principais de entrada. Você pega um, e deixa a Zelma pegar o outro. Assim que vocês estiverem prontos, eu vou começar a projeção, e vocês vão para as portas. Eu vou lidar com o Klemens e quem estiver bloqueando o meu caminho. O resto é com vocês.

— Criador — Nicholas confirmou com um aceno de cabeça rápido. — Eu vou dizer aos outros.

Lucas assentiu sua permissão, e Nicholas fez o seu caminho pelo corredor e começou a conferência com o resto da força vampírica.

— O que você quis dizer, quando você disse que você começará a *projeção*? — Kahtyrn perguntou.

Lucas estava estudando o esquema da casa, mas agora ele olhou para ela com um sorriso que derreteu seu coração. Ela queria resistir a ele, mas seu rosto parecia ter uma vontade própria. Ela sorriu de volta para ele.

Ele tomou sua mão, brincando ociosamente com seus dedos enquanto ele respondia sua pergunta.

— Os senhores Vampiros possuem talentos incomuns, alguns deles são exclusivos a cada indivíduo. Um dos *meus* talentos mais úteis é a habilidade de me conectar com os outros vampiros no que eu penso como um nível visceral. Não é telepatia... os dois são mais ou menos. Por exemplo, no campo batalha, eu posso compartilhar a minha força muito maior com os meus guerreiros, impulsionando-os fisicamente e psicologicamente. Mas o outro lado deste talento em particular é que eu posso drenar a força e a coragem dos meus *inimigos*, posso fazê-los acreditar que seus piores pesadelos estão caindo sobre eles.

— Há limites? — Kathryn perguntou, de alguma forma surpresa pelo que ela estava ouvindo. — Quer dizer, por que você precisa de guerreiros? Por que não apenas dar um choque no Klemens e nas tropas dele logo de cara?

— Porque o Klemens também é um senhor vampiro. E quando ele perceber o que eu estou fazendo, ele eventualmente será capaz de me bloquear de afetar o seu povo. Isso vai levar tempo... não muito tempo, não mais do que alguns minutos... mas será o bastante para nos dar um começo, porque o

Klemens não será capaz de bloquear o ataque inicial, e o efeito de choque será considerável. Especialmente pelos novos e mais fracos entre os seus vampiros. Eles serão atingidos mais duramente e se recuperar mais lentamente, deixando-os vulneráveis quando nós atingirmos a casa. Mas, no final, tudo terminará em uma guerra sangrenta e brutal de vampiro contra vampiro. Pelo menos até que eu destrua o Klemens.

Kathryn deu-lhe um olhar preocupado.

— Mas você *pode* fazer isso, certo? Quer dizer, você é mais forte do que ele.

Lucas deu de ombros.

— Obviamente, eu acredito que eu seja. Eu não sou suicida. Por quê? Você está preocupada comigo?

Ela *estava* preocupada com ele. Mas ela não iria admitir isso. Ela não iria admitir que ele era importante para ela, que talvez ela se importasse mais com ele do que era saudável... para ela de qualquer forma. Ao invés disso, ela mudou de assunto ao perguntar: — E quanto ao meu irmão?

Lucas franziu o cenho, como se ele soubesse que ela tinha sentimentos por ele e estava irritado que ela não fosse admitir isso. Mas ele não teria como *saber* disso. Então talvez fosse apenas o seu ego considerável que queria ser amaciado.

— Eu te falei, Kathryn. Eu não acho que o Klemens está com o seu irmão.

— Sim, você disse, mas e se ele estiver?

Lucas suspirou.

— Se ele estiver, ele provavelmente deverá estar trancado em algum lugar. Provavelmente no porão, que é o lugar mais seguro para ele.

— Certifique-se que o Nicholas diga...

— Nick já informou a todo mundo sobre a possibilidade. Nós não estamos procurando matar humanos esta noite, e certamente não alguém sendo mantido prisioneiro pelo Klemens.

Ele acariciou a mão despreocupadamente sobre o cabelo bem preso de Kathryn e puxou gentilmente a sua trança.

— O rifle atende aos seus padrões? — Ele perguntou.

Kathryn assentiu. Nick conseguiu arrumar o rifle e a mira de longo alcance que ela queria antes de eles deixarem Minneapolis. Enquanto Nick e Lucas foram direto para o aeroporto para se reunir com os vários grupos de vampiros que estariam seguindo para a batalha, ela foi ao campo de tiro com o chefe de segurança de Minneapolis para calibrar a sua arma e ajustá-la às suas necessidades específicas. Mas ela não achou que o Lucas estava fazendo a pergunta por que ele duvidava do armamento. Ele estava tentando avaliar o seu humor. Ele estava preocupado sobre como ela reagiria uma vez que a matança começasse. Ele não tinha com todas as letras, mas ele havia dado a entender o assunto em todo o percurso até o aeroporto. Ela teria gostado de tranquilizá-lo, mas ela ainda não estava certa de como ela se sentia sobre isso. Nada sobre o que aconteceria essa noite era legal, não de acordo com a lei humana. E o trabalho dela era representar essa lei, um trabalho que ela levava muito a sério.

— A arma é ótima — ela o assegurou. — O seu cara já havia calibrado-a para cem metros. Eu apenas fiz alguns ajustes. Quando eu olhar através da mira, será como se eu estivesse bem ao seu lado.

— Bem, não atire em mim.

Kathryn deu uma risada ofegante e empurrou a coxa dele ao lado dela.

— Eu não vou. Eu sempre tenho certeza absoluta sobre os meus alvos antes de puxar o gatilho.

— Você estará aquecida o suficiente?

Isso fez ela virar a cabeça e sorrir para ele, apagando a nota sombria que havia dado sabor à interação deles desde a saída de Minneapolis.

— Estou vestindo duas de suas camisetas de manga longa por cima da minha blusa, mais este agradável casaco que o Nick encontrou para mim. A legging é minha, e elas são para inverno, então são perfeitamente adequadas. Eu prefiro as minhas botas táticas, mas os tênis e meias estão quentes o bastante, e pelo menos são pretos. Eu passei na inspeção?

Lucas puxou sua trança novamente, com mais força dessa vez.

— Espertinha. Estou enviando o Mason com você para o vizinho. — Ela abriu a boca para protestar, mas ele continuou falando.

— Ele não vai ficar. Ele apenas te guiará pela casa e te ajudará a montar tudo no telhado. A casa deverá estar vazia, mas não há nenhum sentido se arriscar.

Ela assentiu, profissional.

— Tente não dar um tiro em nenhum dos meus caras, ok?

Isso foi recebido com uma careta.

— Eu te falei, a mira é boa, e eu sou muito cuidadosa. Além disso, de acordo com você, a minha pequena arma não fará muito dano para um vampiro mesmo.

— Ei, dói levar um tiro, mesmo se ele não te mata.

— Já ouvi falar. Eu farei o meu melhor.

Kathryn começou a dizer mais, querendo mais uma vez se certificar de que o irmão dela não seria machucado acidentalmente. Mas o Nicholas se juntou a eles novamente bem na hora que o avião começou a angular para a esquerda e entrou em uma virada acentuada. Ela olhou pela janela e viu as luzes de Chicago à distância.

— Aperte o cinto, Kathryn — Lucas a aconselhou. — Essa guerra está prestes a começar.

Capítulo 18

Chicago, Illinois

Quando eles chegaram, o deles era o único jato, infernos, o único avião, movendo-se no pequeno aeroporto. Lucas fez um rápido levantamento da área enquanto ele seguia vários de seus guerreiros descendo as escadas, então esperou quando Kathryn desceu com mais cuidado, o estojo do longo rifle visível sobre o ombro direito dela. Mason havia tentado levar o rifle para ela, mas ela recusou com firmeza. Algo sobre ninguém tocando sua arma. Então o grande vampiro agarrou um par de enormes sacos de lã, apontou o veículo deles e dirigiu-se para fazer a sua própria verificação de equipamento.

Com Lucas em solo dentro do terriório de Klemens, tudo estava em jogo e movendo-se rápido. Ele agarrou Kathryn para um último beijo forte e rápido quando ela chegou ao asfalto. — Você fica naquele telhado, até que eu diga que é seguro.

— Sim, sim. — Disse ela, já prendendo suas várias peças de equipamentos em seu corpo. — Eu sei o que fazer. — Ela parou de repente e agarrou a frente da camiseta preta dele, a qual era exatamente igual as que ela pegou emprestada dele. — Tome cuidado, Lucas. — Disse ela, encontrando seu olhar sério. — Eu te vejo do outro lado.

Lucas franziu o cenho. O irlandês de rua supersticioso durão que ele foi uma vez não gostou do som dessas palavras finais, embora ele soubesse que tinha um significado diferente no contexto moderno. Ele a assistiu correr em direção ao SUV esperando, assistiu Mason bater violentamente a porta de carga, em seguida, subir para o assento do motorista. Lucas acompanhou as lanternas traseiras até que elas desapareceram ao redor do terminal principal, então seguiu Nick para o seu próprio SUV e os muitos vampiros à espera de seu comando.

No minuto que Lucas desembarcou em Chicago, Klemens sabia que ele estava aqui. Ele não saberia a localização precisa de Lucas imediatamente, apenas que ele violara o território de Klemens. Eles contavam que a reação do senhor vampiro de Chicago fosse um pouco paralisada com a presença de seu convidado humano.

O chefe da máfia era muito egoísta e muito importante para as operações de Klemens para rejeitar ligeiramente, o que significava que Klemens teria que se livrar diplomaticamente, o que levaria tempo. Mesmo que ele sacrificasse o chefe da máfia e fugisse rapidamente, isso ainda seria alguns minutos antes de perceber que Lucas estava literalmente entrando pelo seu portão da frente.

Enquanto corriam pelas ruas da meia-noite de Chicago, Nick continuou um murmúrio constante de conversa, verificando com as tropas já no local em torno do complexo de Klemens – perto o suficiente para manter vigia de quem vem e vai, mas não tão perto que a presença deles provocaria qualquer um dos próprios seguranças de Klemens.

As técnicas de guerra eram muito mais fáceis nesta era tecnológica do que eram quando Lucas começou pela primeira vez com Raphael. Não que eles tivessem que lutar muitas guerras deste lado do Atlântico, não uma vez que a comunidade vampira Norte Americana teve uma ideia do que Raphael poderia fazer. Não havia muitos vampiros neste continente, e esses estavam concentrados ao longo do corredor Atlântico. Mas logo no início, Raphael deixou claro que seu interesse estava no extremo Ocidente. Enquanto os vampiros cujas terras eles passaram o deixaram sozinho, ele os deixou sozinhos, também.

Lucas ainda pensava, algumas vezes, sobre o quão mais fácil era sua vida naquela época, com um bom par de binóculos, e talvez um ou dois sensores de movimento.

Ele olhou para cima, conforme o SUV diminiu, e a monstruosidade da casa de Klemens surgiu à vista. Parecia mais um asilo do que uma casa, mas o senhor vampiro de Chicago provavelmente gostava dessa maneira.

— Senhor.

Lucas virou-se para Nick.

— Tudo pronto?

— Os guardas do portão estão caídos, e as equipes de entrada estão no lugar.

— O humano, McKinney?

— Ainda dentro, meu senhor. Um de seus guarda-costas estava com os guardas do portão de Klemens, e há um SUV vazio com a porta aberta para a rua. Eu estou supondo que o guarda do humano deveria permanecer com o veículo.

— O humano está morto?

Nick assentiu.

Lucas estava feliz que Kathryn não estava ali para debater a questão. Ele levou um momento para procurar cada um dos seus vampiros, reafirmando a ligação deles com ele, oferecendo força e coragem, bem como verificando as suas posições em torno da propriedade.

— Vamos fazer isso, Nick.

* * *

Kathryn se estabeleceu na posição, certificando-se que tudo o que ela precisava estava ao alcance. Ela e Manson tinham quebrado os limites de velocidade em toda a extensão da cidade, conseguindo aqui o que tinha de ser algum tipo de recorde. Uma vez em cena, eles estabeleceram um novo recorde, levando-a para dentro e através da casa tão rapidamente que ela tinha certeza que alguém tinha observado isso antes do tempo. A porta em que entraram foi

destrancada, e uma vez lá dentro, ele não tinha mostrado nenhuma hesitação. Ele sabia exatamente para onde ir e literalmente a carregou pelas escadas, simplesmente atirando um braço em volta da cintura e movendo-se. Foi emocionante e assustador ao mesmo tempo.

Chegar ao telhado não foi um problema, dado que ela já tinha decidido que não trabalharia ali. O único lugar que ela poderia ter se estabelecido seguramente em um campo como esse teria sido o pico, e isso não teria dado a ela uma boa linha de visão sobre a casa de Klemens ao lado. Então, ela enxotou Mason de seu caminho, em seguida, e estabeleceu-se em um dos quartos do terceiro andar.

Era quase tão longe do chão quanto o telhado, e da janela ela teve uma visão de quase 180 graus da propriedade de Klemens. Ela poderia ver qualquer movimento ao longo das paredes da frente e de trás, assim como as do lado mais próximo da posição dela.

A janela era uma das mais antigas do tipo *double-hung*[11] que operava em um sistema de roldana para abrir direto para cima. Com a janela aberta, ela tinha organizado seus sacos de areia na ampla soleira, então, ajustou uma *SSG Sig 3000*[12], a qual era quase idêntica a que ela usava em *Quantico*[13].

Colocando o rifle com cuidado sobre uma mesa perto da janela, ela levantou os binóculos e varreu a cena em modo de visão noturna. Lucas não chegara ainda, mas os vampiros da equipe adiantada estavam em movimento, assumindo posições ao redor da casa.

Aumentando seu campo, ela verificou o edifício em si com a visão noturna desligada. Havia algumas luzes no interior, principalmente concentradas no segundo andar, um quarto de canto no lado dela do edifício. As cortinas estavam fechadas, mas a ocasional sombra de movimento podia ser vista ao longo da borda de uma janela. E era isso.

Ela ouviu o ronco dos múltiplos motores e desviou o olhar a tempo de ver vários grandes SUVs pretos rasgarem ao virar a esquina e chegar guinchando um pneu na parada em frente ao portão de ferro forjado. Kathryn teve um momento ruim, temendo que tivesse sido descoberta, mas então as portas se

---

11 Preferi deixar no original, é aquelas janelas do tipo 'guilhotina' -> http://goo.gl/KZmBB
12 Tipo de arma.
13 Quantico, Virginia, EUA.

abriram, e ela reconheceu vários dos vampiros de Lucas enquanto eles vertiam através do portão e desapareceram nas sombras em torno do enorme composto de Klemens.

Ela continuou observando, seu olho sobre um SUV cujas portas permaneceram fechadas. A noite ficou abruptamente em silêncio. Sem motores de caminhonetes, sem comandos silenciosos, nem mesmo o som do tráfego nas proximidades da estrada *Lake Shore.* De repente, as portas se abriram, e Kathryn respirou quando Lucas surgiu em pé silenciosamente, seu olhar varrendo de lado a lado, parecendo catalogar cada detalhe até a localização exata de vampiros que Kathryn há muito tempo perdeu de vista. A cabeça dele virou-se lentamente, seu olhar se acomodando na janela onde ela estava sentada assistindo, como se ele pudesse vê-la, apesar de todas as precauções que ela tomou para permanecer invisível. Ele atirou-lhe um sorriso rápido, então ficou sério e voltou para enfrentar seu inimigo.

Lucas começou a avançar, cercado por suas tropas, e era uma visão aterradora. Eles eram os guerreiros de sua raça, altos e musculosos, seus olhos brilhando um vermelho estranho, como as profundezas do inferno. Eles estavam vestidos completamente de equipamentos de combate pretos, com um brilho não revelador de metal entre eles. Suas variadas armas, alguns carregando longas facas de aparência perversa, outros uma variedade de armas e alguns vários de ambos. E todos eles, incluindo Lucas, estavam repletos de presas, o brilho branco de seus dentes em um contraste gritante com seus trajes uniformemente sombrios.

De todos eles, apenas Lucas não usava armas, nem mesmo uma lâmina simples. Mas ele estava armado com a mais letal do que qualquer um deles. O poder que ele contou a ela, o poder de um senhor vampiro que ela tinha apenas meio acreditado, se tornou realidade enquanto ele caminhava em direção a casa. Um vento soprou do nada, rapidamente aumentando de uma brisa que sacudiu as árvores e enviou folhas mortas correndo para escapar dos passos dele, para uma tempestade violenta que espreitava o chão à sua frente, batendo as janelas e portas da mansão de Klemens, estilhaçando as janelas de sua estrutura. O ar, que tinha estado tão tranquilo apenas momentos antes, estava agora pesado,

com uma sensação de desgraça, como se a própria noite entendesse que uma grande batalha estava prestes a acontecer.

Lucas avançou, vestido com as mesmas vestes negras que seus soldados, o casaco de couro longo soprando atrás dele como uma capa enquanto a tempestade de seu poder girava diante dele. Seu cabelo preto estava penteado para trás de seu rosto bonito, e seus olhos ardia o mais puro ouro, lançando uma luz brilhante no caminho que ele atravessava no gramado bem cuidado, um farol guiando sua frente de vampiros. Kathryn tremeu, e não de frio.

Lucas estava a vários metros da varanda, quando a porta se abriu, apenas para ser rapidamente arrancada da mão do homem que estava lá, apoiando-se desesperadamente contra a tempestade de poder de Lucas. Uma intensa luz branca espalhou-se pelo quintal congelado, dando-lhe um fraco molde de prata, esboçando dois humanos. Kathryn imediatamente baixou os binóculos para a almofada de cobertores que ela tinha recolhido e colocou seu olho no escopo do rifle.

Ela centrou em Lucas, em seguida, moveu cuidadosamente em direção à porta, marcando dois homens, primeiro um, depois o outro. Os humanos eram das antigas, cada um carregando uma *Uzi sub-machine gun,* armazenada no estilo gangster no quadril, com uma pistola automática 9mm na outra mão. Ela assumiu que estes eram os guarda-costas do chefe da máfia McKinney, uma vez que Lucas tinha indicado que seriam os únicos humanos na casa.

Um dos dois deu um passo agressivo para a varanda da frente, o cabelo e as roupas soprando loucamente quando ele gritou algo que o vento arrancou de sua boca e jogou longe. Lucas e seus vampiros continuaram vindo, como se o homem não existisse. Kathryn praguejou silenciosamente e colocou a mira no humano tolo. Lucas pode ser quase imortal, mas só quase. E ela não se importa com o que ele disse sobre balas não derrubarem vampiros. Balas suficientes poderiam fazer uma série de prejuízos, e se o guarda apontasse sua Uzi em Lucas, isso iria destruí-lo. Ela se abaixou em seu espaço de atirar, sua mente e os olhos cravados no desenrolar dos acontecimentos abaixo, todos os detalhes tão claros como se ela estivesse a dois metros de distância. Seu mundo inteiro tornou-se o pequeno círculo de espaço revelado por seu escopo. Ela viu o braço

tenso do guarda quando ele levantou a arma fracionalmente, viu-o apertar a arma mais perto de seu quadril para estabilizá-la, viu os dedos dele contrair-se.

Ela soltou um suspiro, começou seu lento aperto no gatilho... e congelou quando seu alvo desapareceu. Movendo-se tão rápido que tinha sido nada além de um borrão escuro através do seu escopo, os vampiros de Lucas derrubaram os dois guardas humanos.

Num instante os dois homens estavam se preparando para disparar, e no próximo a porta estava vazia, e havia dois corpos caídos em um amontoado no chão frio. Ela engoliu em seco quando um dos vampiros de Lucas arrastou um corpo acima do chão e afundou os dentes no pescoço do homem, bebendo profundamente antes de jogá-lo de lado. Ela pegou os binóculos e deu uma olhada. O homem estava de costas, com a cabeça em um ângulo não natural, sua garganta arrancada. Se ele não tivesse morrido antes, ele estava agora, e ela não tinha certeza de como ela se sentia sobre isso. O humano era um gângster e, provavelmente, um assassino, mas...

Mas nada, Kathryn, recordou-se. Lucas a tinha advertido que esta era uma guerra. E aquele guarda caído lá teria alegremente matado cada um dos vampiros invasores, incluindo Lucas, se ele tivesse a chance. Afinal, ela não havia se preparado para fazer exatamente a mesma coisa? Se os vampiros de Lucas não tivessem feito isso primeiro, ela teria atirado antes que ele pudesse matar Lucas, e ela teria atirado para matar, também. Mas vendo a forma que ele morreu, vendo-o deitado com a garganta rasgada... Isso a incomodava. Ela não podia negar.

Ela levou um choque enquanto algo como eletricidade estática zumbiu sobre sua pele, fazendo com que os cabelos finos nos braços endurecessem. Lá embaixo, Lucas tinha levantado os braços como se fosse abraçar a mansão e todos nela. Então o vento morreu, e a noite ficou escura e silenciosa, como todas as luzes da casa, todas as luzes da rua, todas as luzes na noite distante no bairro extinguiram-se no espaço de um batimento cardíaco.

Kathryn pegou os binóculos de visão noturna, seus dedos trêmulos enquanto ela lutava para manter as lentes firmemente o suficiente para ver. Mas não havia nada, apenas escuridão onde Lucas tinha estado de pé.

Ela baixou os binóculos, quando um flash de movimento onde não havia nenhum antes a fez se afastar de sua busca desesperada perto da porta da frente. Ela levantou as lentes de novo e examinou o lado da casa, certa de que ela viu algo se mover. Tinha sido perto do chão, uma anomalia presa em sua visão periférica, não um animal, mas há... alguma coisa – talvez uma janela – estava sendo aberta da casa. Foi pouco mais do que uma área um pouco menos escura na parede, mas definitivamente isso foi um movimento, e oh, sim, muito.

Kathryn tocou o botão do pequeno rádio em seu ouvido.

— Nick. — Foi apenas alguns segundos antes de ele responder, mas pareceu uma eternidade, enquanto observava figuras começarem a surgir a partir do que era claramente uma saída do subsolo. Tinha que ser os vampiros de Klemens, aqueles que Nick disse que estariam se escondendo do visitante humano, McKinney.

— O que você tem, Hunter? — A voz de Nick foi um barulho bem vindo.

— Muita movimentação, meu lado da casa. Eu acho que é uma saída do subsolo de alguns...

— Eu cubro. — Nick interrompeu, e então ele se foi.

Kathryn deixou cair os binóculos e colocou o olho no escopo ao invés. Estes eram quase certamente os vampiros de Klemens. Lucas tinha insistido que ela não seria capaz de matá-los com seu rifle, mas ele provavelmente nunca viu o que uma bala calibre *.50* podia fazer. Um tiro na cabeça iria dividir o crânio de uma pessoa bem no meio, como *Play-Doh*[14] e pulverizar o cérebro. Nem mesmo um vampiro poderia sobreviver a isso. Mas ela particularmente não queria matar ninguém esta noite, por isso ela foi com uma *Federal Match Grade .308 Remington 168-grain slugs*. Avistando os vampiros emergindo, ela não se incomodou com a seleção de alvos detalhada. Ela apenas moveu a mira de um pedaço de escuridão para o próximo e puxou o gatilho.

A primeira dupla uivou em surpresa quando as balas os rasgaram. Como Lucas disse, isso obviamente dói como o inferno, e isso definitivamente os desacelerou. Eles giraram em círculos, em busca do atirador, mas ela apenas continuou atirando, e logo estavam mais preocupados em fugir de suas balas do que descobrir de onde elas estavam vindo.

---

14 Marca de massinha de modelar.

— Meus rapazes estão na cena, Hunter. — Nick alertou urgentemente.

Kathryn parou de atirar e mudou para os binóculos conforme o primeiro dos vampiros de Lucas engatou seu inimigo. Se ela pensou que a morte do guarda humano na varanda da frente tinha sido violenta, esta levou isso para um nível totalmente novo. Não houve presunção entre os vampiros, sem disputa por posição, apenas entraram em cena e começaram a rasgar uns aos outros por partes. Facas, presas, mãos se curvaram em garras enquanto eles cortavam e arrancavam uns aos outros. Cabeças foram arrancadas dos corpos, em seguida, jogadas de lado, os corpos viravam pó diante de seus olhos. Outro vampiro foi executado com uma faca terrível. Ele agarrou o peito e riu, até que o guerreiro de Lucas o esfaqueou uma segunda vez, direto no coração. Então, ele também se tornou nada mais do que um monte de pó.

O coração de Kathryn estava martelando, adrenalina definindo seus nervos na ponta da faca, enquanto ela observava algo que ela sabia que poucos humanos jamais veriam. Em alguns momentos, não havia ninguém deixando a janela do porão além dos vampiros de Lucas. E nenhum corpo morto à vista.

— Tudo limpo, Hunter — Nick informou. — Bom trabalho.

— Entendido. — Ela controlou-se, sua mão tremendo quando a deixou cair longe do seu ouvido. Pó. Os vampiros eram difíceis de matar, mas eles realmente viraram pó quando isso aconteceu. Seus chefes do FBI ficariam emocionados com o conhecimento que ela poderia trazê-los das atividades dessa noite. Ela podia até conseguir uma promoção com isso, talvez algo que iria levá-la para fora do escritório e de volta ao campo novamente. Ela colocou a mão sobre o coração batendo e pensou sobre lealdade. Ela não sabia mais onde exatamente estava a dela. Esse era um pensamento preocupante.

Alguém gritou dentro da casa. Então, como se esse primeiro grito tivesse libertado todos eles a partir de um feitiço de silêncio, a noite foi preenchida com os sons da batalha. Foi a essência dos pesadelos, e tudo que Kathryn podia pensar era que Lucas estava ali em algum lugar, e ela não tinha ideia do que estava acontecendo. Ou se ela o veria vivo de novo.

* * *

Lucas parou diante da porta da frente de seu inimigo, cada pitada de poder e conhecimento que ele possuía focados em uma coisa, espalhando medo e confusão entre os vampiros de Klemens. E até o momento em que ele saiu do SUV no portão de Klemens, ele esteve usando sua força para parar o seu senhor vampiro rival de identificar sua presença. Mas tão perto, isso era inútil. Sua assinatura de poder estaria muito forte, e Klemens era muito astuto. No minuto que eles chegaram à propriedade, mesmo enquanto ele verificava a localização de seus guerreiros ao redor, e Kathryn, também, em sua posição elevada acima da batalha, ele esteve usando seu talento único para sussurrar nos ouvidos dos guerreiros de Klemens, alertando-os de invasores esgueirando em torno dos cantos em um sopro de vento, da morte tocando seus ombros e arrancando sua coragem.

O terror deles alimentou seu poder, tão rico e doce como o sangue da veia. Ele não gostava dessa parte de seu talento, essa capacidade de tirar força do medo dos outros. Mas isso era guerra, e se ele veio para escolher quem iria morrer esta noite, ele usaria todo talento que possuía para ter certeza de que fosse Klemens e seus vampiros que morreriam antes do próximo nascer do sol.

Lucas poupou um fio de energia para procurar seu inimigo, a sonda delicada deslizando através das fissuras para procurar todos os cantos da monstruosidade de uma casa diante dele. Muito em breve, ele teria que sugar o poder de volta para dentro de si e deixar a maior batalha para seus guerreiros, porque em algum lugar lá, Klemens estava esperando. Não importa quantos dos vampiros de Chicago os lutadores de Lucas destruíram, a verdadeira batalha, a única que realmente contava, era o confronto entre os dois senhores vampiros.

A porta da frente se abriu apenas para ser arrancada de suas dobradiças pelo vento feroz do poder de Lucas. Ele apertou os olhos contra o eixo súbito de luz branca enquanto dois humanos fortemente armados cambalearam para a abertura. Guardas de McKinney, ele assumiu, e eles estavam se preparando para disparar. Vários vampiros de Lucas estavam de repente na frente dele, guardando-o com seus corpos, enquanto dois de seus membros traçaram pelo gramado coberto de geada e derrubaram os humanos antes mesmo de conseguirem trazer suas armas para uma posição de disparo. Os dois homens gritaram, suas vozes cortadas quando seus pescoços foram arrancados. Um dos

vampiros de Lucas alimentou-se brevemente, rasgando a garganta do humano enquanto seu coração batia sua batida final. Mas a alimentação foi mais simbólica do que qualquer outra coisa – um predador alegando sua vitória antes de jogar o corpo inerte de lado.

Agravados pela luz brilhante, a qual não tinha lugar na residência de um vampiro, Lucas estendeu a mão e fritou a rede elétrica local. O bairro inteiro afundou na escuridão abençoada. Próximo a ele, Nick endureceu a atenção, então implantou rapidamente vários guerreiros para um lado da casa. Lucas ouviu o pop repetido de vários tiros e olhou para a casa vizinha. Um flash de um bocal de arma confirmou a localização de Kathryn, e ele sorriu. Então, ela começou a disparar seu rifle depois de tudo. E ela não parecia ter quaisquer dúvidas sobre isso, também. Talvez ele ainda fizesse dela uma guerreira.

Seu olhar se desviou para o buraco negro de uma entrada frontal. Ele puxou o fio do seu poder e encontrou Klemens.

Você deveria ter me matado quando teve a chance, ele pensou ironicamente, e deixou o pensamento transportar para o segundo andar, onde Klemens esperava.

Hoje à noite vou fazer melhor, sua escória irlandesa. A voz mental de Klemens estava cheia de veneno.

Lucas quase riu da calúnia insignificante e pensou que o vampiro de Chicago devia realmente estar preocupado se ele estava recorrendo a tais insultos superficiais. Lucas enviou um último pesadelo veloz através da enorme mansão, seu sangue bombeando com adrenalina quando um dilúvio de terror voltou para ele. Ele se embebedou disso, em seguida, entrou pela porta da frente e subiu as escadas.

A batalha se desenrolava enquando ele caminhava através da casa, seus guerreiros moviam-se silenciosamente ao redor dele, espectros letais que traziam a morte permanentemente onde quer que fossem. Os primeiros gritos foram os últimos gritos de vampiros pegos de surpresa, ainda abafado pelo cobertor de escuridão que ele deixou cair sobre a casa. Mas, enquanto ele subia as escadas, reunindo o seu poder de volta para dentro de si para a batalha final, o nível de ruído aumentou. Vampiros uivaram em agonia e rugiram em triunfo. Corpos caíram através das paredes e rolavam sobre sacadas. As pessoas de

Klemens lutavam ferozmente, sabendo o que estava em jogo, reconhecendo a profundidade do perigo que corriam. Lucas não tinha dúvida de que eles estavam sendo incitados a uma defesa desesperada por seu mestre, que permaneceu escondido em seu lugar de poder, à espera de Lucas, como uma aranha gorda em sua teia.

Lucas moveu-se rapidamente pelo corredor do segundo andar, sozinho agora. Mesmo Nicholas foi atraído para a batalha frenética furiosa ao redor dele. Lucas moveu-se com propósito, embora ele nunca tivesse estado nesta casa antes, a presença de Klemens atraiu-o, tão certo como uma seta vermelha piscando no escuro.

Ele encontrou o senhor vampiro de Chicago em uma sala de troféus à moda antiga. Cabeças de animais estavam montadas nas paredes, e uma coleção de armas antigas penduradas sobre a enorme lareira, onde brasas revelaram a luz morrendo de uma fogueira recente. A sala cheirava a sangue fresco, e Lucas sabia que ele não teria que se preocupar sobre a morte de Hector McKinney. Klemens abateu o chefe da máfia, drenando-o até secar para se abastecer para a disputa.

Klemens surgiu das sombras, de pé atrás da mesa. Sangue, ainda quente do coração batendo de McKinney, agarrava-se à roupa de Klemens e pingava de suas presas. Ele sorriu para Lucas, com as mãos ainda curvadas em garras que tinham rasgado seu ex-aliado em pedaços.

— Vem para morrer afinal, Lucas?

Lucas sorriu facilmente, mostrando suas próprias presas, que se prepararam para a luta de sua vida. Klemens era poderoso, mas jovem, como vampiros que se movem de um lugar pra o outro. Ele era forte, mas inexperiente, manejando seu poder como um bastão. Ele era um gorila com um grande clube. Lucas, por outro lado, tinha poder e experiência. O seu era um estilo de luta mais refinado, a morte por mil cortes. Ele estava indo saborear cada fatia da carne de Klemens, antes de matá-lo.

Lucas atacou sem aviso, cortando a grande artéria femoral da perna esquerda de Klemens, então imediatamente arrebatou seu poder de volta em um escudo apertado em torno de si mesmo. Klemens uivou para o ataque inesperado e lutou exatamente como Lucas esperava que ele fizesse.

Um golpe estrondoso de poder bateu contra os escudos de Lucas, uma tática que teria o levado aos seus joelhos, se não estivesse preparado para isso. Mas Lucas não perdeu tempo analisando a estratégia de seu inimigo. Em vez disso, ele respondeu de imediato, cortando Klemens da esquerda à direita, uma e outra vez, o seu poder como um chicote de muitas caudas, cujas extremidades farpadas cortavam em seu inimigo de todas as direções, de alto a baixo. Klemens rugiu enquanto ele lutava para se proteger do ataque não convencional de Lucas. Ele estendeu a mão, e Lucas chocou-se. Era como uma enorme pedra batendo contra seus escudos, mas apesar deles curvarem-se sob a agressão, eles nunca quebraram. E como seus escudos, Lucas nunca vacilou. Ele rosnou seu ódio enquanto cortava a carne dos ossos de Klemens, cortando artérias e veias, levando o senhor de Chicago de joelhos quando suas pernas cederam, incapazes de apoiá-lo.

Klemens deu um uivo no fundo da garganta de raiva e estendeu seus braços para fente. Lucas recuou enquanto cada cabeça de animal montada nas paredes veio voando em direção a ele de uma vez, golpeando fisicamente seus escudos de todos os lados. Foi uma jogada desesperada por parte de Klemens, destinada mais a distrair do que ferir, e quase funcionou.

Lucas se abaixou quando uma cabeça de veado voou em seu rosto, e Klemens atacou de onde ele se ajoelhou, empunhando seu poder assim como o pessoal de Lucas imaginou. O poder bateu contra os escudos de Lucas por todos os lados, batendo até que Lucas podia ouvir o choque do ar contra seus escudos, uma ressonância profunda como o badalo de um sino enorme. E Lucas ficou no meio de tudo isso.

Ele contraiu seus escudos firmemente em torno de si mesmo, tornando-os mais seguros, mesmo que isso chamasse os golpes do ataque de Klemens mais perto de seu corpo físico. Mas isso não importou. Contanto que seus escudos segurassem, mesmo uma polegada de proteção era o suficiente. De dentro do casulo de seu poder, Lucas estudou o inimigo. Klemens sangrava por toda parte, um acúmulo de sangue em torno dele, onde ele se ajoelhou, sua carne pendurada em tiras sangrentas que se misturavam com os pedaços de sua roupa. Lucas mudou o seu ataque, não mais empunhando um chicote de

muitas farpas, mas um florete fino em seu lugar. Uma agulha fina de poder voltada diretamente para o coração de Klemens.

Ele empurrou isso a frente, sentiu-o penetrar os escudos de Klemens, sentiu o choque do senhor vampiro quando ele perfurou sua carne e se enterrou em seu coração. Os lábios de Lucas se curvaram em um simples sorriso de vitória enquanto ele jogava o florete mais uma vez, partindo do coração de Klemens em meio a uma batida, cortando-o em dois, uma vez que escalonou dentro de seu peito.

Klemens uivou e derrubou seus escudos, arranhando seu peito ensanguentado, tentando desesperadamente reunir os resíduos de seu poder, para curar o incurável. Lucas estava praticamente certo que Klemens não teria sucesso, mas ele não se arriscou. Ele cortou o senhor vampiro desprotegido, esculpindo em sua carne e ossos até que seu coração finalmente se rendeu a luta. Klemens morreu, seu grito final de negação ecoando na longa noite, depois que seu corpo virou pó.

Lucas teve o espaço de uma batida de coração para saborear a sua vitória, uma mistura de alívio e triunfo enquanto ele estendia a mão para seus vampiros, tocando cada um, afirmando a ligação deles, assegurando que seu mestre ainda vivia, ainda mantinha suas vidas seguras em seu poder. Então, o mundo desabou, e ele caiu de joelhos, oprimido pelo peso dos súditos de Klemens, os milhares de vampiros repentinamente à deriva com a morte de seu mestre, gritando de medo e desespero, à procura de alguém para mantê-los juntos, para manter seus corações batendo, suas paredes protegidas contra os inimigos.

Lucas se curvou sob suas demandas, de costas dobradas quase até o chão enquanto ele lutava para impor a ordem, para segurar o seu próprio povo e ainda proteger aqueles que pertenceram a Klemens. Raphael avisara a ele sobre isso quando eles discutiram pela primeira vez a necessidade de enfrentar o senhor vampiro de Chicago. Quando Lucas insistiu que ele não tinha vontade de governar o território centro-oeste, juntamente com o seu.

Lucas era Vampiro, e tudo o que isso significava. Ele era agressivo, territorial, possessivo e francamente selvagem quando forçado a isso. Mas como Raphael observou com algum desespero em mais de uma ocasião, Lucas tinha o

coração de uma alma alegre, um playboy que gostava da vida mais do que da conquista.

Então, Raphael educou Lucas sobre como levar as pessoas de Klemens sob sua asa, como mudá-los seguramente de lado, agarrando suas vidas firmemente até que um novo senhor surgisse no resultado. O território seria lançado aberto a todos os interessados.

Batalhas de dominância seriam travadas, e alguns candidatos morreriam, mas, eventualmente, um novo senhor surgiria, e Lucas estaria livre deste fardo extra.

Lucas respirou fundo quando as vozes cessaram finalmente, o esgotamento de sua força diminuindo até que não fosse mais do que um arranhão irritante contra os seus nervos.

— Senhor?

Lucas olhou para o rosto preocupado de Nicholas.

— Nós fizemos isso, Nick. Ding dong, o bastardo está morto.

Nick riu e ofereceu ao seu Senhor uma mão. Lucas pegou agradecido. Ele confiava em Nick, e ele estava exausto.

— Algum problema que eu não sei?

— Nenhum, meu senhor. O pessoal de Klemens estava totalmente despreparado. Vários tentaram fugir através de uma janela do porão, embora se a intenção deles era fugir ou defender seu Senhor, eu não sei. Em qualquer caso, Kathryn nos deu o aviso e os manteve presos até chegarmos lá.

— Eu ouvi os tiros. Ela está...

— Ilesa, meu senhor. Eu pedi a ela para ficar lá em cima até nós limpamos a casa.

Lucas deu ao seu tenente um olhar interrogativo. Não havia nenhuma razão para Kathryn permanecer na vigília, e nenhum perigo para ela aqui na casa.

Nicholas sabia disso tão bem quanto ele.

— Tenho pessoas em busca pela casa por sobreviventas... ou vítimas. — Admitiu Nick. — Eu concordo com você que o irmão dela provavelmente nunca esteve aqui, mas...

— Ela não vai acreditar até que veja por si mesma. — Disse Lucas, quando a compreensão apareceu. — Certo. Ok, obtenha alguns dos nossos guardas da luz do dia aqui o mais rápido possível. Eu quero esta casa segura, pelo menos nos próximos dias. Depois disso... — Ele deu de ombros. — Eu não tenho nenhum desejo de viver aqui, mas acho que o próximo senhor poderia.

— Nós vamos ter que ficar aqui até que o novo senhor seja descoberto?

— Diabos, não.

Nicholas fez uma careta de acordo.

— Eu já coloquei na chamada para a sede de Minneapolis. Os Seguranças da luz do dia estarão na estação antes do amanhecer. Devo passar um rádio para Kathryn e dizer a ela...

— Lucas! — A voz de Kathryn subiu a escadaria.

— Tarde demais. — Disse Lucas.

* * *

Kathryn lutou para pôr de lado seu equipamento e chegar até a casa de Klemens ao lado. Ou melhor, o que costumava ser a casa de Klemens. Nick tinha falado pelo rádio para ela saber que eles estavam limpando e para garantir a ela que Lucas e todos os outros sobreviveram à batalha. Ele pediu que ela permanecesse onde estava, no caso de alguém tentar dar alguma. Ela fez o que ele pediu até que ela viu vários dos vampiros de Lucas rondando no quintal, batendo um nas costas do outro em vitória. Ela suspeitava que Nick estava tentando mantê-la longe da casa por algum motivo, e esse motivo só poderia ter um nome. Daniel.

O coração dela queria que ela corresse até lá para ver o que eles encontraram, mas seu cérebro insistiu em se certificar de que não havia deixado rastro da presença dela nesta casa antes de sair. Então ela sacrificou os poucos minutos que levou para colocar os móveis de volta onde ela encontrou e jogou os dois sacos de areia pesados para fora da janela. Ela viu onde eles desembarcaram para que ela pudesse pegá-los mais tarde, em vez de puxar para baixo pelas escadas. Ela então fechou a janela e dobrou as cortinas no meio,

assim como estava quando chegou. Ela deu uma olhada final ao redor do pequeno quarto, agarrou o estojo do rifle e correu para baixo e para fora da porta de trás, fechando-a atrás dela, fazendo uma nota mental de que alguém teria que vir mais tarde e programar o alarme.

Kathryn depositou seu estojo do rifle no compartimento de carga de um dos SUVs parados fora da casa de Klemens. As caminhonetes foram puxadas pelas portas e agora estavam perto da varanda da frente. Não havia ninguém por perto, então ela entrou na casa através de uma porta aberta e ficou por um momento, escutando.

O nível mais baixo da casa estava mais apagado, mas havia luar suficiente para que ela pudesse ver as silhuetas de mobiliário para o outro lado de onde ela estava. O corredor à direita tinha uma luz fraca brilhando fora dele, e ela podia ouvir um estrondo baixo que a fez pensar que havia um gerador de emergência em algum lugar, provavelmente, na cozinha. Em frente a ela estava uma grande escada que ia direito para o segundo piso de mezanino, que sustentava corredores bloqueados de cada lado.

— Lucas! — Ela chamou e começou a subir. Lucas apareceu no mezanino antes dela subir mais do que alguns degraus.

— Não venha. — Ele mandou descer. — Eu vou até você.

Kathryn estudou-o enquanto descia as escadas, movendo-se com sua graça letal habitual, e algo mais. Ele parecia... vitorioso. Era difícil de descrever. Ele estava tão lindo como nunca, seu cabelo preto despenteado atraentemente, seu grande corpo envolto em couro preto, olhos castanhos brilhando como ouro. Mas, então, não era tanto sua aparência física que estava diferente. Era um ar sobre ele, como se ele estivesse cercado por uma auréola de poder invisível.

Ele veio mesmo até ela.

— Eu pareço tão ruim assim? — Ele meio que brincou, olhando para si mesmo.

— Não. — Ela disse rapidamente. — Apenas diferente de alguma forma.

— De alguma forma — ele concordou com um irritante ar vago.

— Klemens? — Ela perguntou.

— Pó, junto como a maioria de seus companheiros.

Kathryn olhou para ele. Ela não contou, mas um monte de vampiros saiu da janela do porão, e em uma casa deste tamanho, provavelmente mais do que ela nunca viu. Eram pessoas, assim como Lucas e Nick e os outros. E assim eles estavam mortos e... pó.

— Kathryn?

— Sim. Isso é... habitual? Quero dizer, quantas vezes vocês lutam entre si até a morte?

— Não se preocupe, Agente Hunter. Isso não acontece frequentemente, e isso não diz respeito a você de qualquer maneira. Nós escolhemos o nosso caminho na sociedade de vampiros, e nenhum dos que morreram aqui tinham que ser lutadores. Eles poderiam ter sido donos de lojas, advogados, encanadores, o que eles quisessem, e estado perfeitamente a salvo disso tudo. É como seu próprio exército. É tudo voluntário.

— Isso não faz com que seja menos de uma perda quando eles morrem. — Kathryn estalou de volta para ele.

— Não, isso não faz. — Rebateu Lucas firmemente. — E há aqueles, inclusive eu, que vai lamentar a morte desnecessária de cada um desses vampiros. Mas a minha responsabilidade é para com os vivos, para com todos aqueles vampiros que Klemens mantinha em seu poder, os vampiros que teriam morrido em um instante se eu não tivesse intensificado a proteção deles. Então, eu não preciso do seu julgamento, obrigado.

— Lucas. — Ela agarrou o braço dele quando ele teria passado por ela descendo as escadas. — Eu não quis dizer isso.

Ele parou um degrau abaixo dela e encontrou seu olhar, seus olhos no mesmo nível. — Não, eu não acho que você quis. É tarde, Kathryn. Tem sido uma longa noite, e eu não vou dormir nesta casa. Estamos voltando para o condomínio St. Paul. Você vem?

— E Daniel? — Ela perguntou com urgência.

Lucas suspirou, e ela ouviu a exaustão nessa simples respiração.

— Seu irmão não está aqui. — Disse ele pacientemente. — Meus vampiros têm procurado cada centímetro desta grotesca casa. Não há ninguém vivo dentro destas paredes, que não seja o meu próprio pessoal. E não há sepulturas novas, também. — Acrescentou, antes que ela pudesse expressar

essa possibilidade horrível. Foi cruel da parte dele dizer isso, mas ela não podia negar que tinha o mesmo pensamento.

— Como você pode saber disso? — Ela sussurrou.

— Um, Klemens é... era inteligente demais para enterrar as vítimas em sua terra natal, muito menos em sua própria toca. Dois, vampiros têm um sentido incrivelmente afiado de cheiro, especialmente quando se trata de sangue e morte. Ele não está aqui, Kathryn.

Kathryn lançou um olhar desesperado ao redor da mansão escura.

— Eu preciso...

— Ver por si mesmo — Lucas terminou para ela. — Eu entendo. Eu tenho um contingente de guardas do dia chegando para proteger a casa. Eles vão ajudar, se você quiser, e eles vão saber como entrar em contato comigo.

— Obrigada. — Ela segurou em seu braço, sem saber o que fazer, mas não querendo deixá-lo zangado com ela. — Lucas...

Ele sorriu e inclinou-se para lhe dar um beijo.

— Eu ainda te amo, minha Katie. Nós vamos voar de volta para Dakota do Sul depois do pôr do sol, esta noite. Deixe-me saber o que você quer fazer. — Ele olhou para as escadas. — Vamos, Nick.

Kathryn ficou de lado enquanto Nicholas descia passando por ela para seguir Lucas. Ela olhou em volta e viu um interruptor de luz perto da porta da frente. Andando até lá, ela acendeu todos os interruptores, mas nada aconteceu. O que quer que Lucas fez extinguindo as luzes mais cedo deve ter danificado a rede. E provavelmente levaria horas antes da equipe de emergência chegar aqui para corrigir o que quer que seja que ele estragou.

Ela suspirou e se moveu desajeitadamente para fora com a grande lanterna de sua mochila. Ela acreditou em Lucas quando ele disse que seu irmão não estava aqui. Ou pelo menos ela acreditou que ele acreditava. Mas ela não podia deixar esse lugar sem ver por si mesma, sem buscar qualquer evidência de que Dan tinha estado aqui no passado.

E depois disso... ela não sabia o que ela faria. Porque se Alex nunca teve Daniel, se Klemens nunca o levou, então, onde ele estava?

Capítulo 19

Twin City, Minnesota

Kathryn tropeçou cansada pela porta do quarto que Lucas reservara para ela em sua sede em St. Paul. Era quase noite, e ela sabia que Lucas estaria acordando em breve, mas ela não podia encará-lo. Ainda não. Ela estava grata além da crença de que ele tivesse feito esse apartamento disponível para ela, que sua bagagem estava aqui com suas roupas, seus produtos de higiene pessoal. Ela precisava de um banho. Ela precisava de seu próprio sabão, seu shampoo, suas próprias roupas limpas. Ela precisava de algo normal e bom, depois de passar muitas horas pesquisando cada sala, cada armário, cada gabinete e gaveta da casa dos horrores de Klemens. A sujeira dele agarrou-se a sua pele, revestiu seu cabelo, e enraizou sob suas unhas. Se houvesse uma perversidade em que o senhor vampiro não esteve, ela não encontrou. Ele tinha bibliotecas inteiras repletas de livros, arquivos de computador e vídeos da pior espécie: pedofilia, filme com mortes, escravidão sexual e sado-masoquismo – e não do tipo consensual, também. E em seguida, esteve em seu calabouço privado, o lugar onde ele tinha satisfeito seus passatempos em um nível mais pessoal. Lucas poderia estar certo sobre a ausência de corpos – ela não encontrou nada

para contradizê-lo – mas homens e mulheres definitivamente morreram naquela casa.

Ela respirou fundo o ar limpo e se despiu, em seguida, procurou nos armários da cozinha até que encontrou uma caixa de sacos de lixo embaixo da pia. Cada peça de roupa que ela vestiu entrou no saco, da faixa revestida de borracha em seu cabelo, incluindo seu suéter e as duas camisas que ela pegou emprestadas de Lucas, mesmo seus tênis e meias. Ela amarrou o saco, em seguida, empurrou-o em um segundo saco e prendeu aquele bem firmemente. Seu primeiro instinto foi o de jogar tudo fora, mas ela podia mudar de ideia mais tarde, então por enquanto ela simplesmente o largou em um canto próximo da porta e arrastou-se para o banheiro.

Alcançando o chuveiro, ela girou a água quente em plena explosão, em seguida, inclinou-se cansada em cima da pia, revigorando-se em seus braços. Ela evitou se olhar no espelho, contente quando o espaço preencheu de vapor, enevoando o vidro o suficiente para que ela não pudesse ver nada. Ela se sentiu contaminada por aquilo que ela encontrou, e ela se perguntou se já se sentiria limpa novamente. Voltando-se para o chuveiro, ela abriu a porta e quase entrou sob o jato sem verificar primeiro. Algo registrou no seu cérebro cansado no último minuto, e ela estendeu a mão, puxando-a de volta quando a água perigosamente quente bateu nos seus dedos. Coração batendo forte, ela ajustou a água para ferver um pouco menos, então fechou a porta atrás dela e levantou-se, deixando a água lavar sobre ela.

Ela não percebeu que chorava até que a porta do chuveiro abriu e Lucas colocou seus braços em volta dela, segurando-a enquanto ela chorava em silêncio, lágrimas quentes contra o peito largo dele, seu corpo tremia de emoção enquanto ele a segurava firme.

— Ah, Katie. Nós vamos encontrar o seu irmão. Eu prometo.

Kathryn não podia responder inicialmente, não conseguiu encontrar o fôlego para fazer nada além de chorar. Mas quando ela chorou tudo, com sua voz áspera por suas lágrimas, ela disse:

— Não é só Daniel. É aquele lugar horrível. Você sabia que ele...

— Eu sabia um pouco disso. Nós, senhores vampiros, não exatamente socializamos uns com os outros, então eu não estive em sua casa antes. Mas eu

sabia que as preferências de Klemens tendiam para... degradação, e o meu povo me informou sobre o que eles encontraram antes de saírmos. Sinto muito que teve que ver isso.

— Você sabe. — Disse ela, fungando bem alto. — Eu já conheci alguns dos agentes que trabalham na força-tarefa de pornografia infantil, e eles insinuaram os tipos de coisas com que trabalham. Mas, vendo aquela terrível coleção de hoje de Klemens... Eu fico feliz que ele está morto.

— Sim — concordou Lucas. — Só lamento que ele tenha levado tantos com ele.

— Mas eles viveram lá, também. Eles devem ter...

— Alguns deles provavelmente compartilharam seus gostos, mas não todos. O vínculo entre um vampiro e seus filhos é forte, Kathryn. Mesmo muitos dos que o odiavam teriam sido incapazes de desafiá-lo.

— Então, eu sinto muito por eles, mas não pelo resto.

Ela o sentiu beijar o topo de sua cabeça e tentou se afastar.

— Não — ela protestou. — Eu estou suja.

— Nós vamos ter que fazer algo sobre isso, então. — Ele falou lentamente, sua cadência irlandesa fazendo-se ouvir.

Ele chegou por trás dela e abriu um recipiente de plástico, cheirando o conteúdo antes de derramar pela cabeça.

— Eu posso fazer isso, você não...

— Deixe-me, *a cuisle*. Apenas relaxe.

Ele virou-a até que ela estava de costas para o seu peito, seu grande corpo protegendo-a da água batendo. Seus dedos fortes massagearam seu couro cabeludo, perfumando o chuveiro fumegante com o cheiro doce de seu xampu, enchendo suas narinas com o cheiro de limpeza ao invés da podridão repulsiva do covil de Klemens. Ela inclinou a cabeça para trás e o deixou trabalhar, saboreando o fluxo elegante de seus músculos, a força sólida de seu corpo atrás dela. Uma onda de tristeza trouxe novas lágrimas aos olhos. Ela sabia que isso não poderia durar. Em pouco tempo, ela teria que voltar para a Virgínia, para seu trabalho e sua vida lá. Ela teria que deixar tudo isso – deixar Lucas – para trás. Era uma relação impossível a deles. Milhares de quilômetros separavam suas vidas, e isso era só à distância. Ela trabalhava para o FBI, e ele era um

maldito senhor vampiro. Como isso poderia funcionar entre eles? Ela não poderia mudar quem ela era mais do que Lucas poderia deixar de ser um vampiro. Ela inclinou a cabeça, então Lucas não veria as lágrimas. Ela nunca chorou, e agora, de repente, ela não conseguia parar.

Os dedos de Lucas pararam, e ela pensou que ele sentia de alguma forma que ela estava chorando, mas depois ele deslizou as mãos em seus ombros e disse — Prepare-se para enxaguar. — Ele virou-a lentamente na corrente de água, inclinando sua cabeça para frente com uma pressão suave. Uma vez que tirou o xampu, ele passou o condicionador – ela se apaixonou perdidamente por um homem que apreciava a necessidade de condicionador.

Seus pensamentos derraparam até parar. Amor? Ela não poderia amar Lucas Donlon por todas as razões que já disse a si mesma.

— Relaxe, *a cuisle*. — Ele repetiu, murmurando em seu ouvido. — Eu vou cuidar de você.

Cuidar dela? O que ele quis dizer com isso? Ela não precisava de ninguém para cuidar de... Oh.

As mãos hábeis de Lucas estavam esfregando gel de banho em todo o caminho pelas costas dela, sobre os ombros e ao longo de seus braços. Ele ergueu cada uma das mãos dela separadamente, lavando entre os dedos, massageando as unhas e cutículas, esfregando até a última gota de sujeira de Klemens. Ele baixou para sua bunda e deu um aperto de provocação antes de deslizar seus dedos entre suas nádegas e descer, deslizando um dedo em seu ânus antes de descer quase na dobra da sua vagina.

Kathryn gemeu baixinho e deixou a cabeça cair sobre o ombro dele. Ela virou a cabeça e encontrou sua boca. Seus lábios e pele estavam quentes do chuveiro, mas sua boca quando ela rodou sua língua ao redor estava fresca e deliciosa. Ele chupou forte, puxando a língua dela mais fundo em sua boca antes de liberá-la para trilhar beijos de seu pescoço para o ombro, onde ele mordeu suavemente sobre o osso delicado de sua clavícula.

Ela sentiu a lâmina fria de seu gel de banho conforme ele pingava-o sobre o peito dela, e então a carícia quente de suas mãos, pegando seus seios, provocando seus mamilos em pedrinhas rígidas da sensação enquanto suas mãos se moviam mais baixo. Ele lavou as costelas dela, seu abdômem e desceu

ainda mais até que ele mergulhou os dedos entre as dobras de seu sexo, atormentando-a com roçares de brincadeiras sobre e ao redor de seu clitóris, acariciando as bordas de sua vagina, enquanto negava-lhe até mesmo o mais breve deslizar de seus dedos em sua vagina faminta. Kathryn colocou a mão sobre a dele, empurrando-a mais para baixo, mais profundo, exigindo o que ela queria.

Mas Lucas apenas sorriu e retirou a mão de suas coxas e virou-a para encará-lo novamente. Espremendo mais gel em suas mãos, ele se ajoelhou para lavar as penas dela, de seus quadris para os dedos dos pés, lavando cuidadosamente e massageando cada perna, enquanto Kathryn cerrava os punhos, seus dedos no cabelo molhado dele, dolorosamente consciente de sua boca tão perto do centro de seu desejo.

Ela quase gritou quando sua língua de repente arranhou um caminho lento ao longo de sua fenda, varrendo a umidade de sua excitação antes de acariciar contra seu clitóris. Seus lábios se fecharam sobre aquela saliência sensível, e Kathryn pensou que ela iria desmaiar quando ele chupou forte, puxando a pérola inchada entre seus lábios, em seguida, deixando-o deslizar para fora outra vez, mais e mais, até que ficou cheio de sangue, até que cada nervo no corpo de Kathryn gritava por liberação. Ela apertou seus seios, beliscando seus mamilos impiedosamente, desesperada para aliviar um pouco da pressão, um pouco da necessidade que dominava seus sentidos.

Lucas chegou por trás dela, pegando a bunda dela em suas mãos poderosas, segurando-a no lugar enquanto ele a atormentava, fazendo-a sentir coisas que nunca sentiu com ninguém, fazendo-a *querer* coisas que ela sabia que eram impossíveis. Ela abriu a boca para pedir para ele parar, ou talvez, para continuar para sempre. Ela não sabia o que ela teria dito, porque naquele momento, Lucas fechou os dentes sobre o clitóris e mordeu. Ela gritou, então, enquanto um orgasmo invadiu através de seu corpo como um raio, acendendo cada terminação nervosa, disparando todos os músculos, e fazendo todos os pelos em seu corpo endurecer como ondas de êxtase em cascata sobre seu corpo, até que ela mal podia suportar. Kathryn puxou o cabelo de Lucas, gritando seu prazer até que o orgasmo roubou até mesmo a sua respiração, e tudo o que ela podia fazer era ofegar o nome dele.

Lucas deu a sua vagina um golpe final de sua língua, seus olhos brilhando dourado quando ele olhou para ela e lambeu os lábios, visivelmente saboreando o sangue que ele extraiu a partir de seu clitóris. Ele se levantou abruptamente, seu corpo musculoso deslizando sobre o dela conforme ele a apertou contra a parede do chuveiro. Ela podia sentir o comprimento sólido de sua excitação quando ela ergueu os braços em volta de seu pescoço. Ele agarrou sua coxa e colocou a perna em volta de seu quadril, levantando-a mais até que ele pudesse deslizar seu pênis em sua umidade ansiosa. Kathryn gemeu e fechou os olhos, sobrecarregada com a sensação de veludo sobre mármore de seu pênis grosso empurrando dentro dela.

— Abra seus olhos, Kathryn. — Lucas exigiu, sua voz baixa e áspera.

Kathryn levantou as pálpebras pesadas de paixão e encontrou o olhar dourado dele. Ele sustentou seu olhar quando ele começou a transar com ela, uma mão em concha sob a bunda dela, a outra pressionada contra a parede de azulejo enquanto ele deslizava para dentro e para fora com movimentos longos e lentos, deixando-a sentir cada centímetro de seu pênis quando ele mergulhou através de sua ainda trêmula vagina, a pélvis dele friccionando contra seu clitóris estranhamente excitado com cada golpe.

Kathryn lambeu os lábios, o suor escorrendo pelo seu rosto enquanto a água quente continuava a bater ao seu redor. O olhar de Lucas caiu brevemente para sua boca, então mudou de volta a seus olhos, sua expressão crescendo, de repente, mais determinado enquanto seus movimentos tornaram-se mais urgentes. A bunda dele flexionou mais debaixo da perna que ela tinha em volta de seu quadril, e ele começou a meter nela, empurrando mais profundo com cada estocada, seus golpes na carne molhada dela.

Lucas rosnou, e os olhos de Kathryn se arregalaram quando suas presas surgiram. Seu olhar assumiu um brilho predatório, quando ele beliscou brevemente em seus lábios e mandíbula, antes de finalmente lamber a pele de seu pescoço, sua língua grossa e fria contra a grande veia debaixo de sua orelha. Seu coração batia, sua respiração em curtas arfadas, quando o deslizar suave de suas presas substituíram a língua. Ele levantou a cabeça levemente e mordeu sua veia.

E então ela estava chorando, impotente, enquanto um segundo orgasmo reivindicou seu corpo, cerrando seus músculos internos em torno do pênis dele, tornando o sangue dela em lava derretida enquanto rolava por suas veias, transportando um prazer que era quase demais para ela suportar tudo de uma vez. Sua perna se contraiu em torno dos quadris dele, seu calcanhar cavando em sua bunda musculosa enquanto seu sexo pressionava apertado, recusando-se a libertá-lo, mesmo que uma parte de Kathryn estivesse implorando para ele parar. Seu peito apertado com uma emoção que ela não queria reconhecer, não queria sentir, mas era tarde demais. Tarde demais.

— Tarde demais — ela sussurrou, quando Lucas dobrou contra ela finalmente, ambos esgotados e tremendo.

— Tarde demais para o que, *a cuisle*? — Ele sussurrou sem fôlego.

— Eu não sei — ela mentiu. — Eu não sei o que eu estava dizendo.

Lucas alcançou por trás dele e removeu a perna dela, baixando-a cuidadosamente até que ambos seus pés tocaram o chão de ladrilhos.

— Quer que eu lave você?

Kathryn empurrou suas mãos e forçou uma risada.

— Você já fez o bastante lavando por uma noite. Cuide de si mesmo.

— Você não é de modo algum divertida. — Ele murmurou enquanto se ensaboava e lavava-se rapidamente. Quando terminou, ele se inclinou para um último beijo macio e faminto, sussurrando algo no ouvido dela antes de se afastar e a deixar no chuveiro para terminar sozinha. As palavras eram em irlandês, assim ela podia fingir que não ouviu, não sabia o que elas significavam, mas a verdade era...ela não precisa saber o real significado das palavras, porque estava lá na maneira como ele disse, no roce macio de seus lábios contra sua orelha, o rolar das sílabas fora de sua língua. Ele a amava, e isso estava quebrando o coração dela.

Capítulo 20

Lucas mal tinha desligado uma chamada com Nick quando Kathryn finalmente saiu do quarto, parecendo toda rosada e bem satisfeita. Ele creditou-se com ambas as coisas. Ela estivera longe de qualquer um quando ele despertou mais cedo nesta noite. Ele sabia que ela estava lá embaixo, mesmo antes de acordar. O sangue que tirou dela ao longo dos últimos dias tinha cantado para ele a sua presença, deixando-o sentir a sua tristeza e muito mais.

— Sentindo-se melhor? — Ele perguntou desnecessariamente.

Ela cruzou com ele e acariciou sua bochecha com uma mão enquanto o beijava. — Graças a você. — Ela murmurou, depois recuou e disse, — Se eu fosse você, eu queimava aquela mansão horrível com tudo dentro dela.

— Se fosse por mim, eu faria. Mas não é minha decisão.

Kathryn franziu a testa. — Eu pensei que uma vez que você o derrotou...

— Matou. — Lucas corrigiu.

Seus lábios apertaram, mas ela balançou a cabeça. — Desde que você o matou, que tudo dele seria seu?

— Se eu quisesse, sim, mas eu não quero. Eu vou manter o seu povo em segurança até um novo senhor permanente surgir.

— Como é que isso funciona?

Lucas levantou um canto de sua boca em um sorriso. — Eu diria a você, Agente Hunter, mas então eu teria que te matar. — Ele se moveu rapidamente, serpenteando um braço ao redor da sua cintura e puxando-a contra ele. — E eu definitivamente não quero matar você, minha Katie. Tenho coisas muito melhores para fazer com esse delicioso corpo.

Kathryn corou com evidente prazer e tentou afastá-lo. — Mantenha seus segredos de vampiros. Eu não me importo.

Lucas riu, dando a ela uma última carícia em sua bunda firme antes de deixá-la ir. — Estamos voltando para Dakota do Sul esta noite. E eu acho que é onde você precisa procurar por seu irmão.

Ela ficou séria imediatamente, e ele quase se arrependeu de lembrá-la. Quase. Porque ele sabia mais do que tudo, que a ausência de seu irmão a assombrava. Se Lucas pudesse resolver esse problema para ela, ele ficaria feliz, mas ele desistiu a muito tempo de acreditar em finais felizes.

— Você está certo. — Ela concordou. — Essa... — ela fez um gesto para indicar a *Twin City,* suas luzes cintilando um pouco além das grandes janelas. — Essa foi uma má decisão da minha parte. Eu preciso voltar para o começo, para o princípio. Eu vou começar de novo, reentrevistar todo mundo, verificar cada lugar de novo. Eu perdi alguma coisa. Eu só tenho que descobrir o quê.

— Eu vou ajudá-la. — Lucas assegurou. — O meu pessoal vai te ajudar...

— Eu tenho que encontrá-lo, Lucas. De uma forma ou de outra. Se eu não encontrar... — Ela desviou o olhar, a boca apertada, os punhos fechados enquanto lutava para não derramar as lágrimas brilhando em seus olhos azuis. — Eu tenho que encontrá-lo. — Ela sussurrou, quase para si mesma.

Lucas colocou os braços em volta dela e a segurou suavemente, como uma peça de cristal que iria quebrar se você segurasse com muita força. Ele só esperava que Kathryn fosse mais forte do que isso, porque Kurt havia procurado de cima a baixo, em lugares que Kathryn nunca se aventurou, e ele não encontrou nenhum vestígio. Daniel Hunter havia desaparecido no vento, e Lucas estava começando a pensar que ele ficaria assim.

* * *

The Badlands, Dakota do Sul.

Kurt acelerou o passo enquanto se aproximava do *Ben Reifel Visitor Center.* Ele estacionou sua caminhonete no estacionamento do lado dali mais cedo, antes de sair para uma área remota. Ele estava parando de fazer mais cedo do que o habitual esta noite. Lucas e a maioria dos guerreiros tinham estado fora da cidade. Eles lutaram e derrotaram Klemens em seu covil em Chicago na noite passada e estariam voltando para casa hoje à noite. O clube não estava aberto, mas seria uma espécie de festa em casa, e Kurt estaria lá para ajudar a manter as coisas em ordem. Outrora, ele teria estado lá em Chicago com eles, mas ele era um barman agora, um gerente de negócios. Ele podia ficar entediado com isso, eventualmente, podia perder o sangue correndo em uma batalha bem disputada, mas por enquanto ele estava contente com amassar umas poucas cabeças de vampiros agora e depois.

Esta noite, ele não estava esmagando a cabeça de ninguém. Ele estava procurando por Dan. Kathryn Hunter havia deixado a cidade, seguindo Alex Carmichael para Minneapolis. Kurt não acreditou que Alex tinha alguma coisa a ver com o desaparecimento de Dan. O vampiro mais velho apenas não tinha isso nele para fazer algo assim, e por que ele teria? Ele e Dan eram colegas de trabalho, amigos mesmo.

Não, Kurt estava convencido de que seu amigo Dan ainda estava aqui em algum lugar. Ele não sabia por que acreditava tão fortemente nisso. Era apenas um sentimento. Talvez fosse o sangue que compartilharam uma vez no sertão. Isso não foi suficiente para uma conexão real. Dan tinha estado mais curioso do que comprometido com a troca. Mas algum instinto de Kurt continuou insistindo que Dan estava próximo, e Kurt vasculhou a cidade à procura dele, sem sucesso. Então, ele voltou para Badlands, pensando que talvez ele tivesse perdido alguma coisa. Ele era o melhor rastreador e tinha assombrado os selvagens de Badlands todas as noites procurando por Dan. Algumas vezes foi apenas uma ou duas horas após o bar fechar à noite, outras vezes, quando o bar estava fechado, ele tinha começado ao pôr do sol e procurou a noite toda.

Ele parou, recuando para as sombras enquanto uma caminhonete saiu da rodovia e rolou através do estacionamento para o pequeno edifício usado como uma espécie de escritório e armazenamento pelos ranges. Ele viu quando uma figura familiar se inclinou para recolher um recipiente de isopor do banco do passageiro, em seguida, saltou de sua caminhonete e dirigiu-se para dentro, usando uma chave para abrir a porta trancada.

Kurt sentiu o cheiro de comida cozida, e seu olhar se concentrou no recipiente de isopor. Meio tarde para o jantar. Mais... ele cheirou novamente. Carne grelhada e congelada, mas malpassada o suficiente para que Kurt ainda pudesse sentir o cheiro de sangue fresco. E o homem que carregava era um vegetariano completo. Um tipo de dor na bunda sobre isso, na verdade.

Grato que sua caminhonete estava fora de vista no estacionamento não iluminado, perto do centro de visitantes, Kurt recolheu-se para as sombras, confiante de que a noite deserta o esconderia até que quisesse ser visto. Uma vez que o visitante inesperado entrou no prédio menor e fechou a porta, Kurt deslizou silenciosamente em frente ao estacionamento. Um pedaço de luz brilhou em torno do seu lado, e ele deslizou para baixo até que ele estava de pé à direita do lado de fora de uma pequena janela. Ele rosnou sua frustração. A maldita janela estava coberta com algum tipo de pano preto pesado, então ele não conseguia ver nada. Ele podia ouvir o vegetariano que carregava a carne falando com alguém, no entanto. E ele podia sentir o cheiro do bife. Alguém respondeu ao primeiro homem.

Kurt congelou no reconhecimento. Então, ele teve que lutar contra todos os seus instintos enquanto recuava e discava um número.

* * *

O celular de Lucas tocou enquanto ele seguia Kathryn para o SUV fora do aeroporto Rapid City. Ela esteve quieta no voo para casa. Preocupava-o em várias maneiras, não menos do que se eles falhassem em encontrar o irmão dela, Kathryn nunca se recuperaria. Mas a outra coisa era a clara sensação de que ela estava se afastando dele, ou se preparando para se afastar, o que era a

mesma coisa. Era como se ela tivesse decidido que o fim estava chegando, e ela queria facilitar a separação cuidadosamente, então não rasgaria tanto o seu coração. Para não mencionar o que isso faria ao dele.

Ele verificou o identificador de chamadas em seu celular e fez uma careta. Por que Kurt estaria ligando para ele?

— Kurt? — Disse ele, respondendo à chamada.

— Senhor. Eu encontrei Daniel Hunter.

Lucas olhou para Kathryn, mas ela olhava para fora da janela, e sendo humana, não podia ouvir o que Kurt estava dizendo.

— Onde?

— Aqui, meu senhor. Em Bandlands, perto do centro de visitantes.

Os pensamentos de Lucas correram quando ele tentou descobrir uma maneira de perguntar se Daniel estava vivo ou morto sem revelar qualquer coisa para Kathryn, que agora virou sua atenção da janela, e estava meio ouvindo sua conversa.

— Em que condição? — Perguntou ele finalmente.

— Vivo, meu senhor. Eu não pude vê-lo, mas eu o ouvi falar, e seu captor lhe trazia comida.

— E quem é esse? — Lucas rosnou.

— Cody Pilarski, meu senhor. O guarda do parque. Isso não faz sentido, mas é o que eu vi.

— Onde você está agora?

— Eu estou lá, meu senhor. Meu primeiro pensamento foi ir sozinho, mas...

— Não — disse Lucas instantaneamente. — Nós vamos estar aí dentro de uma hora. Não o deixe sair, mas espere por mim, se puder.

— Sim, Senhor.

Lucas desligou e colocou casualmente um braço por cima do ombro de Kathryn, puxando-a para mais perto. — Mason. — Disse ele para o vampiro atrás do volante do SUV. — Vamos para o centro de visitante do Parque Nacional de Bandlands. Você sabe onde é?

— Sim, meu senhor. — Mason respondeu com uma voz um pouco intrigada.

— Nick, eu quero quatro dos nossos lutadores conosco. O resto pode ir para a casa da fazenda.

— Sim, meu senhor, posso perguntar...

Kathryn olhava para ele agora. Lucas virou a cabeça para encontrar seu olhar e disse: — Kurt encontrou Daniel. Nós vamos buscá-lo.

* * *

Lucas tinha argumentado para ela ficar na caminhonete. Como se isso fosse acontecer. Kathryn puxou para fora a sua mochila da parte traseira do SUV de Lucas e pegou sua Glock 23, verificando o pente e operando o dispositivo para verificar se estava carregada. Ela colocou a arma em seu cinto de serviço, juntamente com sua mini-Maglite, então pegou um elástico de cabelo e amarrou para trás, torcendo-o em um coque baixo para mantê-lo fora de seu caminho. A última coisa que ela pegou foi a sua ID do FBI. Quem quer que seja que estava lá ia em custódia. Não haveria corpos abandonados neste momento. Esse poderia ser um território de Lucas, e ela era mais do que grata que Kurt havia localizado Daniel quando ela falhou, mas isso não era hora de justiça vampírica. Ela estava bastante certa que um caso como este seria levado pelo menos a nível do município, mas o xerife Sutcliffe seria o único fazendo a prisão formal. Ela mesma o chamaria uma vez que esse cara, Pilarski, estivesse em custódia, e ela se chutaria mais tarde por não acompanhar e entrevistar Pilarski ela mesma. Agora, ela ia conseguir seu irmão de volta.

Lucas deu um olhar de desaprovação quando ela se juntou a grande confabulação de vampiros, mas ela o ignorou. Eles estavam estacionados na mesma rua do centro de visitantes. O deserto estava quase escuro como breu, com apenas um pouco de luar para poder ver. Os vampiros poderiam provavelmente ver muito bem, mas ela não poderia fazer nada a poucos metros de distância. Ela não ligou a lanterna, no entanto. Tudo o que ela precisava era que Pilarski olhasse para fora da janela, para ver a sua luz e pânico.

— Há uma pequena sala perto dos fundos — Kurt estava dizendo, — ao longo do lado direito do prédio. É muito inútil voltar para lá, e a janela está

coberta com um cobertor ou algo assim, mas você pode dizer quando a luz passa.

— Pilarski ainda está dentro? — Kathryn perguntou a ele.

Kurt concordou. — Eu estive observando desde que eu liguei. Sua caminhonete é a única sem o logotipo. Eles não estão autorizados a conduzir veículos do parque para uso pessoal, e aquele prédio que ele está é suposto ser de armazenamento. Há um par de salas de reunião dentro, mas eles não utilizam muito esta época do ano.

— E o quarto de trás?

— Se isso é o que eu penso, não é muito mais do que um armário de armazenamento.

Kathryn virou-se para Lucas. — Então, qual é o plano? — ela perguntou. Era seu irmão lá, mas esse era o pessoal de Lucas.

Lucas deu-lhe um olhar seco de reconhecimento e se dirigiu ao seu tenente. — Nick, você pega os outros e circunda o prédio. Eu não o quero escapando por uma janela. Kurt, você vai bater na porta. Ele conhece você, sabe que você paira em torno do parque durante a noite, por isso não vai desencadear sua suspeita imediatamente. Pegue ele para andar com você para mais longe do edifício, e Kathryn e eu iremos atrás de você. Eu quero saber quantos estão lá antes de fazermos um movimento. Se for só Pilarski, você o leva para fora e nós pegamos Daniel.

— O leve para fora, não o mate. Eu quero que ele seja preso e acusado.

Como um, todos os vampiros se viraram para olhar para ela.

— O que? — Ela exigiu. — Ele é humano e sequestro não é um crime de pena de morte. Ele vai para a cadeia.

— E fazer isso de novo quando ele sair. — Comentou Lucas.

— Você não sabe isso. Nós nem sabemos por que ele fez isso dessa vez. Além disso, isso é como funcionam os tribunais, e eu tenho um juramento de cumprir a lei, não importando se eu concordo com isso ou não.

Lucas revirou os olhos em desgosto. — Como você quiser. Nick, vá. Kurt, você está comigo e Debbie-Do-Right[15] aqui.

---

15 Acredito que seja alguma forma de dizer que ela é —certinha— ou que faz tudo dentro da lei, provavelmente alusão alguma Debbie dos EUA e os direitos.

Kathryn socou seu braço, mas ele apenas riu. Vampiro bastardo provavelmente não tinha nem sentido.

Levou apenas alguns minutos para que todos assumissem suas posições. Kathryn maravilhou-se com a velocidade e discrição dos vampiros. Era muito ruim que eles não estivessem dispostos a trabalhar pela aplicação da lei, porque só no improviso ela poderia pensar em uma meia dúzia de situações aonde os seus talentos viriam a calhar. Será que grandes atiradores vampiros como Lucas proíbem envolvimento vampírico na aplicação da lei? Ou era apenas uma questão de desconfiança mútua? Ela fez uma nota para verificar com Lucas. Mais tarde. Primeiro, Daniel.

Kurt subiu os degraus de concreto e bateu na porta de tela. A resposta inicial foi o silêncio, mas depois de Kurt bater de novo, Lucas se inclinou para sussurrar em seu ouvido que alguém se aproximava da porta.

A porta mal abriu primeiro, então foi mais aberta, quando Pilarski reconheceu o visitante.

— Kurt — ele disse em surpresa óbvia. — O que é isso, cara? É tarde demais.

— Sim, é — Kurt concordou agradavelmente, — mas eu vi a sua caminhonete e queria ter certeza que estava tudo bem com você. Você precisa de uma carona para algum lugar?

— Oh, não, cara. Estou apenas recuperando o atraso em algumas coisas. Você sabe que o governo não é nada além de papelada.

Kurt riu. — Alguém tem de apresentá-los para a era do computador. Se importa se eu entrar?

— O quê? Hum. Eu não acho que realmente...

Kurt não esperou por um convite. Ele abriu a porta e entrou, forçando Pilarski a se mover ou ser batido para trás.

— Bom, tudo bem, eu acho que por um minuto, tudo bem. — Pilarski esquivou-se. — Você quer um pouco de chá ou... Ah, foda-se. Desculpe. Eu não estava pensando.

— Ei, Cody. — Kurt disse facilmente. — Isso é cheiro de carne? Você estava escondendo algo de nós todo esse tempo? Esgueirando um hambúrguer, tarde da noite?

— Não! — Protestou, enquanto caminhavam mais fundo no edifício, suas vozes sumindo. — Eu não...

Kathryn perdeu o que quer que seja que Pilarski não fez, porque Lucas estava em movimento, saltando no degrau em um único salto gracioso e puxando-a sem esforço por trás dele. Ele passou pela primeira porta, completamente silencioso, não mais do que uma sombra entre as sombras. Kathryn puxou a arma e o seguiu, consciente do barulho que ela estava fazendo em contraste. Seus passos eram como um elefante sobre o cascalho, e sua respiração cuidadosa parecia soprar fole. Ela olhou ao redor e viu que Lucas já estava no corredor, deslizando em direção a uma porta iluminada onde Kurt e Pilarski pareceram ter saído. Ela ouviu o deslizar de uma chaleira no fogão e imaginou que isso devia ser uma cozinha ou sala de descanso.

— Eu não sabia que vampiros bebiam chá. — Pilarski estava dizendo a Kurt.

Kurt estava de pé na porta, inclinando-se para um lado. Quando se aproximaram, ele apontou para uma porta mais para baixo no corredor apagado.

— Claro, nós bebemos. — Ele disse casualmente, e ajeitou para ficar no centro da porta, bloqueando efetivamente a vista de Pilarski enquanto Lucas e Kathryn passavam.

A porta que Kurt os direcionou era no final do corredor. Lucas já estava testando a maçaneta quando Kathryn surgiu ao lado dele, mas estava trancada com uma trava com chave, e não havia chave à vista. Lucas olhou por cima do ombro em direção à cozinha, onde a chaleira estava agora começando a assobiar irregularmente, então ele deu de ombros e chutou a porta.

O cheiro bateu nela primeiro. Ela quase caiu de joelhos em dor antes que ela reconhecesse o que era. Não era morte, nem um corpo em decomposição, mas dejetos humanos, sujeira e comida podre. Aquele desgraçado!

— Daniel. — Ela chamou. Estava muito escuro. Ela guardou a Glock e puxou a lanterna, iluminando ao redor da sala, até que encontrou uma trouxa de roupas em uma cama no canto.

— Lucas, eu não posso ver nada. — Ela chamou, enquanto corria para frente, a sua luz liderando o caminho. Uma nojenta, amarela instalação

apareceu por cima da sua cabeça, assim que ela chegou à cama, e ela viu seu irmão pressionado contra o canto, o rosto pálido sob a sujeira, seus olhos azuis, tanto quanto os seus, olhando para ela, incrédulo.

— Kat? — Ele meio que sussurrou.

Ela estendeu a mão para ele, mas ele a empurrou contra a parede, segurando a mão para detê-la.

— Não. — Dise ele com urgência. — Eu estou nojento.

— Não, você não está. — Disse ela em meio às lágrimas. Ela apagou a luz e se agachou na frente de seu irmão. — Você é a coisa mais linda que eu já vi.

Houve um breve flash da sua marca registrada de um sorriso enquanto ele disse: — Eu não estou. Mas eu vou estar. Apenas deixe-me dar o fora daqui, Kat.

Lucas estava de pé na porta destruída, murmurando em seu telefone celular. Provavelmente chamando Nick e os caras de volta, já que o inimigo neste caso consistiu em um guarda de parque solitário. Um guarda de parque obviamente desequilibrado, mas ninguém que ele não pudesse segurar. O senhor vampiro recuou, e Kurt apareceu na porta.

— Hey — ele disse, seus olhos encontrando os de Dan. — Você precisa de um banho, cara.

Dan riu, seus olhos se enchendo de lágrimas. — Isso é o que eu tenho estado dizendo.

Kurt atravessou a sala em três passos largos e fez o que seu irmão não havia permitido a ela fazer. Ele passou os braços em torno de Daniel, sujo e tudo, e Dan agarrou-se ao vampiro grande, seus ombros tremendo enquanto ele chorava lágrimas silenciosas de alívio. Kurt puxou o cobertor longe com uma mão, viu a algema de metal ao redor do tornozelo de Dan e quebrou a corrente com um grunhido irritado. Então, ele olhou para cima e encontrou o olhar de Kathryn.

— Eu gostaria de deixá-lo limpo, se estiver tudo bem com você.

Kathryn assentiu em silêncio, e Kurt começou a ajudar seu irmão a ficar de pé, mas no último minuto, Dan se enrolou com algo debaixo dos cobertores e veio com uma câmera.

Kathryn olhou, reconhecendo como uma daquelas que ela deixou com o Xerife. — Como... — ela começou a perguntar, a suspeita florescendo. — Eu guardei seu equipamento no escritório do Sheriff.

Dan sacudiu a cabeça, como se estivesse lendo sua mente. — O maluco trouxe para mim, gabou-se do quão inteligente ele foi roubando isso debaixo do nariz do xerife. — Ele apertou o controle sobre a câmera, levantando-a ao nível dos olhos. — Isso vai me fazer ganhar um Pulitzer[16], Kat.

— Dan — ela o repreendeu.

Kurt o encorajou em direção ao corredor, mas Dan parou na frente dela e pegou sua mão. — Eu sabia que você viria.

Kathryn apertou-lhe a mão sobre a dele. — Foi Kurt quem encontrou você. — Disse ela, dando ao vampiro barman um olhar agradecido. — Eu tinha certeza de que Alex Carmichael tinha você.

— Alex? — Dan repetiu em confusão.

— Mais tarde. — Kurt disse. — Banho primeiro.

Dan riu um pouco, deu um aperto final nos dedos de Kathryn e repetiu: — Eu sabia que você viria. — Então, como se a troca tivesse tomado o pouco de energia que ele tinha deixado, ele apoiou-se contra Kurt, quem praticamente o carregou para fora do quarto imundo.

Quando eles foram embora, ela deu a Lucas um olhar duro.

— Pilarski. — Disse ela com firmeza.

— Todo amarrado com um laço bonito, assim como você ordenou, Agente Hunter. — Ele respondeu ironicamente.

— Eu sei que você acha que eu sou idiota.

— Nem um pouco. — Disse ele, então fez uma careta e cobriu o nariz e a boca com uma mão. — Mas poderíamos terminar isto em outro lugar? Mesmo um nariz humano deve estar atingido pelo cheiro aqui.

Kathryn tardiamente lembrou-se do mau cheiro, e seu estômago enervou. Ela tinha estado tão preocupada com Dan... Lutando contra uma súbita vontade de vomitar, ela saiu correndo da sala imunda, empurrando

---

16 O Prêmio Pulitzer é um prêmio americano outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e música. É administrado pela Universidade de Colúmbia em Nova York.

Lucas à sua frente. — Mova-se vampiro, a menos que você queira que eu me adicione ao aroma.

Lucas a pegou e os dois correram pelo corredor e para fora no estacionamento, onde Kathryn inclinou-se, com as mãos sobre os joelhos enquanto ela sugava o ar da noite viva em respirações profundas.

— Deus, isso foi horrível. — Ela suspirou. — Eu não posso imaginar... Inferno, EU preciso de um banho.

— Aqui vem o xerife — comentou Lucas de onde ele estava a vários metros de distância, provavelmente apenas no caso de ela perder a batalha contra o seu estômago.

Kathryn procurou enquanto o xerife Sutcliffe chegou ao estacionamento, seguido de uma segunda unidade de patrulha, ambos com suas barras de luz intermitentes.

— Mas eu não o chamei ainda.

— Eu pedi a Nick para ligar antes de nós entrarmos. — Lucas disse suavemente. Ele deu de ombrou quando ela lhe deu um olhar interrogativo. — Eu não tinha vontade de ficar esperando a guarda local chegar aqui. Pode demorar um pouco para alguém aparecer nestas cidades pequenas, especialmente à noite.

Kathryn se endireitou, então afagou o braço de Lucas em apreciação quando ela foi se encontrar com o xerife.

— Xerife Sutcliffe — ela o cumprimentou.

— Agente Hunter. — Ele respondeu. — Como está o seu irmão?

— Exausto e faminto, mas nada que uns dias de descanso não vão cuidar.

— Você não ligou para uma unidade de resgate?

— Um amigo o levou. — Ela disse, deixando-o assumir que ela quis dizer para o hospital. — Nós pensamos que seria mais rápido.

— Então, ele estava aqui o tempo todo. — Disse Sutcliffe, balançando a cabeça. — Como você o encontrou?

Ela assentiu com a cabeça.

— Denúncia anônima no meu celular cerca de noventa minutos. A voz era de um homem, mas abafada. Ele disse que meu irmão estava sendo mantido

aqui, e uma vez que já estávamos a caminho do aeroporto, nós viemos diretamente para o parque para conferir.

— Você esperou para me chamar. — Disse ele em óbvia desaprovação.

— Está correto, senhor. Eu não vi nenhuma razão para fazer uma cena, se isso acabasse por ser uma brincadeira. Afinal, você e eu, ambos verificamos as coisas aqui no centro de visitantes, e nada surgiu no nosso radar. — Ela expressou deliberadamente, fazendo-se tão responsável quanto o xerife, talvez mais, por negligenciar qualquer coisa que possa ter indicado que seu irmão estava sendo mantido bem debaixo de seus narizes.

— Eu vejo. — Seu olhar viajou ao longo dos vampiros rodeados atrás dela. Havia apenas três, Lucas, Mason e Nicholas, desde que Lucas já tinha enviados os outros embora. Ele teria enviado aqueles dois, mas ele não estava disposto a deixar Kathryn sozinha com o prisioneiro, e Nicholas se recusou a deixar Lucas sozinho com as autoridades humanas. Aparentemente, dificuldade em confiar eram os seus nomes do meio.

— Senhor Donlon e seus companheiros estavam comigo quando eu recebi a dica. — Explicou ela, sentindo apenas uma ligeira pontada por manipular a verdade.

— Você sabe de onde isso veio? A dica, eu quero dizer.

— Eu já verifiquei isso. A chamada veio de um celular descartável. Impossível de rastrear.

— Malditas coisas. Bem — ele olhou para além dela, para Cody Pilarski, que estava pendurado miseravelmente entre dois robustos vampiros. — O que você tem a dizer por si mesmo, Cody?

Pilarski levantou a cabeça e dirigiu-se ao Sheriff. — Eu quero negociar. — Disse ele mal-humorado. — Isso foi ideia de Belinda, não minha. Hunter estaria morto se eu não o tivesse protegido.

O xerife Sutcliffe deu de ombros. — Não é minha a última palavra. — Disse ele, então, virou-se para Kathryn, que ainda absorvia a reivindicação de Pilarski. Belinda foi a única quem instigou o sequestro? Ela era a guarda do parque que Kathryn entrevistou em seu primeiro dia na cidade. A única que chegou toda perturbada ao falar sobre Dan. Kathryn tinha assumido que ela estava afetada, mas talvez ela estivesse simplesmente culpada.

— Eu vou segurar Pilarski durante a noite — o Sheriff estava dizendo, — e o Condado vai buscá-lo na parte da manhã. E não se preocupe com ele conseguindo fiança, não importa o que ele consiga acordar. Nós não aceitamos sequestradores em Dakota do Sul.

— Eu aprecio isso. E agora, a cena é sua, xerife. Eu sei que eu deveria ficar, mas meu irmão precisa de mim. Então, se está tudo bem com você...

— Não se preocupe — Sutcliffe assegurou. — Eu entendo, e eu sei onde você trabalha. — Acrescentou ele, com uma piscadela.

Kathryn riu, aliviada. Ela sabia que ele estava pressionando por não ter esperado. Já era ruim o suficiente que seu irmão, a mais importante testemunha, já tinha ido. — Obrigada — disse ela com sinceridade. — Você tem os meus números, e eu vou ter certeza que estamos disponíveis para dar as nossas declarações.

— Você estará na cidade? — Sutcliffe verificou, provando que ele não era totalmente ingênuo.

Kathryn assentiu. — Um tempo — disse ela vagamente, muito ciente da audição afiada de Lucas pegando cada palavra que ela disse. — Você pode me encontrar pelo meu celular.

— Bom o suficiente, então. Eu estou contente que tudo deu certo para você e seu irmão, Agente Hunter. Este é um bom dia.

— Sim, é, Sheriff.

Lucas veio por trás dela, não tocando, mas perto o suficiente para que ela pudesse sentir o calor de sua presença. Eles ficaram em silêncio até que o xerife se afastou para conversar com seus auxiliares, e então Lucas baixou a cabeça para seu ouvido e disse: — Um tempo, Kathryn?

Ela estremeceu com o estrondo baixo de sua voz e da ameaça leve na questão. Ela sabia que isso iria acontecer. Ela tinha que voltar para a Virgínia, seu trabalho estava lá. E sua casa, tal como isso era. Em um mundo perfeito, ela poderia ter ficado nesta pequena cidade, comprado uma pequena casa de campo e acomodar-se para criar cabras, ou talvez pintar obras-primas. Isso sempre aconteceu desse jeito nas histórias. Infelizmente, esse era o mundo real.

— Kathryn? — Lucas exigiu.

Ela se virou para ele, sua mão automaticamente levantando para acariciar a barba áspera na mandíbula dele, seus olhos encontrando o olhar dourado dele. E seu coração torceu. Ela não sabia como isso podia ter acontecido. Não sabia por que isso aconteceu agora, e com um vampiro de todas as pessoas. Mas ela o amava. Isso iria rasgá-la quando ela tivesse que partir.

— Um tempo. — Repetiu ela, acariciando seu polegar sobre seus lábios macios.

Lucas não foi enganado. Ele olhou-a desconfiado e disse: — Vamos conversar.

Kathryn assentiu. Dizer adeus seria difícil o suficiente, ela pensou tristemente, mas Lucas estava acostumado a conseguir do seu próprio jeito. Ele iria tornar isso ainda mais difícil.

— Você sabe para onde Kurt levou Dan? — Ela perguntou, mudando de assunto.

— Kurt vive no rancho.

Kathryn deu-lhe um olhar surpreso.

— A maioria do meu povo vive — explicou. — Os vampiros tendem a viver em ninhos. É mais seguro assim.

— Posso ver o meu irmão, então?

Ele deu-lhe um olhar estreito. — Você não vai voltar para a fazenda hoje à noite?

Lucas era muito intuitivo para o conforto de Kathryn. — É claro. — Assegurou, mesmo que ela preferisse ter ido para o motel. Kathryn não acreditava em prolongar o inevitável. É melhor fazer um término limpo disso. Mas Dan estava no rancho, e em seu coração, ela queria essas últimas horas com Lucas. Amanhã seria breve o suficiente para o desgosto.

* * *

O irmão de Kathryn estava esperando quando Lucas finalmente chegou a casa, na sua fazenda. Kurt tinha o sentado na mesa da cozinha, uma xícara de chá quente e os restos de um sanduíche na frente dele. Lucas olhou para a

comida, então levantou o olhar para Kurt, uma sobrancelha ergueu em curiosidade.

— Judy fez o sanduíche — explicou Kurt. — E nó tinhamos o chá.

— Eu vejo. — Lucas murmurou. Ele ouviu Kathryn vir atrás dele. Dan estava assistindo a troca de olhares entre Lucas e Kurt, mais curioso do que assustado. Não que ele tivesse nada a temer de Lucas, Kathryn o estacaria em seu sono se ele tocasse em um fio de cabelo da cabeça de seu precioso irmão. Mas era surpreendente, dado seu cativeiro recente, que Dan Hunter manteve tanto de si mesmo como ele fez. Isso mostrou a força de caráter, e coragem, também. Kathryn o criou bem, Lucas pensou secamente.

— Posso te abraçar agora? — Kathryn exigiu, ignorando Lucas para ir diretamente ao lado de seu imão.

Ele sorriu, e Lucas abruptamente viu a semelhança entre eles. O cabelo do irmão era mais escuro, suas características, obviamente, mais pesadas, mais masculinas, mas os olhos eram de um mesmo azul profundo, e aquele sorriso era o que Kathryn teria se sua vida não tivesse a envolvido com tanta força em responsabilidade. Principalmente um irmãozinho.

Dan Hunter levantou-se, e irmã e irmão se abraçaram. Ele era uns bons três centímetros mais alto do que Kathryn, e ainda quando eles se abraçaram, foi o abraço de uma mãe e filho. Lucas viu e sentiu um puxão respondendo em sua alma, o desejo de uma criança que nunca teve esse tipo de segurança. Ou que perdeu tão jovem que era apenas uma memória fraca.

Kathryn correu os dedos pelo cabelo de seu irmão. — Você ligou para Penny?

— Primeira coisa.

— Você vai voltar para a Califórnia logo?

— Eu não sei. — Disse ele descuidadamente. — Eu nunca terminei o que eu queria fazer aqui, e há a nova coleção para trabalhar. Você disse que meu equipamento está no xerife? Todo ele?

— Sim — ela disse, não escondendo a sua supresa pela resposta dele. — Tem certeza que você não quer ir para casa? Ou você pode vir para a minha casa, se você quiser.

— Não. Eu vou ficar aqui com Kurt por algum tempo.

O olhar aguçado de Kathryn brilhou para Kurt, que lhe deu uma piscadela cúmplice.

— Huh. — Ela disse, então voltou sua atenção para Daniel. — Sente-se, querido. — Disse ela, direcionando-o de volta para o seu lugar.

Lucas quase rosnou. Ela nunca o chamou de *querido*, ele pensou, então quase riu alto. O quê? Ele estava com ciúmes de seu maldito irmão?

Talvez ele devesse deixá-la partir se isso era no que ela o transformou.

— Kathryn — disse Lucas baixinho, tentando não soar tão irritado como ele se sentia.

Ela se virou para ele, os olhos arregalados de espanto. Ou talvez de culpa. — Sinto muito. — Disse ela. — Dan, este é Lucas Dolon. Ele tem estado me ajudando a procurar por você. Lucas, meu irmão. Daniel.

Dan se levantou novamente e deu um passo mais perto de Lucas para oferecer sua mão. Mas sua expressão, quando ele encontrou o olhar de Lucas, não era mais a de uma adorável criança. Ele estava cheio de aviso e proteção, um olhar que disse*, machuque minha irmã e morra.*

— Kurt me contou tudo sobre você, Senhor Donlon.

Lucas apertou a mão do menino, apenas conseguindo frear o instinto de esmagar seus ossos humanos muito frágeis. Se não fosse por Kathryn observando cada nuance, ele poderia.

— Você é um homem de sorte — disse Lucas ao invés, — ter alguém como sua irmã importando-se tão profundamente com você.

— Eu sou — Dan concordou. — E ela merece o melhor.

Lucas quase riu da ameaça evidente, mas não dita. Ele mostrou os dentes. — Não pressione, garoto. — Ele rosnou.

— Pare com isso! — Kathryn assobiou. — Os dois. Dan. Sente-se e beba seu chá, e eu vou ver você amanhã. — Ele virou seu olhar para Lucas. — Podemos conversar?

— É claro — respondeu Lucas suavemente. — Vamos levar isso para o meu escritório. — Ele empurrou a porta de vaivém da cozinha e fez um gesto para que ela o precedesse, dando ao irmão um olhar sombrio sobre seu ombro enquanto ele seguia.

— O que diabos foi isso? — Kathryn exigiu assim que estavam seguros atrás da porta fechada de seu escritório.

— Pergunte ao seu *querido* irmão. — Lucas respondeu arrogantemente. — Ele é o único que tentou quebrar meus dedos com seu fraco aperto de mão humano. — Ele circulou sua mesa e desabou em sua cadeira confortável, pegando um abridor de cartas em forma de espada para brincar.

— Eu não posso acreditar nisso. Você está com ciúmes do meu irmão?

— Se você diz então.

— Não há nenhuma razão — ela começou furiosamente.

— Diga-me, kathryn — ele interrompeu, levantando os olhos para encontrar os dela. — Quais são seus planos?

Ela congelou no meio da frase. — O que?

— Seus planos. Você encontrou seu irmão, e ele está, aparentemente, ficando aqui. Deve ser interessante, por sinal. Mas e você?

Kathryn olhou para ele enquanto ela afundou sem palavras em uma das cadeiras em frente de sua mesa. — Eu não posso ficar aqui, Lucas — ela admitiu suavemente. — Meu trabalho...

— Seu trabalho. É isso, então? Você e eu não significamos nada?

— Nós vivemos a milhares de quilômetros de distância. — Ela implorou. — E eu não trabalho exatamente das nove às cinco. Isso é mais do que eu já me afastei do trabalho em... nunca. Mesmo se nós trocarmos visitas...

— O que eu não posso fazer — disse Lucas, jogando o abridor de cartas sobre a mesa. — Virgínia pertence a outro senhor. Eu não posso ir lá.

— Mas você espera que eu desista da *minha* vida — disse ela, fazendo uma afirmação, não uma pergunta.

— Seu trabalho é sua vida? Duvido. Então, qual é o real problema aqui, Kathryn?

— Tudo bem. Meu problema é que esse relacionamento tem uma maneira de assumir. Isso começa sendo divertido, e logo você está dando um tempo com os amigos, pulando fora do trabalho, e em seguida, antes que você perceba, sua vida não lhe pertence mais. É de outra pessoa.

— Notícia de última hora, amor. Isso é uma rua de duas vias. Você não é a única a ser convidada a oferecer alguma coisa.

— Mas eu não quero que você desista de nada! Eu não quero que qualquer um de nós desista de nada. Eu só quero a minha vida para ser minha. Passei 20 anos cuidando do meu irmão, e meu pai, também. Eu vivi pelas suas necessidades, seus desejos, seu tudo, e eu prometi a mim mesma que, quando Dan crescesse eu nunca faria isso de novo.

— Exceto que você está aqui — respondeu ele amargamente. — Correndo mais uma vez para salvar seu irmão. Obviamente, você não é tão livre como você pensou. — Ele acrescentou, surpreendentemente ferido pelas palavras dela, pela ideia de que ela considerou que eles tinham de ser um fardo, em vez de um presente.

— Mas eu *amo* meu irmão. Eu não posso simplesmente desligar meus sentimentos, você sabe.

Lucas olhou para ela, concentrando-se em sentar-se perfeitamente imóvel, em não mostrar qualquer dor que suas palavras estavam causando a ele. Não que isso parecia importar. Ela estava completamente inconsciente do que ela disse.

Lucas levantou-se atrás de sua escrivaninha, a grande poltrona de couro deslizando silenciosamente longe. — Pelo menos não os sentimentos que você tem para seu irmão. — Ele comentou categoricamente. — Fique bem, Kathryn. Nick irá fornecer qualquer assistência que necessite em providenciar transporte. — Ele atravessou a sala, dirigindo-se a sua entrada privada.

— Lucas — Kathryn implorou enquanto ele abria a porta. — Não saia assim.

Mas Lucas não se virou, nem mesmo olhou. Não havia mais nada a dizer.

Nick estava vindo pelo corredor quando Lucas fechou a porta atrás de si, as palavras de Kathryn ainda presentes em sua cabeça.

— Meu senhor. — Disse Nick, apressando-se para frente. — Eu estava vindo ao seu escritório. — Ele fez uma pausa, pegando a expressão no rosto de Lucas e, provavelmente, um sopro de suas emoções, também. — Meu senhor? Aconteceu alguma coisa?

— Nada. Agente Hunter estará partindo. Dê a ela toda a ajuda que precisa. Onde está o Mason?

— Dentro dos estábulos, eu acredito que com alguns dos outros.

— Chame-o aqui. Estou indo para a propriedade. Quanto mais cedo melhor, Nick.

* * *

Kathryn estava no escritório de Lucas, olhando para a porta que ele fechou em seu rosto. Ela poderia abri-la. Ela poderia persegui-lo e forçá-lo a falar com ela, para deixá-la explicar. Mas qual era o ponto? Tudo o que ela disse era verdade. Eles viviam milhares de quilômetros de distância, e ela sabia quando ela disse isso, que ele não podia visitá-la na Virgínia. O que significava que, independentemente das belas palavras de Lucas sobre compromisso, ela seria a única esperada a transformar sua vida mais uma vez. Lucas ainda estaria aqui, em seu rancho, com todas as suas pessoas ao redor. Ainda assim, o grande, fodido senhor do reino.

Enquanto ela estaria desistindo da única coisa que já foi verdadeiramente dela. Seu trabalho.

Então, em vez disso, você está desistindo de Lucas?

Ela afastou a voz em sua cabeça. Quem disse que ela já tinha Lucas para desistir em primeiro lugar? Eles se conheciam por alguns dias, uma semana. Grande coisa. Eles ainda não passaram a fase de desejo de um relacionamento, muito menos algo mais. Ok, então ela nunca esteve realmente na luxúria como isso antes, mas seus amigos estiveram, e eles disseram tudo sobre isso. Em detalhe, grande merda. Com ênfase na merda. Então, talvez isso fosse tudo com Lucas, alguns dias de muito sexo.

Mas mesmo se não fosse, mesmo se eles tivessem administrado ficar junto por um mês, ou um ano, isso significaria comprometer o seu trabalho. Estar com o FBI era a única coisa que ela sempre quis fazer. E se ela não estava disposta a desistir disso, a fim de estar com Lucas, então talvez isso não fosse amor, depois de tudo.

As fotos na parede ao lado da mesa de Lucas chamaram sua atenção, as que ela tinha admirado no início, as que Dan tirou na Irlanda. Ela sorriu tristemente, pensando em um jovem Lucas cruzando aqueles campos com sua

mãe, só para ser afastado pelas próprias pessoas que deveriam tê-los protegido. Ela se aproximou e tocou a imagem de um cavalo correndo, suspirando baixinho. Talvez Lucas estivesse certo. Não havia sentido em aumentar a esperança onde não havia nenhuma. Talvez um rompimento fosse o melhor.

Então, por que isso não fez se sentir assim?

Capítulo 21

Um mês depois

Lucas jogou seu celular, ignorando o som de rachadura quando bateu na mesa. Esse foi o que, o oitavo celular que ele destruíra esse mês? Quem ligava? Talvez alguém precisasse achar para ele era uma merda de celular que não quebrasse com cada batidinha.

— Nicholas! — Ele rugiu.

A porta do corredor se abriu, e Nick colocou sua cabeça para dentro. — Senhor?

Lucas olhou furiosamente para seu tenente. Em primeiro lugar, porque diabos ele estava do lado de fora? Ele estava fazendo isso mais e mais vezes ultimamente, escondido no corredor ao invés de ficar aqui onde ele pertencia.

— Que merda está acontecendo em Topeka? Emmett acabou de ligar para reclamar sobre o zoneamento do novo terreno.

— *Emmett* fica tentando economizar dinheiro diminuindo subornos.

— Bom, e porque diabos ele está me ligando sobre isso?

— Eu cuido disso, meu senhor.

— É melhor alguém cuidar — Lucas resmungou.

— Sim, meu senhor. Mais alguma coisa?

Lucas lançou um olhar carrancudo. — Não.

Nick se esquivou de volta para o corredor e fechou a porta quase antes de Lucas terminar a única silaba. Que porra foi isso? Ele se jogou em sua cadeira e encarou de mau-humor o cômodo vazio. Onde estavam todos? Seus olhos recaíram sobre as fotos da Irlanda, as que costumava amar antes...

Ele se levantou subitamente, pegou o celular já quebrado de sua mesa, e jogou do outro lado do cômodo onde acertou a parede com uma batida satisfatória, deixando um buraco do tamanho de um celular no gesso. Esse não foi o primeiro também.

Lucas olhou para a marca na parede. O que diabos estava fazendo?

— Nicholas — ele berrou mais uma vez.

A mesma coisa. A porta se abriu, e a cabeça de Nick apareceu. — Senhor?

Lucas o estudou com olhos cerrados, depois suspirou. — Prepare o jatinho. Nós vamos para Virgínia.

Nick soltou uma respiração dramática. — Já estava na hora, meu senhor.

Lucas teria jogado algo nele, mas não tinha mais nada para jogar. E Nick já tinha saído. Vampiro esperto.

Sentado outra vez atrás de sua mesa, Lucas girou sua cadeira para o aparador e pegou o telefone fixo, já que ele destruiu seu atual celular. Apertando os botões desejados, ele ouviu o toque de chamada duas vezes do outro lado do país antes que fosse atendido.

— Lucas.

— Duncan — Lucas disse. — Eu tenho um favor a pedir.

* * *

Quantico, Virginia

Kathryn analisou o apartamento vazio, procurando por qualquer coisa que ela possa ter esquecido. Ela já olhou cada gaveta e armário pelo menos três

vezes. Já tinha varrido e passado aspirador até o lugar estar muito mais limpo do que quando se mudou. Seu proprietário nem precisaria tirar o pó antes de alugar o lugar de novo. Não que ele devolveria a taxa de limpeza de qualquer jeito, mas ia contra sua natureza deixá-lo sujo.

Ela pegou a pequena caixa de pertences que eram as únicas coisas restantes. Continha sua secretária eletrônica e uma pequena luminária, além de algumas cartas que de algum jeito escaparam da mudança de endereço que ela tinha pedido nos correios. A maioria eram propagandas, mas tinha seu nome e endereço nelas, e ela sabia demais sobre fraude de identidade para deixar para trás. Aparentemente, suas tendências de TOC estavam a flor da pele. Era o estresse. Ela esperava que sair daqui esta noite ajudaria com isso.

Segurando a caixa no quadril, ela abriu a porta da frente, fez uma última checagem visual no lugar onde chamou de lar por quase três anos, depois fechou e trancou a porta. Ela mandaria as chaves para o proprietário no seu caminho para os correios hoje à noite. Ela tinha uma pequena caixa de Sedex pronta para ir – endereço, selo, coberta com papel bolha para as chaves não chacoalharem... sim, suas compulsões estavam definitivamente comandando o show.

Seu apartamento era no terceiro andar, então ela usou as escadas. As únicas vezes que ela usou o elevador foi no dia que se mudou para cá, e ontem quando se mudou para fora daqui. As escadas eram um bom exercício, e além do mais, qualquer coisa que a deixasse cansada era maravilhoso ultimamente. Ela não estava dormindo bem também.

O ar fresco tinha uma sensação ótima em seu rosto quando abriu a porta de segurança. Ela esperou até ouvir a porta se fechar atrás dela, depois se inclinou e checou para ter certeza que o proprietário tinha retirado seu nome da lista de residentes. Ele tinha. Ela segurou a caixa mais perto e se endireitou quando uma porta de carro bateu na rua atrás dela. Ela se virou, registrou o fato de que o motor ainda estava ligado, e sua mão foi automaticamente para sua Glock 23 ainda presa em seu cinto. Era tarde, e ela veio direto do escritório, fazendo uma parada final antes...

— Kathryn.

A respiração de Kathryn ficou presa em seu peito, e ela segurou a caixa tão apertada contra seu quadril que doeu.

— Lucas?

— Você não me reconhece? — Ele brincou, se inclinando para pegar a caixa dela.

Ela a entregou para ele, mesmo que não pesasse nada. Ela estava muito perplexa ao achá-lo em sua porta para fazer qualquer coisa.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou. — Eu pensei que você não pudesse... quer dizer...

Lucas levantou um ombro desdenhoso. — Duncan é um amigo. Ele abriu uma exceção... por uma noite. — Ele acrescentou.

— Mas por que... — Kathryn ouviu ela mesma tropeçar por suas palavras, mas parecia não conseguir parar.

— Eu senti sua falta. — Ele disse, seus lindos olhos dourados encontrando seu olhar direto. — Você disse que nós podíamos nos visitar, então eu pensei...

— Mas eu estou me mudando — ela soltou. — Estou indo embora amanhã.

Lucas franziu o cenho. — Se mudando para onde? — Ele deu um passo agressivo para frente. — E com quem? — Ele exigiu.

Kathryn quase deu risada com sua suposição indignada de que ela estava com alguém novo. Ela quase não dormiu em um mês porque ela sentia tanto a falta dele, e ele achava que ela estava se mudando com seu novo amante.

No entanto, ela *não* riu. Ela não poderia. Não quando ele estava parado finalmente na frente dela, parecendo tão delicioso que ela queria chorar.

— Acontece que eu estava errada. — Ela sussurrou, seus olhos bebendo avidamente a visão dele parado na frente de sua entrada. — Eu quero minha vida virada de cabeça para baixo.

Lucas lhe deu um olhar confuso.

O rosto dele embaçou quando lágrimas encherem seus olhos. — Eu vou me mudar para Minneapolis. — Ela exclamou. — Eu pedi uma transferência.

Parece que não tem muitos agentes disputando a vaga. Alguma coisa sobre o clima.

— Minneapolis? — Lucas repetiu. Ele a olhou com uma expressão vazia, e então aquele sorriso glorioso iluminou seu rosto. E o coração dela.

Ele colocou a caixa no chão do seu lado e a puxou para seus braços. — Eu senti sua falta, *a cuisle.* Eu nunca deveria ter deixado você ir embora.

Kathryn soltou uma risada. — Eu não tenho certeza de que você poderia ter me impedido — ela disse contra a pele morna de seu pescoço, — mas me desculpe por ir embora do jeito que fui. E me desculpe por ter machucado você — ela adicionou, as palavras quase engolidas por seu soluço de alívio. Ela passou seus braços em volta das costas dele e segurou firme, capaz de respirar livremente pela primeira vez desde quando saiu do escritório dele há quase um mês.

— Não peça desculpas — Lucas grunhiu. — Só diga que me ama.

— Eu amo. Eu amo tanto você que isso me mata de medo. Mas viver sem você... é como um buraco no meu coração que eu nunca poderia preencher.

Lucas apertou seus braços ao redor dela.

— Ah, minha Katie, nós ficaremos bem, então. Você verá.

— Eu sei. Agora que você está aqui, eu sei.

Lucas abaixou a cabeça e a beijou. Foi ardente e carinhoso ao mesmo tempo e tão familiar. Era como voltar para o lar.

— Posso te dar uma carona para algum lugar? — Ele murmurou, sua boca traçando beijos calorosos por toda a mandíbula dela antes de voltar para sua boca.

Kathryn sorriu contra seus lábios. — Que tal Minneapolis? Era para eu pegar um voo hoje à noite.

Lucas riu, depois passou um braço pela cintura dela e gesticulou para o SUV que estava à espera. — Sua carruagem a espera.

— Aquele ali é o meu carro alugado. — Ela disse, indicando um sedan médio parado na guia. — Minha caminhonete foi com a van de mudança ontem, e eu tenho que levar essa de volta para o aeroporto.

— Sem problema. Nick cuida disso. Ele ficará tão grato por você voltar conosco, ele fará tudo que você pedir.

Ela olhou para ele confusa. — Porque Nick ficaria...

Ele parecia culpado, na verdade. — É possível que eu tenha estado um pouco... de pavio curto ultimamente.

— Acho que terei que acalmá-lo então. Para o bem do Nick.

A risada de Lucas foi baixa e sedutora. — Eu conto com isso, *a cuisle*. Eu *definitivamente* conto com isso.

Epílogo

Minneapolis, Minnesota

Eles olhavam do outro lado do rio quando Lucas Donlon acompanhava a mulher para o evento de gala iluminado brilhantemente, mais duas pessoas lindas em um hotel que já estava cheio delas. O evento do ano, os jornais chamavam. Os ricos e poderosos do estado todos juntos em um grande e gordo alvo. Felizmente para todos eles, ele não estava caçando hoje. Essa noite era somente reconhecimento.

Ele viu quando Lucas se inclinou para sussurrar algo privado para a mulher. Ela riu com o quer que fosse dito, olhando para ele, seu rosto brilhando com emoção. Era óbvio para qualquer pessoa com olhos que ela estava apaixonada, e parecia que ele retornava o sentimento. Lucas Donlon apaixonado. Seis meses atrás, Aden teria jurado que Lucas seria o último a cair.

— Quem é a mulher? — Ele perguntou.

— Sua vadia do FBI — Magda forneceu, quase cuspindo as palavras. Tinha ódio ali. E não só pela mulher, mas para Donlon também. Uma mulher rejeitada, talvez? O pior tipo em sua experiência.

— Não se preocupe com ela — Magda continuou. — Se preocupe com Donlon e seus planos para o meio-oeste.

— Eu pensei que ele se abriria para todos os promissores. A primeira leva é em duas semanas — um dos outros vampiros contestou. Tinham dois deles, e Aden não tinha descoberto ainda se eles eram concorrentes sérios, ou simplesmente cachorrinhos da Magda.

— Isso é o que ele diz — ela respondeu sombriamente. — Mas concorrências podem ser reparadas. Ele e Raphael não se largam, e eles têm grandes planos que não estão compartilhando com ninguém.

Ou talvez eles não estejam simplesmente compartilhando com você, Aden pensou para si mesmo, dispensando os medos da vampira de uma grande conspiração.

— Raphael está envolvido nisso? — O outro vampiro que apresentou a pergunta anterior protestou. — Ninguém disse nada sobre encarar o Raphael.

— Com medo? — Magda tirou sarro. — Foda-se Raphael. Ele pode ser morto como qualquer outro vampiro. Klemens quase o pegou alguns meses atrás. Se o besta tivesse contratado um assassino competente, Senhor Merda Raphael já estaria morto.

— Eu ouvi que houve um atentado, mas não quem foi — Aden comentou. — Foi Klemens?

Ela assentiu. — Contratou um franco-atirador humano que errou. Deveria ter contratado um vampiro ao invés disso.

— E mesmo assim, Klemens está morto, enquanto Raphael continua vivendo — Aden disse secamente, cansado dos comentários de escárnio dela. — Eu duvido que *isso* seja uma coincidência.

— É, então Klemens está morto. Não importa o porquê. — Ela lançou a Aden um olhar feio. Ele interrompeu seu momento no holofote, e ela era uma mulher que gostava da luz. — Nós estamos aqui porque Klemens morreu, e Lucas está vulnerável — ela continuou. — Olhe para ele. Eu poderia pegá-lo daqui se eu tivesse um rifle decente.

Aden duvidava disso, mas ele manteve o pensamento para si mesmo.

— Então qual é o plano? — Um dos cachorrinhos da Magda perguntou.

— Nós acabamos com Donlon e dividimos o território do meio-oeste — Magda afirmou audaciosamente. — Só lembre, o território de Donlon é meu.

— Se voce conseguir segurar — Aden comentou suavemente. Ele se afastou da parede e parou em sua completa altura. — Eu não sei vocês rapazes, mas eu não tenho nenhuma intenção de enfrentar Donlon. Eu quero o meio-oeste, e eu não tenho necessidade de ficar emburrado nas sombras com uma mulher brava para isso acontecer.

Magda se virou para encará-lo, vibrando, presas a mostra. Aden lançou um olhar desdenhoso. Ela estava cheia de mágoa, essa daí, e decidida em vingança. Mas ela não tinha nenhum poder por trás, e ele não tinha nenhum desejo de ser pego em seus esquemas.

— Veremos quão resistente você é quando a merda atingir o ventilador — ela zombou.

Aden limpou sujeira de sua manga. — Sim, veremos — ele disse calmamente. — Vejo vocês em Chicago, rapazes. Deverá ser interessante.

Continua...